



O MUNDO DE LORE

CRIAATURAS ESTRANHAS

◀+ AARON MAHNKE +▶

DARKSIDE







LORE



◀+ AARON MAHNKE +▶



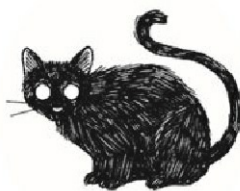
o mundo de

LORE

CRIATURAS
ESTRANHAS



Tradução | Débora Isidoro



DARKSIDE

SUMÁRIO

Capítulo ~ QUANDO OS MORTOS RETORNAM

1

O Tônico Eterno
Raízes Profundas
Conclusões Sombrias
Revividos
As Árvores

Capítulo ~ NOSSOS PEQUENOS PROBLEMAS

2

Os Outros
Em Construção
Adulterado
Truques

Capítulo ~ DE VOLTA À NATUREZA SELVAGEM

3

Árvores e Sombras
Desvio
A Besta Interior
Dores da Fome
Um Medo Profundo
Ovelha Perdida
Uma Palavra

Capítulo ~ NOSSO OUTRO EU

4

Desencaixotado
Não Abra
Um Diabo no Telhado
Puro Medo
Não Entendeu

Capítulo ~ PORTAS PARA O DESCONHECIDO

5

Notas

Um Buraco de Sangue

Jantar ao Anoitecer

Propriedade

À Deriva

Dê o Depoimento

A Batida do Demônio

Mary, Mary

A Elevação

Escreva-me Uma Carta

O Trabalho à Parte

Toc, Toc, Toc

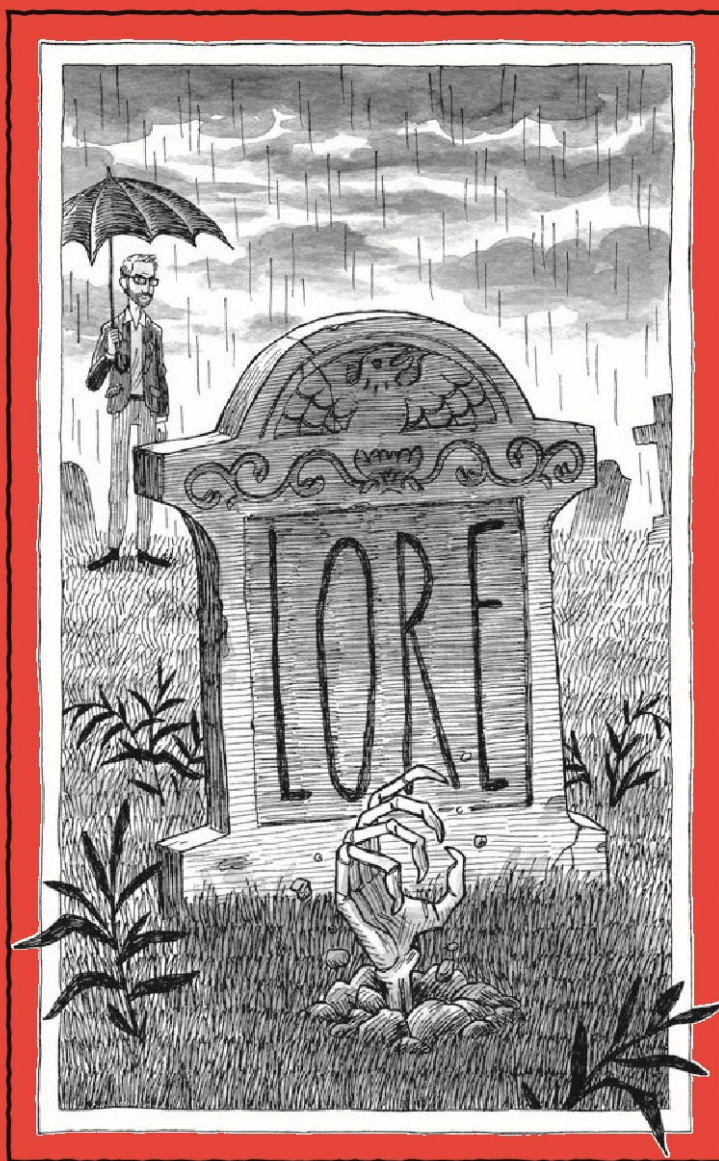
Possuídas

Para Jennifer.
Fico muito feliz por não ter tido
que andar sozinho por esse caminho.
Eu não poderia ter melhor
companhia de viagem.



*“Não acredite em nada do que ouve,
e só acredite em metade do que vê.”*

— EDGAR ALLAN POE —





o mundo de

LORE



CRATURAS
ESTRANHAS



• CAPÍTULO 1 •

QUANDO
OS MORTOS
RETORNAM







O TÔNICO ETERNO

Hollywood é obcecada. É claro, sempre pensamos em obsessões como sexo, violência, robôs gigantes e, obviamente, batalhas épicas entre o bem e o mal. Mas outra obsessão de Hollywood são os vampiros.

Você tem que admitir, porém, que há muita coisa para amar nos vampiros: imortalidade, riqueza, poder e habilidades sobre-humanas, como capacidade de voar e força descomunal. Sim, existem os pontos negativos, como queimaduras de Sol incrivelmente graves, mas todos os filmes que vi (e vi *muitos*, pode acreditar) mostram vampiros bem felizes com a vida que têm.

Conheci o mundo dos vampiros no fim da década de 1990, quando estava na faculdade. Um amigo recomendou o romance *Entrevista com o Vampiro*, de Anne Rice. Devorei essa história e muitas séries. São leituras divertidas, e elas certamente estabeleceram o tom para uma década ou mais de entretenimento centrado em vampiros.

Não vou falar sobre os vampiros da série *Crepúsculo*, principalmente porque não li os livros. Mas vou dizer uma coisa: esses livros, por mais que tenham sido ridicularizados pela crítica, mostraram que o amor da cultura popular por todas as coisas vampírescas é tão imortal como as próprias criaturas.

VAMPIROS NA HISTÓRIA

Muita gente pensa em vampiros e imagina alguma coisa que é puramente uma criatura europeia: sotaque estrangeiro, roupas da era vitoriana e mansões e castelos sombrios. É uma linguagem visual comum para a maioria do mundo ocidental, por isso não culpo o cinema e os livros por reproduzirem essa imagem. Mas essa é uma pequena faceta de uma lenda que tem centenas de expressões.

A figura histórica mais proeminente ligada à ideia moderna de vampirismo é, sem dúvida, Vlad III de Valáquia, também conhecido como Vlad, o Empalador. Vlad governou o pequeno reino da Valáquia, no Leste Europeu, de 1456 a 1462.

Ele ficou conhecido como Vlad, o Empalador, porque preferia executar seus inimigos empalando-os em estacas. Os otomanos passaram a chamá-lo de lorde Empalador após ter entrado em seu reino e

encontrado “florestas” de vítimas empaladas. Vlad era um homem violento, entendam. Podemos dizer que tinha sede de sangue.

Ele, como o pai anteriormente, pertencia a uma coisa conhecida como a Ordem do Dragão, um grupo criado para proteger a Europa cristã do Império Otomano invasor. O pai de Vlad, Vlad II, era chamado de Vlad Dracul, ou “Vlad, o Dragão”. Quando Vlad III subiu ao poder, herdou o título e ficou conhecido como Vlad Dracula, “filho do dragão”.

Esse nome pode ser muito parecido com o da história de vampiro mais famosa no mundo, e isso porque Bram Stoker, ao criar sua famosa criatura da noite, usou Vlad III como inspiração. Bem, parcialmente, mas falaremos sobre isso mais tarde.

As raízes da maioria das histórias de vampiros, porém, podem remeter a superstições com base em culturas antigas no mundo todo. O Leste Europeu foi anfitrião de incontáveis histórias de mortos reanimados conhecidos como *revenants*. Eram cadáveres animados que saíam do túmulo para atormentar os vivos. A palavra “*revenant*” tem origem no latim e significa “voltar”.

Voltar para quê?, você pode se perguntar. Bom, fico feliz por ter perguntado. Em princípio, era só para aterrorizar os vivos, porém, com o passar dos séculos, a lenda se tornou mais específica. Dizia-se que os *revenants* saíam da sepultura para atormentar seus parentes e vizinhos vivos. O fundamental, porém, é que os *revenants* ainda eram pessoas, não zumbis anônimos como os de nosso moderno gênero de horror. Essas coisas tinham um passado e um propósito.

Na mitologia nórdica, encontramos histórias de criaturas conhecidas como *draugr*, “os que andam de novo”, que voltaram do túmulo e criavam o caos entre os vivos. Essas criaturas de força sobre-humana tinham cheiro de podre e uma aparência bem feia. Podiam entrar nos sonhos dos vivos, e deixavam um objeto palpável perto da pessoa adormecida de forma que, ao acordar, sua vítima soubesse que o sonho fora mais real do que temia.

Vamos voltar mais ainda, à Idade Média, porém. As lendas de algumas culturas antigas falavam de seres que, embora não fossem imediatamente semelhantes aos vampiros que conhecemos hoje, ainda dividiam com eles muitas características primordiais.

Primeiro, temos o mito grego de Empusa, filha de Hécate. Empusa atraía homens jovens à noite e se banqueteara de seu sangue antes de passar ao prato principal, sua carne. Outra história grega envolve Lâmia, amante de Zeus, amaldiçoada por sua esposa, Hera, e condenada a caçar crianças e devorá-las.

Histórias de criaturas mortas-vivas, ou que se alimentavam do sangue dos vivos, pareciam ser quase tão comuns quanto a própria linguagem escrita. Em Madagascar, um país insular na costa leste da África, há lendas sobre um ser, conhecido como *ramanga*, que ataca nobres, bebe seu sangue e come pedaços de suas unhas.

Sim, *pedaços de unhas*. Aceita que dói menos.

VAMPIROS NA CIÊNCIA MÉDICA

Os vampiros são reais? Vou deixar o leitor tomar a decisão final, porém, o que é claro é que a maioria dessas histórias tem sua gênese na necessidade humana de explicar o inexplicável. Por exemplo, os antigos europeus usavam o mito como um jeito de justificar por que um cadáver não se decompunha na velocidade normal e esperada. Você pode ver evidências disso na Bulgária, onde túmulos de mais de oitocentos anos, após abertos, revelaram estacas de ferro no peito dos esqueletos.

E em uma época em que não era incomum enterrar alguém que se acreditava estar morto, só para depois descobrir que não estava, dá para imaginar que histórias sobre mortos que voltavam à vida circulavam rapidamente. Em consequência disso, a tafofobia, o medo de ser enterrado vivo, varreu a Europa e os Estados Unidos. É claro, quando a ciência médica evoluiu, as pessoas se tornaram mais práticas e instalaram sistemas de alarme nos túmulos, caso o “morto” acordasse e quisesse sair.

Entendo que ser enterrado vivo pareça ser uma ocorrência rara, mas acontecia com frequência suficiente para ter gente paranoica com isso e em busca de uma solução. Uma dessas pessoas era um médico chamado Adolf Gutschuth. Em 1822, levado pelo medo de ser sepultado vivo, ele inventou um “caixão seguro” para o próprio enterro. E o testou pessoalmente.

Testou? É, pode apostar. O dr. Gutschuth se deixou enterrar em seu novo “caixão seguro” por várias horas, durante as quais foi alimentado por um tubo. Ele saboreou uma maravilhosa refeição de sopa, linguiças e cerveja local.

Não é uma ótima opção para um programa noturno?

O dr. Timothy Smith, de New Haven, Vermont, era outro inventor paranoico. Ele criou um túmulo que pode ser visitado até hoje, se você passar pelo cemitério Evergreen. Trata-se de uma cripta enterrada à moda habitual, mas com um tubo de cimento posicionado sobre o rosto do cadáver. Um painel de vidro foi instalado no alto do tubo, no nível do chão.

Dr. Smith morreu de verdade, morte natural, e foi enterrado nesse “caixão com vista”. Ele nunca acordou, mas os primeiros visitantes desse túmulo relataram ter tido uma visão clara da cabeça em decomposição, até a condensação embaçar o vidro.

Nota: Vampiros não me amedrontam mais. Acordar dentro de uma caixa enterrada a dois metros da superfície da terra é o que eu chamo de pavor.



Outra culpada pelo uso que a humanidade faz do rótulo vampiresco foi a porfíria, uma rara doença do sangue. No entanto, a ciência moderna praticamente encerrou esse caso, afirmando que relacionar os dois assuntos é ir longe demais. De todas as doenças, a raiva também foi usada como explicação para o crescimento da mitologia do vampiro. Surpreendentemente, há muitos pontos em comum entre as vítimas de raiva e os vampiros, como sensibilidade à luz e ao alho, além de padrões de sono alterados.

A enfermidade mais recente com forte conexão com a mitologia do vampiro foi a tuberculose. Os portadores de tuberculose não tinham sintomas semelhantes aos dos vampiros, porém, e isso torna essa condição mais difícil de explicar. Por acaso, também é aí que minhas lendas favoritas da Nova Inglaterra entram em cena.

Senhoras e senhores, apresento-lhes Mercy Brown.

Lena Mercy Brown era uma jovem que viveu na segunda metade do século XIX na cidade rural de Exeter, Rhode Island, e foi uma peça muito importante no que é hoje conhecido como o Grande Pânico de Vampiro da Nova Inglaterra.

Histórias como a dela podem ser encontradas em toda parte em Rhode Island, Massachusetts, New Hampshire e Vermont, repetidas na vida de outras pessoas em situações semelhantes. E os resultados têm conexões surpreendentes, tanto com a ideia moderna quanto com as histórias antigas de vampiros, como vamos ver.

A mãe de Mercy, Mary Eliza, morreu em dezembro de 1882, vítima do que era então conhecido como “consumição”, assim chamada porque a tuberculose devastava o corpo — a pessoa parecia

definhar, ser consumida pela doença. Ela, é claro, foi enterrada, porque é isso que se faz com alguém que morre.

No ano seguinte, porém, a irmã de Mercy, Mary Olive, também morreu, aos 20 anos. Mesma doença, mesmos sintomas. Não sei ao certo quando o povo de Exeter, Rhode Island, começou a especular se as mortes tinham alguma relação, mas pode ter sido nessa época, ou alguns anos depois, quando foi a vez de o irmão de Mercy, Edwin, adoecer.

Mas Edwin era esperto. Ele fez as malas e se mudou para o outro lado do país, para Colorado Springs, que tinha fama de ter propriedades curativas por seu clima seco. Ao retornar, alguns anos depois, ele estava vivo, mas não muito bem. E, em dezembro de 1891, seu estado de saúde piorou.

Também foi nesse mês que Mercy adoeceu. Para ela, porém, a tuberculose foi rápida. Eles a chamaram de “galopante”, e consumiu seu corpo rapidamente. Em janeiro de 1892, ela morreu, e o povo de Exeter ficou ainda mais preocupado. As pessoas suspeitavam de alguma coisa sobrenatural.

Isso era surpreendente, considerando como Exeter ficava perto de Newport. Essa é a cidade litorânea conhecida pelos “chalés de verão” das pessoas ricas, como os Vanderbilt, os Astor, os Widener e os Wetmore. Era o auge da sociedade educada. Porém, a poucos quilômetros dali, uma cidadezinha que deveria ter mais juízo estava prestes a fazer uma coisa muito, muito sinistra.

Edwin ainda estava vivo. E alguém enfiou na cabeça daquela gente que uma das mulheres já falecidas, a mãe ou uma das irmãs dele, estava sugando sua vida do além-túmulo. Ficaram todos tão convencidos disso que começaram a desenterrar os cadáveres das mulheres.

Sim. De todas elas.

Assim que receberam a permissão do pai para fazer essa coisa horrível, um grupo de homens se reuniu no cemitério, na manhã de 17 de março, e desenterrou os corpos.

Eles procuravam uma evidência de algum estado que não fosse natural. Sangue no coração, sangue em torno da boca ou outros sinais semelhantes. O primeiro corpo, o de Mary Eliza, a mãe, estava satisfatoriamente decomposto, porém, e eles a eliminaram da lista. É claro que sim, você pode dizer. Ela estava morta e enterrada havia uma década.

O corpo de Mary Olive também estava em estado normal de decomposição. Repito, estar morta há dez anos normalmente convence as pessoas de que se está morta de fato. Mas, quando examinaram o cadáver de Mercy, que não tinha sido enterrado porque ela morreu no meio do inverno, e por isso fora guardado em uma construção de pedra — que era, em essência, um freezer gigantesco — encontraram um impressionante estado de conservação.

Chocante, eu sei.

E o que eles fizeram? Bem, essas pessoas supersticiosas fizeram o que tinham aprendido com seus ancestrais: arrancaram o coração e o fígado de Mercy (dentro dos quais encontraram sangue vermelho e coagulado), queimaram-nos sobre uma pedra próxima (que ainda está lá, aliás, perto da lápide dessa mulher no cemitério), e depois misturaram as cinzas a um tônico.

E esse tônico foi dado a Edwin.

E, sim, Edwin Brown bebeu o fígado e o coração da irmã.

Funcionou? Não. Edwin morreu menos de dois meses depois. Mas isso serviu para fazer de Mercy Brown a “primeira vampira norte-americana”. Suponho que não seja importante mencionar que ela não era realmente um vampiro, porque você é uma pessoa inteligente, mas não custa lembrar.

Por mais incomum que isso possa parecer, você talvez se surpreenda ao saber que eventos como esse aconteciam com frequência. Em 1817, quase um século antes da exumação de Mercy Brown, um aluno

da Dartmouth College chamado Frederick Ranson morreu de tuberculose. Seu pai, muito preocupado com a ideia de o jovem sair do túmulo e atacar a família, mandou desenterrá-lo. O coração de Ranson foi extraído e queimado na forja de um ferreiro.

Até Henry David Thoreau ouviu histórias sobre esse tipo de ocorrências, e mencionou uma delas em seu diário pessoal. Ele escreveu em 26 de setembro de 1859:

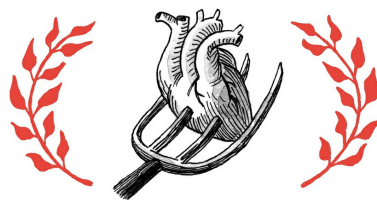
O selvagem no homem nunca é totalmente erradicado. Acabei de ler sobre uma família em Vermont que, tendo perdido vários de seus membros para a consumição, queimou os pulmões, o coração e o fígado do último a morrer para impedir que outros tenham a doença.

Assim, é claro, a notícia do que havia acontecido com Mercy Brown se espalhou, como costumava acontecer quando um corpo era desenterrado e cortado em pedaços dessa maneira. A história de Mercy foi publicada em um jornal chamado *New York World* e causou forte impressão nas pessoas que a leram.

Como sabemos? Porque um recorte desse artigo foi encontrado nos papéis pessoais de um diretor de teatro de Londres depois de sua morte. Essa companhia de teatro fazia uma turnê pela Europa em 1892. Evidentemente, ele achou a história inspiradora, tanto que, alguns anos mais tarde, sentou-se e escreveu um livro.

O homem? Bram Stoker. O livro? Ah, você já deve ter deduzido. Era *Drácula*, publicado em 1897.





RAÍZES PROFUNDAS

No começo dos anos 1990, dois garotos brincavam em uma encosta de cascalho perto de uma velha mina abandonada na periferia de Griswold, Connecticut. Garotos fazem as coisas mais esquisitas para fugir do tédio, por isso não me surpreende nem um pouco que tenham ido brincar em uma colina coberta de pedrinhas. E imagino que se divertiam muito.

Isto é, até um deles deslocar duas pedras maiores. Quando as pedras se soltaram e desceram pela encosta, os dois meninos perceberam que havia algo estranho. Eram pedras de um formato quase idêntico, sinistramente familiar. Eles desceram a colina pela última vez para dar uma olhada de perto, e foi então que perceberam o que haviam encontrado: crânios.

No começo, a polícia local foi acionada para investigar a possibilidade de um assassino em série desconhecido. Tantos corpos no mesmo lugar não era um bom sinal. Mas logo ficou óbvio que os peritos necessários ali eram arqueólogos.

Eles estavam certos. No fim, foram descobertos 29 túmulos na área que era, na verdade, um cemitério esquecido. O tempo e os elementos haviam erodido lentamente o cemitério, e o conteúdo foi engolido pelo cascalho. Muitos esqueletos ainda estavam em seus caixões, porém, e foi dentro de um deles, marcado com bastões de bronze que formavam as iniciais do ocupante, que algo estranho foi encontrado.

Aparentemente, muito tempo antes, alguém havia aberto aquele caixão logo após o sepultamento e feito alterações no corpo. Especificamente, foram removidos os fêmures, os ossos da coxa, e colocados cruzados sobre o peito. Depois, com algumas das costelas e o esterno fora do caminho, colocaram o crânio em cima deles. Era uma imagem real do crânio sobre os ossos cruzados, e sua presença sugeria algo mais sombrio.

O esqueleto não era só o que restava de um primeiro morador da área. Aquele homem era diferente, e as pessoas que o enterraram sabiam disso. De acordo com elas, ele era um vampiro.

AQUELA BRUXA FOI ENTERRADA

Embora fosse uma surpresa para algumas pessoas, túmulos como aquele em Griswold são bem comuns, na verdade. Hoje vivemos na era dos vampiros de Bram Stoker, por isso nossas expectativas e nosso imaginário são muito influenciados por seu romance e o mundo que ele cria. Cavalheiros vitorianos em mantos negros. Castelos misteriosos. Presas afiadas sobre lábios vermelhos de sangue.

Mas o rosto pálido de lábios vermelhos surgiu como maquiagem de palco de uma produção teatral de 1924 baseada no romance de Stoker, chamada *Conde Drácula*. Outra característica que associamos a Drácula, o colarinho alto, também começou ali. Com arames presos às pontas do colarinho, o ator que fazia Drácula podia virar de costas para a plateia e passar por um alçapão, deixando em seu lugar uma capa vazia que caía no chão momentos depois.

O verdadeiro mito do vampiro, porém, é bem mais velho que Stoker. É uma árvore muito antiga, com raízes profundas e retorcidas. Por mais difícil que seja a compreensão para a cultura popular, a lenda do vampiro, e das pessoas que o caçam, na verdade é anterior a Drácula em séculos.

Um pouco além de Bram Stoker, no passado, no berço do que um dia se tornaria os Estados Unidos, o povo da Nova Inglaterra identificava atividade de vampiros em suas cidades e em seus vilarejos, e depois reunia grupos de pessoas para lidar com o que percebiam ser uma ameaça.

Griswold era uma dessas comunidades. De acordo com os arqueólogos que estudaram os 29 túmulos, uma grande maioria deles era contemporânea ao sepultamento do vampiro, e muitos tinham sinais de alguma doença. Tuberculose é o palpite mais provável. O que ajuda muito a explicar por que as pessoas fizeram o que fizeram.

O folclore era claro: o primeiro a morrer de uma doença, em geral, era a causa do surto que se seguia a essa morte. O Paciente Zero podia estar morto, é claro, mas ainda atuava drenando lentamente a vida de outras pessoas. Por causa dessa crença, corpos em todo o Nordeste eram exumados e destruídos de um jeito ou de outro. De muitas maneiras, era como se antigas superstições subissem das profundezas do passado para assombrar os vivos.

Os detalhes de outro caso, de Stanford, Connecticut, no fim dos anos 1870, ilustram perfeitamente o ritual. Depois de uma família local perder cinco das seis filhas para a doença, a primeira que morreu foi desenterrada e examinada. Leia a seguir o que fora registrado da ocorrência:

Exumação revelou um coração e pulmões, ainda frescos e vivos, envoltos em tegumentos podres e pegajosos, e, depois de queimadas essas partes do defunto, um parente vivo, também condenado e a caminho do túmulo, recuperou-se repentina e milagrosamente.

Esse tipo de evento macabro comunitário acontecia frequentemente em Connecticut, Vermont, Nova York, New Hampshire, Ontario e, é claro, Rhode Island, onde a família de Mercy Brown exumou seu corpo depois que outras pessoas morreram.

Mercy Brown, contudo, não foi de fato o primeiro vampiro norte-americano. Até onde podemos dizer, essa honra coube à esposa de Isaac Burton, de Manchester, Vermont, em 1793. E quanto à exumação de Mercy Brown ter sido assustadora e sombria, o incidente com Burton reduz essa história a nada.

O capitão Isaac Burton casou-se com Rachel Harris em 1789, mas o casamento foi breve. Meses depois do enlace, Rachel adoeceu e logo morreu de tuberculose, fazendo do marido um jovem viúvo. Burton casou-se novamente, em abril de 1791, dessa vez com uma mulher chamada Hulda Powell. Dois anos após esse segundo casamento, a nova esposa de Burton também ficou doente. Amigos e vizinhos

começaram a comentar e — como as pessoas costumam fazer — a tentar tirar conclusões. Perguntas sem resposta nos incomodam, por isso temos a tendência de procurar motivos. E o povo de Manchester achava que sabia por que Hulda estava doente.

Embora a primeira esposa de Isaac, Rachel, tivesse morrido três anos antes disso, as pessoas de Manchester sugeriam que ela era a causa. Consideravam óbvio que, de seu novo lar na sepultura, ela drenava a vida da nova esposa do marido. Com permissão de Burton, a cidade se preparou para exumar seu corpo e pôr fim à maldição.

O ferreiro da cidade levou uma forja portátil ao local do sepultamento, e quase mil pessoas se reuniram lá para assistir ao desenrolar da cerimônia. Coração, fígado e pulmões foram removidos do cadáver de Rachel e reduzidos a cinzas. Infelizmente, porém, Hulda Burton não se recuperou e morreu poucos meses depois.

Esse antigo ritual, pelo menos em relação ao povo de Manchester, Vermont, havia falhado. Eles fizeram o que tinham aprendido, por mais desagradável que fosse, mas não deu certo.

Algo estranho, porque não era sempre assim.

SE A CARAPUÇA SERVE

Como vimos, muito do que pensamos saber a respeito da lenda sobre vampiros vem de *Drácula*, de Bram Stoker, que se passa, em parte, na Romênia. Mas Stoker nunca esteve lá, e o castelo que ele descreve como o lar de Drácula tem por base uma ilustração do Castelo Bran, que ele encontrou em um livro. A imagem desse castelo romeno pode ter capturado o clima que ele buscava, mas, até onde os historiadores podem afirmar, o castelo não tem nenhuma ligação com o histórico Vlad III, ou Vlad Draculea.

Porém, a ideia de um vampiro, ou de uma criatura morta-viva que se alimenta dos vivos, tem suas raízes na área. Stoker chegou perto, mas errou o alvo em quase quinhentos quilômetros. As verdadeiras raízes da lenda, de acordo com muitos historiadores, podem ser encontradas na atual Sérvia.

A Sérvia de hoje fica a sudoeste da Romênia, ao sul da Hungria. Entre 1718 e 1739, o país passou rapidamente das mãos do Império Otomano para o controle dos austríacos. Por causa de sua localização entre esses dois impérios, a terra foi arrasada por guerra e destruição, e pessoas eram frequentemente transferidas a serviço do Exército. E, como costuma acontecer, quando pessoas cruzam fronteiras, ideias vão com elas.

Petar Blagojevich era um camponês sérvio que vivia no vilarejo de Kisilova no começo dos anos 1700. Pouco se conhece sobre a vida dele, mas sabemos que foi casado e teve um filho, pelo menos. E Petar morreu em 1725, aos 62 anos, de causas desconhecidas. Na maioria das histórias, esse é o fim. Mas não aqui. Você já devia saber disso, certo?

Nos oito dias seguintes à morte de Petar, outras pessoas começaram a morrer no vilarejo. Nove, na verdade. E todas fizeram declarações surpreendentes no leito de morte, detalhes que pareciam ser impossíveis de provar, mas eram, de algum jeito, os mesmos em cada caso. Cada camponês afirmava que Petar Blagojevich, o vizinho morto recentemente, havia surgido para eles à noite e os atacado.

A viúva de Petar relatou que o marido morto tinha entrado em casa e pedido seus sapatos. Ela acreditava com tanta certeza nessa visita que se mudou do vilarejo para evitar futuras visitas. E o resto do povo de Kisilova estava atento. Precisavam agir, e o primeiro passo seria desenterrar o cadáver de Petar.

Dentro do caixão, encontraram o corpo de Petar em impressionante estado de conservação. Alguns notaram que as unhas e os cabelos do homem tinham crescido. Outros comentaram sobre a condição de sua pele, corada e brilhante, em vez de pálida. Não era natural, diziam, e alguma coisa precisava ser feita.

Recorreram a um homem chamado Frombald, um representante local do governo austríaco, e, com a ajuda de um padre, ele mesmo examinou o corpo. No relatório que escreveu, ele confirmou as primeiras descobertas e acrescentou sua observação de que poderia haver sangue fresco no interior da boca de Petar.

Frombald descreveu como as pessoas do vilarejo estavam dominadas pelo medo e pelo ultraje, e como enfiaram uma estaca de madeira no coração do cadáver. Depois, ainda temendo o que a criatura poderia fazer com elas no futuro, as pessoas queimaram o corpo. O relatório de Frombald detalha tudo isso, mas ele também esclarece que não foi responsável pelas atitudes dos moradores do vilarejo. O medo, disse ele, os impeliu a fazer tudo aquilo, nada mais.

A história de Petar era forte, e criou um pânico que se espalhou rapidamente pela região. Foi a primeira ocorrência desse tipo na história a ser registrada em documentos oficiais do governo, mas ainda não havia explicação para o que tinha sido observado.

Só um ano mais tarde, porém, algo aconteceu, e a lenda nunca mais foi a mesma.

CARGA NO SANGUE

Arnold Paole era um ex-soldado, um dos muitos homens transferidos pelo governo austríaco em um esforço para defender e policiar o território recentemente adquirido. Ninguém sabe ao certo onde ele nasceu, mas seus últimos anos foram vividos em um vilarejo da Sibéria, às margens do grande rio Morava, perto de Paracin.

Em sua vida pós-guerra, Arnold se tornou fazendeiro, e com frequência contava histórias do passado. Em uma dessas histórias, Arnold afirmava ter sido atacado por um vampiro anos antes, quando morava em Kosovo. Apesar de ter sobrevivido, o ferimento continuou a incomodá-lo, até que ele tomou uma atitude. Ele disse que se havia curado comendo terra da sepultura do suposto vampiro. E depois, quando desenterrou o corpo do vampiro, colheu um pouco de seu sangue e se sujou com ele.

E foi isso. De acordo com Arnold, e o folclore que o levou a tomar essas atitudes, ele se curou. Depois de sua morte em um acidente na fazenda, em 1726, porém, as pessoas começaram a desconfiar, porque um mês depois que ele morreu, pelo menos outras quatro pessoas na cidade se queixaram de que Arnold as visitou à noite e as atacou.

Quando essas quatro pessoas morreram, os moradores do vilarejo começaram a cochichar, amedrontados. Lembraram das histórias de Arnold sobre ter sido atacado por um vampiro, contraído a doença, tentado se curar. Mas e se aquilo não tivesse funcionado? Por desconfiança e dúvida, eles decidiram exumar e examinar o corpo.

Aqui, provavelmente pela primeira vez na história registrada, a lenda do vampiro tomava a forma de uma doença contagiosa, transmitida de pessoa para pessoa pela mordida. Isso pode parecer óbvio para nós agora, mas crescemos com a lenda totalmente formada. Para as pessoas daquele pequeno vilarejo sérvio, porém, era algo novo e horrível.

O que encontraram também pareciam evidências conclusivas: pele fresca, unhas novas, cabelo e barba mais longos. Arnold tinha até sangue na bolsa. Colocando-nos no contexto deles, é fácil entender como podem ter ficado apavorados. Então cravaram uma estaca no coração do morto.

Uma testemunha contou que, quando a estaca perfurou o peito do cadáver, o corpo gemeu e sangrou. Sem saber o que mais podiam fazer, queimaram-no. E depois fizeram a mesma coisa com os corpos das quatro pessoas que morreram depois de anunciar que Arnold as havia atacado. Cobriram todas as possibilidades, depois foram embora.

Cinco anos mais tarde, no entanto, outro surto assolou o vilarejo. Sabemos disso porque tanta gente morreu que o governo austríaco mandou uma equipe de médicos militares de Belgrado a fim de investigar a situação. Esses homens, liderados por dois oficiais chamados Glaser e Flückinger, eram especiais: tinham estudado doenças contagiosas.

O que era bom. Em 7 de janeiro de 1731, apenas oito semanas depois do começo do surto, dezessete pessoas haviam morrido. No começo, Glaser e Flückinger procuraram sinais de uma doença contagiosa, mas não encontraram nada. Notaram indícios de desnutrição moderada, porém nada mortal fora encontrado.

Mas o tempo passava. Os habitantes viviam com um medo tão grande que começaram a se reunir em grandes grupos todas as noites, se revezando para vigiar as criaturas que consideravam responsáveis por tudo. Até ameaçaram mudar para outro lugar. Alguma coisa precisava ser feita, e depressa.

Felizmente, havia suspeitos. A primeira era uma mulher jovem chamada Stana, recém-chegada ao vilarejo, que morrera no parto no começo da epidemia. Aparentemente, uma doença ceifara sua vida, mas havia outras pistas. Stana tinha contado que se sujara com o sangue de vampiro anos antes, como proteção. Mas isso, os aldeões diziam agora, dera errado, e provavelmente a transformara em um deles.

Outra suspeita recaía sobre uma mulher idosa chamada Milica. Ela também era de outra região da Sérvia e chegara ao vilarejo pouco depois da morte de Arnold Paole. Como muitos outros, também tinha uma história. Vizinhos relatavam que era uma boa mulher, e nunca tinha feito nada de mal intencionalmente. Mas ela lhes contara que certa vez comeu a carne de um carneiro morto por um vampiro.

E isso parecia ser evidência suficiente para convencer os dois oficiais médicos a ir a fundo nessa história — literalmente. Com autorização de Belgrado, Glaser e os moradores do vilarejo exumaram todos os mortos recentes, abrindo os caixões para um exame completo. E, embora lógica e ciência devessem ter prevalecido em uma situação como aquela, o que encontraram só tornou mais profunda sua crença no sobrenatural.

Dos dezessete corpos, apenas cinco pareciam normais, pois haviam começado a se decompor dentro do esperado. Esses foram sepultados novamente e considerados seguros. Mas os outros doze alarmaram os aldeões e os homens do governo, porque esses corpos ainda estavam inteiros.

No relatório entregue em Belgrado, em 26 de janeiro de 1732, assinado pelos cinco médicos do governo que haviam testemunhado a exumação, as testemunhas afirmavam que esses doze corpos não haviam sido afetados pela decomposição. Os órgãos ainda continham o que parecia ser sangue fresco, a pele tinha aparência saudável e firme, e unhas e cabelos aparentavam ter crescido depois do enterro.

Entendemos a decomposição muito melhor hoje e sabemos que essas descobertas não são incomuns, mas há três séculos o assunto tinha menos a ver com ciência e mais com superstição. Isso não parecia normal para eles. E assim, quando os médicos redigiram seus relatórios, usaram um termo que, até aquele momento, jamais havia aparecido em nenhum relato histórico de um caso como esse: eles descreveram que haviam encontrado os doze corpos em uma condição “vampírica”. Diante de tantas questões sem respostas, essa era a única conclusão a que conseguiram chegar.

Assim, os moradores do vilarejo fizeram o que sua tradição mandava: removeram a cabeça de cada corpo, reuniram todos os restos em uma pilha e queimaram tudo. A ameaça estava finalmente eliminada.

Mas algo novo havia nascido. Algo mais poderoso que um monstro, algo que vive séculos e se espalha como fogo.

Uma lenda.

O IMORTAL

Muitos aspectos do folclore não foram muito bem vistos pelo olhar crítico da ciência. Hoje temos uma compreensão muito mais profunda de como a doença realmente funciona, e o que acontece com o corpo depois que a pessoa morre. Embora especialistas ainda tenham o cuidado de explicar que cada cadáver se decompõe de um jeito ligeiramente diferente, temos agora uma compreensão melhor de todo o processo do que em qualquer período anterior da história.

Respostas, quando as encontramos, podem ser um alívio. É seguro dizer que hoje não precisamos ter medo de uma infecção vampírica quando as pessoas à nossa volta estão doentes. Mesmo assim, no centro dessas antigas histórias, havia pessoas, gente normal como você e eu, que só queriam fazer o que era certo. Podemos lidar com as coisas de um jeito diferente hoje em dia, mas é difícil culpá-los por tentar.

Contudo, respostas não acabam com todos os mitos. Histórias de vampiros, como seus protagonistas imortais, simplesmente se recusaram a morrer. Na verdade, ainda podem ser encontradas, se você souber onde procurá-las.

No pequeno vilarejo romeno de Marotinu de Sus, perto da região sudoeste que faz fronteira com a Bulgária e a Sérvia, as autoridades foram acionadas para investigar uma exumação ilegal. Todavia, isso não aconteceu em 1704, nem mesmo em 1804. Não, isso aconteceu há pouco mais de uma década.

Petre Toma era o líder do clã de seu vilarejo, mas, depois de uma vida inteira de doença e muita bebida, sua morte acidental no campo foi quase um alívio para família e amigos. Foi o que disseram, pelo menos. Então, quando ele foi sepultado em dezembro de 2003, a comunidade seguiu em frente.

Mas pessoas da família de Petre começaram a adoecer. Primeiro a sobrinha, Mirela Marinescu. Ela contou que o tio a atacara em sonhos. O marido dela contou a mesma coisa, e os dois tinham a doença como prova. O filho pequeno do casal também ficou doente. Por sorte, os idosos do vilarejo entenderam imediatamente por quê.

Em resposta, seis homens se reuniram em uma noite no começo de 2004. Entraram no cemitério da cidade perto da meia-noite e se dirigiram à sepultura de Petre Toma. Usando martelos e cinzéis, quebraram o bloco de pedra que cobria o túmulo e tiraram os pedaços de lá.

Eles beberam enquanto trabalhavam. Quem pode dizer que isso é errado? Estavam abrindo o túmulo de um membro da comunidade morto recentemente, mas acho que era mais que isso. Na cabeça deles, estavam pondo a própria vida em risco. Porque ali, dentro do túmulo que acabaram de abrir, havia um de seus pesadelos: um vampiro.

O que esses homens fizeram a seguir é estranhamente familiar, mas, para eles, era só a continuação de séculos de tradição. Abriram o corpo usando uma faca e uma serra; então afastaram as costelas com um forcado e retiraram o coração.

De acordo com uma das mulheres presentes, quando o coração foi removido, estava cheio de sangue fresco, prova, para eles, pelo menos, de que Petre se alimentava no vilarejo. Quando removeram o

coração, as testemunhas contaram, o corpo suspirou alto e depois ficou inerte. É difícil provar alguma coisa que seis homens incrivelmente supersticiosos — homens que haviam passado a noite toda bebendo, não esqueça — disseram ter visto em um cemitério escuro. Porém, para eles, aquela era a verdade pura, sem retoques.

Depois usaram o forcado para carregar o coração para fora do cemitério, seguindo pela estrada até um campo, onde o incendiaram. Assim que foi queimado completamente, recolheram as cinzas e as guardaram em uma garrafa de água. Ofereceram esse tônico à família doente, que o bebeu de boa vontade. Afinal, era o que tinham aprendido a fazer.

Espantosamente, todo mundo se recuperou. Ninguém morreu de nenhuma doença de que estivessem sofrendo, e ninguém relatou visitas de Petre Toma depois disso. Na cabeça deles, o pesadelo havia acabado. Esses homens tinham salvado suas vidas.

Talvez algo mau e contagioso *tivesse* sobrevivido por séculos, se espalhando além de fronteiras e oceanos. Isso certamente deixou um rastro de eventos horríveis e influenciou incontáveis contos e superstições, todos apontando, aparentemente, para uma causa da vida real. Longe de ser exclusiva da Sérvia ou da Romênia, essa coisa é *global*.

E como se isso não fosse suficiente, esse monstro horrível e atemporal está, e sempre esteve, dentro de cada um de nós. Como uma maldição vampírica, nós o carregamos no nosso sangue. Mas, provavelmente, não é o que você espera.

É medo.





CONCLUSÕES SOMBRIAS

O folclore de vampiros dos nossos ancestrais é tão variado e cheio de texturas como as incontáveis versões modernas que Hollywood nos apresenta todos os anos. A maioria, porém, ainda foca algum aspecto do famoso romance de Bram Stoker. É justo dizer que nosso amor pela história de Drácula é tão imortal como o próprio monstro.

Um dos resultados dessa obsessão é que costumamos ignorar ou esquecer os outros importantes personagens na história de Drácula. Por exemplo, Mina Murray é a mulher poderosa e heroica que passa a maior parte da história lutando para destruir Drácula, em vez de se perder em autopiedade. Quincey Morris se sacrifica para derrotar o monstro. E Jonathan Harker, que se torna marido de Mina, desfere um dos golpes mortais. O romance é cheio de personagens, mas todos parecem empalidecer à sombra projetada pelo lorde vampiro.

Todos, menos Abraham Van Helsing. Ao longo de décadas, seu personagem recebeu uma boa dose de atenção dos fãs do livro, e, honestamente, não dá para criticá-los por isso. Ele era inteligente, corajoso e competente em seu ofício. Em muitos sentidos, Van Helsing representava algo que todos nós queremos ser.

Esse é um efeito colateral de ser criado com histórias de criaturas que querem nos fazer mal. Se há realmente alguma coisa viva embaixo da cama, ou dentro do armário, ou naquele canto escuro e úmido do porão, não tem que ter alguém que se preocupe o suficiente para nos proteger? Se essas criaturas são os antagonistas dos nossos pesadelos, certamente também existem protagonistas. Os heróis. Os defensores. Os corajosos que são incumbidos de lutar e resistir.

Van Helsing foi uma criação fictícia, é claro, mas seu personagem ecoa na antiga e disseminada crença que pode ser encontrada, de uma forma ou de outra, em muitas lendas. Não importa quais são os monstros, sempre tem aqueles que os enfrentarão.

E esses caçadores ainda estão entre nós.

NASCIDO PARA CAÇAR

Algumas das mais antigas lendas envolvendo caçadores do sobrenatural podem ser encontradas na Bulgária e nos países próximos. Depois de cinco séculos de ocupação pelo Império Otomano, os búlgaros finalmente expulsaram os turcos na década de 1890. Durante aqueles primeiros anos de liberdade, o rico folclore e as tradições do país foram reunidos e registrados pela primeira vez — e bem no centro desses registros havia histórias de vampiro.

Esses contos têm tanto poder que as pessoas ainda acreditam neles hoje e seguem suas recomendações, como o ritual de exumação de supostos vampiros. É uma crença profunda, principalmente por causa do medo intenso e da superstição. Porém, muitos vampiros eram reais, e precisavam ser caçados.

Como consequência, havia pessoas nesses vilarejos búlgaros chamados *sábotnik*, que podiam detectar vampiros. Eram convocados quando uma comunidade suspeitava de que um vampiro os estava caçando e prejudicando. Uma vez localizado o túmulo de um suspeito e exposto o corpo, o *sábotnik* determinava se o cadáver era realmente de um vampiro ou não. Se fosse, o *sábotnik* também era responsável por destruí-lo.

Esse era um poder que cada *sábotnik* adquiria ao nascer, de acordo com as histórias. Era necessário apenas ter a sorte de nascer em um dos dias entre o Natal e 6 de janeiro, um tempo conhecido pelos antigos católicos como Dias Impuros, ou em um sábado, o que eu acho bem aleatório, mas tanto faz.

Outro grupo de caçadores de vampiros era conhecido como *vampirdžia*. Eles eram mais parecidos com a versão moderna de Van Helsing do cinema, que conhecemos hoje em dia. Destinados a caçar vampiros desde o nascimento, viajavam pela terra munidos de armas e ferramentas, procurando batalhas. E faziam tudo isso enquanto seguiam métodos prescritos, como caçar vampiros aos sábados e induzi-los a entrar em cemitérios, onde eram mais fracos.

E esses *vampirdžia* eram heróis, comumente levando uma vida boa com os presentes e as doações de pessoas assustadas. Há registros até de uma capital de província, Veliko Târnovo, que empregava vários deles e os mandava investigar e caçar quando surgiam relatos de vampiros. Honestamente, dava para filmar tudo isso e exibir como uma sequência de *Underworld*. Mas acontecia de verdade e, para mim, isso é o que torna tudo mais interessante.

A ideia de caçar indivíduos que ameaçavam a Bulgária não era exclusiva do país, porém, nem limitada ao conceito do vampiro. Contemporâneas desses relatos de *vampirdžia*, histórias enfatizavam outra criatura perigosa, uma que andava entre nós: a bruxa. E, sim, já sabemos que havia histeria e perseguição. Sim, havia enforcamentos e fogueiras, e outros atos de violência alimentados pela superstição. Mas, no centro de boa parte disso, havia caçadores.

Em 1486, um frade dominicano alemão chamado Heinrich Kramer publicou um livro que ele chamou de *Malleus Maleficarum*, “o martelo das bruxas”. Kramer era mais que um frade, porém; ele atuara durante anos como inquisidor a serviço do papa Inocêncio VIII. Depois de se aposentar, ele escreveu o que julgava ser o padrão de ouro para a compreensão e identificação das bruxas.

A Igreja católica condenou o livro apenas três anos após sua publicação, mas era tarde demais. O *Malleus Maleficarum* funcionou como um acelerador, graças, em parte, à prensa de Gutemberg, e se espalhou pela Europa, onde alimentou o fogo da histeria religiosa e da inquietação social. O livro foi usado durante séculos para ensinar a outras pessoas sobre as bruxas, de onde vinham, como detectá-las e o que fazer ao dar de cara com uma.

E esse era o mundo em que Matthew Hopkins havia nascido, na Inglaterra de 1620. Filho de um ministro puritano, ele foi criado para temer o Diabo e atacar o que via como heresia. Aos 24 anos de idade, Hopkins havia instalado uma loja em Sussex com o nome de Witchfinder General [General Caçador de Bruxas], e começou uma carreira curta, mas devastadora, descobrindo e condenando bruxas.

Nos 350 anos que se estenderam desde o início do século XV até o fim do século XVIII, estima-se que ao menos quinhentas pessoas foram executadas por bruxaria em toda a Inglaterra. Menos de duas execuções por ano, certo? Durante sua breve operação de dois anos, porém, Hopkins e sua equipe foram responsáveis por trezentas dessas mortes.

Esse é o homem que inventou o teste de “natação” para bruxaria, de que muitas pessoas ouviram falar. A acusada era amarrada a uma cadeira e jogada em uma lagoa ou um lago, e depois Hopkins esperava para ver se a pessoa flutuava. Se isso acontecesse, tratava-se de uma bruxa, que seria executada. Se a acusada afundasse... Bom, morria do mesmo jeito, mas com o nome limpo. Isso não faz sentido para nós, eu sei, mas, nos anos de 1640, Hopkins nunca errava. Todo mundo confiava nele. Seu livro *The Discovery of Witches* [A descoberta de bruxas], estimulou julgamentos por bruxaria nas colônias norte-americanas no fim do século XVII, e alguns métodos de interrogatório foram usados até nos julgamentos em Salem, Massachusetts. Não me entenda mal, o homem era um monstro. Mas deixou sua marca como caçador de bruxas.

Uma última coisa: de acordo com o folclore búlgaro em torno dos caçadores de vampiros, aqueles que exerciam essa profissão corriam grande perigo. Qualquer um que atuasse como *sábotnik* e *vampirdžia* corria um risco maior de se tornar vampiro. Mesmo na Inglaterra, Hopkins não morreu herói. Em vez disso, era visto como monstro e bicho-papão. Em vez de passar pela história como uma espécie de caçador heroico, ele adquiriu uma reputação de ser, por si só, mau.

Porque às vezes, seja a criatura uma coisa que inventamos, seja simplesmente o foco de uma obsessão pessoal, o caçador está sempre em risco de se tornar a própria coisa que persegue.

PULO NO ESCURO

Em 1968, a Paramount lançou *O Bebê de Rosemary*, baseado no livro que foi um sucesso um ano antes. E em 1973 estreou *O Exorcista*, seguido por *A Profecia*, três anos mais tarde. Havia uma loucura satânica varrendo a América, uma mistura de medo e fascinação, e Hollywood queria lucrar com ela. Mas é comum que essa loucura tenha sido precedida por uma onda anterior de medo do outro lado do Atlântico, na Inglaterra, que teve início quando os londrinos souberam de grafites e vandalismo dentro do histórico cemitério Highgate.

Highgate é um velho cemitério fundado em 1839. Embora tenha sido inicialmente um dos mais requintados locais de sepultamento da cidade, com sua arquitetura funerária elaborada, tornou-se menos popular com o passar dos anos. Na Segunda Guerra Mundial, bombas alemãs danificaram algumas sepulturas, e durante as décadas seguintes ele foi se deteriorando, com árvores e mato começando a dominar o terreno. Jovens e vândalos passaram a frequentar o cemitério, e circularam relatos de que no local era possível encontrar símbolos ocultos, túmulos abertos e corpos movidos por razões desconhecidas.

Em 1969, um grupo que se apresentava como British Occult Society [Sociedade Esotérica Britânica] passou a investigar os fenômenos incomuns que ocorriam no cemitério, e também a ouvir os vizinhos que tinham histórias para contar. Foi assim que tomaram conhecimento dos boatos sobre uma pessoa,

ou talvez outra coisa, que perambulava à noite pelo cemitério. As histórias descreviam essa criatura como alta e sombria, capaz de paralisar quem a encontrasse.

Um homem chamado David Farrant ficou intrigado e, na noite de 21 de dezembro de 1969, acampou no cemitério. Era solstício de inverno e ele era um investigador paranormal, então tudo se alinhou, pelo menos em sua cabeça. De acordo com Farrant, a noite foi um enorme sucesso. Ele contou que em algum momento, nas horas entre o crepúsculo e o amanhecer, encontrou uma criatura que tinha mais de dois metros de altura e olhos que brilhavam muito. Porém, quando Farrant se virou por um momento, a criatura desapareceu. Ele escreveu para o jornal local e perguntou se mais alguém vira a mesma criatura. Espantosamente, por cerca de dois meses, cartas chegavam sem parar descrevendo experiências semelhantes.

Mais ou menos na mesma época, porém, outro homem interessado nos mesmos fenômenos no cemitério, Seán Manchester, fez outras descobertas, mas do tipo sangrentas. Manchester acreditava nas histórias sobre a figura sombria e misteriosa; no entanto, também descobriu que muitos animais tiveram seu sangue drenado no cemitério. Depois de investigar, relatou que cada um deles tinha pequenos furos no pescoço. Quando os jornais perguntaram se tinha uma teoria, Manchester respondeu que sim. A criatura, segundo ele, claramente era um vampiro.

E não só um vampiro qualquer. Ele era o que Manchester chamava de um “Rei Vampiro”, trazido da Valáquia no século XVIII por um nobre curioso e depois enterrado na propriedade que mais tarde se tornou o cemitério Highgate. Toda a atividade satânica, de acordo com ele, foi obra de ocultistas locais que tentavam ressuscitar essa criatura.

Manchester se ofereceu para caçar e exorcizar o vampiro. Ele reconhecia que a lei tornava um pouco... há... *difícil* sair por aí enfiando estacas em cadáveres, mas já tinha feito o serviço duas vezes antes. Ele se dizia disposto a colocar a vida em risco para rastrear e destruir o Rei Vampiro.

Poucas pessoas aceitaram essa versão. Elas, contudo, acreditavam que algo estava acontecendo dentro do cemitério, e até a polícia começou a vigiar a área, atenta a qualquer coisa incomum. Durante os meses seguintes, expulsaram vários vândalos do cemitério, todos adolescentes fingindo ser caçadores de vampiros, procurando diversão.

E então, em 1º de agosto de 1970, um acontecimento mudou tudo isso. Naquela noite, a polícia foi chamada ao cemitério Highgate e direcionada a uma sepultura em particular, bem no fundo do terreno. Quando lá chegaram, os policiais encontraram a porta da cripta aberta, e, dentro dela, sobre o chão frio de pedra, um corpo. Não era particularmente estranho, considerando a localização, mas a condição do corpo era espantosa.

Ele havia sido queimado até se tornar irreconhecível, depois decapitado.

FORÇAS OCULTAS SE ENCONTRAM

A polícia divulgou a descoberta e admitiu que aquilo, dentre todas as coisas que haviam encontrado em Highgate até então, podia ser obra de ocultistas. E isso era o que o público necessitava. Os jornais se encheram de manchetes. As pessoas tiravam conclusões. E Seán Manchester e David Farrant, bem no meio de tudo isso, examinavam as pistas e tentavam entender o que estava acontecendo.

Não eram “aliados”; cada um tinha os próprios métodos de investigação, alguns nada ortodoxos. Duas semanas depois da descoberta do corpo carbonizado, Farrant foi encontrado pela polícia vagando

pelo cemitério à noite. Foi preso por invasão de propriedade, e os policiais apreenderam com ele um grande crucifixo e uma estaca de madeira.

Mas seu grupo não parou. Os integrantes começaram a acampar no cemitério à noite regularmente e encontraram mais pistas peculiares, todas apontando — na opinião deles, pelo menos — para o trabalho de um grupo decidido a ressuscitar o Rei Vampiro.

Uma noite, Farrant levou um repórter do *Evening News* a Highgate, e juntos eles encontraram uma cripta com uma cena sinistra. O cadáver fora removido do caixão na sepultura e colocado no centro de um grande pentagrama desenhado no chão de pedra. Farrant e seu grupo também relataram ter encontrado corpos com bonecas de vodus perto deles, crânios depositados em lugares estranhos e símbolos que delatavam rituais da noite anterior. Tudo isso, eles diziam, apontava para um mal obscuro que precisava ser detido. Seus esforços, por mais arriscados que parecessem, tinham esse objetivo.

Meses mais tarde, Farrant foi preso novamente junto com a namorada. A polícia parecia pensar que se tratava de maconha, mas era um saco plástico contendo camomila. Eles alegaram que a erva era um ingrediente de um de seus rituais. De acordo com o casal, tinham encontrado uma cripta com sinais de uma cerimônia recente de magia negra, e por isso o grupo fora até lá para limpá-la. Assim que todos se reuniram dentro da tumba aberta, formaram um círculo em torno do perímetro, lendo trechos da Bíblia e feitiços que afirmavam ter sido tirados de antigos livros de magia. Algumas mulheres do grupo se despiram para dançar nuas no centro da tumba. Eram símbolos de pureza, de acordo com Farrant.

Manchester desaprovou publicamente o ritual. Preferia conduzir seu exorcismo à luz do dia, o que o colocava em posição mais segura e, como alguns críticos indicaram, também aumentava a probabilidade de haver uma plateia para vigiá-lo. Mas isso não queria dizer que seus rituais fossem menos interessantes. Em um dado momento, Manchester contou que foi levado a uma cripta por uma mulher jovem possuída por um demônio que se chamava Lusía. No interior da cripta, relatou, havia um caixão antigo, sem identificação. Ele tinha aberto o caixão, e estava prestes a cravar uma estaca no peito do cadáver quando outro membro do grupo o impediu. Em vez disso, Manchester simplesmente borrifou água benta e salpicou dentes de alho no corpo. De acordo com testemunhas, enquanto cumpria esse ritual, era possível ouvir explosões altas e cadenciadas, que cresciam à medida que o ritual se avançava.

As ocorrências em Highgate cessaram pouco depois de janeiro de 1974. No décimo segundo dia desse mês, a polícia local foi chamada para investigar o carro de um morador da região estacionado perto do cemitério. Dentro dele os policiais encontraram um corpo decapitado e embalsamado ao volante. A cabeça não foi localizada.

Farrant prestou depoimento, como suspeito, mas, no fim, tudo tinha sido só uma diabrura de um grupo de adolescentes. Um deles levava a cabeça para casa e a deixava sobre o console da lareira, onde ficou até começar a cheirar mal.

Manchester encontrou um jeito de transformar em carreira suas aventuras em Highgate, e ao longo das últimas décadas se tornou conhecido como um “especialista em vampiros”, aparecendo em vários documentários sobre o assunto para a televisão. Ele escreveu dois livros: um sobre o vampiro de Highgate, e um manual para futuros caçadores.

David Farrant teve menos sucesso depois desses acontecimentos. Foi preso em 1974 por vandalismo dentro do cemitério. Negou qualquer envolvimento, é claro, mas a polícia estava sedenta por um suspeito de verdade, depois de quase cinco anos de atividade. Ele foi condenado a quatro anos de prisão, mas saiu em liberdade condicional depois de cumprir dois anos de pena, quando ficou estabelecido que seus direitos foram violados. Ele voltou a liderar a British Occult Society, da qual se ocupa até hoje.

Jornais da época publicaram fotos de Farrant com suas ferramentas de caçar vampiro. Foi chamado de “Assombração do Cemitério” por um jornal local, e outro o chamou ainda de “feiticeiro do mal”. Em um livro escrito em 1991, Manchester refere-se a ele como “um feiticeiro obstinado que se dedicava às artes negras”.

Aos olhos de alguns, pelo menos, David Farrant teve um destino semelhante ao de Matthew Hopkins. Em vez de alcançar o sucesso, aparentemente, o jovem se tornou a coisa que caçava.

A BUSCA

O Halloween é uma das minhas épocas favoritas do ano, e aposto que você pensa como eu. É um dos poucos momentos em que reconhecemos as sombras, o mistério e o desconhecido. Porque a vida sem mistério é estagnada e sem graça, e dias assim ajudam a dar consistência à nossa vida.

Todos os anos, milhões de crianças se fantasiam e perambulam por seus bairros. Cada uma delas tem sua criatura favorita, algo em que querem se transformar por uma noite no ano, quando isso é esperado, e normal. E elas fazem tudo isso como caçadores em uma missão.

É interessante notar que os adolescentes que moram perto de Highgate ainda vão ao cemitério todos os anos. Em cada Halloween, encontram um jeito de entrar, de se reunir e promover uma caçada aos vampiros. E hoje em dia isso não é fácil. O cemitério foi limpo, tem portões que ficam trancados, e é aberto ao público apenas para visitas guiadas e pagas. Mesmo assim, os jovens da área conseguem comemorar o Halloween lá dentro todos os anos.

Passados vinte anos dos acontecimentos no cemitério Highgate, porém, houve outra reunião de jovens mais ao norte. Glasgow, a segunda maior cidade da Escócia, se estende dos dois lados do rio Clyde. Ao sul do rio, ao norte da rodovia M74, há um bairro conhecido como Gorbals. É uma área com uma história difícil. A industrialização e a superpopulação no fim do século XIX levaram à construção de favelas durante a primeira metade do século XX. Houve uma tentativa de reurbanização, mas, na década de 1950, essa região estava provavelmente em seu momento mais miserável.

Em uma noite de setembro de 1954, um policial chamado Alex Deepprose foi chamado para investigar uma agitação no Southern Necropolis, um cemitério tão antigo quanto Highgate e igualmente assustador. Ao chegar ao cemitério, o policial topou com alguns garotos do bairro. Centenas deles, na verdade, com idades que iam dos 4 aos 14 anos. E estavam armados. Deepprose conseguiu juntar todos e tirá-los do cemitério, mas eles voltaram na noite seguinte. Cada uma daquelas crianças portava um objeto perigoso, como facas, espetos, barras de metal. Alguns levavam até cães. E Deepprose quis saber por quê.

Alguns contaram que meninos da região tinham sido mortos, e eles buscavam vingança no cemitério. O oficial não tinha conhecimento de nenhum assassinato na área, mas muitas ocorrências em Gorbals não eram oficialmente registradas. Ele estava preocupado com aqueles encontros, por isso conversou com alguns pais. Alguns estavam preocupados com a segurança de seus filhos; outros se inquietavam com as histórias e o que elas diziam sobre o fascínio de seus filhos pela violência e pelo perigo.

Porém, outras centenas de crianças chegaram ao cemitério na noite seguinte. Deepprose as dispersou novamente, mas antes quis saber qual era o alvo da caça. Quem eram esses dois garotos misteriosos que haviam sido mortos, o que os tinha matado, e por que as crianças pensavam que podiam encontrar o suspeito ali, naquele cemitério?

O assassino, os garotos disseram, era um *vampiro*. Um vampiro de mais de dois metros de altura, com dentes afiados e olhos brilhantes.





REVIVIDOS

Ninguém quer morrer. Se o projeto humano passasse por uma revisão, essa seria uma das características modificadas. Nossa mortalidade é uma obsessão desde o princípio da própria humanidade. Humanos anseiam por maneiras de evitar a morte, ou pelo menos torná-la suportável.

Algumas criaturas praticamente moveram céus e terra para isso. Há milhares de anos, os egípcios construíram enormes estruturas de pedra para abrigar seus mortos e lhes garantir um lugar além da vida. Aperfeiçoaram a arte do embalsamamento para que, até depois da morte, os corpos pudessem estar prontos para uma nova existência, em um novo lugar.

A morte, porém, é uma realidade para todos nós, gostemos disso ou não. Sejam jovens ou velhos, ricos ou pobres, saudáveis ou doentes, a vida é uma longa jornada por uma estrada que percorremos até ela acabar. Alguns acreditam que verão uma luz no fim de tudo isso; outros esperam escuridão. E é aí que surge o mistério de tudo. Ninguém sabe o que há do outro lado. Só sabemos que a caminhada termina em algum ponto.

E talvez por isso passemos tanto tempo pensando no assunto, construindo histórias, mitos e crenças em torno dessa coisa que não conseguimos desvendar. Seria mais fácil, alguns argumentam, se simplesmente não morrêssemos. Se vivêssemos para sempre. É impossível, mas sonhamos assim mesmo.

Ninguém volta do túmulo... volta? A maior parte das pessoas equilibradas e sãs diria que não. Mas diversas histórias afirmam o contrário, e tais histórias não são novas. Existem há milhares de anos e em várias culturas.

E, como seus personagens, essas histórias simplesmente se recusam a morrer. Uma razão para isso, por mais difícil que seja acreditar, é que algumas delas parecem ser *verdadeiras*. Dependendo de onde você procura e a quem pergunta, há boatos de alguns casos que contrariaram as expectativas.

Às vezes, a jornada não acaba, afinal. Às vezes, os mortos continuam andando.

OS QUE VOLTARAM

O filme clássico de “zumbi”, aquele que todos os comentários dizem ter sido responsável por colocar esses seres no mapa há cinquenta anos, foi *A Noite dos Mortos-Vivos*, de George A. Romero. As criaturas

que Romero levou à tela dos cinemas conseguiram influenciar gerações de cineastas, criando o zumbi icônico que vemos hoje em séries da televisão como *The Walking Dead*.

O problema é que Romero nunca usou a palavra “zumbi” para descrever os seres de seu filme. Eles eram *ghouls*, criaturas emprestadas do folclore árabe. De acordo com a mitologia, *ghouls* eram demônios que comiam os mortos e, por isso, costumavam ser encontrados em cemitérios.

Mas o filme de Romero não foi a primeira história a mostrar mortos-vivos famintos por carne e sangue dos vivos. Alguns acham que essa honra cabe ao épico grego *Odisseia*, poema escrito por Homero quase 3 mil anos atrás. Na história, há uma cena na qual Ulisses precisa obter informações com um profeta chamado Tirésias, morto havia muito tempo. A fim de conceder forças ao espírito para que consiga falar, Ulisses o alimenta com sangue.

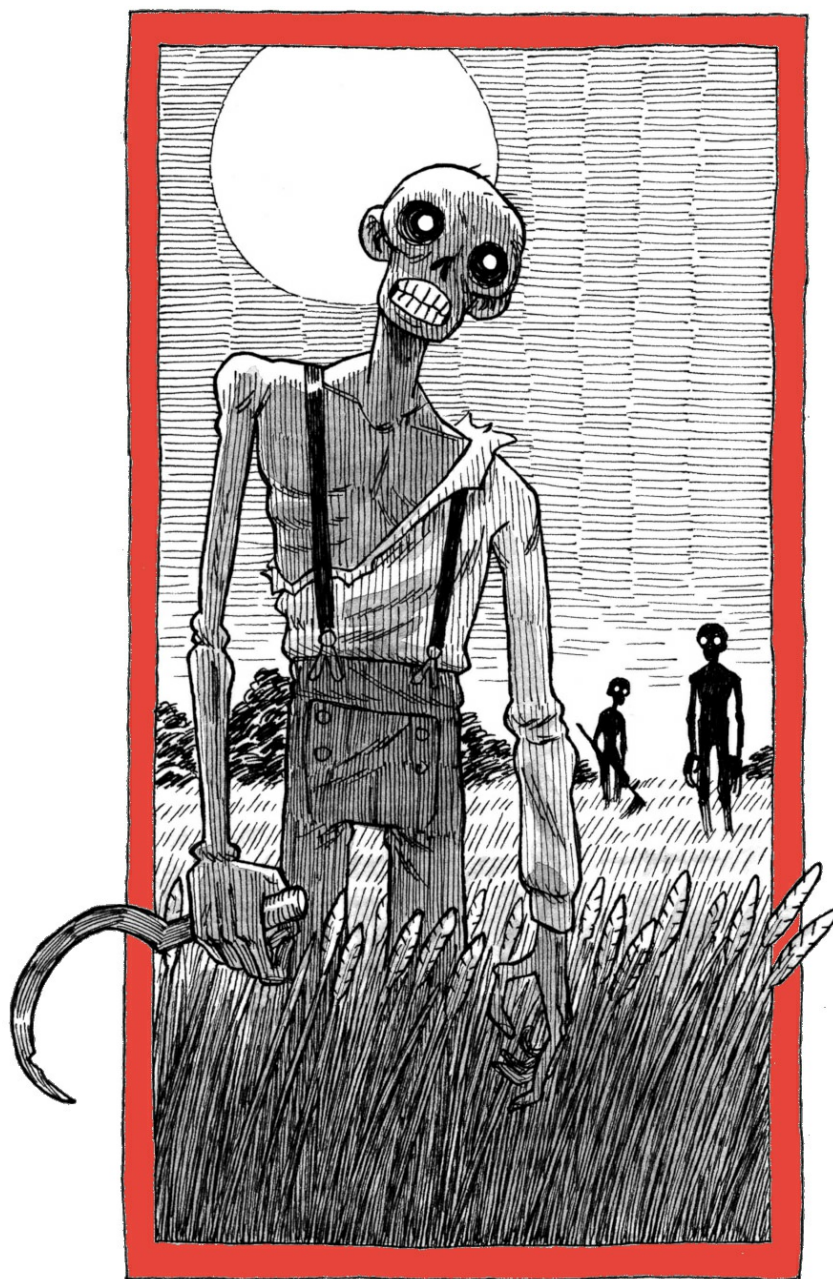
Em vários sentidos, as criaturas que hoje chamamos de zumbis são semelhantes aos *revenants* dos contos europeus. Elas têm muitos nomes. O irlandês antigo as chamava de *neamh mairbh*, que significa “o morto-vivo”. Em alemão, *Wiedergänger*, “o que anda de novo”.

A palavra “*revenant*”, se você não esqueceu, tem origem latina e significa “o que retornou”. A ideia básica é bem fácil de deduzir, a partir disso: *revenants* eram aqueles que morreram, mas voltaram para assombrar e aterrorizar seus vizinhos e familiares.

Pode parecer fantasia para as nossas modernas sensibilidades, mas algumas pessoas realmente acreditavam que isso podia acontecer. Historiadores da Idade Média descreveram a atividade *revenant* como se fosse um fato. Eis o relato de William de Newbury, em 1190:

Não seria fácil acreditar que os cadáveres dos mortos saíam de seus túmulos, e vagariam por aí para aterrorizar ou destruir os vivos. [...] se não houvesse exemplos frequentes em nosso tempo, o suficiente para estabelecer esse fato, de cuja verdade há abundante testemunho. Se eu fosse transcrever todos os exemplos disso que verifiquei ter ocorrido em nosso tempo, a empreitada seria incomensuravelmente trabalhosa e difícil.

Newbury segue especulando por que os antigos escritores nunca mencionaram eventos desse tipo (embora não pareça aceitar nada disso como prova de que os *revenants* são pura fantasia). De fato, ele estava errado. Os antigos gregos tinham certas crenças em torno dos mortos e de sua capacidade de voltar para assombrar os vivos. Mas, para eles, era muito mais complicado, e cada *revenant* voltava com seu propósito único.



No mundo greco-romano, as pessoas acreditavam que existia uma lacuna entre a data real da morte de alguém e a data *pretendida* da morte. Não esqueça, era uma cultura que acreditava no Moirai, ou Destino, que tinha um plano para todos. Por exemplo, um agricultor poderia ser destinado a morrer com 80 e poucos anos de causas naturais, mas morria mais cedo em um acidente no mercado ou em sua plantação. Pessoas que morriam cedo, de acordo com as lendas, eram condenadas a vagar pela terra dos vivos como espíritos até a chegada da data de sua morte pretendida.

Está acompanhando? Que bom. Então, os gregos acreditavam que era possível controlar esses espíritos que vagavam. Era necessário apenas uma tábua de maldição, alguma coisa escrita em argila, estanho, ou até em pergaminho, para ser enterrada junto com a pessoa em seu túmulo. Como uma chave na ignição de um carro, essa tábua nos daria o poder de controlar os mortos que vagavam.

Pode parecer o mais sinistro faça-você-mesmo do mundo, mas, para os gregos, esse tipo de magia era parte importante de seu sistema de crenças. Os mortos não iam embora de verdade, e por isso podiam servir a um objetivo.

Infelizmente, essa não era uma atitude exclusiva dos gregos. E na cultura certa, no tempo certo, sob a pressão certa, a ideia pode ser devastadora.

O CADINHO

No Haiti, a grande maioria da população, até 95%, de acordo com alguns estudos, pode rastrear suas raízes na África Ocidental. É um resquício de tempos mais sombrios, quando a escravidão era legal e milhões de africanos eram tirados de suas casas e levados pelo Atlântico para trabalhar nos engenhos de açúcar caribenhos que enchiam os cofres europeus. E, embora os escravos americanos fossem levados para o Novo Mundo sem nenhum bem além das roupas do corpo, eles levavam suas crenças, seus costumes e suas tradições, e séculos de folclore e superstição. Podiam não ter na bagagem preciosos bens de família, mas tinham na cabeça e no coração as partes mais importantes de sua identidade, e ninguém podia tirar isso deles.

Há algumas ideias que precisam ser compreendidas sobre essa cultura transplantada. Primeiro, eles acreditavam que a alma e o corpo eram ligados, mas que a morte podia ser um momento de separação dos dois. Nem sempre, mas *podia* ser. (Vou explicar mais sobre isso em breve.)

Segundo, viviam com o ódio e o medo da escravidão. A escravidão roubava a liberdade. Tirava seu poder. Eles não tinham mais controle sobre a própria vida, seus sonhos, nem mesmo sobre seus corpos. Gostando ou não, estavam fadados a enfrentar um trabalho muito difícil pelo resto da vida. Só a morte quebrava as correntes e os libertava.

Terceiro, essa liberdade não era garantida. Enquanto muitos africanos escravizados no Caribe sonhavam voltar para casa no pós-vida, alguns queriam chegar lá mais depressa. O suicídio era comum no Haiti colonial, mas também era reprovado. De fato, acreditava-se que aqueles que punham fim à própria vida não chegariam à África; em vez disso, seriam castigados. A pena, dizia-se, era a prisão eterna dentro do próprio corpo, sem controle ou poder sobre si mesmo. Era, de certa forma, como a vida deles. Para os escravos do Haiti, o inferno era mais uma escravidão — mas uma escravidão eterna.

Esses corpos e almas aprisionadas tinham um nome na cultura dessa gente: zumbi. O termo foi registrado pela primeira vez em 1872, quando um estudioso da linguística registrou a palavra “zumbi” e definiu-a como “fantasma ou espírito”, notando que o termo era “ouvido com frequência nos estados do Sul, em quartos infantis e entre os criados”. A palavra, como se descobriu, tem raízes africanas. Em

idiomas falados na África centro-ocidental, onde foram capturados muitos africanos escravizados no Novo Mundo, existem palavras de sons parecidos que se referem a divindades, fantasmas e objetos que recebem seu poder de ancestrais ou espíritos.

Os mortos-vivos, ao menos de acordo com a lenda haitiana, são reais. Como eles são? Bem, graças a Zora Neale Hurston, temos um relato em primeira mão. Hurston era uma autora afro-americana, conhecida por seu romance *Seus Olhos Viam Deus*, e considerada um dos pilares do Renascimento do Harlem. E foi quando pesquisava o folclore durante uma viagem ao Haiti que ela encontrou um zumbi.

Em seu livro *Tell My Horse*, Hurston relata o que aconteceu:

Tive a rara oportunidade de ver e tocar um caso autêntico. Ouvi os ruídos que saíam de sua garganta. [...] Se não tivesse vivido tudo isso sob a forte luz do Sol em uma ala de hospital, talvez tivesse saído do Haiti interessada, mas em dúvida. Mas vi o caso de Felicia Felix-Mentor, que foi endossado pela mais alta autoridade. Por isso sei que há zumbis no Haiti. Pessoas que foram chamadas de volta da morte.

A visão foi medonha. Aquele rosto inexpressivo com os olhos mortos. As pálpebras brancas como se tivessem sido queimadas com ácido. [...] Nada podia ser dito a ela ou extraído dela, exceto olhando para ela, e a visão daquela devastação era impossível de suportar por muito tempo.

Devastação. Não consigo pensar em outra palavra com tanta beleza e horror nesse contexto. Alguma coisa acontecia no Haiti, e o resultado era a devastação. Vidas partidas e destroçadas por alguma coisa. Mas o quê?

A conclusão podia ser que todas aquelas pessoas haviam tentado suicídio. Porém, o suicídio é comum em muitas culturas, não só no Haiti. Quando você cava mais fundo, no entanto, é possível descobrir a verdade. E, nesse caso, a verdade é muito mais sombria do que gostaríamos de acreditar.

Zumbis *podem* ser criados.

NARCISSE

Na noite de 30 de abril de 1962, um homem entrou no hospital Albert Schweitzer, no Haiti. Estava doente, febril, queixando-se de dores no corpo e, por fim, ataques de tosse o acometeram, tirando sangue dos pulmões. Naturalmente, os médicos se preocuparam e o internaram para exames e tratamento. Clairvius Narcisse, foi examinado por vários médicos, mas seu quadro piorava rapidamente. Uma de suas irmãs, Angelina, estava lá, à sua cabeceira, e de acordo com seu relato, seus lábios ficaram azuis e ele se queixou de formigamento no corpo todo.

Apesar dos esforços do hospital, Narcisse morreu no dia seguinte. Dois médicos, um norte-americano e outro que estudara nos Estados Unidos, confirmaram sua morte. Angelina assinou a certidão de óbito depois de confirmar a identificação do morto. Como ela não sabia ler ou escrever, o reconhecimento se deu pela impressão de sua digital no papel. Depois disso, a família começou o doloroso processo de enterrar o ente querido e seguir em frente. A morte, como sempre, é parte da vida. Nunca é uma parte agradável, mas é uma parte mesmo assim.

Mais de dezoito anos mais tarde, em 1981, Angelina Narcisse andava pelo mercado de seu vilarejo, coisa que fazia quase todos os dias. Ela conhecia todos os vendedores; conhecia os cheiros e sons que preenchiam aquele espaço. Mas, quando olhou para a pequena multidão na rua de terra, algo a assustou, e ela gritou.

Lá, andando em sua direção, estava seu irmão Clairvius. Estava mais velho, é claro, mas era ele. Ela o teria reconhecido em qualquer lugar. E quando ele finalmente a abordou e se apresentou com seu apelido de infância, qualquer dúvida que Angelina ainda pudesse ter se dissipou.

O que aconteceu a seguir foi um turbilhão de revelações, com Clairvius contando tudo o que havia acontecido. E tudo começou, ele disse, no quarto do hospital. De acordo com seu relato, seus últimos momentos na cama foram de total consciência, apesar da escuridão. Ele já não via mais ninguém, não conseguia se mover. Mas se lembrava do barulho do choro da irmã. Lembrava até do lençol de algodão áspero puxado sobre seu rosto. A consciência permaneceu no funeral, cujo cortejo ele contou ter ouvido. Até apontou uma cicatriz no rosto e disse que era resultado do corte feito por um prego do caixão.

Mais tarde, a família chamou um psiquiatra, que fez vários testes com Clairvius para determinar se ele era um impostor, mas o homem provou dizer a verdade, respondendo a perguntas que ninguém mais além de Clairvius poderia ter respondido. Além disso, mais de duzentos amigos e membros da família atestaram a identidade do homem. Aquele, todos confirmaram, *era* Clairvius Narcisse.

Então, o que tinha acontecido com ele? De acordo com o próprio Clairvius, ele foi envenenado pelo irmão em razão de uma disputa de propriedade. *Como* era uma resposta que ele não tinha. Contudo, pouco depois de seu enterro, um grupo de homens desenterrou o caixão e o tirou de lá. Esse é um pensamento que merecia ser trancafiado no fundo da mente desse homem, aliás — estar preso em um caixão embaixo da terra, cego e paralisado, com frio e com medo. É uma surpresa que ele não tenha enlouquecido.

Os homens que o desenterraram eram comandados por um sacerdote chamado *bokor*. Os homens acorrentaram Clairvius e o levaram para um engenho de açúcar, onde foi forçado a trabalhar ao lado de outros homens igualmente indefesos. Doses diárias de uma droga misteriosa os mantinham incapazes de resistir ou ir embora.

De acordo com sua história, ele conseguiu fugir dois anos mais tarde. Porém, com medo do que o irmão poderia fazer com ele se o encontrasse vivo, evitou retornar para casa. Só com a notícia da morte desse irmão, muitos anos depois, é que deixou seu esconderijo.

A história de Clairvius Narcisse causou perplexidade a cientistas e historiadores durante décadas. Nos anos 1980, Harvard enviou um etno-botânico chamado Wade Davis para investigar a droga misteriosa, e o resultado dessa viagem é um livro chamado *A Serpente e o Arco-Íris*, que entraria na lista dos mais vendidos do *New York Times* e seria transformado em filme em Hollywood. Mas poucos concordam com as conclusões.

Todavia, amostras da droga coletadas por Wade foram desqualificadas. Nenhum engenho de açúcar ilegal que usava escravos zumbis como mão de obra foi encontrado. E os médicos foram acusados de errar a interpretação dos sintomas e declarar prematuramente a morte desse homem. Havia muitas dúvidas.

Para as pessoas mais próximas, porém, os fatos são concretos. Clairvius Narcisse morreu. A família viu o corpo ser enterrado no cemitério. Ele foi pranteado e deixou saudade. E, mais de dezoito anos depois, voltou para a vida deles. Os mortos que andam.

Erro médico ou resultado da magia negra haitiana? Nunca saberemos.

VAZIO

Temos medo da morte porque ela significa perda de controle, de propósito e de liberdade. A morte, aos olhos de muita gente, nos rouba de nossa identidade e a substitui por finalidade. É compreensível, então, como a escravidão pode ser vista pelas mesmas lentes. Ela remove a capacidade de tomar decisões e transforma as pessoas, de certa maneira, em nada mais que máquinas para o benefício de terceiros.

Mas e se existem mesmo por aí indivíduos, os *bokor* ou sacerdotes do mal, que descobriram um jeito de fabricar seus próprios mortos que andam? Talvez existam pessoas que aperfeiçoaram a arte de escravizar um homem ou uma mulher mais profundamente que qualquer dono de escravos jamais conseguiu antes, roubando-os de sua alma e prendendo-os a um pós-vida de trabalho incessante e incansável.

Em fevereiro de 1976, Francie Illeus foi internada no hospital de sua região no Haiti. Ela dizia se sentir fraca e tonta. Seu sistema digestivo não funcionava bem e o estômago lhe doía. Os médicos cuidaram dela e a liberaram. Vários dias mais tarde, ela morreu e foi enterrada no cemitério local. Tinha apenas 30 anos.

Três anos depois, a mãe de Francine recebeu um telefonema de uma amiga que vivia a alguns quilômetros dela. Precisava ir correndo até o mercado, disse-lhe a tal, urgentemente. A mãe de Francine não sabia qual era o problema, mas atendeu ao chamado o mais depressa que pôde.

Ao chegar, disseram-lhe que uma mulher fora encontrada vagando. Emaciada e catatônica, ela se negava a sair do canto onde estava agachada, de cabeça baixa e com as mãos sobre o rosto. A mulher era Francine Illeus.

A mãe a levou para casa e tentou ajudá-la, mas Francine parecia não estar ali. O corpo estava, mas havia pouco espírito nele. Outros médicos e psiquiatras a examinaram, mas não conseguiram fazer muita coisa por ela.

Num impulso, a mãe de Francine mandou exumar o caixão. Precisava ter certeza de que a mulher que encontrara no mercado, pouco mais que um cadáver ambulante, realmente era sua filha. Sim, a mulher tinha a mesma cicatriz na testa. Sim, sua aparência lembrava bastante a de Francine. Sim, outras pessoas reconheceram Francine nela. Mas a mãe precisava ter certeza.

Quando o homem tirou o caixão da terra, ele estava pesado. Pesado demais para estar vazio. Com mais dúvidas ainda, a mãe de Francine pediu para abrirem o ataúde. E quando o último prego foi arrancado, a tampa foi removida e deixada de lado.

O caixão não estava vazio, realmente. Estava cheio de pedras.





AS ÁRVORES

Foi a caminhada entre as árvores que o fez se lembrar do sonho. Stuckley acostumara-se com árvores, como Caleb, que andava ao seu lado. Afinal, seu trabalho era cuidar de um pomar, o que fazia das árvores sua vida, e num sentido muito real. Mas andar entre elas agora, por esse motivo, com esse propósito... não parecia certo.

Porém, novamente, a memória trouxe de volta o sonho que começara tudo isso. O sonho do qual ele acordou assustado, com um sentimento de pânico e um pavor tão forte que poderia ser um saco de pedras amarrado sobre seus ombros.

Era um sonho de destruição, de perda e tragédia. Metade de seu pomar tinha murchado e morrido. Metade de seu ganha-pão. Metade de seu objetivo. Metade de seu valor. Sentado no colchão de palha, coberto de suor e tomado por um pressentimento, ele havia tentado se convencer de que era só um sonho.

Mas não era, afinal. Era?

Ele e Caleb iam andando por entre as árvores, e dessa vez pensava em Sarah. Ela fora a primeira a ir, mais de dezoito meses antes. Certa tarde, andara até o velho cemitério, como tantas vezes antes. Lá ela lia livros e sonhava acordada. Reclinava-se contra as velhas lápides de pedra e se perdia em pensamentos e livros de poesia.

A febre passou por Sarah como um incêndio, e, antes que Stuckley percebesse, ela voltara ao cemitério. Contudo, dessa vez, para ficar. Sem livros de poesia. Sem devaneios. Sem se reclinar para respirar o ar fresco da primavera. Sarah havia partido e não voltaria mais.

As árvores em torno de Stuckley e Caleb começaram a ficar mais escassas. Como a família dele, na verdade. Um a um, cada filho havia adoecido. Nunca dois ao mesmo tempo. Não, isso teria sido muito fácil. Uma noite de angústia e dor para meia dúzia de filhos e filhas teria sido difícil, mas suportável, para a maioria.

Para ele, no entanto, a perda fora espaçada. Primeiro uma filha, depois um filho, Depois outro. E mais outro. Um a um, seu pomar ia murchando. Febre e peito arfante. Palidez que parecia mais osso que carne. Cada um consumido por vez. E cada morte havia consumido uma parte dele.

Agora não havia mais árvores. Tinham ficado para trás. Diante deles havia uma clareira, e depois o muro baixo de pedras. Enquanto andavam lentamente pela relva, Stuckley não conseguia deixar de pensar na esposa, que morria aos poucos em casa. Ela era tudo que lhe restava agora, e também estava partindo.

Mas ele sabia o que fazer. Sabia como ajudá-la. Havia aprendido ouvindo as árvores. Cada uma lhe sussurrara quando passaram por elas. Cada filho falando as mesmas palavras de trás de um véu de febre e consumição. Era sempre igual... sempre igual.

“Eu a vejo”, cada um deles havia falado. “Eu a vejo ali, esperando por mim. Está sentada na beirada da cama e me observa. Ela veio me buscar”.

E Stuckley havia perguntado a eles: “Quem? Quem veio buscar você?”.

Caleb foi o primeiro a subir no muro baixo de pedras, depois pegou a pá da mão de Stuckley e ajudou o velho a subir também. É claro, ele sabia a resposta antes mesmo de ter perguntado.

Sarah. Ela voltara para buscar os outros. Cada um deles tinha admitido. Cada um acreditava que era verdade. Cada filho seu havia chorado de medo enquanto a febre consumia seu corpo, enquanto jazia impotente na cama, cada um deles observado pela irmã morta.

E agora ela queria levar sua esposa.

Stuckley caminhou até o canto do cemitério que conhecia muito bem e enterrou a lâmina da pá no solo. Ela sempre havia voltado dali, afinal. Sempre encerrava seus devaneios e a leitura dos poemas voltando para casa. Por que agora seria diferente?

Mas agora *era* diferente. Agora *esta* era a casa dela. Era *ali* que ela precisava estar. Não na casa *dele*. Não ao lado da cama de sua esposa. Não destruindo seu pomar, um irmão por vez. Não, Sarah estava no cemitério, e era lá que ela precisava ficar.

Caleb o ajudou a tirar a tampa do caixão, depois se afastou. Stuckley tinha que fazer o resto sozinho. Ela não parecia estar morta. Não tinha a aparência de um cadáver sepultado havia mais de dezoito meses. Parecia bem descansada. Parecia estar em paz. E estava bonita.

Mas a faca de caçador em sua mão imediatamente entrou em ação. O coração dela sangrou quando ele o tirou do peito de Sarah. Sangrou como se tivesse acabado de parar de bater. Sangue escuro, vermelho e pegajoso.

Ele o queimou. É o que tem que ser feito, não é? Quando precisa cortar uma árvore, você queima o toco. Queima as raízes. Arranca sua base do pomar para que ela nunca mais volte a nascer.

Não havia nada que quisesse mais do que ter Sarah de volta. Todos os filhos de volta. Mas sabia que isso era impossível. E sua esposa podia ser salva. Por isso ele ficou vendo as chamas queimarem o coração de sua primogênita ali, em cima da lápide onde ela um dia se reclinou ao Sol da primavera.

E ele chorou.





o mundo de

LORE



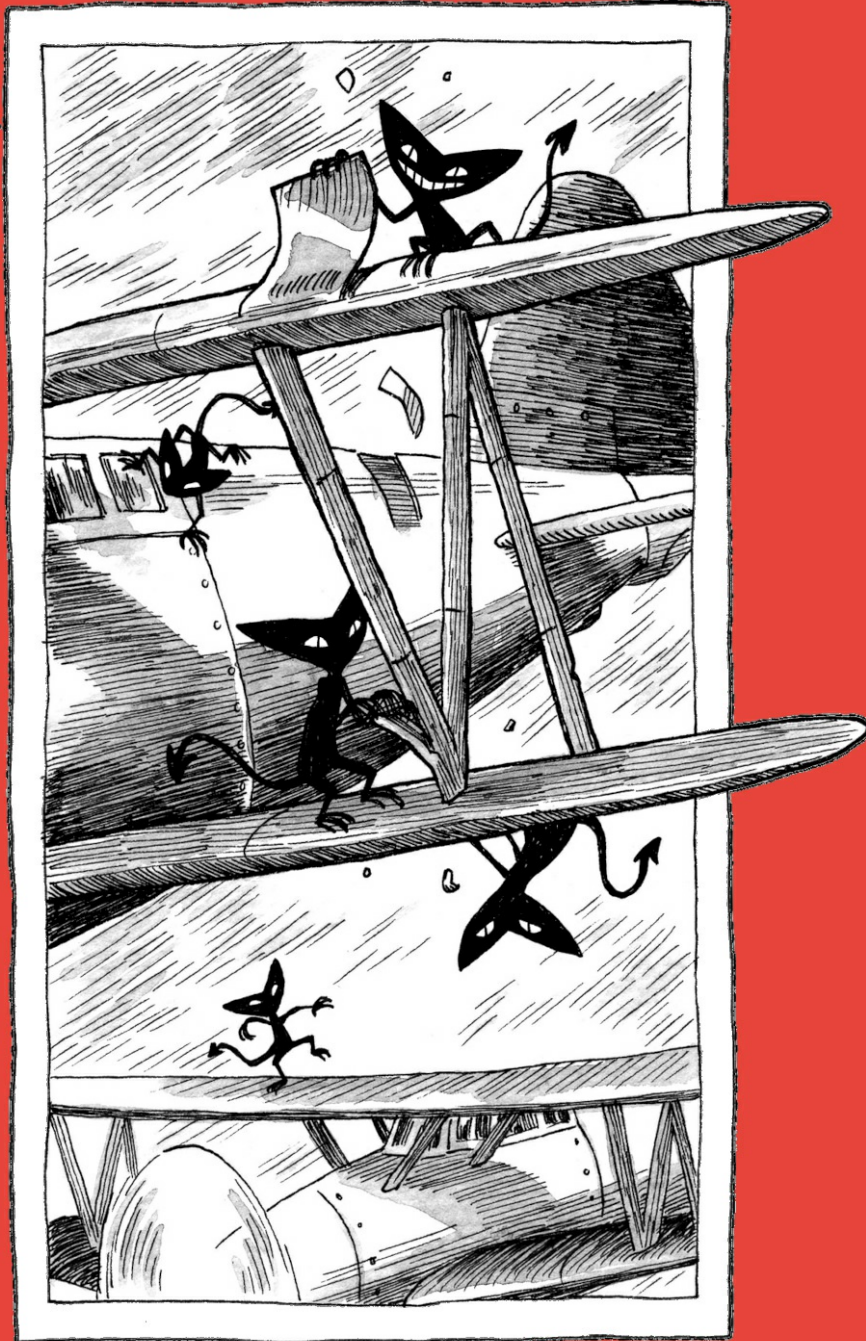
CRIATURAS
ESTRANHAS



• CAPÍTULO 2 •

NOSSOS
PEQUENOS
PROBLEMAS







OS OUTROS

Ninguém gosta de ficar sozinho. Até os introvertidos precisam sair para respirar de vez em quando, viver o contato humano. Estar na companhia de outras pessoas acalma a alma e proporciona um pouco de segurança, nem que seja em teoria. Mas, às vezes, nem multidões de pessoas e grupos de amigos conseguem combater o sentimento incapacitante de que estamos, em última análise, isolados e sós.

Humanos se tornaram muito bons em afastar esse sentimento, porém. Quando a escuridão ameaçava nos afastar do mundo à nossa volta, descobrimos o fogo, e depois inventamos as lâmpadas elétricas. Hoje usamos a tecnologia para nos manter conectados a amigos e parentes que vivem a milhares de quilômetros de distância, e o sentimento de solidão ainda se aprofunda a cada ano.

Mas aprendemos a dominar instrumentos para lutar contra isso. Em culturas antigas, nos dias anteriores ao Facebook e mesmo à imprensa, se você conseguir imaginar, a sociedade lutava contra o sentimento de solidão usando histórias. Cada cultura desenvolvia um conjunto de contos, uma mitologia e lendas que preenchiam as lacunas. Essas histórias explicavam o inexplicável, ocupando a noite escura com figuras e formas, e davam às pessoas, solitárias ou não, mais alguma coisa sobre o que falar. Alguma “outra” coisa.

Alguns relatos estavam lá para ensinar. Outros pregavam moral por meio de analogias. Outros, ainda, ofereciam um conselho ou uma lição que mantinha as crianças seguras. No fim, porém, todos faziam alguma coisa que não conseguíamos fazer sozinhos: nos colocavam em nosso lugar. Ofereciam perspectiva. Pode parecer que estamos no topo da cadeia alimentar, mas... e se não estivermos?

Das colinas antigas da Islândia e do Brasil às ruas asfaltadas da urbana América, nosso fascínio com “os outros” tem sido uma obsessão constante e implacável. Mas se muitas histórias só nos fazem sorrir por ser pura fantasia, algumas são impossíveis de ignorar. Elas nos deixam com mais perguntas que respostas. E nos obrigam a enfrentar uma verdade assustadora: se não estamos sozinhos neste mundo, também não estamos seguros, então.

UMA HISTORINHA

Na mitologia grega, temos histórias de criaturas chamadas de *pygmaioi*, uma tribo de humanos pequeninos, menores que os gregos, que eram comumente encontrados em batalhas. Histórias semelhantes de pigmeus circulam há milhares de anos. Temos até imagens de batalhas de pigmeus em cerâmicas encontradas em tumbas que datam do século V a.C.

Plínio, o Velho, historiador romano do século I, registrou que havia relatos de pigmeus saindo em jornadas anuais de sua terra natal nas montanhas. Eles se armavam para a batalha, montavam em seus carneiros e bodes, e cavalgavam rumo ao mar, onde caçavam as garças que faziam ninhos na praia.

Na América do Sul, há histórias de criaturas chamadas *aluxes*. Personagem da mitologia maia, um *alux* tinha entre um e dois metros de altura, era careca e se vestia com os trajes tradicionais dos maia. Como os *pukwidgies* das tribos nativas norte-americanas, os *aluxes* causavam muitos problemas, prejudicavam as plantações e espalhavam o caos.

De acordo com a tradição, um *alux* se muda para a área cada vez que um novo agricultor se estabelece. Os agricultores maia construíam uma pequena casa de dois andares no meio de suas plantações de milho, onde a criatura vivia. Nos primeiros sete anos, o *alux* ajudava a cultivar o milho e patrulhava os campos à noite. Passados esses sete anos, porém, ele se voltava contra os agricultores, que lacravam as janelas e portas dessa casinha para prender a criatura lá dentro.

Os antigos *picts*, das ilhas Orkney, do extremo nordeste da Escócia, falavam de uma criatura que chamavam de *trou* (às vezes *drou*). *Trou*s eram pequenos humanoides descritos como feios e tímidos, que viviam nas elevações e nos patamares rochosos nos bosques. Como em muitas outras lendas sobre pessoas pequenas no mundo, os *trous* criavam problemas. Em especial, dizia-se que eles amavam música. Amavam tanto, na verdade, que se acreditava que raptavam músicos e os levavam para suas casas para poder apreciar a música lá. Era comum as pessoas de Shetland benzerem seus filhos todos os anos no Dia do Yule para protegê-los do *trou*.

Perto dali, na Irlanda, há histórias de uma criatura semelhante, pequena e sem cabelos, chamada de *pooka*. A *pooka* tem mais ou menos dois metros de altura e, como o *trou*, também vive em grandes patamares rochosos. De acordo com a lenda, essas criaturas podem provocar o caos e problemas dentro de uma comunidade, tanto que o povo local desenvolveu tradições destinadas a mantê-las felizes. No condado de Down, por exemplo, agricultores ainda deixam uma “parte da *pooka*” quando colhem suas safras. É uma oferenda às criaturas, para mantê-las felizes e afastar seus malefícios.

Mas a *pooka* não é exclusividade da Irlanda. Na mitologia da Cornualha, há uma criatura pequena e de aparência humana conhecida como *bucca*, uma espécie de duende. O País de Gales é lar de uma criatura similar com fama de ser um duende trapaceiro. Ele batia nas portas e desaparecia antes de os moradores abrirem. E na Normandia, França, do outro lado do Canal da Mancha, cujos habitantes têm um passado em comum com o povo da Cornualha e de Gales, a criatura é chamada de *pouque*, e um termo comum para patamares rochosos e estruturas megalíticas é *pouquelée*.

Ah, e se você é fã da peça *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare, deve lembrar do personagem Puck, o esperto e arteiro gnomo. O nome Puck é uma anglicização da palavra *pooka* ou *pouque*.

Eu vou parar por aqui, mas acho que você já entendeu: parece que não existe uma cultura no mundo que *não tenha* inventado uma história sobre pessoas pequeninas, os “outros”, que vivem na periferia do nosso mundo. Também não é surpreendente. Muitas dessas culturas têm um longo histórico de invasões a outras nações, e esse tipo de passado pode fazer qualquer pessoa passar muito tempo olhando para trás.

Essas histórias são profundas e frequentemente alegóricas. Significam alguma coisa, é claro, mas não têm raízes na realidade. Ninguém jamais capturou uma *pooka*, ou tirou fotos de um *alux* saindo de sua casinha de pedra. Mas isso não quer dizer que não haja evidências.

De fato, algumas lendas chegam muito mais perto da superfície do que você julga possível. E isso pode não ser uma boa coisa.

COISAS SE TORNAM REAIS

A tribo shoshone viveu historicamente na região que hoje é Idaho, Nevada, Wyoming e Utah. Seu território cobria boa parte da área em torno das Montanhas Rochosas, mas eles também construíam casas sazonais no alto das montanhas, às vezes três mil metros acima do nível do mar.

Uma das lendas shoshone fala de uma tribo de pessoas pequeninas conhecidas como *nimerigar*. Uma história fala de um homem que percorreu uma pequena trilha que subia as montanhas Wind River para cuidar de seu gado. Enquanto percorria esse caminho estreito, uma dessas criaturas apareceu e o parou. Aquela trilha era dele, disse o homenzinho, e o rancheiro não poderia mais usá-la. O homem ignorou o pequenino e continuou andando na direção de seu gado, e isso enfureceu o *nimerigar*. O homenzinho apontou com seu arco e disparou uma flecha envenenada no braço do rancheiro. Daquele dia em diante, diz a história, o rancheiro nunca mais conseguiu usar o braço.

Os *nimerigar* são só um mito. É o que a maioria das pessoas pensa, pelo menos. Mas em 1932 essa percepção mudou quando dois garimpeiros, Cecil Main e Frank Carr, encontraram uma múmia em uma caverna nas montanhas Pedro, Wyoming. Eles disseram que a múmia estava ereta sobre uma elevação na caverna, sentada como se esperasse por eles.

Era uma múmia pequena. Devia ter só uns quinze centímetros de altura naquela posição sentada, mas parecia ter todas as proporções de um adulto. Fora mumificada pelo clima seco do Wyoming. Depois da descoberta, a múmia mudou de mãos várias vezes. Foi fotografada, submetida a raios X, mas desapareceu depois de 1950, e nunca mais foi vista.

Em 1994, depois que um episódio de *Unsolved Mysteries* pediu a ajuda dos telespectadores para localizar a múmia desaparecida, outra múmia surgiu. Essa era do sexo feminino, no entanto, de cabelos loiros, porém mais ou menos do mesmo tamanho, e também estava em uma caverna na montanha. Dessa vez, peritos médicos conseguiram estudá-la, e o que descobriram foi chocante. Não era um adulto, afinal. Era uma criança que nascera com anencefalia, o que explicava as proporções típicas de corpo e cabeça. Como a primeira múmia, essa também desapareceu pouco depois do exame, e a família proprietária desapareceu com ela.

Do outro lado do mundo, na Indonésia, existem histórias de uma criatura pequena e de aparência humana chamada *ebu gogo*. Embora o nome lembre um pouco um grupo cover de Belinda Carlisle, essas criaturas plantavam o medo no coração das tribos vizinhas. De acordo com a história, o *ebu gogo* tinha nariz chato e boca larga, e grunhia e gania de leve, mas não falava. Era conhecido por roubar comida dos moradores, e às vezes até crianças. Aparentemente, um desses incidentes no século XIX levou a um extermínio.

O povo nage de Flores, na Indonésia, afirma que há gerações um grupo de *ebu gogo* roubou parte de sua comida, e os nage os perseguiram até uma caverna, onde os queimaram vivos — todos exceto um casal que conseguiu fugir para a floresta. As histórias são cheias de imaginação e fantasia, mas no fim podem dar dicas de alguma coisa real. Em 2003, arqueólogos descobriram restos humanos em uma

caverna em Flores. Os restos, apelidados de *Homo floresiensis*, não eram comuns; eram pequenos adultos. Muito pequenos, na verdade, com pouco mais de noventa centímetros. Eles foram apelidados de “hobbits”, caso isso ajude a construir uma imagem mental.

Pessoas pequenas encontradas em uma caverna perto do povo nage de Flores... Era como se as histórias fossem comprovadas. O problema era a idade dos restos. Os esqueletos mais velhos tinham mais ou menos 38 mil anos, e os mais jovens tinham cerca de 13 mil anos. Em outras palavras, se os nage realmente atacaram uma tribo de pessoas pequeninas, isso acontecera havia muito mais tempo que algumas gerações.

A menos que você acredite neles. Nesse caso, as histórias sugerem algo mais obscuro: que os *ebu gogo* são reais, que ainda podem habitar as florestas de Flores e que, em última análise, as histórias eram verdadeiras.

Isso parece intrigante. De fato, acho que qualquer um ficaria fascinado com essa ideia. A não ser, é claro, que essas histórias sejam sobre alguma coisa no seu quintal.

DOVER

Na noite de 21 de abril de 1977, um homem chamado Billy Bartlett dirigia pela cidade de Dover, Massachusetts, com dois amigos. Em Farm Street, eles passaram por um muro baixo e rústico, bem conhecido pelos habitantes locais. Foi então que Billy percebeu um movimento pelo canto do olho, e se virou para dar de cara com algo diferente de tudo que já vira antes.

Sobre o muro, havia uma criatura com um corpo do tamanho de uma criança; membros longos e finos; dedos alongados, e uma cabeça grande em forma de melão. Billy disse que a criatura era careca e sua pele texturizada. Ele até relatou olhos grandes e alaranjados.

Mais tarde, Billy fez um desenho da coisa que tinha visto, e depois acrescentou uma anotação no pé da página: “Eu, Bill Bartlett, juro sobre uma pilha de bíblias que vi essa criatura”.

Uma pilha de bíblias, você disse? Ok, então tudo bem.

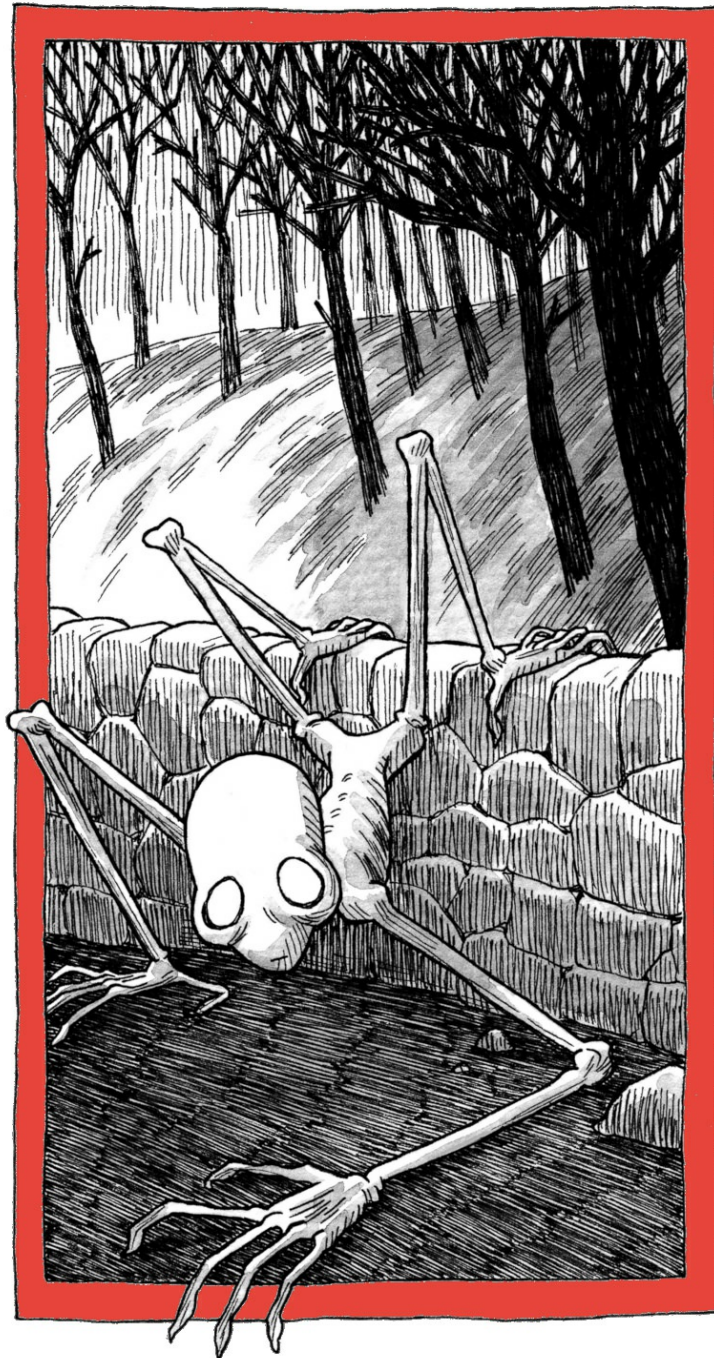
Coisas semelhantes a essa devem acontecer todos os anos em algum lugar do mundo. Alguém vê alguma coisa estranha, a mente distorce suas lembranças, e de repente eles pensam ter encontrado Abraham Lincoln em uma banheira de água quente. Mas a história de Billy tinha alguma credibilidade adicional.

Imagine só. Apenas duas horas depois de ele ver o que quer que tenha visto, John Baxter, de 15 anos, voltava da casa da namorada, a mais ou menos um quilômetro e meio de Farm Street. Ele disse ter visto alguma coisa andando pela rua em sua direção. De acordo com o garoto, a coisa tinha mais ou menos o tamanho e a forma de uma criança. Quando notou sua presença, porém, a criatura correu para o meio das árvores.

John, um adolescente muito inteligente e com grande capacidade para tomar decisões, estabeleceu que meia-noite era o horário perfeito para correr atrás de alguma coisa estranha no meio do bosque, e então seguiu a criatura. O que aconteceu a seguir foi uma perseguição que “atravessou o rio e a floresta”, literalmente. Quando Baxter finalmente parou para recuperar o fôlego, porém, ele levantou a cabeça e viu a criatura parada ao lado de uma árvore a alguns metros dele, observando-o.

Foi nesse momento que o bom senso assumiu o comando, e John saiu correndo. Mais tarde, ele fez um desenho do que tinha visto. E também contou à polícia. Descreveu a criatura com um corpo de criança, cabeça grande e oval, braços e pernas finos, e dedos longos.

Isolados, cada um desses episódios poderia ter sido facilmente ignorado pelas autoridades, mas juntos representavam um caso importante. E qualquer chance de essa similaridade ser chamada de coincidência deixou de existir menos de 24 horas depois.



Abby Brabham, de 15 anos, e Will Taintor, de 18, estavam passeando pela Springdale Avenue quando viram alguma coisa na lateral da rua, perto de uma ponte. A coisa estava de quatro, mas os dois conseguiram ter uma boa visão daquilo. Cada um descreveu o que viu como um ser careca, do tamanho de uma criança, com uma cabeça grande e membros compridos e finos.

Três ocorrências em duas noites. Três casos de gente dizendo ter visto a mesma coisa. Uma descrição aparentemente impossível, cada uma delas capturada de forma sinistra em desenhos semelhantes. Havia pequenas incongruências na cor dos olhos da criatura, mas, tirando isso, a coerência era espantosa. Cada uma daquelas testemunhas oculares tinha visto alguma coisa que não conseguia explicar. E cada uma delas parecia ter observado a mesma coisa.

O que eu acho mais fascinante, porém, é que quase trinta anos depois, em 2006, o jornal *Boston Globe* entrevistou Billy Bartlett, e ele nunca desmentiu sua história. Tinha enfrentado constrangimentos e maus-tratos por causa dela durante anos, é claro. Mas, apesar de ser agora um adulto de meia-idade, a maturidade não mudou seu depoimento, por mais fantástico que possa parecer.

Eles deram à criatura o nome de Demônio de Dover desde aquela semana em 1977. Outras pessoas descreveram visões semelhantes. Um homem da região, Mark Sennott, disse ter havido um boato em seu colégio no começo da década de 1970 sobre alguma coisa no bosque. Sennott contou até que ele e alguns colegas viram algo estranho perto do lago Channing, em 1972, uma coisa que se encaixava na descrição dos relatos feitos posteriormente. O lago Channing fica ao lado da Springdale Avenue, onde Taintor e Brabham disseram ter visto o Demônio de Dover. Era evidente que havia alguma coisa naquele bosque.

Como muitas lendas, essa continua provocando debate e especulação. Não houve novos relatos de ocorrências de 1977 para cá, mas, mesmo assim, o Demônio de Dover deixou uma marca indelével na cidade e na área em volta dela.

TRANSFERIR A CULPA

Não gostamos de estar sozinhos. Mas acho que, ao criar as histórias que nos fizeram companhia durante séculos, a humanidade também inventou desculpas convenientes. Todas essas criaturas de aparência humana serviram como uma espécie de substituto para o comportamento e a responsabilidade dos humanos. Em um esforço para nos absolver das coisas horríveis que fizemos, parecemos inventar instintivamente outros seres para atribuir a culpa.

Mas e se os “outros” realmente estavam lá muito antes de os incluirmos em nossas histórias? E se foram menos invenção e mais cooptação de algo que não entendíamos totalmente? Em nosso desejo de transferir a culpa, talvez alteremos um pouco demais o material-fonte, e assim enterramos a verdade sob uma montanha de mitos.

Incontáveis teorias cercam as aparições de 1977 em Dover. Alguns acham que era um tipo de extraterrestre conhecido como “grey”. Outras sugeriram que era só um... filhote de alce. Eu sei, esse é um jeito estranho de explicar o que aquelas pessoas viram. Só duas ocorrências foram registradas por gente que dizia ter topado com alces em Massachusetts em 1977, e as duas na região oeste do estado, longe de Dover. Acrescente a isso o dado de um alce de um ano pesar mais de duzentos e setenta quilos, e acho que fica claro que essa teoria não se sustenta.

Porém, há uma teoria diferente e mais complexa a ser considerada. Se você se lembra, Billy Bartlett viu o Demônio de Dover sentado sobre um velho muro baixo de pedra na Farm Street. Bem, atrás desse

muro há uma enorme pedra que se projeta, a qual os habitantes da cidade sempre chamaram de Pedra Polka.

Algumas pessoas acham que o apelido da pedra é pronunciado de forma errônea. O nome original, dizem, era Pedra Pooka. Podia ser só folclore, talvez histórias de um pioneiro irlandês contadas a um grupo de crianças em torno da base de uma enorme rocha. Infelizmente, jamais saberemos ao certo.

Mas se você realmente quer ver com seus próprios olhos, pode ir a Dover e dar uma volta pela Farm Street. O muro e o bosque além dele continuam lá, ainda escuros, ainda assustadores. Tome cuidado se for à noite.

Nunca se sabe o que você pode ver nas beiradas da área iluminada pelos faróis do seu carro.





EM CONSTRUÇÃO

No sudoeste da Islândia, ao sul da cidade de Reykjavík, há uma pequena península que se projeta para as águas frias do Atlântico Norte. Ela é conhecida como a península Álftanes, e, embora pouca gente more lá, o governo local decidiu recentemente conectar a pequena faixa de terra à cidade de Gardabaer, um subúrbio da capital islandesa.

No ano passado, porém, a construção da nova estrada foi interrompida. Havia uma pedra enorme no caminho, com três metros e meio de altura e pesando umas setenta toneladas. De acordo com o funcionário do departamento de estradas, Petur Matthiasson, a pedra representava um desafio *incomum* para o projeto de construção de seu departamento.

Você precisa entender uma coisa sobre a Islândia. Boa parte da região é de grama escassa e grandes formações de rocha vulcânica. O solo tem gêiseres e fontes, e o céu parece ser eternamente cinza e nublado. É importante reconhecer que há centenas, talvez milhares de rochas vulcânicas ao longo da rota de construção.

Então, o que podia haver de tão importante nessa pedra em particular? Por que o departamento de estradas faria todo esse esforço, inclusive arcar com o custo do aluguel de um guindaste, só para transferir uma pedra para uma localização mais segura?

A pedra, dizem, não é habitada. É, como foi durante muitos séculos, moradia dos *huldufolk*, o “povo escondido”. Elas têm o tamanho e a forma de humanos, e vivem de maneira parecida. Exceto, é claro, por serem invisíveis.

OS ESCONDIDOS

No fim da década de 1930, outro projeto de construção de estrada na mesma área da Islândia foi planejado para atravessar uma colina conhecida como Alfholl. Desde o começo, porém, o projeto encontrou dificuldades. Primeiro, a verba acabou, e quando os fundos foram repostos, uma década depois, a construção encontrou ainda mais problemas.

As máquinas usadas para abrir caminho na montanha começaram a quebrar com uma rapidez incomum. Ferramentas eram danificadas e perdidas. No fim, a estrada simplesmente contornou a colina

para evitar completamente a escavação.

Quando a estrada foi renovada, na década de 1980, surgiu novamente a ideia de demolir a colina, e mais maquinário foi levado ao local para a escavação. Depois que a primeira sonda quebrou, outra foi providenciada, mas também parou de funcionar. Depois disso, os funcionários se recusaram a levar suas ferramentas para perto da colina por medo de perdê-las, ou de que fossem quebradas pelos *huldufolk* que protegem o lugar.

A Islândia tem uma cultura repleta de referências a essa sociedade invisível de criaturas de aparência humana. Em uma pesquisa recente, mais da metade da população do país, 54%, disse acreditar na existência delas. Mas quem são os *huldufolk*?

De acordo com o folclore islandês, as pessoas escondidas podem ser rastreadas até Adão e Eva. A lenda diz que Eva teve vários filhos que ocultou de Deus. Mas Deus, sendo onisciente, os encontrou.

Na história, Deus declarou: “O que o homem esconde de Deus, Deus esconderá dos homens”. E esses filhos de Adão e Eva desapareceram da vida, mas vivem com os humanos desde então, ocultos de nossos olhos.

De onde quer que tenham saído, a Islândia está cheia deles, aparentemente. De acordo com as descrições, eles têm o tamanho de humanos e costumam vestir trajes simples da Islândia do século XIX, sempre na cor verde.

Mas o povo da Islândia tem outro nome para essas criaturas. Não usam essa denominação com frequência, porque sentem que não é respeitoso com “o povo escondido”. Mas é uma palavra que todos nós conhecemos, e sua história e significado são profundos.

Eles chamam essas pessoas de duendes.

OS DUENDES DO MUNDO

Quando pensamos em duendes, muitos imaginam as pessoas pequeninas que ajudam o Papai Noel em sua oficina no Polo Norte. Imaginamos seres pequeninos de orelha e chapéu pontudos. Mas essa visão dos duendes é nova, dos contos de fada da era vitoriana, quando histórias francesas de seres encantados foram misturadas e confundidas com contos mais antigos de duendes dos povos celta, alemão e escandinavo.

Os registros mais antigos de alguma coisa semelhante a duendes são da Inglaterra anglo-saxônica e da Islândia medieval, embora também haja alguns registros na Alemanha. As características são consistentes em todo o continente, porém duendes são descritos como seres parecidos com os humanos. Dizia-se que foram anteriormente criaturas divinas de uma origem desconhecida, e eles são retratados como muito, muito perigosos.

Na mitologia nórdica, duendes eram considerados mulheres que viviam nas colinas e em elevações rochosas. Os duendes suecos eram belas garotas que viviam na floresta com seu rei. E o folclore escandinavo as descreve como loiras vestidas de branco, perigosas quando ofendidas.

Na verdade, em muitas lendas regionais, os duendes receberam o papel de espíritos da doença. Podiam causar urticárias horríveis em qualquer um que os ofendesse, algo chamado de “golpe de duende”. O único jeito de acalmá-los e satisfazê-los era visitar suas casas, normalmente grandes rochas na floresta, e ofertar um pouco de comida.

DUENDES ENLOUQUECIDOS

No começo, os duendes eram considerados só travessos e maliciosos. Qualquer coisa estranha que acontecesse ao longo do dia de alguém podia ser atribuído aos duendes. Um nó no cabelo era chamado de “cacho de duende”, e marcas de nascença eram chamadas de “marcas de duende”.

Com o tempo, porém, o duende desenvolveu uma fama mais obscura. Como suas contrapartes culturais em outros países, os hobs, leprechauns, hobgoblins e trolls, duendes passaram a ser vistos como seres altamente perigosos. Uma característica comum a todas as culturas é que esses seres se ofendem facilmente, e as consequências são terríveis.

Uma dessas histórias é a das crianças trocadas. De acordo com a lenda, duendes invadem a casa de casais que acabaram de ter filhos e trocam o bebê por um pequeno duende. Enquanto o bebê humano recebe todos os cuidados na casa dos duendes, o substituto, o que foi deixado no lugar dele, se torna agitado e infeliz.

Na Islândia, há contos de *huldufolk* que raptam adultos e os conduzem até as montanhas, para trabalhar para o povo pequenino. No lugar dessas pessoas, os *huldufolk* deixam cópias vazias e sem emoção das que foram levadas. Se algum conhecido passava por uma severa mudança de personalidade, tornando-se deprimido e sem energia, diziam que ele havia sido trocado por duendes.

Também se acreditava que os duendes podiam entrar nos sonhos de uma pessoa adormecida e provocar pesadelos. Na verdade, a palavra alemã para pesadelo é *Albdrücken*, que significa pressão de duende.

Se era horrível, inexplicável ou trágico, sempre havia uma explicação fácil que dominava a mente medieval: culpa dos duendes.

THE VILLAGES

Mas e se tudo isso fosse mais do que simples lendas? Nesse caso, poderia haver explicações para as histórias incrivelmente parecidas entre as tribos nativas do Nordeste norte-americano.

Em 2011, um empreendimento imobiliário sem fins lucrativos nos Estados Unidos começou os estágios finais de seu plano para erguer um projeto conhecido como The Villages. Tudo nele parecia promissor. O projeto geraria 1,5 milhão de dólares em impostos para a cidade de Montville, Connecticut; criaria mais de cem empregos na área da construção civil; e, quando estivesse concluído, forneceria moradia acessível a muitas famílias locais.

Como The Villages era um empreendimento sem fins lucrativos, a empreiteira se candidatou a um financiamento federal para reduzir os custos. Uma exigência do processo era que o empreendedor concluísse uma pesquisa arqueológica dos cinco hectares do terreno.

É aí que as coisas se complicam.

O local da futura construção ficava em uma propriedade da tribo mohegan. O povo mohegan era uma ramificação dos pequot, e surgiu em Connecticut no século XVII. Tinha raízes profundas naquela região e, naturalmente, partes de seu passado histórico ainda estão presentes hoje.

Entre os sítios arqueológicos sensíveis que a tribo mohegan alegou estar sob risco havia Mohegan Hill, Fort Shantock e Moshup's Rock, entre outros. Nenhum desses sítios tem alguma coisa incomum, mas quando o Gabinete de Preservação Histórica Tribal para os Mohegan apresentou seu caso ao Departamento Federal de Habitação e Desenvolvimento Urbano, uma queixa se destacou: a de que criaturas viviam dentro de Mohegan Hill, uma montanha. O projeto de construção ameaçava a vida

desses seres, e, a menos que fosse impedido, o “povo pequeno”, como o chamavam, desapareceria, deixando a tribo desprotegida de forasteiros.

A tribo mohegan havia muito tempo acreditava na existência de criaturas que eles chamavam de *makiawisug*, o “povo pequeno”. As pedras em Mohegan Hill, diziam, foram empilhadas por eles muito tempo atrás e serviam de proteção contra o mundo exterior. Essas *makiawisug* permaneceram no interior da montanha desde então, guardando as pedras e protegendo a tribo.

Eram criaturas poderosas capazes de proteger e preservar a tribo, mas, se fossem ignoradas ou maltratadas, também podiam causar grandes danos e caos. Naturalmente, o povo mohegan se aperfeiçoou na administração do relacionamento com eles.

Um dos membros mais proeminentes da tribo mohegan no último século foi uma mulher chamada Gladys Tantaquidgeon, que morreu em 2005 aos 106 anos. Ela era da décima geração de descendentes do chefe Uncas, um conhecido líder mohegan da era colonial, e também médica tribal. Seu papel incluía manter o conhecimento da tribo sobre os *makiawisug* e como interagir com eles.

De acordo com Tantaquidgeon, havia quatro leis inegociáveis para lidar com o “povo pequeno”. Primeiro, servir e proteger sua líder, Vovó Squannit, uma divindade matriarcal. Segundo, nunca falar com eles nos meses do verão, quando estavam mais ativos. Terceiro, nunca olhar diretamente para um deles, ou a criatura se torna invisível e rouba seus pertences. E, finalmente, deixar oferendas para eles de vez em quando.

Até hoje os mohegan continuam deixando oferendas para essas criaturas na esperança de que elas sigam cumprindo seu papel de protetoras e guardiãs. É uma tradição oferecer fubá e bagas, e às vezes até carne.

Achou familiar?

UMA CONEXÃO COM O PASSADO

A maioria da população mundial não acredita realmente na existência de duendes ou povos escondidos vivendo nas entranhas da terra. Um motivo para a Islândia ser diferente, porém, tem a ver com os vikings.

Quando conquistavam uma cidade, tinham inimigos reais aos quais dirigir sua fúria. Quando se assentaram na Islândia, no entanto, não havia mais ninguém ali para ser derrotado. Os *huldufolk* podem ter sido a desculpa de que precisavam para se sentir conquistadores em uma terra sem habitantes nativos.

Outros estudiosos acreditam que duendes representam nossa conexão com a terra do antigo. Eles são uma espécie de ambientalismo primitivo, um lembrete de como a vida era antes da expansão urbana e das fábricas deixarem suas marcas em nosso mundo.

Seja qual for a razão, nossos ancestrais acreditavam piamente nesses seres sobrenaturais que podiam abençoá-los ou amaldiçoá-los como bem entendessem. Duendes eram uma desculpa para o inexplicável, um terreno firme quando nada mais fazia sentido. Podemos rir disso hoje em dia, do nosso ponto de vista moderno, mas, séculos atrás, os duendes davam às pessoas uma oportunidade de ter esperança, ou uma razão para ter medo.

E lembra de Petur Matthiasson, o funcionário do departamento de estradas em Reykjavík, Islândia? Ele deixou bem claro para os jornalistas que não acredita em duendes. Mas isso não o impede de contar uma ou outra história a quem pede.

Aparentemente, a família dele é da selvagem região norte da Islândia, e é muito antiga. Lá sua família dizia ter um duende protetor que dava boa sorte a eles. Quando a família se mudou para o sul, o duende ficou.

Petur se lembra de ter ido acampar no norte, alguns anos atrás. Antes de partir, seu pai pediu para que fosse levar seu respeito ao duende e agradecer pela ajuda que dera à família.

Como não conseguia acreditar nas velhas histórias, Petur esqueceu o pedido. No dia seguinte, apesar do céu nublado e da garoa, ele acordou ardido e com bolhas que descreveu como as de uma queimadura de Sol. Mal conseguia ficar em pé, na verdade.

Petur sofreu algum episódio dermatológico misterioso e aleatório, ou foi vítima de um golpe do enfurecido duende protetor da família? Como acontecia com seus ancestrais, a explicação mais fácil também era a mais sobrenatural.





ADULTERADO

Cresci assistindo a uma série de televisão chamada *Profissão: Perigo*. Se você nunca teve a chance de ver esse ícone da década de 1980, faça um favor a si mesmo e tente ver. É claro, as roupas são ultrapassadas, e os penteados... caramba, os penteados. Mas, exceto por esses detalhes que não resistiram ao teste do tempo, MacGyver e seu confiável canivete conseguiram conquistar minha imaginação para sempre.

Parte disso era a aventura. Outra parte era o personagem propriamente dito. O cara era, essencialmente, um espião que odiava armas, jogava hóquei e morava em um barco. Mas, acima de tudo, havia a verdadeira essência da série: aquele homem conseguia fazer qualquer coisa, se sua vida dependesse disso.

Nós, humanos, temos um ímpeto inato para fazer coisas. Foi assim que conseguimos criar a roda, por exemplo, ou ferramentas feitas de pedra e armas. Nossa tendência para a tecnologia tirou os ancestrais da idade da pedra e os levou para um mundo civilizado. Para alguns, talvez MacGyver representasse o que queríamos alcançar: a completa dominação do mundo.

Mas a vida raramente é tão simples, e por mais que tentemos concentrar nossas mentes e nossas mãos sobre esse mundo que queremos dominar, algumas coisas escapam pelas frestas. Acidentes acontecem. Ideias e conceitos ainda se esquivam de nossa mente limitada. Somos humanos, afinal. Não deuses.

Então, quando algo não dá certo, quando nossos planos fracassam e não correspondemos às expectativas, temos esse sentimento de orgulho que com frequência se recusa a admitir a derrota. Então culpamos os outros, e, quando isso não funciona, procuramos respostas em outros lugares. E nenhum reino tem mais explicação para o inexplicável que o do folclore.

Há quatrocentos anos, quando uma mulher se recusava a seguir as regras da sociedade, ela era chamada de bruxa. Quando crianças irlandesas não vingavam, tinham sido trocadas por duendes. Somos bons em arrumar desculpas. Então, quando nossos ancestrais encontravam alguma coisa quebrada ou fora do lugar, havia uma explicação muito simples: alguém ou *alguma coisa* a tinha adulterado.

UMA VELHA DESCULPA

A ideia de criaturas enxeridas não é nova para nós. No mundo todo, encontramos folclore de séculos e séculos sobre criaturas que se metem no caminho e dificultam a vida dos humanos. É uma ideia que parece transcender fronteiras e histórias, linguagens e épocas.

Alguns podem dizer que é muita coincidência todas essas histórias sobre criaturas causadoras de problemas surgirem em locais separados por milhares de quilômetros e vastos oceanos, e por isso deve haver alguma verdade nessas lendas. Mas outros diriam que elas não têm nada a ver com criaturas reais ou coincidências, e essas histórias são simples produtos da natureza humana. Queremos acreditar que alguma coisa alheia a nós causa os problemas que enfrentamos todos os dias. Um bode expiatório, era isso.

Muitos contos europeus incluem esse arquétipo universal na forma de espíritos naturais. E muitos deles remetem à ideia do demônio. É uma palavra muito antiga, e um velho conceito que herdamos dos gregos. Em resumo, um demônio é um espírito sobrenatural que causa problemas. A raiz da palavra, *daiomai*, significa “cortar ou dividir”.

Em muitos sentidos, um demônio é uma versão antiga de uma desculpa. Se seu cavalo se assustou enquanto você o cavalgava, provavelmente você atribui a culpa a um demônio. A antiga civilização minoica, na ilha de Creta, Grécia, acreditava neles, e no tempo do poeta grego Homero as pessoas os culpavam por suas doenças.

O demônio, em muitos sentidos, era o destino. Se acontecia com você, havia uma razão; provavelmente, a culpa era de uma dessas coisinhas. Ao longo da história e das culturas, o demônio teve vários nomes. O folclore árabe tem o *jinn*. Romanos falavam de um acompanhante pessoal conhecido como *genius*. No Japão, existem histórias do *kami*, e culturas germânicas mencionam o *fylgja*. As histórias e os nomes podem ser exclusivos de cada cultura, mas a essência de todas elas é a mesma; alguma coisa está interferindo na humanidade, e não gostamos dela.

Para a maior parte do mundo de língua inglesa, a criatura desse tipo mais comum no folclore, de longe, é o *goblin*. Não é uma palavra antiga; deve ter tido sua origem na Idade Média. No entanto, é uma palavra que ocupa o centro e a frente de nossos pensamentos. E desde o início essa é uma criatura associada ao mau comportamento.

Uma lenda do século X fala sobre como o primeiro bispo católico de Évreux, na França, enfrentou um demônio conhecido pelos locais como Gobelinus. Por que esse nome, porém, é difícil saber. A melhor teoria é mais ou menos assim: há um mito grego sobre uma criatura chamada *kobalos* que adorava enganar e assustar as pessoas. Essa história influenciou outras culturas antes de o cristianismo se espalhar pela Europa, criando a ideia do *kobold* na antiga Alemanha. Essa palavra era, provavelmente, a raiz da palavra “goblin”. *Kobold, gobold, gobelin* — você praticamente escuta a evolução.

Em alemão, a raiz de *kobold* é *kobe*, que significa “embaixo da terra” ou “cavidade em uma pedra”. Temos a palavra inglesa *cove*, ou “enseada”, derivando da mesma raiz. E assim, naturalmente, *kobolds* e suas contrapartes inglesas, os goblins, vivem em cavernas subterrâneas. Se isso faz você pensar nos anões da literatura de fantasia, está mais perto do que você pensa.

A aparência física dos goblins no folclore varia muito, mas a descrição comum é de criaturas parecidas com anões. Eles causam problemas, roubam, quebram coisas e dificultam a vida dos humanos de maneira geral. Por causa disso, na Europa se colocam esculturas de goblins nas casas para espantar as criaturas reais.

Na verdade, isso é muito louco: aldrabas medievais para portas eram entalhadas a fim de se parecer com o rosto de demônios e goblins. E deve ser só coincidência, mas, no folclore galês, os goblins são chamados de *coblyn*, ou, mais comumente, *knockers*, isto é, que batem à porta.

O que eu quero dizer é: durante milhares de anos, as pessoas desconfiaram de que seus infortúnios podiam ser culpa de criaturas pequenas e intronéticas. Tinham medo delas, contavam histórias sobre elas e faziam de tudo para proteger seus lares dessas criaturas. Mas, durante todo esse tempo, essas histórias não pareciam ser mais que isso.

No começo do século XX, porém, as pessoas começaram a relatar aparições. E não eram quaisquer pessoas. Tais aparições foram documentadas por pilotos militares treinados e respeitados.

EM CIMA E EMBAIXO

Quando os irmãos Wright fizeram seu primeiro voo controlado, em dezembro de 1903, aquilo pareceu uma revelação. É difícil imaginar hoje em dia, mas houve um tempo em que voar não contava como meio de transporte. Naquele dia, quando Wilbur passou três segundos no ar, ele e seu irmão Orville fizeram mais uma coisa: mudaram nossa maneira de pensar sobre nosso mundo.

E por mais que os humanos tenham demorado a criar e a aperfeiçoar a arte do voo mecânico e controlável, quando o primeiro passo foi dado, a corrida para o futuro nunca mais parou. Em apenas nove anos, alguém conseguiu instalar uma metralhadora em um desses aviões primitivos. Por causa disso, quando a Primeira Guerra eclodiu, dois anos mais tarde, o combate militar tinha um novo elemento.

É claro, as metralhadoras não eram as únicas armas que um avião podia usar. O primeiro aeroplano abatido em combate foi uma aeronave austríaca atropelada por um piloto russo. Os dois pilotos morreram depois de caírem. Não foi o método mais eficiente de combate aéreo, mas foi um começo. Claramente, passamos essas muitas décadas depois do episódio aperfeiçoando o método.

Infelizmente, porém, os motivos para desastres de combate vão além de balas de metralhadora e pilotos suicidas. Uma das mais singulares e misteriosas dessas causas apareceu pela primeira vez em um jornal britânico. Em um artigo do começo do século XX, relatava-se que em 1918

a recém-constituída Royal Air Force [...] [parecia] ter detectado a existência de uma horda de espíritos misteriosos e maléficos cujo único propósito na vida era [...] causar tantos problemas inexplicáveis quanto forem possíveis para, em tempos como os atuais, perturbar a vida de um aeronauta.

A descrição não fornecia um nome, mas isso viria em breve. Alguns especialistas acreditam que podemos encontrar as raízes da palavra *gremlin* no *germ* do inglês antigo, que significa “vexar” ou “aborrecer”. Combina com o comportamento das tais criaturas.

Antes de seguirmos em frente, porém, pode ser útil dar atenção às nossas lembranças do clássico do cinema de 1984 que recebeu o mesmo nome. Eu cresci na década de 1980, e *Gremlins* foi um presente fantástico para minha mente jovem que adorava filmes de horror. Mas a verdade da lenda tem pouca semelhança com a versão a que assistimos na telona.

Os gremlins do folclore, pelo menos nas histórias que saíram do começo do século XX, descreviam o demônio antigo e arquetípico, mas com uma modificação. Sim, eles eram pequenos, tinham entre quinze e noventa centímetros de altura. E, sim, podiam aparecer e desaparecer quando quisessem, causando problemas e estragos por onde passassem. Mas, além disso, essas versões modernas do lendário goblin pareciam ter um conhecimento sobrenatural da moderna tecnologia humana.

Em 1923, um piloto britânico sobrevoava o mar aberto quando seu motor parou de funcionar. Ele sobreviveu milagrosamente à queda no oceano, e foi resgatado pouco tempo depois de cair. A bordo do barco que o resgatou, o piloto logo explicou o que havia acontecido. Pequenas criaturas, disse, haviam aparecido no avião. Se tinham surgido do nada ou se escondido a bordo antes da decolagem, o piloto não sabia dizer. Mas elas estavam lá, e começaram a interferir no motor e nos controles do avião. Sem força ou controle, a aeronave caiu no mar.

Esses relatos não eram frequentes nos anos 1920, porém, com o começo da Segunda Guerra Mundial e o número de aviões no céu crescendo exponencialmente, mais e mais histórias surgiram sobre criaturas pequenas e causadoras de problemas, que pareciam ter uma capacidade quase sobrenatural de embarcar em um avião em movimento e, uma vez lá dentro, danificá-lo e provocar acidentes. Em alguns casos, eram vistos inclusive dentro dos aviões, entre a tripulação ou a carga.

Como vimos muitas vezes antes, histórias têm uma tendência de se espalhar como doença. Às vezes porque existe nelas alguma verdade, mas com frequência é por causa do medo. O problema está em determinar onde estabelecer o limite. E esse limite continuou se movendo com as aparições sendo relatadas fora das fileiras britânicas. Pilotos do lado alemão também disseram ter visto criaturas durante os voos, como alguns na Índia, em Malta e no Oriente Médio.

Algumas pessoas podem atribuir esses relatos a alucinações, ou ao consumo de bebida alcoólica antes dos voos. São muitas as histórias de pilotos da Segunda Guerra que entraram na cabine do avião depois de uma noite de “namoro com a garrafa”. E quem pode criticá-los? Em muitos casos, esses pilotos tinham 20% de chance de não voltar vivos.

Mas são muitos relatos para que se possa atribuir *todos* eles à bebida ou a algum delírio. Algo incomum estava acontecendo com os aviões na guerra. E, com o folclore como lente, alguns relatos são de arrepiar.

INVASORES

Em 2014, um homem de 92 anos de idade, veterano da Segunda Guerra e natural de Jonesboro, Arkansas, decidiu contar uma história que guardara por sete décadas. Durante a guerra, ele havia pilotado um B-17, uma das lendárias “Fortalezas Voadoras” que ajudaram os Aliados a realizar missões bem-sucedidas sobre território nazista. E foi em uma dessas missões que esse homem viveu algo que não conseguia explicar.

O piloto, que preferiu se identificar com as iniciais L.W., tinha 22 anos em 1944 e era comandante de voo a bordo de um B-17. Foi numa missão de combate nessa época que algo muito estranho aconteceu. Ele descreveu como o avião começou a fazer barulhos estranhos ao levá-lo para uma altitude mais elevada. Isso não era completamente inesperado, já que o B-17 era uma nave enorme que podia, às vezes, ter a fuselagem sacudida por turbulência. Mesmo assim, ele verificou o painel de instrumentos por força do hábito.

De acordo com seu relato, os instrumentos pareciam estar quebrados, confusos. Procurando uma resposta para o mistério, ele olhou pela janela do lado direito e ficou paralisado. Lá fora da janela da cabine de comando era possível ver o rosto de uma pequena criatura. O piloto a descreveu como tendo noventa centímetros de altura, olhos vermelhos, dentes afiados e careca. As orelhas, falou, eram como as de corujas, e a pele era cinza.

Ele olhou para a frente e notou uma segunda criatura, que se movia pelo nariz da aeronave. O piloto disse que ela dançava e batucava o corpo de metal do avião. Ele deduziu imediatamente que estava alucinando. Consigo imaginar o homem piscando várias vezes e esfregando os olhos, como em um desenho animado. Mas, de acordo com o que contou, ele estava alerta e atento como sempre.

O que quer que fosse aquilo que via do lado de fora do avião, ele disse que conseguiu derrubá-los com “peripécias de voo”, expressão dele, não minha. Porém, se as criaturas sumiram, a lembrança delas o assombrou pelo resto da vida. Ele só contou essa história a uma pessoa, um atirador em outro B-17; em vez de rir dele, no entanto, esse amigo declarou que também tinha visto criaturas semelhantes durante um voo no dia anterior.

Anos antes, no verão de 1939, houve um relato de outro encontro desse tipo, dessa vez no Pacífico. De acordo com a história, um avião de transporte decolou da base aérea em San Diego, no meio da tarde, a caminho do Havaí. A aeronave levava treze fuzileiros navais, uma mistura de tripulantes e passageiros.

Mais ou menos na metade do voo, ainda sobre a vasta área azul do Pacífico, o avião emitiu um sinal de alerta. Depois disso o sinal parou, como todas as outras formas de comunicação. Era como se o avião tivesse silenciado e depois sumido — o que tornou ainda mais surpreendente sua reaparição, mais tarde, do lado de fora da pista de pouso de San Diego, e preparado para aterrissar.

Mas a aterrissagem não ia bem. O avião se aproximava depressa demais. Bateu na pista de um jeito brusco, fortuito, e finalmente teve uma drástica parada de emergência. A tripulação de terra entendeu imediatamente por quê. O exterior da aeronave estava muito danificado. Alguns disseram que era como se bombas tivessem rasgado a fuselagem da nave. A aterrissagem foi um milagre.

Como ninguém saía do avião, os tripulantes de terra abriram a porta e entraram, e lá dentro encontraram uma cena de horror e caos. Havia corpos por todos os lados. Todos pareciam ter sofrido o mesmo tipo de ferimento: cortes grandes e horríveis, e ferimentos que pareciam ter sido causados por alguma espécie de animal selvagem.

Além disso, havia no interior da aeronave um cheiro horrível de enxofre e sangue. Para complicar a situação, cápsulas vazias foram encontradas dentro da cabine. As pistolas responsáveis pelos disparos pertenciam ao piloto e ao copiloto, e estavam caídas aos pés deles, sem munição.

Doze homens foram encontrados mortos, mas havia um décimo terceiro. O copiloto conseguira se manter consciente, apesar de ferido com gravidade, tempo suficiente para pousar o avião na base. Foi encontrado inconsciente, no entanto, apesar de vivo, e logo foi removido para receber atendimento médico de emergência. O homem acabou morrendo pouco tempo depois. Não teve a chance de contar o que acontecera.

ALÉM DO INACREDITÁVEL

Histórias sobre gremlins circulam há décadas desde então, mas hoje são mencionadas mais como uma Lei de Murphy personalizada, tratada como divertida superstição pelos pilotos modernos. Tenho a sensação de que a persistência do folclore se deve mais ao seu lugar de hábito cultural do que a qualquer outra coisa.

Acho que podemos nos perguntar por quê. Por que as aparições cessaram depois da Segunda Guerra? Alguns acham que é por causa dos avanços da tecnologia na aviação — estruturas mais fortes,

voos mais rápidos e altitudes mais elevadas. A presunção é que talvez os gremlins pudessem se agarrar a aviões mais antigos, mas os mais novos são tão velozes que impossibilitam a façanha.

A outra resposta pode ser simplesmente que o mundo superou essas histórias infantis sobre pequenas criaturas. Agora estamos além do *inacreditável*. Amadurecemos. Sabemos muito mais do que sabíamos antes, afinal; e, para nossa mentalidade totalmente moderna, essas histórias de gremlins são só fantasia.

Seja qual for a explicação que você escolher, é importante lembrar que muita gente, pessoas idôneas, acreditaram com toda a força de seu ser que os gremlins são criaturas factuais, reais. Em 1927, um piloto sobrevoava o Atlântico em um avião que, pelos padrões atuais, seria considerado primitivo. Ele estava sozinho e voando havia muito tempo, mas se assustou ao descobrir que criaturas compartilhavam a cabine com ele.

Ele as descreveu como seres pequenos e vaporosos, com uma aparência estranha, sobrenatural. O piloto disse que falavam com ele e o mantiveram alerta em um momento de extremo cansaço, quando já havia ultrapassado o limite da exaustão. Elas o ajudaram na navegação durante a viagem, e até ajustaram alguns equipamentos.

Um raro testemunho de gremlins benevolentes, não intrometidos e hostis. Mesmo assim, esse piloto ficou preocupado com o que o público poderia pensar sobre sua experiência, e guardou segredo por mais de vinte e cinco anos.

Em 1953, esse piloto incluiu a experiência em um livro de memórias de seus voos. Foi uma jornada histórica, afinal, e registrá-la adequadamente requeria honestidade e transparência. O livro recebeu o título de *The Spirit of St. Louis*. E o homem era mais que um simples piloto. Ele era um militar, explorador, inventor e, além de tudo isso, um herói nacional por causa de seu bem-sucedido voo de Nova York a Paris. O primeiro homem a realizar essa façanha, na verdade.

Esse homem era Charles Lindbergh.





TRUQUES

Na encosta norte de uma colina no sul da Inglaterra, perto do vilarejo de Woolstone, há um artefato de outros tempos. É um desenho de um cavalo enorme, feito há pelo menos 3 mil anos. Graças ao giz branco que preenche toda a obra de arte, que tem mais de cem metros de comprimento, ele é conhecido há séculos como o Cavalo Branco de Uffington.

Em abril de 2017, o National Trust no sul da Inglaterra anunciou que tinha feito uma interessante descoberta na colina — um segundo desenho de giz quase tão grande quanto aquele, descrevendo outro animal regional: o pato.

Eu adoro Uffington. Estive lá duas vezes na última década, e esse é um dos meus lugares favoritos em toda a Inglaterra. Por isso me senti compelido a ler o artigo inteiro, e fiquei surpreso com o que encontrei. Embora o artigo e o vídeo que o acompanha tenham sido publicados em 31 de março, eles foram divulgados na mídia social no dia seguinte: 1º de abril.

O pato foi uma piada de Primeiro de Abril. Admito, fiquei aliviado. O Cavalo Branco é especial, afinal, mas todos os anos, no dia 1º de abril, inúmeras piadas circulam em nível local e nacional, e pelo mundo todo, brincando com nossas expectativas e presunções. O Google pode ser o maior culpado dos últimos anos, gastando milhões de dólares para criar vídeos de produtos falsos, elaborar protótipos e websites completos.

Mas isso não é novidade. Os humanos sempre foram enganados com facilidade por truques, propensos a acreditar neles. A mitologia antiga é repleta de personagens conhecidos como enganadores, e a mídia moderna acrescentou uma coleção de novos nomes a essa lista: o Coringa, arqui-inimigo de Batman, Q da série *Star Trek*, e até Pernalonga e Bart Simpson. E adoramos todos eles por causa disso.

Mas nem sempre é só brincadeira e diversão. Muitas lendas envolvendo esses enganadores são mais sombrias que os filmes e desenhos animados modernos. Na verdade, algumas são bem mais assustadoras do que se pode pensar.

FORMAS MUTANTES

Se você chegou a menos de dez metros de um filme com inspiração em quadrinhos na última década, provavelmente já esteve exposto a uma série de modernos desdobramentos de uma ideia muito antiga. Na verdade, quase todos os filmes da Marvel incluem um personagem extraído diretamente da mitologia antiga e trazido à vida por Tom Hiddleston: o deus nórdico Loki.

Loki dá vida brilhantemente à verdadeira definição de um enganador. Em todo o mundo e nas páginas da história, quase todos os antigos enganadores correspondem à mesma pequena lista de características. São moralmente ambíguos, oscilando entre atitudes do bem e do mal, com flexibilidade surpreendente. Têm o poder de criar e destruir. Muitas vezes são um mensageiro, trazem más notícias ou tragédias para uma comunidade. E são excelentes em pegar qualquer situação e virá-la de cabeça para baixo.

Ao escrever sobre Loki há quase novecentos anos, o poeta e historiador islandês Snorri Sturluson o descreveu assim:

um rosto bonito e claro, mas [ele] tem uma disposição maligna e humor muito variável. Superou todos os homens na arte da enganação, e ele sempre engana. Envolvia constantemente os Aesir em grandes dificuldades, e com frequência os ajudava a sair delas com astúcia.

Mas Loki não está sozinho no mundo dos enganadores. A mitologia grega tem Hermes, que foi — entre outras coisas — o deus dos ladrões. O folclore da África Ocidental tem a aranha Anansi, embora algumas histórias também falem sobre coelhos trapaceiros. Muitos estudiosos acham que essas são as raízes dos contos mais modernos do Compadre Coelho (Br'er Rabbit), uma suposição que pode muito bem ser verdadeira. O folclore, como discutimos tantas vezes antes, cresce e se adapta com o passar do tempo.

Podemos ver essa evolução no folclore europeu. Aquelas velhas ideias de enganadores que desrespeitam as regras e dificultam a vida encontram expressões renovadas em novos contos e lendas. Essas histórias são diferentes, mas também as mesmas. Porque sob toda a cobertura e a decoração cultural, cada enganador é alguém que muda de forma, seja na prática, seja apenas metaforicamente. Enganadores se adaptam, se adéquam e mudam. Às vezes, são eles que fazem a transformação, mas muitas vezes o que é reinventado é o *status quo*. Se existe uma regra — social, moral ou legal —, o enganador está lá para ludibriá-la ou desrespeitá-la.

Na Europa, o conceito de um único deus enganador transformou-se na ideia de criaturas enganadoras, no plural. Seus detalhes variam de um lugar para outro, mas a maioria dos nomes agora é tão familiar para nós quanto Loki. Leprechauns, brownies, hobgoblins, pooka, duendes, gnomos... Cada nome evoca uma imagem única em sua mente, tenho certeza, porém, durante séculos, todas foram apenas expressões múltiplas do mesmo arquétipo do enganador.

Essas criaturas também são unidas por alguns traços físicos comuns. Claro, criam problemas e são moralmente fluidos, mas também são descritos quase universalmente como pequenos seres humanoides. Anões, duendes, pequeninos homens e mulheres, pequenos o bastante para passar despercebidos ou ser invisíveis para os humanos, mas suficientemente grandes para se meter em confusão.

Leprechauns são um ótimo exemplo. Seu nome significa “corpo pequeno”, e embora não seja uma característica das noções mais antigas de enganadores, certamente se alinha à maioria das interpretações modernas. E, claro, são moralmente indefinidos. Um estudioso os descreve como “não totalmente bons nem completamente maus”.

Em segundo lugar, as criaturas enganadoras costumavam ser descritas como vermelhas ou pretas. Algumas histórias dizem que é uma cor de pele, outras dizem que é pelo, mas as razões por trás das cores se relacionavam com superstições sobre poderes do mal. Por muito tempo, preto e vermelho foram consideradas cores ruins; se você quisesse descrever algo que era mau, claro que a coisa era preta ou vermelha, ou as duas cores.

No folclore celta temos o *pooka*, considerado um perigoso portador de má sorte. Eu os mencionei antes, mas, além de pequenos, geralmente também são descritos como cobertos de pelo preto. Ah, e eles mudam de forma, muitas vezes transformando-se em cavalos negros, uma informação que vou pedir para você guardar para referência posterior.

Existem muitas outras variantes culturais, mas quero mencionar apenas mais uma: o *lutin*. Essa é uma versão claramente francesa. Como os outros, é considerado uma pessoa pequena — tipicamente do sexo masculino —, propensa a uma trapaça ou enganação. E, como o *pooka*, pode se transformar em animais.

Mas o *lutin* é o único que gosta de assumir a forma de um gato preto, algo mais que muita gente associa a um elemento de poder em várias superstições. E, por isso, muitas vezes é visto como companheiro de bruxas e feiticeiras, capaz de amaldiçoar quem cruza seu caminho. Sabe de uma coisa? Guarda essa informação também, ok?

A ideia de enganadores minúsculos está claramente inserida no folclore europeu. Aparecem em todos os lugares, desde as obras de Shakespeare até as histórias de Harry Potter, e em tudo mais entre um e outro. Todos são pequenos, moralmente ambíguos, e precisam ser apaziguados para evitar consequências negativas.

O que é verdadeiramente fascinante no folclore, porém, é como ele é portátil. Você pode tirar uma pessoa de sua cultura, mas é muito mais difícil tirar essa cultura dela. Não é surpreendente, portanto, que, ao começar a se instalar no Novo Mundo, os europeus tenham levado suas superstições e crenças.

Muitas dessas histórias pretendiam ser divertidas. Eram histórias benignas e inofensivas sobre moralidade. Porém, há três séculos, um assentamento passou por algo que lançou uma nova luz sobre o significado e o poder da mitologia do enganador.

E o que isso revelou foi mais que assustador.

AVISO PRÉVIO

Antoine Laumet viveu o progresso meteórico estereotipado com que todos sonhamos. Ele chegou ao Novo Mundo em uma época em que a Nova França prolongava o comprimento total do rio Mississippi, desde onde é hoje o Canadá até a Louisiana, ao sul. No início, Antoine não era mais do que um caçador e mercador de peles, um explorador. Andou milhares de quilômetros, passou muitas noites no frio e não possuía nada além do que conseguia carregar consigo.

Confiável e inteligente, sua compreensão dos territórios franceses no Novo Mundo era brilhante. Essa habilidade não passou despercebida, chamando atenção não só do governador da Nova França, mas mesmo do próprio rei, Luís XIV. Foi por isso que, em 1694, aos 36 anos, Laumet se viu no comando das tropas francesas no Fort de Buade, onde é agora o norte de Michigan.

Naquela época, ele havia concedido a si mesmo um novo título e era conhecido como Antoine Laumet de la Mothe, sieur de Cadillac. (Mas como leva uns quinze minutos para pronunciar tudo isso,

vamos usar só Antoine, ok?) Antoine estava prestes a receber um impulso significativo para sua reputação e poder — uma jornada em que precisamos acompanhá-lo.

Em 1701, Antoine obteve permissão para estabelecer um novo forte cerca de quinhentos quilômetros ao sul, em uma faixa de terra localizada em um canal estreito que ligava os lagos Erie e St. Clair. O ministro colonial lhe concedeu quarenta quilômetros quadrados nessa área para a construção do forte e o assentamento a seu redor, e ele estava ansioso para começar.

Em 10 de março daquele ano, o governador da Nova França realizou uma homenagem para Antoine, a fim de parabenizá-lo por sua nova missão e título. O salão estava cheio de pessoas de grande poder e elevada posição social. Havia comida e bebida, cristal e prata, e mais cerimônia que a maioria das pessoas vai viver nos tempos modernos. No centro de tudo, Antoine.

Horas depois do início da comemoração, uma porta no fundo do salão se abriu e uma velha entrou. Ela não usava as melhores roupas. Não ostentava um título que a equiparasse aos outros convidados. Na verdade, ela era — aos olhos daquelas pessoas, pelo menos — insignificante. Mas andava com mais autoridade e pose do que qualquer um deles poderia ter exibido.

Quando ela se aproximou, ficou claro que não estava sozinha. Sobre seu ombro havia alguma coisa escura. Era um gato, um gato preto. Ela disse que seu nome era Mãe Minique, e que estava ali para ler o futuro daquela gente. Os homens, bêbados, alegres e despidos de bom senso, aceitaram a oferta e, quase imediatamente, estenderam-lhe as mãos, esperando a leitura da sorte.

Ela se sentou à mesa e, mão após mão, foi descrevendo com muitos detalhes o passado de cada pessoa que tocava. Toda vez que fazia uma pausa para examinar uma nova mão, o gato em seu ombro se inclinava em direção à sua cabeça. Alguns achavam que era para lambar sua orelha, mas outros juravam que cochichava coisas para ela.

Finalmente, a mulher chegou perto de Antoine. Porém, antes que pudesse falar, ele balançou a cabeça. “Veja o que pode me dizer sobre o futuro”, disse ele. “O passado não me interessa”. A mulher assentiu e pegou uma tigelinha de metal e um frasco com um espesso líquido prateado, quase como mercúrio. Derramou o líquido na tigela, segurou novamente a mão de Antoine e começou a falar.

“Seu futuro é estranho. Em breve você fará uma jornada perigosa e encontrará uma cidade maravilhosa. Algum dia, essa cidade abrigará mais gente que toda a Nova França agora”. Antoine assentiu em sinal de aprovação e pediu a ela para continuar, e a mulher concordou... relutantemente.

“Seu futuro também é sombrio”, continuou ela. “É nebuloso, e sua estrela é difícil de ver. Suas políticas causarão problemas e trarão sua ruína. A cidade por você encontrada se tornará território de guerra e derramamento de sangue. Os ingleses tentarão se apossar dela. E então, um dia, daqui a muitos anos, finalmente ela prosperará sob uma bandeira que nunca vimos antes”. E a velha deu um último aviso: “Seu nome será esquecido, inclusive na própria cidade que você terá fundado. Saiba, no entanto, que você pode mudar tudo isso. As decisões sobre seu futuro são suas. Lembre-se apenas de não ofender a única coisa que tem poder para acabar com isso”.

A mulher fez uma pausa, e todos no salão pareciam acompanhá-la, prendendo a respiração para ouvir exatamente o que era aquilo que tinha a capacidade de destruir a vida de um homem tão poderoso. Quando ela falou novamente, sua voz era quase um sussurro.

“O que quer que faça, não ofenda o *nain rouge*”.

AMEAÇA NÍVEL VERMELHO

Embora as palavras sejam do idioma francês, não há registro na Europa de uma criatura com o nome de *nain rouge*, o Anão Vermelho. Parece ser um conto puramente norte-americano, embora possamos dizer que os elementos centrais da lenda peguem emprestado muito do folclore europeu: anão, vermelho, se aborrece com facilidade. Mas calma aí — acho que estou me adiantando.

Vamos dizer apenas que, a essa altura, Antoine vivera no território da Nova França por muito tempo, como os outros que estavam no salão naquela noite. E nenhum deles estranhou o nome dito pela bruxa. Evidentemente o conheciam bem, embora como ou por que ainda seja um mistério.

Ainda que alguns sentissem o peso da importância da menção ao *nain rouge*, Antoine parecia inabalável. Ele estava confiante no futuro e continuou com os preparativos para a viagem ao sul. Afinal, tinha uma ótima cidade para descobrir. É difícil resistir à atração do destino quando é tão doce e brilhante, como o canto de uma sereia.

Sua expedição partiu no começo de junho de 1701 e chegou ao destino cerca de seis semanas depois, em 24 de julho. O lugar foi batizado de Forte Pontchartrain, em homenagem ao estadista francês. E as coisas decolaram imediatamente. Uma parceria amigável foi estabelecida com as tribos nativas da região e começaram a trabalhar na construção de tudo o que um posto militar avançado do século XVIII precisava: uma paliçada alta, cercando o território, um depósito, uma igreja e, é claro, a própria estrutura do forte.

Depois disso, a vida seguiu por vários anos em um período maravilhoso de crescimento e prosperidade. A comunidade aumentava, assim como a reputação de Antoine. Ele recebeu da coroa uma grande área de terra, e logo construiu ali uma casa.

Em maio de 1707, a comunidade realizou sua festa anual em torno do mastro. E foi naquela noite que Antoine teve um encontro estranho e assustador. Ele e a esposa voltavam da comemoração para sua nova casa e conversavam sobre sua boa sorte e o futuro brilhante, quando dois outros moradores passaram por eles conversando. Antoine e sua esposa ouviram do que se tratava: basicamente, reclamavam da riqueza e da posição de Antoine e de outros, com suas belas pratas e roupas bonitas.

Um dos desconhecidos disse ao outro que sua esposa tinha visto recentemente “o homenzinho vermelho”. Quando ele ia dizer mais alguma coisa, os dois homens se afastaram e as palavras foram levadas pelo vento. Mas a esposa de Antoine tinha ouvido o suficiente, e apontou para o marido.

“O *nain rouge*, o aviso da bruxa”, disse ela. Mas ele encolheu os ombros. Era bobagem. Superstição. Nada com que se preocupar. Era inútil perder tempo discutindo. E eles continuaram andando.

E foi então que uma criatura pequena saiu da escuridão e surgiu no meio do caminho. Como foi descrito mais tarde, essa criatura era um anão de rosto vermelho e olhos cintilantes. Quando os viu, a criatura exibiu um sorriso cruel de dentes afiados, parecidos com os de animais.

A esposa de Antoine recuou e gritou, amedrontada. Seu marido, no entanto, avançou. Ele bateu na criatura com a bengala e acertou sua cabeça. “Saia do caminho, seu diabinho!” Quando a bengala atingiu o crânio da criatura, ela desapareceu. Mesmo assim, o eco estridente de sua risada ainda podia ser ouvido na escuridão. A esposa de Antoine, ainda tremendo de espanto com tudo aquilo, virou-se para o marido e lembrou do aviso da bruxa.

“Você o ofendeu”, disse ela. “Devia agradá-lo, mas agora o irritou. Seu futuro — nosso futuro — está em risco”. Antoine deu de ombros novamente.

Alguns dias mais tarde, depois de visitar Montreal, ele foi preso, resultado de uma manobra secreta de seus inimigos políticos, e rapidamente julgado. Posteriormente, foi forçado a vender sua terra para o

novo assentamento. O resto de sua vida foi uma série de fracassos, e sua esposa nunca esqueceu o motivo: Antoine se atreveu a irritar o *nain rouge*.

Queria poder dizer que a maldição acabou por aí, mas não seria verdade. Pelo contrário, parece ter se agravado com o passar dos anos. Em 1763, muito depois de Antoine e seus contemporâneos terem morrido, houve uma batalha perto do forte, que nesse ponto estava sob comando britânico. Um grupo de tribos indígenas norte-americanas, unidas sob um líder chamado Pontiac, reuniu-se para sitiá-lo, mantendo os britânicos presos lá dentro por meses.

Em 31 de julho, 250 soldados britânicos tentaram atacar o acampamento de Pontiac, mas fracassaram terrivelmente. Hoje ela é conhecida como Battle of Bloody Run, e está ligada a uma lenda interessante: várias testemunhas oculares afirmaram que, depois do fim do embate, um homenzinho vermelho foi visto dançando nas margens do rio. Ele ria enquanto andava por cima das pilhas de cadáveres.

Quarenta e dois anos depois, em 1805, mais uma tragédia atingiu a comunidade. No dia 11 de junho, houve um incêndio no prédio de um padeiro local, John Harvey. Em algumas horas, toda a cidade ardia em chamas e queimou até o chão. Dizem que tudo que se podia ver depois era uma floresta de chaminés onde antes estavam os prédios.

Grandes incêndios eram comuns naqueles dias, especialmente em cidades construídas quase completamente com madeira. Mas o que distinguiu esse fogo dos outros foram os vários relatos de algo incrivelmente estranho nos dias que antecederam o incêndio. Algo que, sem contexto, pode não ter sentido.

As pessoas diziam ter visto um anão vermelho.

SÍMBOLOS E DICAS

Todos nós temos planos. Temos expectativas e esperanças, e uma imagem mental de como algo deveria acontecer. Enganadores existem para destruir esses planos. São dispositivos para explicar por que as coisas nem sempre acontecem como queremos — por que planos não dão certo ou a tragédia assola uma comunidade.

Se as coisas tivessem acontecido de acordo com os planos de Antoine, a cidade que ele fundou teria seu nome até hoje, Cadillac. Em vez disso, ele caiu em desgraça, e o assentamento recebeu um nome diferente — a palavra genérica francesa para um estreito: Detroit.

Claro, ele não foi completamente esquecido, porém. William Murphy e Henry Leland criaram sua empresa automotiva em 1902, e procuraram um nome local para dar um pouco de classe à marca. O nome escolhido foi Cadillac, e durante muito tempo usaram o brasão de Antoine como emblema de sua empresa.

É fácil atribuir tudo isso ao poder do folclore, dizer que essa lenda era simplesmente parte das superstições dos colonos franceses que se encontravam longe de casa em um território desconhecido. Todo imigrante traz histórias em sua jornada, então por que isso deveria ser diferente? Mas, como eu disse antes, não há menção no folclore europeu a uma criatura chamada *nain rouge*.

No entanto, a história é muito detalhada e claramente enraizada em alguma coisa. Portanto, não deveria ser surpreendente que as tribos da região do que hoje é Michigan e o sul de Ontário tivessem as próprias histórias sobre um deus enganador chamado Nanabush, descrito como um ser vermelho,

pequeno e capaz de assumir várias outras formas. E eu não estaria fazendo o meu trabalho se não comentasse que o nome Nanabush tem um som parecido com *nain rouge*.

Porém, Detroit não esqueceu o pequeno enganador vermelho. Na verdade, hoje ele é mais popular do que nunca. Se você viajar pela cidade, vai encontrar uma cerveja local chamada Nain Rouge. Há também um vinho lançado há alguns anos. É um vinho tinto, obviamente.

E tem a parada que começou em 2010. Todos os anos, milhares de pessoas se fantasiam e marcham pela cidade. No fim do trajeto, elas destroem uma grande efígie do *nain rouge* como um meio de banir o mal da cidade por mais um ano. Mas atacá-lo talvez não seja a melhor das ideias. O tempo vai dizer.

Um último comentário: em março de 1976, uma grande tempestade atingiu Detroit. Vários centímetros de gelo cobriam as árvores e os cabos de energia elétrica, partindo galhos e deixando a cidade inteira sem luz. Até um tornado foi visto ao norte da cidade. Foi uma dessas tempestades tão devastadoras e poderosas que, mesmo depois de quarenta anos, as pessoas ainda falam sobre ela com um pouco de espanto.

No dia anterior à chegada da tempestade, dois funcionários de uma concessionária de energia elétrica estavam inspecionando uma linha quando viram algo estranho. Alguma coisa escalava um dos postes próximos, e parecia ser uma criança, o que não era bom.

Eles então gritaram e correram em direção ao poste, para ajudar a criança a descer. Enquanto corriam, a criaturinha chegou ao topo e ficou em pé sobre a extremidade do poste. Um momento depois, saltou no ar e desapareceu, mas não antes de os trabalhadores poderem enxergá-la melhor.

Não era uma criança, mas um homenzinho barbado.







o mundo de

LORE



CRATURAS
ESTRANHAS



• CAPÍTULO 3 •

DE VOLTA
À NATUREZA
SELVAGEM







ÁRVORES E SOMBRAS

Algumas coisas que vemos não são o que parecem ser. Heather Bowey e suas primas aprenderam essa lição em 1989. Heather tinha 11 anos na época e, de acordo com sua mãe, Karen, aquele era um dia radiante de inverno. O tipo de dia em que o Sol é refletido pela neve, e que sempre faz objetos escuros como casas e árvores se destacarem.

Heather e as primas estavam caminhando por uma estradinha rural que ligava sua cidade à seguinte, quando viram um cachorro sentado em um riacho perto da estrada. Bem, “riacho” pode ser um termo muito forte. Era apenas um escoamento, daqueles que correm embaixo das estradas naqueles canos grandes de metal, sabe? Era uma vala de drenagem, basicamente.

Mas crianças adoram cachorros, e Heather e as outras se afastaram da estrada e andaram pela neve para se aproximar do animal. Deduziram que era um animal de estimação que tinha se afastado de casa, e planejavam olhar a coleira para ver o que poderiam fazer. Porém, mesmo de longe, ele parecia um pouco estranho. Para ser mais específico, era muito grande para ser um cachorro.

As crianças deram mais um passo na direção do cão e pararam. Pararam porque o cão se virou e olhou para elas. E, ao se virar, fez algo que ninguém esperava: ele se levantou nas pernas traseiras, como um ser humano. Obviamente amedrontadas, as garotas correram para casa o mais depressa possível.

Os seres humanos sempre tiveram uma conexão com os animais. Vivemos com eles em nossas casas. Dependemos deles para ter comida e recursos. Nós nos identificamos com eles, às vezes até os tratamos mais como pessoas do que como animais. Falamos com eles, damos nomes e projetamos neles personalidades humanas. Durante milhares de anos, nós os tratamos como se fossem mais do que animais. Mas, claro, isso é só nossa imaginação.

Se acreditarmos nas histórias, porém, talvez isso seja mais verdadeiro do que imaginávamos. Como eu disse anteriormente, algumas coisas não são o que parecem ser. Às vezes, são piores.

UMA VISÃO DE MUNDO

Nossa conexão com os animais é quase tão antiga quanto a própria humanidade. Quase sempre os tratamos como parte importante do mundo que nos rodeia, embora diferentes culturas tenham

expressado essa importância de maneiras diversas. O ponto em comum, porém, é que os animais sempre nos ajudaram a entender melhor o nosso mundo.

Algumas culturas os reverenciaram como deuses. Outras os viram como sacrifícios valiosos para oferecer às divindades que quisessem agradar. Em várias culturas, os animais eram nossos companheiros na vida diária; em outras, eles viajavam com os mortos para o pós-vida.

Basta pensar no que sabemos da cultura do antigo Egito. Havia cultos inteiros construídos em torno de animais específicos, como touros e gatos. Seus mortos eram frequentemente enterrados ao lado de animais de importância pessoal ou espiritual. E muitos deuses e deusas egípcios foram representados por meio de simples simbolismo animal. Anúbis, por exemplo, era parte homem e parte chacal. Sekhmet era uma mulher com cabeça de leão.

Há milhares de anos, antigos ensinamentos hindus exigem um profundo respeito pelos animais que nos rodeiam. Na China, as filosofias antigas do confucionismo e do taoismo enfatizam a mesma coisa. Para os hindus, esse respeito se baseia na ideia da reencarnação. Para os chineses, está mais enraizado em responsabilidade moral.

Mas o resultado é o mesmo. Os animais são e sempre foram importantes para nós.

E, sim, eu sei que as culturas antigas concentraram muito de sua religião e prática no Sol, na Lua e nas estrelas, mas muitas vezes emolduraram esses sistemas complexos com uma linguagem simples relacionada aos animais. É por isso que tantas culturas têm seu próprio sistema zodiacal, nos quais as principais constelações são representadas por animais. A raiz grega da palavra “zodíaco”, por sinal, significa “círculo de pequenos animais”.

(Um comentário à parte: a palavra egípcia antiga para “gato” era *myw*, que soa muito como o ruído que os gatos realmente fazem. E este clássico e estereotipado nome de cachorro, Fido? Vem da palavra latina *fidelis*, que significa “fiel e leal”.)

É fácil ver, então, como os animais nos ajudaram a entender o mundo um pouco melhor. Eles nos ajudam a encontrar coisas e nos fazem companhia em um mundo grande e selvagem. Mais significativamente, porém, eles ajudaram a nos entender dando aos humanos um sentimento de identidade e de propósito — um tema ou uma bandeira em torno da qual se reunir, de certa forma.

Às vezes, esses temas assumiam a forma de religião, como era o caso no Egito do culto ao touro. Às vezes é mais um totem, no qual uma tribo ou uma comunidade inteira constrói sua identidade em torno de um animal significativo para seu ambiente. Às vezes, faziam isso para ter um sentimento de segurança; às vezes, o animal era um símbolo de poder.

No folclore islandês, a classe guerreira nórdica conhecida como berserkers pertencia ao culto do urso. Berserker, em nórdico antigo, significava “camisa de urso”, mas também incorporava a natureza feroz e poderosa que eles queriam ter como guerreiros. Muitas vezes, eram retratados vestindo peles de urso e até cabeças de urso como capacetes. Essa é uma tradição que ainda sobrevive, por sinal. Você pode vê-la nos quepes cerimoniais militares usados por alguns funcionários em vários países europeus.

O animal tribal mais comum, no entanto, sempre foi o lobo. É um fascínio global visto em culturas do México, Estados Unidos, Canadá, Índia, Mongólia e em muitos países do Oriente Médio. Provavelmente, era assim porque os lobos representavam muitas coisas com as quais a humanidade em seus primórdios se identificava: eles se movem em matilhas, caçam seus alimentos e têm uma hierarquia social distinta. Qualquer comunidade de caçadores-coletores admiraria instantaneamente essas qualidades.

E, como os ursos, os lobos também eram vistos como guerreiros valentes e poderosos. Antigos guerreiros persas e hititas eram conhecidos por se vestir para a batalha com peles de lobo. Curiosamente, porém, também tinham fama de deixar as armas de lado e simplesmente pular em cima dos inimigos, mordendo-os feito animais. Por muito tempo, os humanos quiseram *ser* animais.

O que, é claro, deu origem a histórias nas quais isso acontecia. Animais que se tornavam pessoas, pessoas que se tornavam animais — essa é uma ideia tão poderosa que podemos encontrá-la no folclore de dezenas de culturas. O *skinwalker* nos Estados Unidos. O *nagual* da América Central. E o lobisomem em grande parte da Europa.

São histórias, é claro. Artíficos de outro tempo, quando os animais eram deuses e os seres humanos queriam desesperadamente imitar o divino. E, sim, essas histórias também abordam nossa natureza dupla, porque somos — em muitos aspectos — nada mais do que animais, certo? Mas essas parábolas têm o dom de nos distrair do enredo: há milhares de anos, as pessoas têm contado histórias de animais misteriosos.

E acontece que essas histórias podem ser mais reais do que queremos acreditar.

ATROPELADOS

Em 1989, uma mulher dirigia pela mesma estrada rural pela qual Heather Bowey e as primas haviam caminhado semanas antes, quando avistaram aquela estranha criatura. No caso de Lorianne Endrizzi, foi bem depois de o Sol se pôr. Ela estava seguindo o bom senso e se mantendo atenta à estrada para ver se havia animais selvagens. Afinal, Wisconsin tem muitos cervos, e os cervos não se entendem bem com para-brisas e para-choques.

Lorianne trabalhava como gerente em um dos bares de Elkhorn e acabara de sair de um turno muito longo e cansativo. Tudo que realmente queria fazer era chegar em casa com segurança. Porém, quando notou algo incomum, não foi na periferia da área iluminada pelos faróis do carro; estava na estrada, na frente dela.

Ver o animal com antecedência deu a ela a chance de diminuir a velocidade e desviar para evitar o choque, mas também permitiu que desse uma boa olhada na coisa. De longe, parecia ser um animal agachado no pavimento da pista oposta. A cabeça balançava suavemente num ritmo irregular. Não dava para ter certeza, mas parecia estar comendo.

Ela conta que, ao passar lentamente, viu que estava mesmo comendo. O que quer que fosse, a criatura estava debruçada sobre uma pilha de animais atropelados, arrancando grandes nacos de carne de um deles. Lorianne disse que conseguia distinguir claramente o que pareciam ser longas presas brancas saindo de um focinho cinza. As orelhas eram da mesma cor, e ela não pôde deixar de pensar que aquilo era um lobo.

O problema era que aquele lobo estava ajoelhado na estrada. Como um ser humano.

É uma história, eu sei. E as histórias que nascem no meio da noite depois de um dia cansativo de trabalho muitas vezes são cheias de falhas. Esse bem pode ser o caso aqui. Acho que todos nós tivemos momentos em que vimos coisas que não fazem sentido. Então, a história de Lorianne poderia ser só um pouco de confusão noturna, acho... Se não fosse pelas outras histórias.

Dois anos depois — na noite do Halloween, na verdade — foi a vez de Doris Gipson. Ela tinha só 18 anos na época e estava dirigindo, indo buscar uma amiga para brincar de doces e travessuras na

cidade. Como Lorianne anteriormente, ela ia pelo mesmo trecho da Bray Road, que tinha esse nome por passar pela extensão da fazenda da família Bray.

De acordo com a história que Doris mais tarde contou a um repórter local, ela desviou os olhos da estrada por um instante para mudar a estação do rádio, quando sentiu o carro dar um tranco. Era como se tivesse passado por cima de alguma coisa. Assustada com o que podia ter acontecido, ela parou o carro e desceu para dar uma olhada.

Aparentemente, Doris não era grande fã de filmes de terror. Porque qualquer pessoa que conheça alguma coisa sobre filmes de terror sabe que não se deve *nunca* sair do carro. *Nunca*.

Ainda assim, não havia nenhum arranhão no carro. O para-choque estava impecável, sem nenhum sinal de sangue, pelo ou qualquer outra coisa que pudesse sugerir um animal atropelado. E, ainda mais convincente, não havia nada na estrada. Nenhum animal morto, nenhum agricultor em sua caminhada noturna. Nem mesmo um buraco. Não havia nada que pudesse explicar o solavanco que havia sentido.

Ela estava prestes a entrar no carro, quando um movimento chamou sua atenção. Havia algo nas árvores e nas sombras ao longo da estrada. De acordo com seu relato, era uma grande silhueta que se erguia como um homem, mas parecia peluda e muito musculosa. O que, como você pode imaginar, era uma coisa bem chocante para se ver em uma estrada escura e deserta.

Então, Doris fez o que era mais sensato e correu para o carro. E, ao correr, foi perseguida pela tal coisa. Doris disse que podia ouvir os passos pesados da criatura no asfalto atrás de si e o som da respiração profunda, ofegante.

Por sorte, ela conseguiu entrar no veículo e dar a partida rapidamente. Quando estava saindo, entretanto, sentiu o carro estremecer mais uma vez. Olhou pelo espelho retrovisor, e tudo que conseguiu ver foi a silhueta escura da criatura preenchendo a janela de trás. Havia pulado sobre o porta-malas.

O que quer que fosse aquilo, contou Doris, caiu no chão quando ela arrancou com o carro, mas não estava disposta a parar de novo para dar mais uma olhada. Ela *seguir* em frente até a casa da amiga, e as duas voltaram juntas à cidade para curtir o Halloween.

Mais tarde, naquela mesma noite, quando voltava pela Bray Road para levar a amiga em casa, Doris jura ter visto a figura novamente. Estava longe, no limite da área iluminada pelos faróis, mas era a mesma forma inconfundível: alta, larga e muito parecida com um animal, mas em pé sobre duas pernas.

Só no dia seguinte, na segurança de sua garagem e à luz do Sol do meio-dia, ela examinou novamente o carro. Lá, no porta-malas, encontrou provas de que algo muito peculiar, e muito *perigoso*, tinha acontecido na noite anterior: riscos longos e fundos... todos próximos, como se feitos por garras.

MARCAS DE GARRAS

Este é o ponto da história em que você provavelmente espera que eu esclareça o que era a criatura. Todas as descrições físicas certamente apontam para o folclore relacionado a lobisomens, mas quase ninguém em Elkhorn fez essa conexão.

Talvez seja porque nunca houve histórias de seres humanos se transformando no monstro. Ou porque os avistamentos não eram limitados à Lua cheia. No fim, o que quer que fosse, as pessoas da área passaram a chamá-lo de Besta de Bray Road. Mas havia outras teorias, *é* claro.

Uma sugestão comum enraizada no folclore nativo americano fala de um lobo gigante conhecido como o *shunka warakin*, descrito como uma espécie de híbrido entre lobo e coiote. Outras fizeram comparações com as histórias inuit sobre o *amaroq* ou o *waheela*, lobos enormes, monstruosos. Mas,

honestamente, há muitas características humanas atribuídas à criatura de Bray Road para que as comparações se sustentem.

E isso sem levar em conta os outros avistamentos. Porque Lorianne e Doris não foram as únicas a ver algo estranho naquele trecho da estrada rural. E depois que elas falaram com um repórter local outras pessoas encontraram coragem para contar suas histórias.

Marvin Kirschnik foi uma dessas pessoas. De acordo com seu testemunho, ele teve seu encontro em 1981 — uma década antes do de Doris Gipson. Diferentemente dos outros, porém, ele não avistou a criatura no escuro. Ele dirigia pela Highway 11, que passa a nordeste de Elkhorn, e ao se aproximar da saída para Bray Road ele viu um animal incomum entre as árvores na lateral da estrada.

Kirschnik reduziu a velocidade quando viu aquilo, depois parou para olhar melhor. De acordo com o que descreveu, grande parte da criatura estava escondida pelo mato, mas era um lobo. Eles se olharam por um momento antes que a besta se movesse na direção do carro. Com medo, Kirschnik se afastou rapidamente.

Cinco anos depois, em 1986, Diane Koenig passava pela mesma área a caminho de casa depois de um dia em Burlington. De longe, os faróis não proporcionavam uma visão muito nítida, e de início parecia ser só um homem alto caminhando pelo acostamento da estrada com alguma coisa pesada em seus braços.

Ao se aproximar, Koenig viu que aquele homem tinha a cabeça de um lobo. E o fardo pesado que carregava nos braços era um cervo de tamanho normal. Ao contrário de Kirschnik, no entanto, Koenig não parou para ver melhor, mas, em vez disso, acelerou... para o caso de a criatura decidir persegui-la. Ela guardou a história para si mesma durante anos por medo de ser considerada maluca.

Mais histórias foram aparecendo. Uma garota cujo nome não foi revelado disse às autoridades que fora perseguida por um lobo. Ela subiu em uma árvore e teve de ficar lá por mais de uma hora, enquanto o lobo andava de um lado para o outro tentando encontrar uma maneira de subir para apanhá-la. O que a impressionou, porém, foi ver o lobo andar sobre as patas traseiras. A garota levou os pais até a árvore no dia seguinte, e encontraram grandes marcas de garras na parte inferior do tronco.

Até Scott Bray, que vivia na fazenda da família que deu nome à estrada, afirmou ter visto coisas extraordinárias, inclusive enormes pegadas de lobo. As autoridades locais de controle de animais foram chamadas por várias residências na área para examinar e recolher um grande número de cadáveres de animais mutilados. Alguns moradores da cidade tentaram atribuir a culpa a cultos satânicos, mas todas as outras pessoas concordavam que era a Besta de Bray Road.

Havia muito medo na cidade, como você pode imaginar. Mas os avistamentos também criaram outra coisa que dura até hoje: uma reputação. O bar onde Lorianne Endrizzi trabalhava acabou criando um prato do cardápio chamado Silver Bullet Special [especial bala de prata]. Uma padaria da cidade começou a fazer biscoitos em forma de lobo. Pense em Roswell, Novo México e colecionáveis de UFO, mas com lobos, e você vai ter uma ideia.

Até Chuck Coleman, um representante do estado na região, se envolveu ao usar a Besta em sua campanha eleitoral. Ele fez um anúncio que mostrava um homem vestido como a criatura votando em Coleman. Talvez seja a prova da popularidade das histórias da Besta da Bray Road na região: Coleman ganhou a eleição.

O encontro de Doris Gipson também parece ter sido a última vez que pessoas que passavam pela Bray Road viram a criatura. Depois disso, Elkhorn, Wisconsin, meio que acalmou. Por um tempo, pelo menos.

Na primavera de 1992, o oficial de controle de animais do condado, John Frederickson, foi chamado a um campo fora da cidade, perto da Bray Road. Esse era um homem que estava acostumado com um atropelamento ocasional ou um animal de fazenda ferido. Ele tinha visto muitos em sua carreira, mas, quando chegou ao local da chamada, não entendeu o que estava acontecendo.

Porque lá, no pasto, estavam os corpos de cinco cavalos. Suas gargantas haviam sido cortadas.

ÁRVORES E SOMBRAS

Somos atraídos por animais. Sempre fomos, e se a coleção de vídeos de gatos e de truques de cães na internet nos diz alguma coisa é que nossa paixão por esses animais não vai desaparecer em breve. Talvez atendam a uma necessidade profunda e não declarada de nossa alma, ou talvez só acionem o centro de prazer certo em nosso cérebro. Seja qual for o motivo, os animais são importantes para nós.

E toda vez que vejo alguém vestir o cachorro com um suéter não consigo deixar de pensar em como, por muito tempo, foram os humanos que se vestiram feito animais. Nós invejamos sua graça, sua força e seu poder. E essa inveja se entrelaçou no próprio tecido do folclore global.

Mas e se houver outro motivo para contarmos histórias de animais que agem como humanos? E se, no fundo, tivermos medo dessa possibilidade? Ou se nossos antepassados contaram histórias sobre animais que parecem humanos *apenas o suficiente* para nos fazer pensar — só um pouco?

O que quer que estivesse escondido nas árvores e nas sombras de Elkhorn, Wisconsin, na década de 1980 e no início dos anos 1990, continua sendo um mistério até hoje. Nenhuma resposta foi encontrada. Nenhum cadáver inesperado foi achado na floresta, ou ao longo da estrada. Nenhum ninho, toca ou qualquer tipo de moradia onde uma criatura como a Besta de Bray Road pudesse ter habitado. Tudo o que temos é história.

Às vezes, tudo o que temos para sempre é história.

Todas as testemunhas que se apresentaram para contar suas histórias pareciam concordar sobre os detalhes. E, surpreendentemente, todas pareciam estar falando a verdade. Quando um documentário sobre os eventos estava sendo produzido em 2008, todas as testemunhas concordaram em fazer exames de polígrafo. E todas passaram. Não é uma prova irrefutável, mas é o suficiente para fazer a gente pensar.

Em algum momento após os acontecimentos do início da década de 1990, um morador que vivia à beira da Bray Road olhou pela janela e viu um homem parado na entrada de sua casa com uma arma de mão. É óbvio que, assustado com a visão de um estranho armado em seu jardim, ele chamou a polícia, que chegou rapidamente. José Contreras foi preso imediatamente, e sua arma — junto com cinquenta cartuchos de munição — foi confiscada.

Ele finalmente foi julgado, e seu advogado tentou construir um caso de legítima defesa. Ele disse ao juiz que Contreras estava procurando a Besta de Bray Road, que acreditava ser um lobisomem. Isso significava, de acordo com sua defesa, que ele não era um perigo para mais ninguém.

No entanto, o juiz descartou o argumento e condenou Contreras. O motivo? Nenhuma das balas na arma era de prata.

Talvez seja fantasia. Talvez seja real. Mas é surpreendente, no mínimo, que partes da fantasia possam ser aceitas de tal forma a ponto de ter um papel em algo tão importante quanto o julgamento de um crime.

Aqui vai um último conto. Em uma noite de outubro de 2010, seis pessoas passavam de carro pela Bray Road. Lá na frente, eles notaram que uma sombra parecia atravessar a rua. Quando se

aproximaram, viram uma silhueta correr para o campo aberto à direita.

Pode ser difícil acreditar no que disseram, então vamos ter de aceitar a palavra dessa gente. Eles contaram que era um animal coberto de peles e parecido com um lobo. Só que andava sobre duas pernas, não quatro. Uma vez no campo, a besta caiu e se apoiou sobre as quatro patas, e fugiu.

No entanto, um detalhe distingue esse relatório de todos os outros. Porque, ao contrário de qualquer outro encontro mencionado aqui, esse deu um jeito de tornar a Besta da Bray Road ainda mais assustadora. De acordo com as testemunhas, não se tratava de uma só criatura. Eram *duas*.





DESVIO

Passei a maior parte da minha vida na presença de times com problemas. Fui criado na área de Chicago, e sempre soube que os Cubs estavam, havia muito tempo, sem ganhar um título do campeonato nacional de beisebol. Era menos sofrimento que certo entorpecimento na consciência coletiva de todos os que me rodeavam.

Quando me mudei para Boston, no fim da década de 1990, descobri uma cultura semelhante, desta vez centrada nos Red Sox. Mais uma vez, havia uma equipe que esperava havia décadas. Ano após ano, a esperança era produzida e acumulada no carrinho das expectativas, só para ser descartada no fim de cada temporada.

Até 2004. Foi nesse ano que as coisas mudaram. Foi nesse ano que a torre de desespero e dúvida — uma torre que havia levado 86 anos para ser construída, tijolo por tijolo, ano após ano — caiu. Doze anos depois, os Cubs viveram a mesma mudança. A espera tinha acabado.

Não pretendo falar mais sobre beisebol, mas acho que a história de times como os Cubs e os Red Sox tem algo valioso para nos ensinar sobre como nossa cabeça funciona. A nossa capacidade de justificar, explicar, dar sentido ao que parece não ter nenhum sentido, eis o que acho fascinante. Os seres humanos são muito bons em encontrar motivos.

Escondidas atrás desses períodos aparentemente intermináveis de seca, havia desculpas. Mais especificamente, as maldições. De que outra forma poderíamos explicar esses períodos, essas lacunas que desafiam a lógica em seus históricos de conquistas? É claro que as duas equipes tinham que ter sido amaldiçoadas, certo?

Mas a Maldição do Bambino e a Maldição do Bode Billy não foram as primeiras maldições da história, e eles estavam longe de ser as últimas. Embora algumas maldições sejam divertidas ou mesmo ridículas, outras desafiam explicações por tempo suficiente para deixar as pessoas em dúvida. Na verdade, algumas foram até mortais.

O CAMINHO MENOS PERCORRIDO

A palavra “maldição” [*curse*, no original] vem da palavra *curs* do inglês antigo. O significado não é claro, mas um dos usos era o de denotar um caminho ou uma rota. Não sou etimologista, mas acho que a imagem criada pela palavra é bem clara: a vida é como uma jornada. Às vezes, andamos pelo caminho que escolhemos, e às vezes somos empurrados para fora dele e para os bosques.

Nesses momentos de caos, do inesperado e do infortúnio, sentimos que perdemos o controle. É como se alguém ou alguma coisa nos tirasse do caminho que percorríamos. Nesses momentos, pode ser apropriado dizer que fomos “amaldiçoados” [*cursed*, no original].

As maldições como um conceito, no entanto, existem desde o início da humanidade. Nos primeiros exemplos, maldição era uma punição dada por uma divindade a seres humanos maus ou que se comportavam mal. A história de Adão e Eva na Bíblia cristã está cheia de maldições, distribuídas por desobediência às instruções de Deus. Trabalho físico duro, dor do parto e expulsão do paraíso são descritos como maldições.

Os irlandeses falam em maldições como se fossem pássaros. Quando uma maldição era falada em voz alta, diziam, podia voar até encontrar o alvo. Se esse alvo não estivesse por perto, uma maldição poderia ficar à deriva por até sete anos. Mas não era desperdiçada. Uma maldição é como um míssil guiado pelo calor: espera até o momento em que a pessoa aparece.

Na Escandinávia, as maldições são como balas. Uma pessoa pode lançar uma maldição contra um inimigo, mas a maldição pode “sair pela culatra” ou voltar para quem a disparou, e essa pessoa então sofre os efeitos da maldição. Imagine uma guerra de varinhas mágicas no estilo Harry Potter.

Os mouros da Idade Média tinham uma tradição muito interessante envolvendo maldições. Diziam que se um homem seguisse um conjunto predeterminado de regras e requisitos, podia pedir ajuda a outros para alguma coisa importante. Se, mesmo depois de cumprir todos os requisitos, seu pedido de ajuda ainda for recusado, uma maldição recaía sobre aqueles que se recusaram a prestar socorro. Não era uma maldição específica inventada por ele, mas uma maldição geral, social, como se a própria tradição punisse as pessoas imprestáveis.

Segundo a lenda, os povos celtas da Europa usavam as maldições de um jeito poderoso. Se um colono era dispensado e despejado da terra na qual havia sido contratado para trabalhar, ele rapidamente recolhia pedras da propriedade. Depois as colocava em uma lareira acesa, se ajoelhava e rezava. Rezava para quê, exatamente? Bem, ele rezava para que todas as pragas caíssem sobre o senhor daquela terra, seus filhos e todas as gerações depois deles pelo tempo em que as pedras permanecessem inteiras, sem queimar. Depois, em vez de deixar as pedras na lareira onde poderiam acabar queimadas em algum momento, encerrando, assim, a maldição, ele as reunia e espalhava pelo campo.

Maldições sempre existiram. Mas, com o tempo, elas evoluíram e se tornaram mais que alguma coisa que você usa contra outra pessoa, como se fossem armas. Muitas histórias que contamos em noites escuras em torno de fogueiras de acampamento têm mais a ver com as implicações.

A verdade é que, às vezes, as horríveis tragédias da vida se recusam a ser explicadas sem que seja mencionada uma maldição mortal.

UMA SÉRIE DE OCORRÊNCIAS INFELIZES

Quando o príncipe Amedeo de Savoia contou, em 1867, que planejava se casar com Maria Vittoria dal Pozzo, seu pai ficou furioso. Claro, ela era de origem nobre, mas não era uma princesa, e certamente não era digna do filho de um rei. Dizia-se que ele tinha amaldiçoado a união.

Na manhã do casamento, a costureira de Maria se suicidou. Maria entendeu o sinal e procurou um vestido diferente para usar. Mais tarde, quando o cortejo nupcial se dirigia à igreja do palácio em uma grande procissão, um dos líderes militares caiu do cavalo e morreu ali mesmo na rua.

O cortejo seguiu em frente, porém, e finalmente chegou às portas do palácio — que estavam fechadas. Uma rápida inspeção revelou o motivo: o porteiro foi encontrado na guarita, caído em uma poça do próprio sangue.

O número de mortos continuou aumentando. Imediatamente após o casamento, o padrinho deu um tiro na própria cabeça. O cortejo seguiu para a estação de trem, talvez tentando fugir da maldição, porém, ao chegar, o homem que havia redigido o contrato de casamento teve um derrame e morreu no local. Depois foi a vez do chefe da estação, atropelado e morto pelo trem real.

Aparentemente, o rei percebeu um padrão e levou o cortejo de volta ao palácio. Quando as pessoas estavam saindo do trem, no entanto, um dos nobres caiu embaixo dele. Um medalhão em seu peito, provavelmente presente do rei, cortou sua pele e perfurou o coração.

Segundo a história, Maria foi a última vítima da maldição. Morreu no parto aos 29 anos.

Aqui vai mais uma: Timur, o Coxo, ou Tamerlão, como era conhecido, era o trineto genovês de Gengis Khan e subiu ao trono em 1369. Cruel senhor da guerra mongol, tornou-se conhecido por sangrentas campanhas militares. Ele costumava construir pirâmides depois das vitórias. Mas não com pedras. Não, ele preferia usar as cabeças dos inimigos derrotados, às vezes dezenas de milhares.

Ele morreu em 1405, e imagino que muita gente tenha ficado feliz com a notícia. Foi enterrado em uma área que hoje conhecemos como Uzbequistão, e uma grande laje de jade foi colocada sobre o túmulo como garantia. Mas havia na pedra uma inscrição de advertência: “Quando eu levantar do túmulo, o mundo tremerá”. Alguns relatos dão conta de outra mensagem que se referia a uma “grande batalha”, que seria desencadeada se seu túmulo fosse profanado.

Você já entendeu no que isso vai dar, não é?

Em 1941, Joseph Stalin enviou uma equipe de arqueólogos soviéticos ao túmulo de Timur. Quando anciãos uzbeques da região souberam da pesquisa e dos planos de escavação, eles protestaram. Mencionaram um livro antigo que deixava claro que abrir o túmulo era uma péssima ideia. Eles falaram de uma maldição, mas ninguém deu bola.

Em 21 de junho de 1941, o túmulo de Tamerlão foi aberto, e seu crânio removido. No dia seguinte, as forças de Hitler atravessaram a União Soviética, iniciando a maior operação militar alemã da Segunda Guerra Mundial. Se a guerra teve uma “grande batalha”, foi essa.

O corpo de Tamerlão foi estudado durante mais de um ano, enquanto a União Soviética era destruída pelas forças armadas de Hitler. No fim, a União Soviética perdeu 26,6 milhões de homens e mulheres na invasão, mais do que qualquer país na história da humanidade.

Não ficou claro o motivo, mas, em novembro de 1942, os soviéticos decidiram devolver o corpo de Timur ao túmulo, e houve um enterro islâmico apropriado. Dias depois, a invasão alemã foi repelida em Stalingrado, os invasores finalmente foram forçados a recuar para o Ocidente, e isso marcou o momento da virada na guerra — virada que, alguns dizem, foi causada pela suspensão da maldição.

UMA SANTA MALDIÇÃO

A ideia de maldição é comum em todo folclore, e muitas histórias populares a utilizam como uma estratégia de enredo. Lembramos da roda amaldiçoada da Bela Adormecida, da maçã amaldiçoada da

Branca de Neve e dos irmãos amaldiçoados dos Sete Corvos. Mas há outro exemplo na tradição irlandesa que supera todos esses, por mais obscuro que seja.

Há uma antiga obra nórdica chamada *The King's Mirror* [O espelho do rei], que conta uma história fascinante sobre são Patrício. Patrício é claro, era conhecido por seu trabalho de disseminação do cristianismo pela Irlanda no século V, mas parece que ele nem sempre teve sucesso em suas viagens.

De acordo com a história, são Patrício certa vez visitou um clã que vivia em um reino do sul da Irlanda chamado Ossory. Como em qualquer outra visita, a missão de Patrício era levar a palavra do cristianismo para o povo de lá, mas parece que ele falhou.

The King's Mirror continua descrevendo como as pessoas do clã fizeram de tudo para insultar Patrício e o Deus que ele representava. Patrício insistiu e se empenhou ao máximo. Pregou a mesma mensagem de sempre e seguiu o mesmo protocolo, reunindo-se com o clã em seu lugar de congregação. Mas o povo lá não o escutava.

Em vez disso, as pessoas fizeram algo que pode parecer muito estranho para nossa percepção moderna: eles uivaram feito lobos. Não é que riram dele e as risadas pareciam uivos. Aquelas pessoas de fato uivaram para são Patrício.

O motivo deles era lógico: o totem, ou espírito animal, desse clã era o lobo. Para eles, estavam apenas respondendo à mensagem de uma divindade externa com o som da própria divindade.

Aquilo era inédito para são Patrício. E o fato de esse evento ter sido registrado em um livro nórdico de histórias enfatiza o quanto a ocorrência foi notável. Ainda mais incomum, porém, foi a *resposta* de Patrício a esse clã teimoso e ofensivo.

Evidentemente aborrecido, Patrício parou de falar e começou a orar. Ele pediu a Deus para punir os povos da aldeia por sua teimosia. Não foi específico, mas pediu algum tipo de aflição comunitária que continuasse por gerações, como um constante lembrete de sua desobediência.

De acordo com a história, Deus realmente o ouviu. As pessoas de Ossory foram amaldiçoadas para sempre a se tornarem a coisa que idolatravam: lobos. E essa maldição seguiu um conjunto de regras muito específico.

A cada sete anos, um casal da vila de Ossory era transformado em lobos. Ficavam presos nessa forma dia e noite, ano após ano, até o próximo casal ser transformado em lobos e libertar o casal anterior.

Uma parte da maldição era que as pessoas de Ossory mantinham a mente humana na forma de lobo. Mas, embora pensassem e falassem como humanos, estavam igualmente ligados aos desejos de sua nova forma — especificamente, o desejo de carne humana. Desta forma, a maldição afetava a todos, o homem e a mulher transformados e as pessoas em torno deles, que viviam com o medo constante de serem atacadas.

Desde então, segundo a lenda, as pessoas de Ossory foram amaldiçoadas.

RESPOSTAS E PERGUNTAS

Tem o escândalo na mídia, e tem o que a gente chama de forçar a barra. Para algumas pessoas, declarar que alguém ou algo foi amaldiçoado cria um ar de mistério e drama. É meio sexy, e isso vende, certo? Por exemplo, a história da família Kennedy é triste e trágica, mas quando adicionamos uma pitada de maldição, nós a elevamos a proporções quase míticas.

Outras pessoas, no entanto, realmente acreditam. Ou sentiram a dor do infortúnio inexplicável, ou viram a vida de pessoas à sua volta desmoronar sem motivo discernível. A mente humana quer respostas.

Exige-as. Ela as procura. As pessoas adoram histórias, mas só aquelas que têm uma conclusão. É isso que as maldições nos oferecem.

No fim, as maldições nos ajudam a entender alguma coisa, pessoa ou lugar que parece estar assombrado pelo infortúnio. Funcionam como uma muleta para aqueles que estão com dificuldade de se manterem no caminho. Elas nos amparam e nos ajudam a dar sentido à vida.

Posso imaginar que a vida na Irlanda do século VI fosse incrivelmente difícil. E faria sentido que, em algum momento, alguém começasse a contar histórias para tentar explicar as dificuldades dessa vida. Histórias sobre uma maldição, talvez. Quando alguém não conseguia voltar da batalha, ou de uma expedição de caça, ou mesmo de uma viagem entre aldeias, era difícil não ter todas as respostas. Histórias sobre ataques de lobisomens certamente cumpriam sua parte para explicar esses desaparecimentos. Mas eram só histórias, certo?

Gerald de Gales foi um historiador do século XII que registrou algo interessante. Ele fora enviado à Irlanda pelo rei Henrique II para registrar a história da região. Segundo ele, um padre solicitou sua companhia quando ele estava lá. Esse padre sentou-se e contou a Gerald uma história incrível.

De acordo com o relato, ele viajava perto da fronteira ocidental do condado de Meath, próximo do que teria sido o antigo reino de Ossory, e montara acampamento para dormir na floresta. Naquela noite, com o fogo ardendo, alguém se aproximou na escuridão além da luz do fogo e falou com ele.

Obviamente, o padre ficou com medo, pois pensava estar sozinho. Mas a voz de um homem o chamava com grande urgência. O homem falou de sua esposa, doente em casa. Ele estava preocupado e queria saber se esse homem de Deus poderia cumprir os últimos ritos para ela.

O padre concordou, relutante. Recolheu seus pertences e seguiu a voz na floresta. Os dois percorreram uma pequena distância até chegarem a uma grande árvore oca. O padre notou duas coisas assustadoras. Primeiro, havia algo ou alguém deitado dentro da árvore, presumivelmente a esposa doente. Segundo, ele percebeu que a voz não vinha de um homem, mas de um lobo.

Ele ficou surpreso. Como, perguntou ao lobo, conseguiu falar como um homem? A resposta foi simples: séculos atrás, seu povo tinha sido amaldiçoado por um sacerdote viajante, e foram condenados eternamente a se tornar lobos.

O padre rezou pela esposa do homem e tratou de sua doença. Na manhã seguinte, o casal tinha partido, e nunca mais voltou a ser visto.





A BESTA INTERIOR

Pergunte a qualquer profissional da área de saúde mental sobre a Lua cheia, e você vai ter uma resposta surpreendente, algo que parece muito com folclore e mito: a Lua cheia tem o poder de despertar a loucura em muita gente.

Acreditamos nisso há muito tempo. Chamamos as pessoas instáveis de lunáticos, uma palavra que tem suas raízes no latim. Ela é construída a partir da raiz *luna*, que significa “lua”. Durante séculos, os humanos acreditaram que certas fases do ciclo lunar podem fazer as pessoas perderem contato com a realidade.

Basta perguntar aos pais de uma criança pequena, e eles vão contar histórias de comportamento incontrollável e desobediência incomum durante fases específicas da Lua. A ciência nos diz que, assim como a atração da Lua sobre o oceano cria marés que aumentam e diminuem em intensidade, o primeiro satélite do nosso planeta também exerce atração sobre a água em nosso corpo, alterando nosso comportamento.

Hoje, quando falamos sobre a Lua cheia, costumamos brincar sobre esse comportamento insano e extraordinário. Mas talvez brinquemos para fugir da verdade mais profunda, uma ideia que temos medo e vergonha de aceitar. É que, para a maioria das pessoas, a Lua cheia invoca uma imagem completamente incomum e inacreditável.

Aquele círculo grande, brilhante e perfeito no céu da noite nos faz pensar em apenas uma coisa: lobisomens.

UM RICO PASSADO

A ciência tentou explicar nossa obsessão pelo lobisomem muitas vezes ao longo dos anos. Uma das teorias é uma doença chamada hipertricrose. É um quadro no qual ocorre crescimento excessivo e incomum dos pelos corporais, muitas vezes cobrindo o rosto inteiro de uma pessoa. Imagine Michael J. Fox em *O Garoto do Futuro*.

Os psicólogos chegaram a um diagnóstico oficial na quarta edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, a licantropia clínica. Ela é definida como uma síndrome delirante em

que o paciente acredita que pode se transformar em um animal. Essas mudanças ocorrem apenas em sua mente, é claro.

Mas os delírios têm que começar em algum lugar. Os pacientes que acreditam que são Napoleão Bonaparte têm algum conhecimento prévio de quem ele era. Acho justo supor que quem sofre de licantropia clínica já ouviu falar de lobisomens antes. Na verdade, é muito fácil ter acesso ao mito, graças à cultura popular moderna. Os lobisomens foram destaque, ou pelo menos apareceram, em cerca de cem filmes de Hollywood desde 1913.

Uma das primeiras menções a algo semelhante ao lobisomem moderno pode ser encontrada em textos de dois mil anos do poeta romano Virgílio. Em sua *Bucólica IX*, escrita em 40 a.C., ele descreveu um homem chamado Moeris que podia se transformar em lobo usando ervas e venenos.

Cerca de cinquenta anos depois, Petrônio escreveu um romance satírico chamado, adequadamente, *Satiricon* (o que, penso, equivale basicamente a Stephen King escrevendo uma novela de terror chamada *Terrorcon*). Nessa obra, Petrônio conta a história de um homem chamado Niceros, que estava viajando com um amigo, que, de repente, tirou as roupas, urinou em círculo e transformou-se em lobo antes de fugir para um grande pasto de ovelhas.

No dia seguinte, Niceros foi informado pelo dono das ovelhas que um dos pastores matou um lobo enfiando um anzinho em seu pescoço. Mais tarde, naquele mesmo dia, Niceros notou que o amigo tinha um ferimento parecido no pescoço.

No mito grego do deus Zeus e um rei arcádico chamado Licaão, Zeus assumiu a forma de um viajante humano. Em algum momento dessa jornada, ele visitou Arcádia, e, durante o tempo que passou nesse país, visitou sua corte real. O rei Licaão de alguma forma reconheceu Zeus e tentou, à mais fiel maneira grega, matá-lo servindo uma refeição de carne humana.

Mas Zeus era esperto e pegou Licaão em flagrante, reagindo com o equivalente mitológico a um ataque de birra. Ele destruiu o palácio, matou os cinquenta filhos do rei com seus raios e depois amaldiçoou o próprio rei Licaão.

A punição? Licaão foi condenado a passar o resto da vida como lobo, talvez porque os lobos eram conhecidos por atacar e comer humanos. A maioria dos estudiosos acredita que é essa lenda que dá origem ao termo licantropia: *lykos* é a palavra grega para lobo e *anthropos* é a palavra para “humano”.

RENOME INTERNACIONAL

Os lobisomens não são apenas uma coisa greco-romana. No século XIII, os nórdicos registraram suas origens mitológicas em algo chamado *Saga Volsunga*. Apesar de sua cultura ser apartada da dos gregos por milhares de quilômetros e muitos séculos, nela também há contos de lobisomens.

Uma das histórias da *Saga Volsunga* envolve um pai e um filho, Sigmund e Sinfjotli. Durante suas viagens, os dois homens chegaram a uma cabana na floresta onde encontraram duas peles de lobo encantadas. Essas peles eram capazes de transformar em lobo aqueles que as usassem, dando ao indivíduo todas as características pelas quais o animal era conhecido: poder, velocidade e astúcia.

A pegadinha, de acordo com a saga, era que, uma vez colocada, a pele do lobo poderia ser retirada apenas a cada dez dias. Sem medo, pai e filho colocaram sobre si as peles de lobo e transformaram-se nas criaturas. Decidiram se separar e caçar em sua nova forma, mas combinaram que, se um deles encontrasse um grupo de homens acima de determinado número de integrantes — e a maioria das versões diz que o número era sete —, deveria uivar para que o outro fosse se juntar a ele na caçada. O

filho de Sigmund, porém, quebrou a promessa, matando um grupo de onze pessoas. Quando Sigmund descobriu, feriu gravemente o filho. Felizmente, o deus nórdico Odin curou-o, e ambos tiraram as peles e as queimaram.

Desde o início, os lobisomens eram uma coisa sobrenatural. Uma maldição. Uma mudança na própria natureza da humanidade. Eles foram comandados por ciclos de tempo e temidos por aqueles que os cercavam.

ABRANGENDO O CONTINENTE

As coisas ficam interessantes, porém, quando vamos para a Alemanha. Em 1582, o país estava sendo destruído por uma guerra entre católicos e protestantes, e uma das cidades que abrigava os dois lados era a pequena Bedburg. Tenha em mente que, nessa era, ainda havia surtos da Peste Negra, portanto, tratava-se de uma era de conflitos e violência. As pessoas entendiam a perda. Tinham ficado entorpecidas, e só algo incrivelmente extraordinário as surpreenderia.

Primeiro foram mutilações do gado. Agricultores da região no entorno de Bedburg encontraram gado morto em seus campos. No começo era pouco frequente, mas depois se tornou uma ocorrência diária, algo que durou muitas semanas. Encontravam as vacas destroçadas no pasto. Era como se um animal selvagem as tivesse atacado. Naturalmente, os agricultores deduziram que fossem lobos.

Mas não parou por aí. Crianças começaram a sumir. As mulheres jovens desapareceram das estradas principais em torno de Bedburg. Em alguns casos, os corpos nunca foram encontrados, mas os que eram localizados tinham sido atacados por alguma coisa terrivelmente violenta. Encontrar o gado eviscerado é uma coisa, mas quando é seu filho ou sua esposa, isso causa pânico e medo. A comunidade mergulhou em histeria.

Quando pensamos na histórica paranoia europeia, muitas vezes nos ocorre feitiçaria. Os séculos XV e XVI foram repletos de caça às bruxas, fogueiras, enforcamentos e uma histeria dominadora que até atravessou o Atlântico para as colônias britânicas, onde destruiu mais vidas. Os julgamentos das bruxas de Salem, Massachusetts, são o exemplo mais famoso.

Mas, ao mesmo tempo, a Europa também ardia com o medo de lobisomens. Alguns historiadores pensam que, só na França, cerca de 30 mil pessoas foram acusadas de serem lobisomens e algumas executadas por isso, enforcadas ou queimadas na fogueira. O medo de lobisomens era real.

Para a cidade de Bedburg, era muito real. Um relato dessa ocorrência fala de dois homens e uma mulher que viajavam fora das muralhas da cidade. Eles ouviram uma voz chamar e pedir ajuda entre as árvores ao lado da estrada, e um dos homens foi prestar socorro. Quando o homem não voltou, o segundo homem entrou na floresta para encontrá-lo, e também não retornou. A mulher tentou fugir, mas alguma coisa saiu do meio das árvores e a atacou. Os corpos dos homens foram encontrados mais tarde, destroçados e despedaçados, mas o da mulher desapareceu. Mais tarde, os aldeões encontraram membros arrancados nos campos perto de Bedburg — os membros das pessoas desaparecidas. Estava claro que algo horrível caçava pessoas naquela região.

Outro relato fala de um grupo de crianças que brincava em um campo perto do gado. Enquanto elas brincavam, alguma coisa correu para o campo e agarrou uma menina pequena pelo pescoço, tentando rasgar sua garganta. Mas a gola alta do vestido salvou sua vida, e ela conseguiu gritar. As vacas não gostam de gritos, aparentemente, e houve um estouro da boiada. Assustado com o gado, o agressor desistiu da menina e correu de volta para a floresta.

Esta foi a gota d'água para as pessoas de Bedburg. Elas começaram a caçar a besta.

A CARA DO MONSTRO

De acordo com um panfleto de 1589, os homens da cidade caçaram a criatura durante dias. Acompanhados por cães e armados para matar, esses homens corajosos se aventuraram na floresta e por fim encontraram sua presa. Curiosamente, porém, alegaram ter visto um lobo, não um homem, e o perseguiram rapidamente.

No final, foram os cães que encurralaram a besta. Os cães são rápidos, e superaram os homens em uma caçada. Quando os caçadores finalmente chegaram, encontraram a criatura encurralada.

De acordo com o panfleto, o lobo transformou-se em homem diante dos olhos de todos. Se o lobo era só mais um animal, o homem era alguém que eles reconheciam. Era um fazendeiro rico e respeitado na cidade, alguém chamado Peter Stubbe (cujo nome às vezes é grafado como Peter Stumpp).

Stubbe confessou tudo, e sua história confirmava os medos mais sombrios daquela gente. Ele disse que tinha feito um pacto com o Diabo aos 12 anos. O acordo? Em troca de sua alma, o Diabo lhe daria uma infinidade de prazeres mundanos. Mas, como na maioria das histórias, um coração ganancioso é difícil de satisfazer.

Stubbe admitiu ser um “demônio perverso com o desejo do errado e da destruição”, e reconheceu que era “propenso ao sangue e à crueldade”. Para saciar essa sede, o Diabo deu a ele um cinto mágico de pele de lobo. Colocá-lo, garantiu, o transformaria na forma monstruosa de um lobo.

Parece familiar?

Ele disse aos homens que o capturaram que havia tirado esse cinto na floresta. Alguns foram mandados de volta para recuperá-lo, porém o cinto nunca foi encontrado. Ainda assim, a superstição e o medo os levaram a torturar e a interrogar o homem, que confessou décadas de crimes horríveis e indescritíveis.

Stubbe disse a seus captores que muitas vezes caminhava por Bedburg e acenava para as famílias e os amigos daqueles que havia matado. Sentia-se muito satisfeito por nenhum deles ter suspeitado de que fosse o assassino. Às vezes, usava essas caminhadas para escolher as futuras vítimas, planejando como as levaria além das muralhas da cidade, onde poderia “atacar e matar cruelmente”.

Stubbe admitiu se dedicar a matanças simplesmente pelo prazer do derramamento de sangue. Matava cordeiros e cabras, e comia a carne crua. Ele mesmo afirmou ter comido fetos arrancados diretamente do útero das mães.

RACIONALIZAÇÕES

A mente humana está sempre resolvendo problemas, mesmo quando estamos dormindo e não temos consciência disso. O mundo está cheio de coisas que nem sempre entendemos e, na tentativa de lidar com a vida, racionalizamos.

Em tempos mais supersticiosos, era fácil se apoiar em velhos medos e lendas. Os surtos de tuberculose do século XIX levavam gente incrédula a acreditar realmente que os mortos estavam sugando a vida das pessoas. As histórias que deram origem à mitologia do vampiro também deram às pessoas um jeito de assimilar a existência de uma doença como a tuberculose e seus terríveis sintomas.

Talvez a história do homem-lobo nos mostre esse mesmo fenômeno, mas em sentido inverso. Em vez de criar histórias que ajudem a explicar os mistérios da morte, talvez tenhamos criado a história do

lobisomem para ajudar a justificar os horrores da vida e da natureza humana.

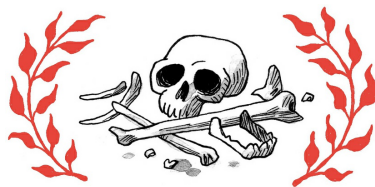
A história de Peter Stubbe parece terrível, mas quando você considera relatos de assassinos em série da modernidade, como Jeffrey Dahmer ou Richard Trenton Chase, é perfeitamente adequada ao grupo. A diferença entre eles e Stubbe é simplesmente um período de quatrocentos anos de modernização. Com o advento das lâmpadas elétricas banindo a escuridão e a exploração global, expondo grande parte dos medos do mundo como simples mitos, ficou cada vez mais difícil culpar monstros por nossas falhas. A besta, afinal, esteve dentro de nós o tempo todo.

E Peter Stubbe? O povo de Bedburg o executou por seus crimes. Em 31 de outubro de 1589 — Halloween, não esqueça —, ele recebeu o que era considerado um castigo justo. Foi amarrado nu a uma grande roda de madeira, com braços e pernas estendidos, e teve a pele removida por pinças em brasa. Depois quebraram seus braços e suas pernas com o lado cego de um machado e, finalmente, usaram a lâmina para cortar sua cabeça.

O corpo foi queimado em uma estaca diante de toda a cidade, e depois sua roda de tortura foi colocada no alto de um poste, com uma estátua de lobo em cima dela. Sobre tudo isso, puseram sua cabeça cortada. Justiça, ou só mais um exemplo da crueldade da humanidade?

No fim, talvez sejamos todos realmente monstros, não?





DORES DA FOME

Um dos acontecimentos históricos mais assustadores dos últimos duzentos anos, que me fascinou durante a maior parte da vida, é a jornada pioneira das famílias e dos funcionários de James Reed e George Donner em 1846.

Não consigo pensar em um sobrenome que provoque tanta emoção, tanto medo e tamanho imaginário visual instantâneo quanto o de Donner. Nos anos que seguiram àquele inverno fatídico, esse nome se tornou sinônimo de passagens na montanha, corpos congelados encolhidos em volta de fogueiras de acampamento apagadas e, claro, canibalismo.

A história de Donner nos faz parar onde estamos. Temos um fascínio mórbido por sua trágica jornada, porém ficamos ainda mais impressionados com até onde eles foram para se manter vivos. Sua história nos obriga a encarar um medo que a maioria das pessoas mantém bem enterrado: pessoas comendo outras pessoas.

Podemos procurar justificativa, podemos pesquisar os motivos da situação que viveram e escrever artigos estéreis e seguros sobre a terrível dificuldade que enfrentaram. Mas, no fim, estamos simples e tremendamente horrorizados.

Da história de João e Maria à série de televisão *Hannibal*, sempre sentimos um fascínio repugnado por aqueles que cruzam esse limite. Não podemos pensar nisso, e também não podemos ignorar. Talvez tenha a ver com o simbolismo mórbido de um corpo dentro de outro corpo. Talvez seja a percepção de que, como o gado ou a caça, os seres humanos podem se tornar alimento para alguma coisa — ou outro alguém.

Ou talvez, no fundo, somos fascinados pelo canibalismo porque acreditamos que talvez — só talvez — ele possa nos transformar em monstros.

UMA FOME PROFUNDA

Os humanos se deparam com o canibalismo há muito tempo. Arqueólogos descobriram sinais da prática que datam de dezenas de milhares de anos. Em alguns casos, os motivos foram claramente ritualísticos,

enquanto outras situações foram provocadas pela escassez de alimentos. Muita coisa ainda não sabemos, mas o que entendemos enfatizou que há muito tempo isso tem sido bem mais comum do que é hoje.

Na história antiga, historiadores gregos e romanos registraram casos relacionados à guerra e à conquista. O cerco romano de Jerusalém, em 70 a.C., por exemplo, resultou em relatos esparsos de canibalismo. Décadas depois, quando os romanos atacaram Numanman, os historiadores de Alexandria registraram histórias semelhantes.

Uma observação interessante é que, ao longo dos séculos, a aculturação do canibalismo tem sido uma ferramenta política e colonial. Os gregos antigos presumiam que todos os povos não helenísticos eram bárbaros e canibais, e usavam essa suposição para justificar a hostilidade em relação a eles. Para muitos impérios, até o Império Britânico dos séculos XVII e XVIII, essa era uma forma de demonizar um grupo de pessoas e conceder a elas permissão para entrar e dominar o território desse grupo. Levar o presente da civilização, podemos dizer.

Mas a suposição levou a um profundo preconceito contra esses povos. Um exemplo de 1820 se destaca. Foi nesse ano em que um navio baleeiro chamado *Essex* foi atacado e afundado por uma das baleias que estava perseguindo. Se isso parece familiar, é porque essa história inspirou o romance *Moby Dick*. Depois do acidente, o capitão e a tripulação de 21 homens embarcaram em três de seus baleeiros.

Eles tinham duas opções para uma rota até um porto seguro: navegar 3 mil milhas contra o vento rumo ao Chile, ou a metade dessa distância a favor do vento para as ilhas Marquesas. Mas havia boatos de canibais nas Marquesas, e eles escolheram a rota mais longa. O resultado foi que o grupo passou meses no mar e acabou recorrendo ao canibalismo para sobreviver.

A realidade pode ser cruel. E irônica, aparentemente.

Mas há algo mais obscuro no centro de muitas histórias de canibalismo. No cerne de quase todas as culturas dos nativos em todo o Canadá e a região Norte do que agora são os Estados Unidos, há histórias dos efeitos sobrenaturais que comer outro ser humano pode ter em uma pessoa.

Cada tribo se refere às histórias com termos diferentes, mas todos são muito semelhantes. As lendas de Wabanaki falam de um gigante da neve que come homem, o *giwakwa*. Os cree contam histórias do *witiko*, também um gigante e também um comedor de homens. As tribos micmac do norte do Maine até a Nova Escócia contam histórias dos *chenoo*, criaturas anteriormente humanas, mas que foram transformadas por algum crime horrível, geralmente canibalismo.

O nome mais comum para essas criaturas entre os nativos norte-americanos, no entanto, é um que conhecemos da cultura popular. Esse é o *wendigo*, uma criatura que já foi humana, mas foi transformada por sua fome de carne humana em um monstro que nunca pode ser saciado.

Uma descrição dessa criatura feita pelos nativos afirma que um *wendigo* é mais alto que um homem adulto, com um corpo magro e uma pele morta que parece bem esticada sobre os ossos. Os contos falam sobre o emaranhado de antenas na cabeça, e sobre os olhos fundos que pareciam estar mortos. O cheiro era de morte e podridão.

Na mitologia dos cree, porém, o *wendigo* era simplesmente um ser humano que havia sido possuído por um espírito maligno. O espírito dominava uma pessoa — um vizinho, um amigo, uma irmã, um filho — e depois direcionava sua fome e seu ódio para as pessoas ao seu redor. Não havia esperança para aqueles transformados em criaturas comedoras de homens. Só havia uma solução disponível: essas criaturas tinham de ser caçadas e mortas. É fantasia. É uma metanarrativa cultural sobre outra coisa, algo mais profundo. Pelo menos, é isso que os antropólogos nos dizem.

Mas alguns tomaram essas lendas ao pé da letra.

RÁPIDO E FAMINTO

Swift Runner era um nativo da tribo cree que morava na região oeste do Canadá. Ele nasceu no início do século XIX e trabalhou como caçador na área ao norte de Fort Edmonton, e também como guia para a Polícia Montada no noroeste.

Ele era um homem grande, de mais de dois metros de altura e, de acordo com relatos, querido e respeitado por seu povo. Ele e a esposa tiveram seis filhos. Diziam que era um pai amoroso e que se importava muito com a família. É por isso que o inverno de 1878 será lembrado como uma tragédia.

De acordo com os relatos, Runner encontrou uma missão católica em St. Albert em algum momento da primavera de 1879. Ele estava perturbado e confuso. Disse aos sacerdotes que o inverno tinha sido duro e que toda a família havia morrido de fome. Ele era, na verdade, o único sobrevivente.

Mas os padres acharam aquilo estranho. Por um lado, Swift Runner não parecia um homem que tinha passado fome durante os meses de inverno. Era forte e parecia saudável. Outra indicação de que algo estava errado ali eram seus pesadelos, que muitas vezes acabavam com ele aos gritos.

Os sacerdotes procuraram a Polícia Montada. Um grupo de investigadores foi enviado para resolver a questão, e eles levaram Swift Runner de volta ao seu acampamento de inverno. Swift Runner foi prestativo. Mostrou imediatamente aos homens uma pequena sepultura perto do acampamento e explicou que era o túmulo de um de seus filhos.

Chegaram até a abrir o túmulo, e tudo batia com a história dele. Aqueles eram os ossos de uma criança, e podiam presumir que era o filho de Swift Runner. Mas a polícia descobriu outras pistas que começaram a criar uma imagem mais sombria. Ao redor do acampamento, em pontos espalhados, eles começaram a descobrir mais ossos. E um crânio.

Não eram poucos. Havia ossos em todos os lugares. Alguns ossos maiores eram ocos e tinham sido quebrados ao meio, sinal claro de que alguém havia sugado a medula. Também encontraram pedaços de carne e cabelos. As evidências começaram a se acumular, e eles procuraram Swift Runner para pedir uma explicação.

Foi então que ele disse a verdade. Segundo sua versão, um espírito de *wendigo* apareceu em seu acampamento durante o inverno. O espírito disse para ele comer a família toda. No começo, ele resistiu, ignorou a voz, mas aos poucos, com o passar do tempo, o *wendigo* assumiu o controle. E passou a agir.

A esposa de Swift Runner foi a primeira a morrer. Depois um dos meninos mais novos. Um por um, todos da família foram mortos e comidos. Depois foi a vez da sogra e de seu próprio irmão. Para Swift Runner, era um dado real: um monstro havia comido sua família. A polícia concordou. Só não concordou com a identidade do monstro.

Os restos humanos mutilados foram coletados e transportados para Fort Saskatchewan, junto do próprio Swift Runner. Seu julgamento começou em 8 de agosto de 1879, e foi tão direto quanto poderia ser. Tanto o juiz como o júri se recusaram a aceitar a história do *wendigo*. Consideraram o homem um assassino e o condenaram à forca.

Mais de sessenta pessoas se reuniram no forte em 20 de dezembro para assistir ao enforcamento. Uma testemunha da execução, um homem que teria visto vários enforcamentos na vida, teria dado um tapa na coxa e declarado: “Rapazes, esse foi o enforcamento mais lindo que já vi”.

OS CAÇADORES

O rio Severn, em Ontário, atravessa o território da Primeira Nação de Sandy Lake. Essa área do Canadá é tão isolada que só nas primeiras décadas do século XX o mundo ocidental realmente fez o esforço de chegar lá e fazer contato com os habitantes. Fica no recanto mais a oeste de Ontário, no tipo de território onde os lagos têm ilhas que tem seus próprios lagos.

No final do século XIX, a Hudson Bay Company tinha fechado tantos postos de comércio que o mais próximo de Sandy Lake ficava a mais de 210 quilômetros de distância. Era uma caminhada de cinquenta horas por um terreno acidentado. Não sei se “isolado” é uma palavra suficientemente forte. Este lugar era praticamente *desconhecido*.

Jack Fiddler nasceu na década de 1830. Ou talvez fosse a década de 1840 — a maioria das pessoas não tem certeza. Mas sabemos que ele era um índio cree, e que trabalhava como comerciante. Fazia a caminhada entre as aldeias e os postos comerciais para sobreviver, e assim conheceu muitas pessoas. Ele era filho do xamã de Sandy Lake, e ao longo da vida teve cinco esposas e muitos filhos.

Quando o pai de Jack morreu, em 1891, ele assumiu o posto de líder. Isso soa meio pomposo, mas, na realidade, seu povo somava cerca de 120 pessoas vivendo em sua comunidade. Ele também tinha influência sobre a área geográfica mais ampla, porém o verdadeiro poder vinha do papel de xamã da tribo.

Os poderes de um xamã eram uma parte fundamental de sua liderança. Quando Jack tornou-se líder espiritual, também passou a ser o guardião de antigas tradições e seu protetor contra a escuridão próxima — a civilização ocidental. Há até lendas que falam de Jack Fiddler curando doenças.

Mas o mais importante foi que Jack se tornou a primeira e única defesa desse povo contra os *wendigos*, e muitas vezes era chamado para caçá-los e matá-los. Eu sei, parece assunto de quadrinhos ou filmes de Hollywood, mas Jack Fiddler corresponde à expectativa. Na verdade, ao longo da vida, ele afirmou ter derrotado catorze desses monstros.

Mas Jack não foi procurar uma criatura alta e monstruosa com chifres e um corpo magro. Não, ele entendeu o *wendigo* como algo mais sutil. Alguns *wendigos*, Jack disse, foram enviados por outros xamãs para atacar seu povo. Outros tinham sido membros de sua própria tribo, que pareciam ter sido dominados por um impulso incontrolável de comer carne humana. Quando era seu próprio povo, Jack dizia que ele e o irmão Joseph eram os chamados para a dura missão de matar os indivíduos.

Mas simplesmente matá-los não era suficiente para impedir a possessão. Acreditava-se que o espírito *wendigo* podia realmente passar de um corpo para o outro. Por isso, aqueles que morreram em consequência de sua possessão muitas vezes eram queimados para impedir que a infecção se espalhasse.

Para o povo de Sandy Lake e muitas outras tribos nativas dos Estados Unidos, que cobrem grande parte da metade norte da América do Norte, as histórias sobre *wendigos* eram mais que boatos. Era uma ideia que estava enraizada na antiga tradição. Cerimônias eram criadas em torno da lenda. As pessoas eram avisadas e educadas constantemente sobre os perigos que essa criatura representava para a comunidade.

E então, de repente, tanta tradição e história passaram diretamente para o mundo moderno, e os resultados foram desastrosos.

Em algum momento em 1905, a nora de Joseph Fiddler foi levada para a aldeia de Jack. Ela estava muito doente, de acordo com diversos relatos de testemunhas. Sentia uma dor severa, que a mantinha

gritando e gemendo constantemente. Algumas mulheres que cuidavam dela precisavam segurá-la para mantê-la sob controle.

Jack e seu irmão Joseph foram levados até ela. Nessa época, eles já eram homens velhos, ambos na casa dos 80 e poucos anos, mas sabiam o que causava a doença. E sabiam como detê-la. Já tinham feito isso muitas vezes antes. E fizeram o que faziam de melhor: pegaram uma corda fina, enrolaram no pescoço da mulher e apertaram lentamente.

Isso não foi feito à sangue-frio. Foi uma decisão calculada a que esses homens chegaram, e somente depois de muito discutir a respeito. No entanto, foi uma decisão tomada pelo medo. Se o espírito *wendigo* dentro dela tivesse conseguido assumir o comando, era impossível dizer o quanto se tornaria destrutivo. Foi piedade. Uma forma de eutanásia que protegeu toda a comunidade. Os Fiddler eram só instrumentos nas mãos de uma cultura orientada pela superstição.

Testemunhas confirmavam sua natureza quieta e digna, mas não adiantou. Os dois homens foram levados ante a presença de um júri de seis pessoas no final daquele ano. Os jornais de Toronto publicaram manchetes sensacionalistas sobre o julgamento, bradando contra adoração ao demônio e assassinato, e o país inteiro reagiu, clamando por condenação.

E os irmãos Fiddler foram condenados, sem dúvida. Esses homens haviam matado um membro da própria família. Podia não ter sido um crime passional, porém eles ainda eram assassinos. Quando o veredicto saiu, não foi surpresa: culpados.

O povo cree de Sandy Lake perdia seu líder. Perdia dois dos anciãos mais respeitados. E, mais assustador ainda para eles, perdiam seus últimos caçadores de *wendigo*. Realidade ou não, esses homens tinham sido o muro que mantinha longe a escuridão e o medo.

E agora o muro havia desaparecido.

O QUE REALMENTE TEMEMOS

A superstição sempre serviu para responder às nossas perguntas e acalmar nossos medos. Dos bebês trocados na Irlanda aos vampiros da Nova Inglaterra, as histórias que contamos nos ajudam a explicar os mistérios que não entendemos. Isso não é tudo que a superstição faz, eu sei, mas é boa parte de muitos dos exemplos que encontramos. Tememos o desconhecido, e vamos encontrar algo para explicá-lo.

O canibalismo é algo que os humanos temeram por muito, muito tempo. Não porque tenhamos nos convencido de que ele poderia nos transformar em monstros sobrenaturais. Não, na raiz de tudo, o canibalismo é apenas um limite que achamos que não devemos cruzar. E com razão.

A história está cheia de exemplos de pessoas que cruzaram esse limite. Não porque suas vidas estavam em risco, ou porque não tinham escolha, mas por um motivo mais obscuro: profunda crença no folclore de sua educação, instabilidade mental, violência premeditada. Seja qual for o motivo, cada exemplo revela que os seres humanos são os verdadeiros monstros, capazes de qualquer coisa. Mesmo das coisas que mais tememos.

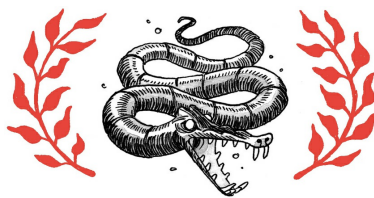
Talvez Jack Fiddler soubesse disso. Talvez entendesse que ele representava o último acesso a uma linhagem vital, antiga. Ele via um mundo que não estava preparado para se defender dos males contra os quais havia lutado durante toda a vida. Imagino que essa ideia o tenha esgotado.

Em 30 de setembro de 1907, enquanto caminhava ao ar livre com um agente da polícia, Jack fugiu para o bosque, onde se enforcou com a faixa que usava. Seu irmão, mais tarde, morreria de tuberculose na prisão.

Mais de um século depois, em 30 de julho de 2008, um homem chamado Tim McLean estava a bordo de um ônibus da Greyhound, na rodovia Trans-Canadá, em Manitoba, quando outro passageiro o atacou e o matou. O homem, Vince Weiguang, fez mais do que matar McLean, no entanto. Ele o esfaqueou, decapitou e depois canibalizou o corpo.

O assassino era maluco? Ou havia encontrado um espírito maligno em sua passagem pelo território *wendigo*? Essa é uma pergunta impossível de responder com certeza, mas os tribunais decidiram pela insanidade. Ele foi internado em uma instituição psiquiátrica de alta segurança em Manitoba, mas ficou lá por menos de uma década. Em maio de 2015, foi libertado para voltar à sociedade.





UM MEDO PROFUNDO

No auge da tensão da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, a Marinha norte-americana usava tecnologia de áudio para detectar submarinos soviéticos. Esses microfones subaquáticos de alta potência podiam detectar sons incomuns a centenas, até milhares de quilômetros de distância, ajudando os militares a sondar as profundezas do oceano.

Depois do fim da Guerra Fria, a Administração Oceânica e Atmosférica Nacional (NOAA, na sigla em inglês) baseou-se no antigo sistema de microfones esperando obter uma nova compreensão do vasto mundo inexplorado sob as ondas oceânicas. Eles estudaram sons ambientais, ruídos geofísicos e bioacústica — os sons produzidos pelas criaturas do oceano.

Em 1997, encontraram um som que desafiava qualquer explicação: um ruído de frequência muito baixa e muito *poderoso*. Tão poderoso que foi captado pelo sistema a mais de 4.500 quilômetros de distância. Ah, e os fãs de H. P. Lovecraft podem ficar malucos com a localização determinada: são cerca de 1.400 quilômetros a partir da localização da mítica cidade insular de R'lyeh, onde Cthulhu está preso, esperando e sonhando.

Não ajudou muito, na época, a decisão da NOAA de que o ruído não era produzido pelo homem, nem era de natureza geológica. Parecia ser orgânico, com um sinal que variava demais para ser mecânico. Hoje os cientistas se voltam para outra teoria: é o som de icebergs raspando no fundo do oceano. Talvez. Muitas pessoas ainda se perguntam o que o “Bloop”, como eles o chamaram, realmente era.

Ficamos interessados porque há algo de sombrio e misterioso no oceano. Mesmo depois de séculos de exploração, mapeamos apenas cerca de 5% do fundo do mar. É loucura, mas sabemos mais sobre a superfície de Marte do que sobre cerca de 70% do nosso próprio planeta. Há tanta escuridão, tanta coisa desconhecida, que nos sentimos um pouco desconfortáveis.

Tememos o desconhecido porque ele é cheio de perguntas. Algumas questões são arriscadas. São perigosas. Elas nos impedem de nos sentar e ficar à vontade. E o oceano está cheio de perguntas.

Mas, de acordo com alguns, há um motivo muito bom para se ter medo.

PROFUNDEZAS ANTIGAS

Uma das características peculiares de muitos dos primeiros mapas europeus é a inclusão de pequenos esboços salpicados por todo o oceano — esboços com cabeças verdes bestiais saindo das ondas, ou longas caudas atacando uma embarcação próxima. Você não os encontrará em mapas de navegação da época, mas eles eram uma característica comum dos mapas decorativos criados para casas aristocráticas. Esses mapas eram, acima de tudo, para entretenimento.

Mas havia histórias contadas por pessoas respeitáveis em quantidade suficiente para dar a esses mapas decorativos um pouco de credibilidade. Um exemplo seria o mapa desenhado por volta de 1530 por Olaus Magnus. Ele era o arcebispo católico da Suécia, além de ser um historiador respeitado em seu tempo. Por isso, quando seu mapa da Noruega mostrou que as águas da costa estavam repletas de monstros marinhos, as pessoas acreditaram nele.

Na verdade, quando Conrad Gessner publicou em 1558 o quarto volume de seu *Historia Animalium* — uma espécie de bestiário elencando todas as criaturas marinhas conhecidas —, ele incluiu uma série de esboços do mapa de Magnus. Para ele, e para muitos outros, tais seres eram reais.

A culpa não é toda deles, porém. A humanidade tem contado histórias de criaturas misteriosas do oceano há muito tempo. Quase 24 séculos atrás, Aristóteles escreveu sobre uma criatura que ele chamou de *teuthos*, uma lula gigantesca e monstruosa. Séculos mais tarde, bem no quintal de Magnus, os noruegueses que viviam ali perto e viajavam pelas águas em torno da Noruega e da Groenlândia falaram sobre o kraken. É um nome baseado na palavra norueguesa *krake*, que se refere a um animal doente ou a uma criatura deformada. O significado se encaixa perfeitamente na noção de monstros marinhos misteriosos. E, por um longo tempo, se fosse misterioso e perigoso, e estivesse embaixo das ondas, era um kraken.

Muitas dessas velhas histórias podem ser explicadas pelo muito pouco que as pessoas compreendiam sobre os oceanos no século XIV. Quando um marinheiro chegava a uma ilha e encontrava o cadáver em decomposição de um peixe enorme de mais de quinze metros na areia, ele não dizia: “Ei, é um peixe enorme”. Não, ele enquadrava a visão incomum pelas lentes do folclore. Se era um peixe grande e comprido, e parecia uma serpente — pronto, era uma serpente do mar. Ou uma hidra. Ou um kraken. Bem, você entendeu.

Claro, a ciência moderna nos deu uma compreensão melhor do oceano. Sabemos mais do que Olaus Magnus jamais soube. Sabemos que a lula gigante é uma criatura muito real, muito grande, apesar de termos demorado muito para provar isso. Na verdade, ela só foi fotografada viva na água em 2004, e demorou mais dois anos para ser filmada.

O kraken não é a única criatura marinha antiga a ser desprezada pela ciência. Em 9 de janeiro de 1493, Colombo relatou ter visto algo notável nas águas ao longo da costa do que hoje é o Haiti: três sereias. “Elas não são”, escreveu, “tão bonitas quanto pintam, já que em alguns aspectos têm o rosto parecido com o de um homem”.

O folclore sempre retratava as sereias como parte mulher, parte peixe. Durante milhares de anos, os humanos ficaram obcecados pela ideia de criaturas híbridas de peixes e humanos. Os babilônios, os assírios e os antigos gregos contaram histórias sobre elas, assim como culturas da África, China, Índia e Europa em geral. A história, se você me permite o trocadilho, está inundada de sereias. Os marinheiros, notoriamente supersticiosos, tentaram evitá-las. Elas eram vistas por alguns como um mau presságio, sinal de que a tragédia estava prestes a acontecer.

Mas as sereias que Cristóvão Colombo avistou em 1493 provavelmente não eram mais do que um grupo de peixes-boi, um grande mamífero aquático bastante comum perto das costas do mar do Caribe e do golfo do México. Eles têm caudas semelhantes a peixes, nadadeiras em forma de braço e são mamíferos — têm glândulas mamárias peitorais. De longe, e visto através de alguns metros de água, atendem a todos os requisitos.

Mas nem tudo pode ser explicado com tanta facilidade. Às vezes, as histórias são simplesmente muito numerosas, muito detalhadas e muito documentadas para ser descartadas. Algumas histórias se mantêm por muito tempo depois que outras foram desacreditadas pelo escrutínio científico. E nenhum conto do mar, pelo menos na América, se manteve por mais tempo do que aquele que começou na Nova Inglaterra quase quatrocentos anos atrás.

Se é verdade, é mais que intrigante; é absolutamente assustador.

UM VENTO FRIO

Nos primeiros dias do assentamento britânico no Novo Mundo, as colônias eram frequentemente tratadas como oportunidades de investimento. Os que apoiavam financeiramente a Inglaterra adiantavam o dinheiro para contratar colonos, comprar suprimentos e lançar a empreitada. Você pode pensar nisso como se fosse uma missão humana para Marte financiada por dinheiro privado. A diferença é que, para os primeiros colonos, havia a chance de lucro.

Em 1623, foi fundada uma empresa privada em Dorchester, Inglaterra, com o objetivo de estabelecer uma colônia lucrativa na América do Norte. Mais tarde, naquele ano, a expedição atracou na área norte de Boston, conhecida como Cape Ann, e os colonos começaram a trabalhar. Mas a vida nessa nova terra era difícil, e dois anos depois o financiamento foi suspenso.



Cinco anos depois, em 1628, chegaram novos colonos e mais dinheiro. As coisas pareceram melhorar. Em dois anos, o progresso foi suficiente para garantir o envio de mais colonos. Na década entre 1630 e 1640, mais de 10 mil almas corajosas resistiram à travessia do Atlântico para começar uma nova vida na costa norte do que é hoje Massachusetts.

E mais pessoas significam mais observadores. Mais olhos nessa estranha terra nova, cheia de povos indígenas, animais estranhos e ameaças desconhecidas. O medo é uma faísca alimentada por grandes multidões, e nas condições adequadas pode tragar uma cultura. E foi exatamente o que aconteceu em Gloucester.

A primeira faísca foi registrada por John Josselyn, um viajante inglês. Josselyn era um observador atento do mundo natural e mais tarde publicaria suas aventuras em dois livros no final do século XVII. Poucos dias depois que seu navio entrou no porto, no verão de 1648, um dos colonos contou a ele uma história extraordinária. Uma serpente do mar, disse-lhe o homem, fora avistada nas rochas na ponta norte de Cape Ann. Esse cavalheiro descreveu a enorme cobra e afirmou que ela rastejava para fora das águas do Atlântico e ia se enrolar sobre as rochas.

Outros colonos também a tinham visto. Certa vez, disse ele, um barco navegava perto dessa área com quatro homens a bordo, dois colonizadores ingleses e dois nativos. Quando os ingleses viram a serpente se mover pela água, um deles levantou o mosquete para disparar contra ela. Porém, um dos nativos colocou a mão no cano da arma e disse gentilmente para ele não atirar. Era muito arriscado, explicou. Se o tiro não a matasse instantaneamente, *todos* estariam em perigo.

Em 1641, outro homem, Obadiah Turner, avistou a serpente nas proximidades de Gloucester. Ele a descreveu como um animal de quase trinta metros de comprimento, com olhos negros colocados em uma cabeça como a de um cavalo, e disse que seu relato poderia ser confirmado por vários outros colonos. E ele também não foi o último. Durante décadas, boatos correram pelo litoral frio e austero como um vento forte do oceano.

É assim que funciona muito do folclore. Um punhado de experiências dá à luz histórias mais amplas. E a história, como todos sabemos, se espalha como a água. Ela flui e se infiltra, atravessa barreiras. Com o tempo, a história, como a água, deixa sua marca e transforma um lugar. E Gloucester certamente estava passando por uma transformação.

Um século e meio depois, em 6 de agosto de 1817, duas mulheres caminhavam perto do porto interno de Gloucester quando viram algo mover-se pela água, como se seguisse a maré do mar para a terra. Elas pararam para olhar por um momento, antes de perceberem exatamente o que viam. Era uma serpente. Uma serpente monstruosamente *grande*, muito grande para ser qualquer coisa que pudessem ver normalmente naquelas águas. Naturalmente, ficaram assustadas e contaram essa história para outras pessoas.

Quatro dias depois, em 10 de agosto, outros tiveram uma experiência similar. Susan Stover caminhava com seu pai, quando ambos viram uma criatura na água. Eles disseram que o corpo era muito longo e parecido com o de uma serpente, e a cabeça comprida, como a de um cão ou de um cavalo.

No mesmo dia, Lydia Wonson também viu a serpente, que dessa vez estava fora d'água. Quando se desenrolou, Wonson contou, a cobra tinha mais de vinte metros de comprimento.

Mais gente viu a serpente. Um homem, Amos Story, disse ter observado a serpente por meia hora, pelo menos. Ele só viu partes dela se movendo pelas ondas, mas sua reação foi de admiração e medo. Henry Row, junto de seus filhos, a viu várias vezes naquela semana. Em 12 de agosto, Solomon Allen afirmou que o monstro deu várias voltas em torno de seu barco. Ele descreveu a ocorrência mais ou

menos nos mesmos termos — vinte metros de comprimento, cabeça como a de um cavalo, olhos negros. Mas a observou por horas e não se sentiu ameaçado. Na verdade, Allen descreveu a criatura como quase brincalhona, algo que ele não esperava de um monstro de outro mundo.

O verão de 1817 foi pontuado por pessoas avistando a serpente do mar de Gloucester. Toda vez que a maré subia, era como se alguma novidade a acompanhasse — mais sussurros, mais medo, mais relatos de testemunhas oculares e gente que tinha ouvido alguém contar sua experiência. Para muitas histórias, isso seria suficiente. De qualquer maneira, ela já havia garantido um lugar no folclore local. Mas não essa criatura. A serpente do mar de Gloucester estava longe de parar.

DE PERTO E PESSOALMENTE

Nos dias seguintes, a cultura em Gloucester mudaria. Por mais de duzentos anos, os habitantes da região haviam sussurrado sobre a criatura. Eles avisavam aos filhos para tomar cuidado na costa, para ficarem atentos às águas sombrias do Atlântico logo além de suas portas.

Mas, conforme o número de pessoas envolvidas em avistamentos aumentava em ritmo alarmante, a comunidade começou a se perguntar se devia fazer algo mais além de só comentar e se preocupar. Talvez fosse preciso agir. Talvez, alguns sugeriram, deversem caçá-la.

É uma reação muito humana. Quando não entendemos uma coisa, nós a atacamos. Se é algo desconhecido, pode ser uma ameaça, pelo menos é essa nossa reação instintiva. Não estou dizendo que é uma *boa* reação, mas é a natural. Portanto, as pessoas de Gloucester não podem ser criticadas por tomarem a decisão de agir. Elas temiam pela própria segurança.

A gota d'água parece ter sido o dia 14 de agosto. Nele foi registrado o maior número de avistamentos em um único dia — não apenas em Gloucester, mas em toda a história. Dezesete. Dezesete avistamentos. Dezesete descrições de relatos individuais distintos. E quando muitas pessoas tem tantas experiências assustadoras... Bem, a tendência é que a sociedade chegue ao seu limite.

Em 14 de agosto de 1817, Matthew Gaffney decidiu tomar o problema para si. Ele era carpinteiro em um barco de pesca local, mas naquele dia não saiu com os colegas de tripulação. Em vez disso, ficou e levou seu próprio barco para as águas ao sul do porto de Gloucester. Ele ia acompanhado pelo irmão e um amigo.

Não demorou muito para que os três homens encontrassem o que procuravam. Ao longe, podiam ver a forma escura e ondulada do monstro marinho entrando e saindo da água. Eles levaram o barco para mais perto, de onde pudessem enxergá-lo melhor — e, claro, atirar com mais precisão.

Ao se aproximarem, eles viram a criatura com mais detalhes. A mesma cabeça de cavalo. Os mesmos olhos escuros. Era, aparentemente, verde-escura, com manchas marrons, mas branca na parte inferior. Ali estava a besta que assustava o vilarejo. O monstro que não deveria existir. Ali estava a coisa que eles tinham ido caçar. Gaffney pegou o rifle e apontou.

Ele disparou, e os três juravam que tinha atingido o alvo, bem na cabeça. Mas nada aconteceu. Eles não viram sangue. A serpente nem estremeceu. Em vez disso, mergulhou nas ondas escuras. E foi então que perceberam que ela nadava na direção do barco.

Talvez aquele nativo estivesse certo: se alguém atirasse, mas não matasse a criatura, ela se tornaria uma ameaça furiosa e mortal. Gaffney e os outros se prepararam para o ataque. Mas o ataque não aconteceu.

A serpente ressurgiu do outro lado do barco e começou a enrolar e desenrolar na água, movendo-se de um lado para o outro e agitando o oceano em um caldeirão de espuma. Nunca se aproximava deles. No fim, Gaffney voltou para casa com as mãos vazias.

Ele não sabia como era fácil se aproximar da criatura. Na verdade, dois meses depois, dois meninos realizariam o que Gaffney nunca conseguiu: ficaram de pé sobre o cadáver da serpente.

Bom, mais ou menos isso. No final do século XVIII, havia um botânico sueco chamado Carl Linnaeus. Ele desenvolveu o sistema científico de classificação dos organismos vivos, o mesmo que usamos até hoje. Na década de 1790, as sociedades lineanas foram formadas em toda a Europa e na América com o objetivo de descobrir e classificar novas plantas e animais.

Então, quando dois meninos tropeçaram no corpo morto de uma serpente marinha na praia rochosa perto do porto de Gloucester, em outubro de 1817, seus pais recorreram à Sociedade Lineana da Nova Inglaterra para estudá-la. O que eles encontraram foi uma criatura de noventa centímetros de comprimento que parecia uma cobra.

Era muito menor do que aquilo que as pessoas tinham relatado, mas a razão era óbvia para os membros da Sociedade Lineana que a estudavam: era um filhote. A serpente adulta havia entrado no porto de Gloucester para botar seus ovos, e aquela era uma das crias que não sobreviveram. Assim, os membros da sociedade declararam que aquela era uma espécie de cobra nova e desconhecida e a chamaram de *Scoliophis atlanticus* — a serpente corcunda do Atlântico... por um tempo. Poucos dias depois, outro naturalista, Charles-Alexandre Lesueur, estudou o cadáver e disse que era só uma cobra negra comum. Como não sobrou nenhum espécime para estudar hoje, é difícil dizer quem estava certo.

E as coisas se acalmaram em Gloucester. Foram só doze avistamentos em 1839, e o número caiu para nove em 1875. Não que a cidade estivesse encolhendo — pelo contrário, Gloucester havia crescido muito desde então. Mas os avistamentos simplesmente cessaram.

Nas cinco primeiras décadas do século XX, a frequência de avistamentos de serpentes caiu para cerca de um por ano — muito longe dos dias dourados do início do século XIX. Não se sabe se as pessoas de Gloucester ficaram desapontadas, mas não havia mais medo, nem preocupação, nem olhares cautelosos para as águas escuras do porto.

Se a serpente do mar de Gloucester foi, de fato, uma criatura marítima real jamais descoberta, provavelmente nunca saberemos. Seja como for, ela parece ter rastejado para longe, e agora existe apenas nas páginas sombrias da história.

E, talvez, nas profundezas do porto de Gloucester.

MEDOS PROFUNDOS

O oceano é profundo, escuro e cheio de mistérios. É o tipo de lugar que alimenta medos, histórias e superstições. Durante séculos, os marinheiros foram considerados algumas das pessoas mais supersticiosas do mundo. Sua cultura é cheia de maus presságios, bons presságios, criaturas míticas e rituais únicos.

Provavelmente é um efeito colateral da profissão, que é arriscada. No mar aberto, a vida fica por um fio a cada momento de cada dia. Uma tempestade inesperada, um recife encoberto, um nevoeiro repentino qualquer coisa pode envolver uma embarcação e puxá-la para o fundo dessas águas frias e escuras.

Portanto, não é de se admirar que os marinheiros temessem algo mais sombrio, mais mortal do que apenas as ondas. Os tentáculos do kraken, o canto da sereia, as voltas da serpente do mar — a mitologia do oceano abriga uma rica mistura de perigos aquáticos.

Felizmente, a ciência puxou o véu de vários desses contos. Às vezes, como no caso das sereias, realmente não há nada a temer. Outras vezes, os tentáculos são tão longos quanto podemos imaginar, mas muito menos mortais. Mas há muito sobre o oceano que ainda não conhecemos. Em muitos sentidos, é o último país não descoberto.

Sob as águas ao longo da costa de Gloucester, há uma prateleira no fundo do oceano. É como um platô que contorna o continente, onde a água é mais rasa, talvez sessenta metros de profundidade. Mais longe, mar adentro, a profundidade da água é de mais de novecentos metros, o que torna as águas da prateleira uma espécie de mundo próprio.

Essa prateleira se estende até a Costa Leste da América do Norte. E foi nela, nas águas de Fortune Bay, na região sul de Newfoundland, que algo estranho aconteceu em maio de 1997.

Dois pescadores de Little Bay East estavam no barco quando viram algo grande na água. De início, presumiram que fosse um aglomerado de sacos de lixo flutuando caídos de outra embarcação, então se aproximaram com o barco para recuperá-los.

Quando chegaram lá, logo perceberam que os objetos não eram sacos de lixo. Eram as corcundas de uma criatura de pescoço comprido. A cor da pele era mais clara do que a da serpente de Gloucester, um cinza mediano, mas o resto da descrição parece assustadoramente familiar: uns doze metros de comprimento, grandes olhos escuros e uma cabeça que ambos descreveram como a de um cavalo.

Ante a aproximação do barco, a criatura levantou a cabeça acima da superfície e olhou para os marinheiros. Por um momento, ninguém se moveu, ninguém emitiu um som — nem os homens, nem a criatura. E então, sem aviso prévio, ela afundou silenciosamente na água e desapareceu sob as ondas.

Nosso medo do mar parece flutuar sempre logo abaixo da superfície. Se as histórias são verdadeiras, ele não está sozinho.





OVELHA PERDIDA

 condado de Webster, West Virginia, fica no sudeste do estado, perto da fronteira da Virginia. É uma região bonita, bem perto do parque nacional Shenandoah e do extremo norte de um trecho de floresta nacional que se estende por três estados. Já passei de carro por lá, e posso dizer que é de tirar o fôlego.

Mas, há um século ou mais, também posso imaginar que aquela era uma região inóspita. Especialmente no inverno. A fronteira sempre é, não? Uma dessas cidades fronteiriças era, e ainda é, Bergoo. Fica à margem do rio Elk, um dos inúmeros rios que atravessam os vales entre as inúmeras pequenas montanhas que preenchem o condado.

Hoje há só 94 pessoas na cidade [segundo o censo de 2010], e talvez uma meia dúzia de estradas, mas ela ainda está lá, resistindo. Porque é uma cidade valente que já enfrentou muita coisa. Vejamos a história de Daniel Junkins.

Eu não sei quando ele e a família se mudaram para a montanha junto ao rio, mas lá havia uma pequena comunidade na década de 1890. Talvez ele tenha começado sua família lá. Pode até ter morrido décadas depois. Aquela montanha era seu mundo, sua casa e quase tudo que eles conheceram.

O inverno de 1894-95 foi severo. Novamente, preciso dizer que isso foi há mais de um século. Não havia chaminés ou arados. Quando nevava, a vida se escondia. E quando nevou forte durante dias, no fim de janeiro de 1895, Daniel ficou preocupado com sua vizinha idosa, a sra. Warnick.

No dia 1º de fevereiro, Daniel enviou a filha de 10 anos, Landy, para, em meio à neve, ir dar uma olhada na sra. Warnick. Era uma caminhada de três quilômetros. Não vou destrinchar suas decisões de pai nem especular por que não foi ele mesmo. Três quilômetros é uma longa caminhada para uma menina de 10 anos, e na neve é ainda pior. Mas acho que as crianças eram mais duras naquela época. De qualquer forma, ele a enviou.

Mas Landy nunca chegou ao seu destino. É claro que a família e os vizinhos foram procurá-la, esperando encontrá-la e trazê-la para casa. Mas tudo o que conseguiram encontrar foi uma fileira de pegadas solitárias em um campo coberto de branco. E eles seguiram esse rastro.

As pegadas continuaram por um trecho, até simplesmente parar no meio de um campo aberto. Não havia nenhuma menina esperando no fim da fileira, nenhum corpo ou qualquer outra pista sobre aonde

ela poderia ter ido. Elas só... cessaram.

A busca continuou, e eles trabalharam rápido. As noites de inverno em West Virgínia, especialmente em fevereiro, eram amargas e mortais. Eles assistiram ao pôr do sol como se fosse um relógio e, quando não a encontraram, souberam que a esperança desaparecia com a luz.

Eles procuraram novamente no dia seguinte, e no outro. Mas Landy Junkins nunca mais foi vista. Suas pegadas contaram uma história bizarra: em um momento ela estava lá, andando e seguindo na direção certa. E depois... sumiu. Desapareceu sem deixar rasto.

UMA DO BANDO

Um ou dois dias depois, Hanse Hardrick encerrava o dia levando suas ovelhas para um pequeno galpão que construía para protegê-las do vento frio do inverno. Ele garantiu que os animais tinham tudo de que precisavam e depois fechou a porta. Essa porta, que ficava de frente para a casa, era a única maneira de entrar ou sair.

Na manhã seguinte, Hardrick foi verificar as ovelhas. Ele destrancou a porta, entrou e estacou. Faltava um animal. A ovelha remanescente estava encolhida em um canto, como se temesse um predador.

Olhando em volta, Hardrick percebeu pequenos pedaços de madeira e de casca de árvore espalhados pelo chão. Ao olhar para cima, ele descobriu por quê. Tinha um grande buraco no teto. Grande o suficiente, de fato, para que uma ovelha passasse por ele.

As pessoas no condado de Webster, West Virginia, fizeram a conta. Lembraram da pequena Landy e de seu misterioso desaparecimento. Pensaram na ovelha perdida e no buraco no teto. Logo estavam convencidos de que alguma coisa os atacava do céu. As ovelhas do sr. Hardrick e a pequena Landy eram duas provas disso.

O vilarejo tratou de se defender. As crianças eram mantidas dentro de casa para sua segurança. Os agricultores cuidavam do gado aumentando a vigilância. Toda a comunidade se fechou, atenta ao que era mais valioso para eles e para aquele que vinha do céu.

Então, alguns dias depois de a ovelha ter sido roubada pelo telhado do celeiro, o xerife do condado e seu filho estavam saindo da floresta depois de uma caçada malsucedida e chegaram a uma clareira. Ali, no espaço aberto, viram dois cervos — uma fêmea e seu filhote — tentando lutar contra algo enorme. Os dois homens não podiam ver claramente o que era, mas, de onde estavam, parecia um pássaro gigante, ou algo com asas enormes, pelo menos.

Antes que pudessem correr para tentar ajudar os animais, a criatura agarrou o filhote e alçou voo. Eles a viram subir cada vez mais, indo direto para as montanhas a leste da cidade.

A maioria dos historiadores que ouviram esse relato deu respostas frias e lógicas. Era uma águia, nada mais. Mas que águia pode pegar uma criança de 10 anos? Ou uma ovelha? Ou um jovem cervo?

Entendi. É fácil dizer que era uma águia. Elas são aves predatórias, e são grandes também. Mas essas ocorrências sugerem outra coisa. E o fato de ter acontecido a menos de 150 quilômetros do vale do rio Ohio, onde houve avistamentos de uma criatura alada que algumas pessoas chamavam de Mothman, o Homem-Mariposa, e outras comparavam a uma coruja gigante... Bem, isso faz a gente pensar.

Ah, e a montanha onde a família Junkins e seus amigos moravam tinha um nome. Desde que todo mundo consegue lembrar, ela sempre foi chamada de Owls Head, que significa Cabeça de Coruja.





UMA PALAVRA

Há uma escola em Jefferson, Wisconsin, com um nome que parece ter sido tirado das páginas de uma revista em quadrinhos ou de um sombrio romance de fantasia urbana: a Escola St. Coletta para Crianças Excepcionais. Tem uma sonoridade legal, não tem?

Mas St. Coletta não abrigou um grupo de super-heróis que lutavam contra o crime, nem mesmo uma reunião de alunos excepcionais, mas peculiares. Nem era uma escola. Seu nome original pode sugerir a verdadeira natureza do lugar: Instituto St. Coletta para Jovens com Retardamento.

Era, para todos os efeitos, uma casa para indivíduos mentalmente incapacitados. Ela abriu as portas em 1904 e alterou seu nome em 1931 para incluir o mais poético “Crianças Excepcionais”. Ao longo do caminho, recebeu pessoas de todos os setores da vida. Sua moradora mais famosa, provavelmente, foi Rose Kennedy, irmã do ex-presidente John F. Kennedy. Ela passou a maior parte de sua vida em St. Coletta depois de uma lobotomia malsucedida feita pelo dr. Walter Freeman deixá-la permanentemente incapacitada.

Havia uma casa particular para ela no terreno da escola. St. Coletta tinha muita terra — setenta hectares, na verdade —, e isso permitiu que a escola se ampliasse e atendesse à crescente necessidade de habitação. Mas também havia outras coisas no campus, coisas que a escola não construiu: sepulturas de índios norte-americanos.

Entre os guardas noturnos de meados da década de 1930, havia um homem chamado Mark Schackelman. Parte do trabalho dele era caminhar pelo campus com uma lanterna procurando sinais de problemas. Era um trabalho calmo e pacífico, provavelmente, apesar do rigor dos invernos no Wisconsin.

Em uma noite de 1936, Mark estava fazendo sua ronda habitual pela propriedade, onde havia vários túmulos. A luz da lanterna se movia pela grama escura enquanto caminhava. De repente, ele parou. Tinha alguém ajoelhado no chão na base de uma das elevações fúnebres.

E a pessoa cavava.

Schackelman presumiu que fosse alguém da região, talvez arrumando confusão, atrás de algo de valor no túmulo. Contudo, quando apontou a luz diretamente para a pessoa, percebeu que não era uma pessoa. Era uma *coisa*.

Mark disse que a coisa tinha mais ou menos o tamanho de um homem, só que coberto da cabeça aos pés por pelo escuro. E o jeito como estava ajoelhado também não parecia humano. Ele não teve muito tempo para analisar a criatura, porque ao ver a luz ela se levantou e fugiu pela noite.

Schackelman não se aproximou para inspecionar a área. Voltou correndo para o prédio principal do campus e bateu o cartão para ir embora. No dia seguinte, com o Sol brilhando forte, ele voltou e deu uma olhada no túmulo. Havia sinais de que a terra tinha sido revolvida. Grandes sulcos foram abertos no gramado e no solo. E nas áreas cavadas, Mark viu marcas que pareciam feitas por garras.

Mark foi muito mais corajoso do que eu teria sido no lugar dele. Voltou ao trabalho naquela noite, e quando chegou a hora de ir patrulhar o campus no escuro e sozinho, ele foi. Maluquice, né?

Não sei se esperava ou não encontrar a coisa novamente, mas quando chegou ao mesmo lugar da noite anterior, ele encontrou a criatura mais uma vez de joelhos, cavando o chão. Mas, em vez de fugir, ela se levantou e olhou para ele de cima.

Mark conseguiu enxergar melhor dessa vez. A coisa tinha mais ou menos sua altura, e seu peito era largo e musculoso. Os braços terminavam em mãos que pareciam misturadas com as garras de um animal. Orelhas altas, pelos por toda parte, e pernas de um formato estranho. Mas a coisa mais surpreendente que aconteceu naquela noite foi que essa... *coisa*... realmente falou com ele.

Disse apenas uma palavra e, para ser sincero, não tenho certeza de que Mark tenha entendido que era uma palavra, não por muito tempo. Mas, de acordo com suas anotações e seus depoimentos sob juramento, ela disse algo: “Gadara”.

Mark passou o resto da vida guardando segredo sobre os acontecimentos daquela noite. Somente sua esposa ficou sabendo, e esse não é o comportamento de alguém que está inventando histórias para chamar atenção ou ganhar fama.

Em 1958, quando pensou que estava morrendo de uma doença terminal, Mark finalmente rompeu o silêncio e contou a história ao filho, que era repórter de um jornal local. Ele esperava que, com a divulgação da história na região, outros que tiveram experiências semelhantes pudessem se apresentar e compartilhar suas experiências.

Até onde eu sei, ninguém se manifestou. A experiência de Mark parecia ter ocorrido isoladamente. Mas compartilhar o que vira naquelas duas noites, anos atrás, teve um benefício adicional: deu a muitas pessoas a oportunidade de descobrir exatamente o que uma pequena palavra poderia significar, e por que a criatura que Mark encontrou podia ter sentido necessidade de dizê-la: “Gadara”.

Curiosamente, durante séculos, as pessoas viram os lobisomens como criaturas demoníacas, seres humanos possuídos por espíritos malignos e conduzidos a um estado semelhante ao de um animal. Eles foram queimados ao lado das bruxas acusadas durante os séculos XVI e XVII. Os demônios, afinal, mereciam ser destruídos, eles acreditavam. Há uma história famosa de possessão demoníaca na Bíblia cristã. O livro de Marcos fala de um homem que contou a Jesus ter sido possuído por um demônio chamado Legião. “Legião”, disse ele, “porque somos muitos”.

A cidade onde isso aconteceu já não existe. Foi capital de uma província romana por muito tempo, e depois destruída por um terremoto no ano 747. Explico isso porque o nome dessa cidade tem grande significado na história do folclore que circunda a possessão demoníaca.

Seu nome?

Gadara.





o mundo de

LORE



CRATURAS
ESTRANHAS

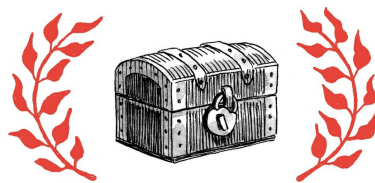


• CAPÍTULO 4 •

NOSSE
OUTRO
EU







DESENCAIXOTADO

Se aprendemos alguma coisa com séculos de exploração, é que esse mundo em que vivemos está cheio de vida. Do fundo do oceano até as falésias rochosas de nossas montanhas mais altas, as criaturas vivas têm um jeito todo seu de se adaptar e prosperar. Em muitos sentidos, não conseguimos pensar neste planeta de outro jeito, só nos lembramos de que está lotado.

Ao mesmo tempo, porém, os humanos têm uma desvantagem. Só nós evoluímos e nos tornamos seres que conseguem andar, falar e construir estruturas sociais complexas. Somente os humanos vão à guerra, ou se dedicam à fé religiosa, ou criam governos elaborados para conter nossa loucura e nosso espírito livre. Os seres humanos são especiais.

É essa especialidade, porém, que nos deixa isolados e sós. Não há nada parecido conosco no planeta. Nenhuma outra criatura pode enviar foguetes para o espaço ou modificar geneticamente os vegetais que comem. Este mundo pode estar transbordando de vida, mas os humanos são singulares em como a tratam.

É por isso, acho, que contamos tantas histórias de seres que são quase humanos, mas não são. Objetos significativos, seres misteriosos, até animais do outro mundo... Parece que quanto mais se assemelham a nós, mais assustadores se tornam. As histórias mais terríveis, ao que parece, são as que sugerem que não estamos tão sozinhos como imaginamos.

Isso é conhecido como antropomorfismo. Damos características humanas a coisas que estão longe de ser humanas. Uma das melhores formas de observar essa prática é na presença de crianças. Os brinquedos que elas apreciam — os que levam de um cômodo ao outro, ou que as acompanham em longos passeios de carro, ou que arrastam para baixo das cobertas na hora de dormir — assumem uma personalidade própria.

Muitas vezes é só uma brincadeira. Outras vezes, é um mecanismo de enfrentamento da perda ou do medo. Porém, às vezes, em ocasiões muito raras, esses objetos parecem definir as regras. *Eles* escolhem a própria qualidade. Orientam as decisões da criança. Como se alguém ou alguma coisa — os controlasse.

BRINQUEDOS

Em 1982, um operador de retroescavadeira estava preparando um canteiro de obras para um empreendimento em Titusville, na Flórida. Quando trabalhava em uma das lagoas, notou algo parecido com pedras em meio à lama. Ele, no entanto, achou aquilo estranho, e desceu da máquina para olhar mais de perto. As “pedras” eram, na verdade, ossos. Especificamente, ossos humanos. O médico-legista do condado foi chamado, mas ficou claro, quase imediatamente, que os ossos pertenciam a alguém que havia morrido tempos antes. A Universidade Estadual da Flórida se envolveu, e foi aí que seus pesquisadores descobriram a verdade, digamos assim.

Os ossos pertenciam a uma garota de 3 anos que havia morrido mais de 7 mil anos antes de a Flórida se tornar um estado. Era óbvio que fora enterrada pelos pais. Eles a envolveram com um pano feito de fibras vegetais e depois a colocaram em uma sepultura rasa. E ela não estava sozinha. Perto de seus braços, caso os quisesse, havia brinquedos.

Parece que as crianças têm brinquedos — objetos que amam e com os quais brincam — há milhares de anos. Talvez dezenas de milhares. Contudo, por muito tempo, objetos que pudessem ser considerados brinquedos eram raros. Em um mundo onde todos tinham que contribuir para o bem-estar da comunidade, até as crianças precisavam crescer depressa e fazer sua parte. Quando tinham *de fato* brinquedos, eles eram geralmente de formato simples, como pedrinhas. Também brincavam com objetos que serviam para representar as coisas mais importantes para sua aldeia ou seu clã: bichos e soldados de brinquedo, bem como ícones religiosos, são objetos comumente encontrados por arqueólogos em túmulos antigos de crianças.

Curiosamente, os antigos gregos esperavam que as crianças abandonassem seus brinquedos quando atingissem certa idade. Na noite anterior ao dia de seu casamento, jovens mulheres levavam seus brinquedos para o templo local, onde os ofereceriam como sacrifício aos deuses. Nas sociedades europeias, a ideia de infância começou a mudar após o advento do Iluminismo, em meados do século XVII. As sociedades se tornaram mais afluentes, e as crianças não precisavam trabalhar tão cedo ou com a mesma frequência de antes. Além disso, os brinquedos se tornaram mais complexos e úteis. Os quebra-cabeças nasceram em 1767 como forma de ensinar geografia, e os jogos de tabuleiro da mesma época serviam para divertir. Os brinquedos tinham evoluído. Mas, aparentemente, ao longo de toda a história — atravessando fronteiras culturais e abrangendo milhares de anos de arte e tecnologia —, os brinquedos sempre foram uma constante no mundo. Dos túmulos dos faraós no Egito às prateleiras da Target por aí, um brinquedo sempre manteve um encanto universal e atemporal: a boneca.

As bonecas são pequenas representações de nós mesmos, afinal. Elas personificam as pessoas que amamos e proporcionam conforto à solidão como nenhum outro brinquedo pode fazer. E por isso as pessoas se apegam. Crianças se recusam a deixá-las e, mesmo na idade adulta, as bonecas podem ser mantidas por perto. Às vezes, porém, os papéis se invertem. Por mais maluco que pareça, não são poucas as histórias de bonecas não crianças que se recusam a partir. Elas parecem assumir o controle, determinar o tom e dominar a vida das pessoas que as possuem.

E, às vezes, as consequências têm sido assustadoras.

O PRESENTE

Thomas e Minnie Otto eram um casal que viajava muito e tinha um profundo amor pelas artes. Eram nativos de Key West, Flórida, e em 1898 construíram uma nova casa na Eaton Street. Dois anos depois de se mudar, o casal teve o terceiro filho, a quem deram o nome de Robert Eugene. Eles o chamavam de

Gene. A família rapidamente se habituou ao estilo de vida descontraído de Keys. Eles tinham mais dinheiro de que precisavam, e o gastavam com conforto, o que incluía uma equipe de empregados para a casa. Cozinheiros e criadas estavam sempre à disposição, e havia uma jamaicana que trabalhava como babá de Gene. A história não cita o nome dela. Se você fosse uma mulher em 1904, isso era bastante comum, infelizmente. Se sua pele não fosse clara e seu nome não fosse europeu, as chances de ser identificada diminuía ainda mais. Então, não sabemos seu nome. Mas sabemos que amava Gene. Passava horas com ele todos os dias. Viajava com a família Otto em suas jornadas pelo país, cuidando do menino como uma versão do começo do século de uma babá de Manhattan. Ela era próxima dele.

Foi por isso, provavelmente, que ela deu o boneco a Gene. Era grande — do tamanho de um menino de 4 anos, de fato. Recheado com palha e costurado à mão, vestia um uniforme branco de marinheiro. E Gene o adorou. Ele o levava consigo a todos os lugares, em viagens ao exterior e em passeios que fazia com a mãe à cidade. Dizia-se até que Gene, às vezes, usava uma roupa semelhante, e os dois pareciam irmãos.

Gene chamou o boneco de Robert, seu primeiro nome, e o relacionamento se transformou no começo de um livro de contos. O boneco tinha a própria cadeira à mesa da sala de jantar, e Gene dava pedacinhos de comida para ele enquanto a família ceava. Na hora do banho, o boneco era colocado sobre uma toalha seca perto da banheira, enquanto Gene brincava na água com barquinhos, rolhas e todas as coisas que as crianças adoravam levar para a banheira. E, no final da noite, Gene colocava Robert na cama com ele, e os dois ficavam juntos.

Tudo normal. Meus filhos fazem coisas semelhantes, dão nomes aos bonecos e os levam em passeios de carro. Mas, para Gene, a normalidade parou por aí, porque, pouco tempo depois de estabelecer uma rotina com o novo brinquedo, as coisas ficaram estranhas. De acordo com a maioria dos relatos, tudo começou com uma conversa.

Com frequência, os pais de Gene ouviam a voz do filho vindo do quarto enquanto ele brincava. Embora estivesse lá sozinho, sempre parecia conversar com alguém. Primeiro, ouviam a voz dele, doce e baixinha; em seguida, outra voz respondia, diferente e mais áspera. Muitas vezes, a segunda voz era insistente, enquanto a de Gene era quase nervosa. Claro, os parentes de Gene presumiram que era uma brincadeira e simplesmente estava fazendo de conta. Com o tempo, entretanto, começaram a duvidar disso.

Durante algumas dessas supostas conversas, a mãe de Gene se aproximava silenciosamente do quarto do menino e, sem avisar, entrava. Lá dentro, encontrava o filho encolhido em um canto do cômodo, abraçando os joelhos, enquanto Robert, o boneco, estava sentado na cama ou em uma cadeira. Ela não podia ter certeza, mas tinha a impressão de que o boneco estava olhando feio para o menino. As coisas progrediram rapidamente a partir daí. Os Otto acordaram em várias ocasiões com Gene gritando no quarto. Eles corriam até lá e o encontravam sentado na cama, com os móveis tombados e objetos espalhados. Gene dizia que a culpa era de Robert. Robert, o boneco, o encarava do pé da cama. “Robert fez isso” tornou-se uma frase comum na casa dos Otto. Eles não acreditavam no filho, é claro, mas o menino culpava o boneco pela maior parte da atividade incomum. Quando os pais encontraram brinquedos que pareciam ter sido mutilados ou quebrados, Gene dizia que a culpa era de Robert.

Às vezes, os Otto ouviam risadinhas em algum lugar da casa. Geralmente, à noite, quando Gene deveria estar na cama. Pratos e talheres eram frequentemente encontrados jogados pela sala de jantar. Roupas eram encontradas no chão, como se tivessem sido rasgadas por algum desconhecido. Às vezes, os

empregados entravam nos quartos de hóspedes não utilizados e descobriam que a roupa de cama tinha sido revirada e atirada no chão.

Empregados chegaram a ficar trancados fora da casa quando faziam suas rondas noturnas. Se Gene não era diretamente acusado, às vezes os próprios criados eram responsabilizados pelas perturbações. A consequência disso era uma alta rotatividade na casa, com um movimento constante de empregados chegando e partindo. A constante por trás de tudo era Robert, o estranho boneco de roupinha branca. E alguns relatos dão conta de que ele poderia ter feito mais que criar confusão. Ele poderia ter matado.

UMA CAIXA DE PROBLEMAS

Ouvir risadinhas em cantos afastados da casa era uma coisa. Claro, isso deixaria muita gente nervosa. Eu ficaria apavorado. Mas os Otto resistiam, aceitavam as repetidas justificativas. Eram pais rígidos, talvez até um pouco dominadores para os padrões atuais, e sempre castigavam Gene rapidamente pelas travessuras. Uma coisa era fazer bagunça. Mas treinar empregados era difícil, e assustá-los o tempo todo não era conveniente para a vida confortável da família. E então eles puniam Gene.

Em defesa do menino, ele parecia acreditar nas próprias histórias. Protestava um pouco, culpava o boneco pelos acontecimentos, mas depois assumia consequências como uma criança responsável.

Mas havia outros relatos sobre o boneco, e essas eram coisas que não podiam ser atribuídas ao menino. Os visitantes da casa diziam que o boneco piscava. Alguns afirmavam ter ouvido as risadas quando a família Otto não estava em casa. Os vizinhos diziam que em algumas ocasiões viam o boneco nas janelas do andar de cima, movendo-se pelos cômodos, olhando por entre as cortinas para a rua. Os criados encontravam Robert em uma parte completamente diferente da casa de onde ele tinha sido deixado momentos antes. Às vezes, dava para ouvir o som de pés pequeninos andando de um quarto para outro.

A situação passou dos limites, e parentes interferiram para tentar encontrar uma solução. Uma tia-avó de Gene visitou a família e disse o que pensava: o boneco só podia ser amaldiçoado. Um espírito maligno vivia dentro dele, e, se queriam evitar o caos e fugir de episódios de perturbação, precisavam se livrar dele de uma vez por todas.

Por recomendação sua, Robert foi tirado de Gene e colocado dentro de uma caixa. A caixa foi então escondida no sótão e, pelo menos em teoria, o boneco não podia mais lançar sua sombra de medo sobre a casa. Na noite seguinte, a tia-avó foi encontrada morta em seu quarto. Era uma mulher idosa, e a história oficial — ela morreu em consequência de um derrame — circulou e foi aceita por muitos. Mas os Otto não acreditaram nisso. Temendo pela própria segurança, tiraram Robert do sótão e o devolveram ao filho. E foi assim que as coisas permaneceram. Como todas as crianças, porém, Gene cresceu. Estudou, se tornou pintor, viajou por toda a Europa e se casou com uma pianista de sucesso. Depois que seus pais faleceram, no entanto, Gene e a esposa voltaram para a Flórida e foram morar na antiga casa de sua infância na Eaton Street.

Ele passava os dias pintando, e sua esposa, Anne, adaptou-se à vida doméstica. E, de alguma forma, no meio de tudo isso, estava Robert. Boatos na cidade falavam de como o boneco ainda tinha um lugar à mesa da sala de jantar, que ficava em uma cadeira ao lado da cama durante a noite, e que Gene tinha o hábito de levar o boneco consigo quando circulava pela casa.

Comentava-se que sua esposa, Anne, odiava o brinquedo. Ficava nervosa com a presença do boneco tão perto do leito conjugal e não permitiu mais que Gene o levasse para o quarto. Por um tempo ele

concordou, e Robert foi mais uma vez trancado no sótão. Mas, reza a história, isso não ajudou. Por vezes, Robert era encontrado sentado em uma cadeira de balanço no andar inferior, embora tivesse sido trancado. O casal ouvia passos no sótão à noite, e o ruído suave e distante de risadas. A lenda local relata que isso acabou com a sanidade mental de Anne — e, no fim, com sua vida.

QUESTÕES DE POSSESSÃO

O estudo do folclore frequentemente encontra os mesmos padrões no mundo todo e ao longo dos séculos. Um dos temas comuns é a desumanização de pessoas de estratos mais baixos. Os julgamentos de bruxas são um exemplo sombrio disso, com os acusados — muitas vezes mulheres, muitas vezes pobres e muitas vezes marginalizadas da sociedade — despojados de sua humanidade e tratados como seres anímicos e monstruosos.

Robert, o boneco, está do lado oposto. Em vez de ser mais um conto sobre alguém que se deixou roubar de sua humanidade, Robert, um boneco de pano e palha e sem alma, parece ter tido a humanidade conferida a ele.

Por quê? É difícil dizer. Talvez porque os pais de Gene Otto precisavam de uma desculpa para o comportamento atípico do filho. Talvez fosse uma cultura de superstição trazida para a casa por criados com diferentes origens étnicas. De alguma forma, um Robert vivo, respirando, era uma história mais fácil de engolir do que a alternativa.

Nunca saberemos com certeza se Gene Otto inventou tudo. Ele faleceu em 1974 — com Robert ao seu lado, alguns dizem. Por um tempo, a casa permaneceu desabitada, a não ser que você considerasse Robert residente. Mas, no fim, uma nova família se mudou para lá e se apoderou do imóvel da Eaton Street. Eles restauraram muito do charme original da casa e, nessa reforma, encontraram o boneco. Talvez tenham sido compelidos a isso ou ouvido os comentários dos moradores da região. Qualquer que tenha sido a razão deles, a nova família empacotou o boneco e o levou para o sótão.

Mais tarde, a família doou Robert para um museu local, mas não foi a caridade que os motivou; foi o medo. Não muito tempo depois da mudança, eles passaram a vivenciar estranhas experiências. Coisas que Gene Otto conhecera muito bem: risadinhas fofas, passos leves no sótão e confusões aleatórias e inexplicáveis.

A filha do casal, uma menina de 10 anos, relatou que o boneco aparecia em diferentes partes da casa por conta própria, e que em algumas ocasiões até tentou atacá-la — algo que ela repete ainda agora, adulta.

A última gota, contudo, algum tempo depois, quando os pais da menina foram despertados no meio da noite. Na escuridão do quarto, ouviram risadas e ruídos de movimentação. Alarmados, um deles acendeu o abajur sobre o criado-mudo, e os dois sentiram o coração parar de bater.

Ali, ao pé da cama, estava Robert, o boneco, com uma faca de cozinha na mão.



Em 1970, Donna tinha 28 anos e estudava para se tornar enfermeira. Dividia um apartamento com a amiga Angie, e a dupla fazia todas as coisas normais que duas universitárias fariam: recebiam amigos, saíam e estudavam.





NÃO ABRA

Naquele ano, como presente de aniversário, a mãe de Donna deu a ela algo que encontrou em uma loja de objetos usados. Era uma boneca Raggedy Ann bem grande, de quase um metro de altura. Foi um presente estranho para uma mãe dar à filha adulta, mas já ouvi coisas piores. De qualquer maneira, Donna gostou do presente.

Angie, no entanto, tinha sentimentos diferentes. Pouco depois da chegada da boneca, começou a notar coisas estranhas. Em várias ocasiões, Angie contou, ela saía da sala e, quando voltava, tinha a impressão de que a boneca havia mudado de posição. Às vezes, as pernas estavam cruzadas, às vezes os braços. Às vezes, ambos.

Essas ocorrências se tornaram mais frequentes com o passar do tempo. Logo as duas mulheres descobriram que a boneca — que haviam batizado de Annabelle — realmente se movia pelo apartamento. Donna deixava a boneca no sofá antes de ir trabalhar, e quando Angie voltava para casa, mais tarde, Annabelle estava na cama de Donna, com a porta do quarto fechada.

Vamos ser claros: esse é o ponto em que eu teria comprado fluido para isqueiro e uma lixeira de metal. Não consigo pensar em um presente de aniversário que eu *não queimaria* se começasse a fazer essas coisas. Mas as mulheres pareciam aguentar tudo isso. Talvez fosse o sentimento: a boneca era um presente, afinal. Qualquer que tenha sido o motivo, elas a mantiveram, algo de que mais tarde se arrependeriam.

COMUNICAÇÕES

Foi quando as mensagens começaram a aparecer. Donna e Angie entravam em um aposento e encontravam Annabelle sentada no sofá ou na cama, com um pedaço de pergaminho velho ao lado. Duas coisas eram estranhas nisso: primeiro, as mulheres não tinham pergaminho à mão, por isso não sabiam de onde aquilo havia saído. Em segundo lugar, havia palavras escritas nesses pedaços de papel.

Não só palavras; eram anotações. Geralmente escritas em vermelho, em uma letra hesitante e quase infantil, essas mensagens incluíam as frases “Ajude-me” e “Ajude-nos”.

As mulheres procuraram um médium, alguém para ajudá-las a se comunicar com o que pensavam ser um espírito dentro da boneca. Vamos dar uma chance a Donna. Ela estudava para ser enfermeira, era óbvio que se sentia no dever de ajudar as pessoas necessitadas. Talvez, só talvez, essas mensagens — esses pedidos de ajuda — de alguma forma tocassem seu coração.

O médium contou a elas uma história que parecia fazer sentido. Annabelle estava possuída pelo espírito de uma jovem que havia morrido muito antes de aquele prédio de apartamentos ter sido construído, e seu corpo fora enterrado lá, embaixo do edifício. Esse espírito, de acordo com o médium, gostava das duas mulheres e queria ficar com elas. Donna e Angie concordaram.

Repito, controle sua descrença. Sim, a maioria das pessoas teria usado um maçarico na boneca bem antes, mas nunca estivemos no lugar de Donna. Podemos bancar o exorcista de sofá quanto quisermos, mas não podemos mudar suas decisões.

A aceitação das jovens pode ter aberto a porta para problemas maiores. Pensar na história depois que ela aconteceu é sempre muito mais fácil.

Elas começaram a notar uma substância vermelha e grossa, que escorria das mãos de Annabelle. Mas foi o noivo de Angie, Lou, que sentiu o verdadeiro poder do espírito que habitava a boneca.

O PESADELO

A palavra do inglês antigo para demônio e pesadelo é *mare*, e é daí que vem o termo moderno *nightmare*, pesadelo. Há mil anos, um pesadelo era o que acontecia quando um demônio o paralisava durante o sono para assombrá-lo ou atormentá-lo. Hoje, chamamos a condição de paralisia do sono, mas há séculos se acreditava que os demônios eram a causa.

Menciono isso porque, de acordo com Lou, ele teve um pesadelo. Não quero que você imagine um homem adulto com um sonho ruim. Quero que você o imagine com um pesadelo antigo, cheio de terror, paralisante. Literalmente, o enredo das lendas.

Quando Lou acordou, ele não conseguia se mexer. Naturalmente, entrou em pânico e olhou em volta procurando a causa dessa imobilidade. Nada parecia fora do comum — até que olhou para os próprios pés.

De acordo com Lou, lá estava Annabelle, a boneca. E, enquanto a observava, ela começou a se mover lentamente por suas pernas, pelo abdome e pelo peito. Ele afirma que a boneca começou a estrangulá-lo, mas pouco depois Lou perdeu a consciência. Quando acordou na manhã seguinte, seu peito estava coberto de arranhões.

TRANSFERIDA

No limite, as mulheres entraram em contato com Ed e Lorraine Warren, pesquisadores paranormais bem conhecidos na região. Os Warren chegaram com um padre, e foi feito um exorcismo na boneca antes de ela ser removida do apartamento.

O objetivo era transferir Annabelle para o museu fundado pelos Warren, um lugar onde artefatos e provas tangíveis de suas pesquisas poderiam ser vistos por outras pessoas. Mas até a transferência de Annabelle para lá foi difícil.

De acordo com Ed Warren, o casal evitou a rodovia, antecipando uma “viagem complicada”, e houve um ponto em que tiveram de parar e borrifar água benta na boneca. Eles contaram que a direção hidráulica e os freios do carro deixaram de funcionar por um trecho da viagem.

No fim, Annabelle foi colocada em uma vitrine especial no museu dos Warren. A vitrine tem várias travas para desencorajar os visitantes a tentar tocar ou segurar a boneca, e cada trava foi lavada com água benta e abençoada por um sacerdote.

Você ainda pode visitar e ver Annabelle com seus próprios olhos, se quiser. Mas tenha cuidado. A placa na caixa de vidro tem uma mensagem simples, mas forte: “Aviso: Não abra”.





UM DIABO NO TELHADO

Em março de 2014, um andarilho da Lituânia encontrou uma fonte quente que derretia o gelo em um lago congelado. Não é incomum achar essas coisas, mas ele ficou curioso. Eu também ficaria: o lago estava congelado, mas havia uma janela para a água parada abaixo da superfície. Qualquer um teria se aproximado para dar uma olhada naquilo.

Quando ele chegou perto, viu algo que sua mente teve dificuldade para processar. Parecia ser uma criatura viva, mas diferente de qualquer coisa que ele já tivesse visto. Felizmente, vivemos em uma era muito conectada, muito digital, e ele usou o celular para fazer um pequeno vídeo.

Não tenho ideia do que era a criatura, ou se era mesmo uma coisa viva. E não vou discutir isso hoje, nem contar mais sobre experimentos semelhantes, porque não existe nenhum. Foi um evento único, uma ocorrência aleatória, que nunca tinha acontecido antes e provavelmente nunca mais acontecerá.

Algumas histórias são assim. Às vezes, encontramos algo novo, sem histórico ou registro de eventos para dar legitimidade ou validade. Essas histórias me frustram.

Outras histórias, no entanto, vão *fundo*. Algumas lendas foram contadas há séculos. Algumas criaturas foram avistadas por centenas de pessoas ao longo dos anos, e cada novo avistamento empresta credibilidade à história. Mesmo que tudo tenha sido inventado ou apenas um grande mal-entendido, essas camadas sobre camadas de história parecem, de alguma forma, dar vida às criaturas que descrevem.

Quando encontramos esses poços profundos do folclore, nossa mente encontra um desafio: os séculos de relatos em primeira mão servem como prova, ou destacam nossa predisposição incrível, transcultural, quase genética à credulidade?

Poucos lugares nos desafiam nesse grau como Pine Barrens, no sul de New Jersey. Dentro dessa área arborizada, o mistério corre solto. Mistério e, alguns dizem, o Diabo.

OS PINHEIROS

Quando pensamos na Costa Leste dos Estados Unidos, imaginamos uma área urbana, com fileiras intermináveis de comunidades-dormitório em torno de grandes centros metropolitanos. Nova York,

Boston, Filadélfia, Washington, D.C. —, todos esses lugares são símbolos da incapacidade humana de deixar em paz uma área ainda não desenvolvida.

O que a maioria das pessoas não sabe, no entanto, é que existe uma enorme área florestal que atravessa a região sul de New Jersey que simplesmente desafia a lógica. Seu nome é Pine Barrens, e essa é a maior área de terra não desenvolvida no litoral do Médio Atlântico. Sério, esse lugar é enorme: tem 1,1 milhão de hectares de floresta, e por baixo disso tudo há aquíferos subterrâneos com mais de 64 trilhões de litros da mais pura água potável no país.

Como você pode imaginar, uma área tão imensa de terra intocada tem sua própria arca do tesouro de criaturas míticas e folclore assustador. A tribo lenape conta histórias sobre os *manetutetak*, ou os anões da madeira, que vivem na floresta — uma versão local da lenda global das “pessoas pequenas”.

Há boatos sobre a existência de outras criaturas em Pines, incluindo o Grande Olho Vermelho, o Homem-Macaco de Hoboken, espécies não documentadas de grandes felinos, a Serpente Marinha de Cape May, o Lagarto dos Grandes Pântanos e até uma coisa chamada Kim Kardashian.

New Jersey está cheia de monstros.

Mas, acima de todos eles, como um patriarca empoleirado no topo de uma árvore genealógica enfeitada, tem algo que assombra Pines há quase trezentos anos.

A história original é mais ou menos assim: em 1735, uma sra. Shroud, de Leeds Point, New Jersey, engravidou do décimo terceiro filho. De acordo com a lenda, a sra. Shroud desejava secretamente que essa criança fosse uma criança diabólica ou um demônio. E, quando a criança nasceu, era deformada e defeituosa.

A sra. Shroud manteve a criança deformada em sua casa, protegida dos olhos curiosos da comunidade. Mas em uma noite escura de tempestade — porque as coisas ruins só acontecem nas noites escuras de tempestade, é claro — os braços da criança viraram asas, e ela fugiu voando pela chaminé. A sra. Shroud nunca mais viu seu filho do Diabo.

Essa é a história. Ou uma versão dela, pelo menos. Uma lenda mais famosa identifica a mãe como a sra. Leeds (não uma sra. Shroud de Leeds Point), que era de Burlington, New Jersey. A sra. Leeds, de acordo com a lenda, fazia experimentos com feitiçaria, apesar da crença quacre, e esse hobby deixou as velhas que a assistiram no parto bem desconfortáveis.

Para alívio de todas, porém, um belo menino nasceu naquela noite chuvosa, e ele foi rapidamente entregue aos braços da sra. Leeds. Foi quando se transformou: os traços humanos desapareceram, seu corpo se alongou e até a pele mudou. A cabeça do bebê era como a de um cavalo, e cascos substituíram seus pés. Asas como as de um morcego brotaram de seus ombros, e ele cresceu até atingir o tamanho de um homem.

Outras histórias sobre a origem persistiram ao longo dos séculos. Uma afirma que o monstro era o resultado de uma relação infiel entre uma colona de Leeds Point e um soldado britânico, enquanto outra história fala de uma maldição cigana. Parece não ter existido nenhuma cidade ou vilarejo na área de Pines sem uma versão própria da história, e muitas bem loucas. Uma coisa une todas elas, entretanto: as descrições da criatura.

Em todas as histórias, ela era uma espécie de híbrido ou mutação de um animal normal. A maioria dos contos o descreve com os mesmos termos: cabeça como a de um cavalo, asas como as de um morcego, mãos de garras, cauda longa de serpente e pernas como as de um cervo. Em algumas histórias, a criatura é quase semelhante a um dragão.

Coincidentemente, as tribos lenape se referem à área de Pines como Popuessing, uma palavra que significa “o lugar do dragão”. Os exploradores holandeses chamaram a área de Drakekill, sendo *kill* a palavra holandesa para “rio” e *drake*, “dragão”.

Seja qual for a verdade por trás das origens dessa lenda, e quaisquer que sejam suas características principais, as pessoas de Pines concordavam quanto a seu nome: o Diabo de Jersey. E isso foi mais do que apenas uma história contada de pessoa para pessoa. Ao longo dos séculos seguintes, surgiram inúmeros relatos de testemunhas oculares que apontavam para uma conclusão esmagadora: o Diabo de Jersey era real.

VISÕES RÁPIDAS

O que torna o Diabo de Jersey tão especial é a qualidade de muitos dos avistamentos. Indivíduos sem necessidade de inventar histórias por razões políticas ou profissionais, todos pareciam encontrar coragem para reportar incidentes que normalmente seriam risíveis.

Stephen Decatur era um oficial da Marinha dos Estados Unidos conhecido por suas muitas vitórias navais no início do século XIX. Decatur foi, e ainda é hoje, uma figura muito respeitada na história norte-americana. Cinco navios de guerra receberam seu nome. Ele teve o próprio selo pelo Serviço Postal dos Estados Unidos e, no final do século XIX, era seu rosto que aparecia na nota de 20 dólares, no lugar de Andrew Jackson.

De acordo com a lenda, Decatur visitou Hanover Iron Works em Burlington, New Jersey, no início dos anos 1800. Nessa fábrica eram produzidas balas de canhão, algo com o que Decatur estava muito familiarizado, e ele lá estava para testar o produto.

Nessa ocasião, dizia-se que Decatur estivera no campo de tiro operando um canhão. Lá ele viu uma estranha criatura sobrevoando a área. Era diferente de qualquer coisa que já vira antes, e, como um verdadeiro norte-americano, apontou o canhão para o ser alado. Ele disparou, e, dizem, o tiro atingiu a coisa no ar. No entanto, misteriosamente, nada aconteceu. A criatura continuou voando.

Outro famoso residente de New Jersey foi José Bonaparte, irmão de ninguém menos que Napoleão Bonaparte. Napoleão havia feito de seu irmão rei da Espanha em 1808, mas José abdicou apenas cinco anos depois, antes de se mudar para os Estados Unidos. Ele se instalou em uma grande propriedade chamada Breeze Point, perto de Pine Barrens, e morou lá por quase duas décadas.

Um de seus passatempos favoritos era sair para caçar por Pines. Em uma dessas expedições de caça, o ex-monarca da Espanha estava no bosque perto de sua casa, quando viu alguns rastros estranhos na neve. Pareciam ser pegadas de um burro, mas havia apenas dois pés, não quatro. Bonaparte comentou que um dos pés era um pouco maior que o outro, como se deformado de alguma maneira. Ele seguiu as pegadas até uma clareira, mas parou quando os rastros desapareceram. Era como se o animal tivesse simplesmente alçado voo.

Quando se virava para ir embora, Bonaparte ouviu um silvo estridente. Olhou para trás e se viu frente a frente com uma grande criatura. Ele a descreveu com asas de morcego, cabeça de cavalo e pernas finas. Antes que pudesse se lembrar de usar o rifle, a criatura silvou uma última vez, bateu as asas e voou.

Mais tarde, descreveu os eventos para um amigo, que simplesmente sorriu e comemorou. “Você acabou de ver o famoso Diabo de Jersey”, disse.

As décadas seguintes foram preenchidas por mais e mais avistamentos e relatos. No início da década de 1840, um punhado de agricultores começou a denunciar a morte de gado em suas terras. Na maioria

dos casos foram encontradas pegadas, mas não puderam ser identificadas. Outras pessoas disseram ter ouvido silvos agudos em Pines, um som que seria para sempre relacionado ao Diabo de Jersey.

Em 1900, a crença no Diabo de Jersey era generalizada e mais forte do que nunca. Quase todos na área acreditavam que algo de outro mundo vivia entre os pinheiros, e sempre que algum desastre ou morte tocava suas vidas, eles culpavam essa criatura. Mas alguns também começaram a fazer as contas: se esse monstro realmente era filho da sra. Shroud e tinha nascido em 1735, então era muito, muito velho.

O folclorista Charles B. Skinner comentou sobre isso em uma publicação de 1903:

Diziam que sua vida estava quase no fim e, com o advento do novo século, vários plebeus crédulos de Jersey superaram, de uma vez por todas, o medo do monstro.

Skinner achava que isso tinha acabado, que o Diabo de Jersey era muito velho para continuar aterrorizando as pessoas de Pines. Mas, com os acontecimentos de 1909, apenas seis anos depois, uma coisa ficou muito clara: Skinner não poderia estar mais errado.

1909

Janeiro de 1909 foi um mês agitado para o Diabo de Jersey. Na manhã de 16 de janeiro, um homem chamado Thack Cozzens caminhava sob as estrelas em Woodbury, New Jersey. Um som chamou sua atenção. Ele olhou para cima e viu uma grande forma escura passando. Cozzens lembrou-se de ter notado que os olhos da criatura eram vermelhos e brilhantes.

Na mesma manhã, na cidade de Bristol, Pensilvânia, a uma distância de 42 quilômetros, várias pessoas relataram ter visto uma criatura semelhante antes do amanhecer. Uma testemunha, um policial chamado James Sackville, até disparou contra ela, sem nenhum resultado. E. W. Minster, chefe do correio da cidade, também viu a coisa alada e, de acordo com ele, a criatura emitiu um silvo agudo.

Quando o Sol nasceu naquela manhã, várias pessoas relataram ter visto pegadas estranhas na neve. Ninguém conseguia identificar o tipo de criatura que deixava aqueles rastros.

Um dia depois, 17 de janeiro, pegadas distintas foram encontradas na neve do lado de fora da casa dos Lowden em Burlington, New Jersey. As pegadas contornavam sua lata de lixo, que tinha sido derrubada e revirada.

Outras pessoas encontraram pegadas nos telhados. Rastros foram seguidos pela rua, onde simplesmente desapareciam. A polícia de Burlington tentou rastrear a criatura com a ajuda de cães de caça, mas os cães se recusaram a seguir as pegadas.

Às duas e meia da manhã da terça-feira, 19 de janeiro, o sr. e a sra. Evans dormiam em sua cama em Gloucester, New Jersey, quando um grito os despertou. Ambos se levantaram e se aproximaram da janela, e ficaram paralisados pelo medo. Ali, no telhado do galpão, havia uma criatura diferente de tudo que já tinham visto. Segundo o sr. Evans, a coisa media aproximadamente três metros de altura e tinha cabeça de cavalo. Andava sobre duas pernas e suas mãos eram pequenas, em forma de garras, que mantinha junto ao peito. As asas pareciam ser de couro, e a cauda era longa como uma serpente.

O casal conseguiu afugentar a criatura depois de observá-la por uns dez minutos. Mais tarde, naquele dia, caçadores profissionais foram chamados para tentar rastrear a coisa, mas não tiveram sucesso.

O dia seguinte trouxe mais do mesmo. Um policial de Burlington foi o primeiro a ver a criatura, seguido por um pastor local. Um grupo de caça formado para procurar a besta afirmou que eles a viram

voar na direção de Moorestown. Em Moorestown, a criatura foi avistada no cemitério Mount Carmel. De lá, foi vista voando em direção a Riverside, onde pegadas de cascos foram encontradas em torno de um cachorrinho morto.

Um dia depois, um vagão inteiro de passageiros em Clementon viu a criatura voar em círculos sobre eles. O Black Hawk Social Club relatou seu próprio avistamento, e, quando um bombeiro de Collingswood a viu de perto, virou sua mangueira para cima da criatura e a afugentou.

Naquela noite, uma mulher chamada sra. Sorbinski, em Camden, ouviu um barulho do lado de fora, na escuridão. Ela agarrou a vassoura e saiu de casa, surpreendendo o animal misterioso, que tentava pegar seu cachorro. A sra. Sorbinski bateu na criatura com a vassoura até ela soltar o cachorro e voar para longe.

Uma multidão se reuniu ao ouvir seus gritos, e todos afirmaram ter visto a criatura de longe. O grupo avançou contra a coisa, e um policial até atirou, mas ainda assim ela conseguiu escapar.

Houve mais algumas aparições aleatórias em New Jersey durante o final de janeiro daquele ano, mas foi o último avistamento em fevereiro que deixou muitas questões sem resposta.

Um funcionário de uma ferrovia estava trabalhando nos trilhos quando viu o que descreveu mais tarde como o Diabo de Jersey voando. Ele afirmou ter visto a criatura voar contra uma rede de cabos elétricos suspensos, e provocar uma explosão capaz de derreter os trilhos de metal diretamente embaixo da rede.

Foi feita uma busca, mas nenhum corpo foi encontrado.



SÓ E COM MEDO

Talvez as histórias do Diabo de Jersey sejam realmente sobre o medo. Medo do desconhecido, medo do escuro, medo do que poderia estar escondido lá nas árvores. A humanidade teme essas coisas há milênios. Mas talvez o povo de Pines temesse algo mais básico, mais fundamental do que qualquer coisa que espiasse na escuridão. Talvez simplesmente temessem estar sozinhos.

Não há nada pior do que experimentar uma confusão que você não pode explicar, ou ruídos que não consegue identificar, especialmente se estiver em um lugar novo e estranho. As origens podiam muito bem ser reais e normais, mas, no cenário e na cultura do tempo em que viviam, o inexplicável servia apenas para enfatizar a solidão dos primeiros colonizadores de New Jersey.

Barrens permitia o medo do desconhecido. É assim até hoje. Quando os colonos descobriam plantas e animais raros ou de aparência diferente naquelas florestas, era fácil ir um passo além: crianças demoníacas, criaturas que dançavam nos telhados, gado e animais de estimação sendo atacados. Nós explicamos nossa existência com fantasia, porque às vezes é só isso que pode nos ajudar a lidar com uma situação.

Em 1957, alguns funcionários do Departamento de Conservação de New Jersey encontraram parte do cadáver de um animal em Pines. Era uma coleção de penas, ossos de mamífero e longas patas traseiras que pareciam ter sido queimadas.

Podia parecer lógico supor que a criatura que colidiu com os fios elétricos em 1909 tinha literalmente caído e queimado, só descoberta décadas depois. Poderia, de fato, parecer que a criatura

tinha sumido para sempre.

Mas em 1987, uma mulher não identificada de Vineland, New Jersey, informou que seu pastor alemão havia sido morto durante a noite. O cão fora despedaçado e arrastado a mais de sete metros do fim de sua corrente.

A única evidência que as autoridades conseguiram encontrar ao redor do corpo foram pegadas feitas por cascos.





PURO MEDO

As ruas de Londres eram um lugar de medo em 1790. Dezenas de ataques eram relatados, sempre por mulheres. Um homem, ao que parece, saía das sombras ou dos cantos e as espetava com um alfinete.

Às vezes, ele disfarçava. Há relatos de que preparava um buquê com um objeto afiado e perguntava às mulheres se gostariam de cheirar as flores. Quem poderia resistir? Outros diziam que ele prendia lâminas pequenas nos joelhos e as usava para cortar as mulheres na parte de trás das pernas. E à medida que as histórias se espalhavam, o pânico também crescia. Eles o chamavam de Monstro de Londres, e em algumas semanas a cidade inteira estava em alerta.

No outono de 1803, os londrinos estavam obcecados por uma nova história. Um fantasma tinha sido visto na cidade, na área de Hammersmith. Havia boatos de que se suicidara, e estava condenado a assombrar o mundo para sempre. Muitas pessoas diziam tê-lo visto.

Após meses de histeria e boatos, um policial que fazia sua ronda viu o fantasma. Francis Smith puxou sua arma, mandou-o parar e atirou. Seu tiro foi certo, e o fantasma caiu inerte no chão. Caiu porque era, afinal, apenas um homem. Thomas Millwood trabalhava como gesseiro, e por isso usava roupas totalmente brancas. O agente Smith foi julgado por homicídio e condenado.

Poucas coisas podem unir uma cidade como o medo. A histeria se espalha, da mesma forma que a praga por toda a Europa, no século XVII. Mas essa não é a parte incomum. O que é realmente estranho é a profundidade a que as pessoas descem para acreditar nesses medos. Com que facilidade concordam com o clamor público e acreditam em tudo que ouvem.

Por mais horrível que parecessem as histórias do Monstro de Londres e do Fantasma de Hammersmith, um novo medo varreu a cidade décadas mais tarde. Esse medo permeou Londres tão profundamente e se espalhou tão rápido que deixou uma marca visível ainda hoje. O medo, mesmo quando é construído sobre mentiras, pode se espalhar como fogo.

Porém, às vezes, em ocasiões raras, há uma razão muito boa para se ter medo.

DAS SOMBRAS

Em uma linda noite de setembro de 1837, Polly Adams estava a caminho do Green Man, um pub na área de Blackheath, em Londres. Estava com alguns amigos, e eles conversavam e riam enquanto caminhavam para Shooter's Hill. Quase chegando ao destino, o grupo ficou assustado quando uma figura pulou da escuridão de um beco.

Antes que alguém pudesse reagir, a figura agarrou Polly. Em seu depoimento à polícia, ela disse que o desconhecido estava vestido com um manto preto, mas seus olhos pareciam queimar de tanto brilho. Curiosamente, ela lembrou que o homem cheirava a enxofre, e acrescentou — como se fosse uma coisa normal para se notar em um agressor à meia-noite — que ele também cuspiu fogo azul.

Em vez de ajudar, os três companheiros de Polly correram rapidamente pela noite, temendo pela própria vida. E com razão. O agressor rasgou a blusa de Polly com as mãos, que mais pareciam garras, porém, depois de rasgar sua barriga, ele parou. Com um empurrão, jogou-a no chão, virou-se e sumiu na escuridão.

Um mês depois de Polly Adams ter sido atacada enquanto retornava para casa do Green Man, Mary Stevens estava voltando ao trabalho após uma breve visita aos pais nas proximidades de Batterter. Mary trabalhava como criada em uma casa em Lavender Hill, ao sul do Tâmisa, e decidiu atravessar o parque Clapham Common. Talvez não seja a decisão mais inteligente, independentemente do século em que você vive.

No entanto, Mary fez exatamente isso e caminhava rapidamente por entre árvores e arbustos rumo ao seu local de trabalho. Perto dos limites do parque, uma figura saltou das sombras. O homem a agarrou e a jogou no chão, onde começou a beijá-la. Mary lutou, mas o homem a apertava com força.

De acordo com Mary, o estranho rasgou sua roupa com mãos de garra, que ela sentiu “frias e úmidas como as de um cadáver”. Temendo por sua vida, ela gritou, forçando o agressor a soltá-la e a fugir do local. Os gritos atraíram vários moradores da área, e foi organizada uma busca para localizar o estranho, mas nenhum vestígio foi encontrado.

Na noite seguinte, no mesmo bairro onde Mary Stevens morava, outra figura sombria foi descoberta. Desta vez, em vez de um ataque, uma pessoa misteriosa surgiu no caminho de uma carruagem que se aproximava. O cocheiro, surpreendido com a aparição da figura sombria, perdeu o controle do veículo e se chocou contra um prédio. O cocheiro ficou gravemente ferido, e o homem misterioso gritou e riu uma risada estridente e aguda que fez gelar as testemunhas que a ouviram.

Como se tivesse cumprido sua missão, o homem pulou um muro próximo e escapou. O muro, acredite, tinha quase três metros de altura.

Três meses depois, o prefeito de Londres, um homem chamado sir John Cowan, falou em uma sessão pública na Mansion House sobre uma queixa que havia recebido por carta. Era uma carta anônima, mas quem a escreveu afirmava residir em Peckham, perto de Battersea e dos ataques de 1837. A carta descrevia como os ataques tinham sido uma brincadeira feita por um aristocrata desconhecido como parte de um desafio. Pesquisadores especularam por mais de um século sobre quem poderia ser o nobre, mas nenhuma teoria surgiu.

Mais tarde, em janeiro de 1838, o prefeito mostrou uma pilha de cartas que recebera de pessoas de Londres e da região em torno da cidade, todas alegando ter testemunhado ou sido vítima de ataques semelhantes aos que Polly Adams e Mary Stevens sofreram.

Embora as reivindicações não pudessem ser comprovadas, algumas cartas relatavam que pessoas realmente morreram de susto, enquanto outras ficaram traumatizadas permanentemente por seus encontros com essa figura misteriosa. E muitos dos relatos continham informações bastante

semelhantes. Diziam que o desconhecido podia pular cercas e muros muito altos. Sempre foi descrito como alguém de olhos vermelhos e mãos de garras. E sempre fugia.

Como uma febre, a histeria se espalhou por toda a Londres e a região à sua volta. Não importava que o prefeito duvidasse de tudo isso; pessoas em todos os lugares pareciam ter vislumbres de silhuetas sombrias pulando edifícios altos e aterrorizando seus vizinhos e criados.

Como em qualquer movimento ou experiência pública, o povo de Londres procurou um nome. De que chamariam a criatura — humana ou não — que era o centro de todas essas histórias? No final do inverno de 1838, eles encontraram um nome que se tornaria para sempre parte do folclore vitoriano.

Eles o chamaram de Jack dos Saltos de Mola.

ENCONTROS IMEDIATOS

Até esse ponto, os avistamentos de Spring-Heeled Jack, o Jack dos Saltos de Mola, consistiam em depoimentos em terceira pessoa e ataques a mulheres com pouco poder para chamar atenção. Mas, no inverno de 1838, tudo mudou.

Na noite de 28 de fevereiro, Lucy e Margaret Scales saíram da casa do irmão, que trabalhava como açougueiro na Narrow Street, no distrito de Limehouse. A história não diz para onde iam. Tudo que sabemos é que às oito e meia daquela noite, as duas jovens caminhavam pelas sombras, ingenuamente certas de sua segurança.

Mais tarde, seu irmão, o açougueiro, ouviu gritos distantes, na direção de uma rua conhecida como Green Dragon Alley. Quando percebeu que era a voz de sua irmã Margaret, ele foi encontrá-la. Gosto de imaginar que ainda usava o avental sujo de sangue, e provavelmente pegou um machado de carne antes de correr.

Quando encontrou as irmãs, Margaret estava de joelhos no beco escuro, embalando o corpo de Lucy nos braços. A jovem não estava morta, mas inconsciente nos braços da irmã, que parecia histérica. Enquanto o irmão ajudava as duas mulheres a voltar para casa, Margaret contou o que tinha acontecido.

Enquanto atravessavam uma viela, uma silhueta escura saiu das sombras e aproximou-se delas rapidamente. Lucy estava na frente da irmã, separada dela por poucos passos. Por causa disso, foi Lucy quem sofreu todo o impacto do ataque.

A silhueta, disse Margaret, era de um homem. Ela o descreveu como muito alto e magro, vestido como um cavaleiro e envolto em uma grande capa escura. Segurava uma lanterna pequena e redonda, como a que era usada pelos agentes da lei. E talvez por isso as mulheres o tenham deixado se aproximar sem ficar apreensivas.

Foi aí que as coisas se complicaram. De acordo com o relato de Margaret, mais tarde repetido no gabinete da polícia em Lambeth, o homem coberto da capa se aproximou de Lucy e cuspiu chamas azuis em seu rosto. As chamas, afirmou ela, explodiram da boca do homem, e Lucy, momentaneamente cega e chocada, caiu ali mesmo.

Margaret teve medo de ser a próxima, mas também estava preocupada com Lucy caída no chão de pedras, se contorcendo em meio a algum tipo de ataque. E então, como se tivesse cumprido uma missão, a silhueta escura saltou por cima de Margaret para o telhado de uma casa próxima e desapareceu na escuridão de Londres.

Na mesma semana, a figura sombria de Jack dos Saltos de Mola fez outra aparição. Jane Alsop lia um livro por volta das nove horas da noite. Ela morava em um dos bairros mais agradáveis do East End de

Londres com o pai e duas irmãs. Na noite em questão, era ela quem estava mais perto da porta da frente, razão pela qual, provavelmente, pôde ouvir os gritos.

Além do pequeno quintal, uma voz gritou na escuridão. Havia um portão que permitia o acesso à propriedade e servia como uma pequena medida de segurança. Mas a voz pertencia a alguém que dizia ser policial. Um oficial, de fato, que alegava ter capturado ninguém menos que Jack Saltos de Mola.

O homem pedia algum tipo de claridade, e Jane — sendo uma cidadã obediente — pegou uma vela acesa e saiu da casa para ir levá-la ao oficial. Quando se aproximou dele, o homem tirou o manto, expondo sua verdadeira aparência à luz da chama cintilante. Não era um policial; o que Jane viu a deixou sem ar.

A pessoa vestia uma espécie de macacão justo de tecido branco e usava um capacete de metal. De acordo com Jane, os olhos vermelhos do homem brilhavam no rosto mais horrível e assustador que já vira. E então sem aviso prévio, a figura cuspiu chamas azuis.

Desta vez, Jack não parou por aí. Com Jane parcialmente cega pela luz das chamas brilhantes, ele a prendeu entre os braços. No depoimento dado pela família dela mais tarde naquela mesma noite, no escritório da polícia de Lambeth onde Lucy Scales havia contado sua história, Jane relatou que o homem, se é que era mesmo um homem, rasgou seu vestido com o que pareciam garras de metal. Ele rasgou o tecido e depois a pele da mulher, fazendo cortes profundos e dolorosos em seu abdome. Jane gritou, talvez de dor, talvez de medo. E então ela correu.

A porta da casa estava a poucos metros de distância, e aberta. Jane correu na direção daquela luz. A poucos passos da porta, no entanto, a um instante da segurança, Jack a alcançou. Suas garras agarraram o pescoço e os ombros da mulher. Garras afiadas de metal rasgaram a carne jovem de Jane. Mechas de cabelo foram arrancadas do couro cabeludo. Havia sangue por todos os lados.

A família escutara os gritos, porém, e, quando o agressor cortava seu rosto, o pai de Jane saiu da casa. Dois pares de braços estendidos para o mesmo alvo — um para fazer o mal, o outro para salvar.

Felizmente, o pai ganhou a disputa. Segurando-a pelo braço, ele a puxou com força e levou a filha para dentro, fechando a porta em seguida.

PERTO E LONGE

Muitos detalhes sobre Jack Saltos de Mola, detalhes muito incomuns, pareciam ser repetidos em cada depoimento de novas testemunhas oculares. Os olhos vermelhos. O macacão branco. As garras afiadas. Mas algo distinguiu a história de Jane Alsop de todas as outras.

Ela era rica. Não fazia parte da elite, mas tinha uma posição suficientemente alta na escada social para sua história chamar atenção dos jornais locais, bem como da polícia. E quando as pessoas da classe alta se sentem ameaçadas elas tomam providências.

A notícia de que Jack estava caçando mulheres em toda a Londres se espalhou e a polícia começou a prender suspeitos, embora nenhum fosse levado a julgamento. Grupos de vigilantes patrulhavam as ruas da cidade durante a noite, tanto para ajudar a polícia a proteger o povo de Londres como para tentar capturar o misterioso agressor.

Ao ler sobre os ataques que flagelavam os bons habitantes de Londres, um militar aposentado de setenta anos de idade pegou suas armas, calçou as botas e saiu em busca do monstro. Embora nunca tenha conseguido capturar — ou até mesmo ver — o misterioso Jack Saltos de Mola, a atitude contribuiu para acalmar os moradores locais.

Como poderia ser diferente? Afinal, ele era o duque de Wellington, o homem que lutou contra Napoleão e venceu.

Nem é necessário dizer que as histórias começaram a se espalhar. Vários *penny dreadfuls* foram escritos sobre o misterioso Jack, cujas façanhas eram perfeitas para a ficção serializada barata sobre a qual o gênero foi construído. Nos teatros em torno de Londres, várias peças tratavam do assunto. Até os shows dos fantoches Punch e Judy encontraram uma maneira de incorporar essa sombria ameaça à população. Em espetáculos que antes falavam do Diabo, os artistas mudaram seu nome para Jack dos Saltos de Mola.

Houve vários relatos adicionais ao longo dos anos vindouros. Mas enquanto alguns ocorriam na região sudoeste de Londres, onde aconteceram os ataques originais, e no condado de Surrey e além, outros pipocavam em locais mais distantes.

Um relato em Northamptonshire descreveu um encontro com uma criatura que era “a própria imagem do Diabo, com chifres e olhos de fogo”. Em Devon, uma investigação foi conduzida para encontrar o homem que atacava mulheres na área, e a descrição do suspeito tinha algumas semelhanças com o Jack dos Saltos de Mola.

Lincolnshire, na Costa Leste da Inglaterra, foi o local de outro avistamento documentado na década de 1870. Uma testemunha descreveu uma figura coberta por uma capa saltando sobre casas de campo em uma pequena aldeia. Quando os moradores pegaram suas armas e tentaram disparar contra a silhueta, disseram, podiam ouvir as balas acertando seu corpo, mas apenas isso. Jack escapou.

Um dos últimos encontros dignos de nota ocorreu em Aldershot, na extremidade do condado de Surrey, geograficamente mais próximo de Londres do que a maioria dos avistamentos da década de 1870. Alguns pesquisadores acreditam que essa proximidade com os relatos originais empresta mais validade a essa história.

Em uma noite de agosto de 1877, o soldado John Reagan estava de guarda em uma pequena guarita perto de um depósito militar de munições. Lá de dentro, ele afirmou ouvir o barulho da fricção de algo metálico na madeira da guarita. O soldado saiu com o rifle e examinou a área para encontrar a origem do barulho.

Ao se convencer de que não havia nada lá, voltou ao seu posto. E foi quando algo o tocou. Ao olhar para cima, viu um homem alto, envolto em uma capa e de capacete de metal. O homem saltou e pousou atrás dele.

Reagan apontou a arma para a figura e gritou alguma coisa, mas ele afirmou que o visitante, quem quer que fosse, simplesmente riu.

O soldado disparou, sem nenhum resultado, e o agressor avançou. Então, sem aviso prévio, chamadas azuis surgiram de sua boca.

Reagan então fez o que qualquer bom soldado faria nessas circunstâncias: correu para salvar a própria vida.

Jack dos Saltos de Mola nunca deixou a mente da população. Porém, à medida que a lenda se instalava lentamente na cultura popular, os relatos de aparições reais tornavam-se cada vez menos frequentes. E então, quando Jack parecia atravessar a fronteira para o território mítico, fez o que toda testemunha ocular afirmava que ele tinha o dom de fazer: desapareceu.

UM SALTO DE FÉ

Há uma lição dentro da história de Jack dos Saltos de Mola. Como todas as doenças mais poderosas e devastadoras dos últimos mil anos, as ideias tendem a se espalhar como fogo. Hoje usamos o termo “viral”, e em muitos aspectos, é algo próximo da verdade. O medo, o pânico e a histeria são doenças transmissíveis. E, quando uma cultura está infectada, às vezes não há como deter o contágio.

Mas, ao contrário da praga ou de uma nova variedade da gripe aviária, é razoável que pudéssemos, no mínimo, acalmar nossos medos e apagar o incêndio da histeria. Então, por que isso é tão difícil de fazer? Jack dos Saltos de Mola é só um dos inúmeros exemplos repetidos em todo o mundo ao longo da história. Era de se esperar que já tivéssemos entendido tudo isso.

Talvez gostemos da histeria coletiva. Não é a histeria em si, entenda. O que estou dizendo é: e se houver algo de especial em fazer parte de uma história maior? Isso nos une. Integra as pessoas numa conversa global. Cria a sensação de comunidade.

Os grandes medos nunca desaparecem realmente. Apesar de Jack dos Saltos de Mola ter desaparecido de vista para o público na última década do século XIX, alguns acham que ele ainda está por perto. Em 1995, uma escola em uma pequena aldeia de West Surrey foi fechada pela cidade. Alunos e professores queriam marcar a ocasião, e fizeram uma festa temática da época da discoteca para se despedir uns dos outros e da escola que amavam.

Naquela noite, quando a festa estava terminando, alguns alunos voltaram correndo para a escola, gritando sobre algo que tinham visto lá fora. Os professores perguntaram do que se tratava, e os alunos contaram a mesma história. Todos tinham saído da festa mais cedo e estavam reunidos perto do playground. Uma figura sombria se aproximou deles na escuridão. Quando a pessoa chegou mais perto, puderam ver mais detalhes. O homem usava botas pretas e um manto escuro com capuz. Mas foi o que eles viram sob a capa o que mais os assustou.

Um macacão branco e olhos vermelhos e brilhantes.





NÃO ENTENDEU

Em setembro de 1952, alguma coisa brilhante cruzou o céu escuro de West Virginia e caiu em uma fazenda próxima. Três meninos assistiram a tudo e correram para casa para contar a história. A mãe de um desses meninos concordou que valia a pena verificar, e reuniu um grupo de rapazes mais velhos que, juntos, foram procurar o que tinha caído na terra.

Quando chegaram ao local, encontraram o que descreveram como uma bola de fogo, e havia no ar uma névoa densa que fazia arder os olhos e o nariz. Um dos rapazes notou duas luzes vermelhas nas sombras próximas, e acendeu a lanterna. Lá, disseram eles, havia uma figura escura com olhos brilhantes e cabeça pontiaguda. Não viam braços, porém, quando a criatura viu a luz, deslizou na direção deles e sibilou. Naturalmente, todos fugiram.

Disseram que era um extraterrestre protegendo a nave que acabara de aterrissar. Lembre-se que isso aconteceu em 1952. O incidente de Roswell, no Novo México, tido ocorrido apenas cinco anos antes, e muitas pessoas esperavam que se repetisse: uma queda de OVNI de verdade.

Os relatos posteriores sugeriam algo muito menos fantástico. Na mesma noite, um meteoro tinha sido avistado riscando o céu sobre Maryland, Pensilvânia e — você adivinhou — West Virginia. E aquela criatura misteriosa sem braços e de cabeça pontuda que tinha voado na direção deles? Só uma coruja.

Nosso mundo está cheio de coisas difíceis de explicar — coisas que nos assustam e nos fazem duvidar da nossa segurança. Pode acontecer cada vez menos na nossa cultura moderna e conectada, mas ainda faz parte do nosso legado. As pessoas sempre viram coisas nas quais é difícil acreditar.

Às vezes, porém, as pessoas veem o que querem ver, não a realidade. O desafio está em distinguir entre os dois. Fato ou ficção? Verdade ou mentira? Imaginação ou algo mais? Porém, quando dezenas de pessoas conseguem ver a mesma coisa estranha, nossa clareza de raciocínio cai por terra.

É UM PÁSSARO, É UM AVIÃO

Os humanos sempre viram coisas que não podiam explicar. E, toda vez que isso aconteceu, as experiências foram enquadradas numa visão de mundo ou numa experiência que as pessoas tinham na

época. Uma dessas interpretações comuns foi, por muito tempo, as serpentes do céu.

O condado inglês de Devon abrigou pelo menos dois avistamentos de um evento misterioso registrado como uma “serpente se retorcendo” no céu. Em 1388 e 1762, alguma coisa longa e brilhante apareceu nos céus da Inglaterra, permanecendo visível para várias testemunhas por mais de seis minutos.

Em 1857, a tripulação de um barco a vapor no rio Missouri, no Nebraska, viu algo semelhante. As testemunhas mais tarde descreveram a visão como uma “grande serpente ondulante, entrando e saindo das nuvens baixas e soprando fogo”. Dezesesseis anos depois, vários fazendeiros da cidade de Bonham, no Texas, viram algo no céu que desafiava todas as explicações. Eles disseram que a coisa se retorcia e se contorcia feito uma cobra, mas era enorme e amarela.

As testemunhas pareciam vir de todos os setores da vida. Em 1897, um jornaleiro de Michigan chamado John Rosa parou para conversar com um policial às quatro da manhã, em sua rota de entrega. Tanto Rosa quanto o oficial olharam para cima e viram uma enorme serpente prateada cruzando o céu. Eventos semelhantes foram registrados no Brasil, Carolina do Sul, Maryland e no norte da Europa, e esses relatos duraram séculos. Claramente, alguma coisa estava acontecendo.

Mas a maioria desses avistamentos é fácil de explicar com um pouco de conhecimento sobre como os eventos meteorológicos funcionam, e mantendo a mente aberta. Cometas, meteoros, luzes do norte... todos esses eventos naturais que ocorrem regularmente poderiam explicar as visões estranhas que as pessoas diziam ser cobras ardentes no céu. Como é frequentemente o caso quando vemos o que queremos, deixamos de ver todo o resto.

Mas outros avistamentos são mais difíceis de explicar. Quando se aproximam da Terra e até se mantêm em terra firme, nossa capacidade de distinguir verdade e fantasia começa a desaparecer. A criatura misteriosa vista várias vezes na Cornualha, na Inglaterra, é um excelente exemplo disso e, até hoje, não tem uma explicação fácil.

Em abril de 1976, a família Melling, de Lancaster, estava de férias na Cornualha. No décimo segundo dia daquele mês, as duas filhas de Don Melling — June, 12 anos, e Vicky, 9 — exploravam o bosque perto de uma igreja em Mawnan. Enquanto estavam lá, elas relataram ter visto um homem estranho e parecido com um pássaro pairando no ar sobre a igreja. Ficaram tão assustadas que convenceram os pais a arrumar as malas e encerrar as férias mais cedo.

Quase três meses depois, no início de julho daquele ano, mais avistamentos foram relatados perto da igreja de Mawnan. Mais uma vez, duas meninas — dessa vez Sally Chapman e Barbara Perry — ouviram um silvo no céu noturno e olharam para cima. O que viram era inexplicável. Elas descreveram aquilo como uma “grande coruja com orelhas pontudas, tão grande quanto um homem”. Também adicionaram um novo detalhe: olhos vermelhos e brilhantes. A coisa foi vista novamente no dia seguinte por outros três viajantes, e tem sido vista ocasionalmente há anos desde então.

Nos Estados Unidos foram vistas criaturas semelhantes. Em dezembro de 1975, dois policiais no Texas viram algo de que jamais poderiam esquecer. Certa manhã, estavam patrulhando a cidade de Harlingen quando algo voou sobre o carro deles. De acordo com o relato desses homens, a coisa era um pássaro gigante com uma envergadura de mais ou menos três metros.

Poucos dias depois, uma criatura semelhante foi avistada por dois adolescentes da região. Quando relataram a ocorrência aos pais, todos saíram para dar uma olhada. Tudo o que encontraram foi um conjunto de pegadas enormes deixadas na terra por grandes pés de três dedos. Eles anunciaram a descoberta, e a histeria tomou conta da comunidade. Meia dúzia de avistamentos foram relatados durante o mês seguinte.

Os policiais de Harlingen admitiram mais tarde que o que viram poderia ter sido um pelicano. Talvez. Na verdade, não tinham certeza. Mas outros insistiam em dizer que era um enorme pássaro de origens misteriosas. Um homem disse ter sido atacado pela coisa. Tantos relatos... Bem, isso faz a gente se perguntar o que realmente estava acontecendo.

E esse é o problema com todas essas histórias, não é? Há sempre pontas soltas. Partes e pedaços que não podem ser explicados, não importa quanta lógica se use. E é por isso, é claro, que são contadas até hoje.

Parece que essas histórias sempre têm dois lados: a testemunha passional e a voz fria da razão. E isso vale para quase tudo que tem a ver com os seres humanos. Muitas vezes nos recusamos a acreditar nas coisas que outros afirmam ter visto, só porque essas histórias se afastam do domínio da realidade. A maioria dos detalhes, juntamente do próprio mistério, pode ser explicada pela lógica.

Mas às vezes há mais de um evento, mais do que um punhado de avistamentos, mais detalhes ou evidências do que a lógica pode explicar. Às vezes, os depoimentos são tão fortes que se tornam difíceis de ignorar.

Quando o inexplicável se torna crível, as coisas ficam realmente terríveis.

SOMBRAS E LUZ

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, em 1945, várias fábricas relacionadas às Forças Armadas foram fechadas nos Estados Unidos, abandonadas ou transformadas em alguma coisa mais prática. O Gopher Ordnance Works em Rosemount, Minnesota, por exemplo, é atualmente um esqueleto de concreto. A usina Dodge Chicago foi transformada primeiro em shopping center, agora uma parte dela é usada por uma fábrica de doces.

Cerca de dez quilômetros ao norte da cidade de Point Pleasant, em West Virginia, foi construída uma fábrica de dinamite e um galpão de armazenamento, mas o lugar foi fechado depois do fim da guerra. O prédio foi erigido em um terreno que antes era uma reserva de caça. Mas, em vez de devolver as coisas ao que eram depois do fechamento, as instalações da fábrica foram simplesmente abandonadas, inclusive as dezenas de iglus de concreto que tinham sido usados como espaço para armazenamento.

Hoje é usado como uma reserva natural, e casas foram construídas nas proximidades. Ainda assim, provavelmente é certo dizer que, depois do fim da guerra, a antiga fábrica de dinamite não foi um lugar de muito movimento. Até o meio da década de 1960, pelo menos, quando algo incomum começou a acontecer.

Na noite de 15 de novembro de 1966, um carro entrou na propriedade abandonada. No interior havia dois jovens casais: Steve e Mary Malette, e Roger e Linda Scarberry. Eles estavam apenas procurando uma diversão inocente, e foi assim que foram parar em uma das estradas que atravessam os antigos campos da fábrica.

O carro era dominado por risadas, conversa e música do rádio, mas tudo acabou quando a luz dos faróis encontrou algo estranho. Linda Scarberry mais tarde descreveu aquilo como uma enorme e impossível silhueta humana. O mais assustador, porém, eram os olhos, que brilhavam na escuridão com luz vermelha.

O que quer que tenham visto, a coisa parecia não tê-los visto também. Pelo menos não reagiu a presença deles. Não entendo bem como a luz forte dos faróis de um carro poderia deixar de chamar

atenção de qualquer coisa no meio de uma reserva natural escura, mas, de acordo com as quatro testemunhas, a silhueta simplesmente se afastou da estrada andando devagar, distraidamente.

Os dois casais não perderam tempo discutindo o que tinham visto. Não pararam e saíram para investigar. Estavam com muito medo para fazer qualquer outra coisa que não fosse manobrar o carro e sair da reserva o mais rápido possível. Tudo o que queriam era fugir. Mas não seria tão fácil quanto pensavam.

Um ou dois minutos mais tarde, quando percorriam a estrada de terra que levava à saída, novamente avistaram a coisa. Dessa vez, as quatro testemunhas tiveram uma visão melhor. Descreveram a mesma silhueta alta, humana e de olhos vermelhos, mas disseram ter visto mais uma coisa: asas que brotavam do centro das costas da criatura, “como as de um anjo”. Não viram braços, e a cabeça curta não se distinguia do corpo, mas tudo isso poderia ter sido um truque de sombras e luz.

A coisa parecia ser um cruzamento entre um pássaro gigante e um homem enorme. O que, claro, é impossível. Mas isso não significava que não fosse assustador. Quando a criatura abriu suas asas e voou atrás deles, os quatro ficaram horrorizados. E o motorista acelerou.

Roger Scarberry disse mais tarde à polícia que conseguiu fazer o velho Chevy chegar a 160 km/h, contudo, ao olhar para trás, a coisa alada ainda estava lá, ainda os perseguia. E, além do ronco do motor, todos podiam ouvir um ruído. Uma espécie de grasnado agudo. Tudo isso — a visão da criatura, o ruído estranho e a perseguição rápida — foi o incentivo de que precisavam para voltar para a cidade o quanto antes.

Só depois que o carro entrou nos limites da cidade de Point Pleasant e foi envolvido pela radiante luz elétrica, o pássaro ou a criatura — *o que quer que fosse* — finalmente desistiu e foi embora. Desapareceu rapidamente na noite.

Os dois jovens casais ficaram aterrorizados com o que tinham visto. Mas também foram unânimes nos detalhes. Algo grande, algo que voava e gritava, os tinha perseguido desde a reserva natural até a cidade. E eles decidiram contar à polícia.

Roger dirigiu até o tribunal do condado de Mason e, em pouco tempo, eles relatavam os eventos a um oficial. O vice-xerife decidiu mandar alguns policiais para a reserva imediatamente, e os jovens corajosos foram com eles. Infelizmente, não acharam nada definitivo que provasse a história, embora tenha havido alguns momentos de tensão. Enquanto verificavam a área do avistamento, os sons podiam ser ouvidos na escuridão fora do alcance da luz de suas lanternas. Um dos oficiais afirmou que viu movimento e uma nuvem de poeira que poderia ter sido provocada por alguém andando por uma trilha, porém, o que quer que fosse, permaneceu escondido.

O mais assustador, porém, foi quando um dos policiais viu o que ele descreveu como uma sombra no céu sobre sua cabeça. Parecia estar voando em círculos sobre um dos edifícios abandonados, lento e determinado, como um grande pássaro.

Todos voltaram aos carros, e partiram o mais depressa que puderam.

VISÕES FUGAZES

Curiosamente, os eventos de 15 de novembro não foram os primeiros do tipo na região. Foram só os primeiros a receber atenção razoável das autoridades e da imprensa. Os registros de alguma coisa grande e extraordinária ocorriam na área havia anos.

Segundo o historiador e professor James Gay Jones, o primeiro avistamento na região pode ter ocorrido no início dos anos 1900. Nessa versão, várias famílias da área viram uma criatura que descreveram como aparentando ser um homem, mas com uma envergadura de mais de três metros e meio. Afirmaram que esse homem-pássaro não tinha uma cabeça discernível, algo que soa estranhamente semelhante à coisa que os dois jovens casais viram em 1966.

Em 1961, duas pessoas de Point Pleasant iam de carro para o sul da cidade seguindo o curso do rio Ohio, quando viram algo surgir na estrada diante eles. Eles o descreveram como um homem grande, mas coberto de pelos cinzentos, ou talvez de penas, com asas que saíam das costas. Um momento depois, levantou voo e se afastou.

Em 1º de novembro de 1966, apenas duas semanas antes da assustadora perseguição do carro e da investigação policial, vários oficiais da Guarda Nacional estavam no arsenal, uma instalação militar na zona leste da cidade, quando viram algo nas árvores próximas. Estava empoleirado no galho de uma árvore distante, mas todos concordaram que era muito grande para ser um pássaro. Era do tamanho de um homem, disseram. Talvez maior. E marrom, dessa vez.

Então, apenas três dias antes dos dois jovens casais terem sua experiência em Point Pleasant, cinco homens viram algo em Clendenden, uma cidade cerca de 130 quilômetros a sudeste. Ken Duncan e seus colegas de trabalho cavavam uma sepultura no cemitério local, preparando-o para um enterro mais tarde, quando um grande pássaro decolou de uma das árvores no limite da propriedade. Ao voar mais para perto, todos os homens se convenceram de que não era um pássaro. Era grande como um homem, mas com asas.

Depois dos acontecimentos de 15 de novembro, todos esses avistamentos desconectados e não relacionados começaram a ser relacionados com uma história maior. O jornal local, o *Point Pleasant Register*, publicou uma manchete no dia seguinte que anunciava: “CASAI VEEM PÁSSARO DO TAMANHO DE UM HOMEM... DE UMA CRIATURA... DE ALGUMA COISA”. Era uma história estranha, com certeza. O jornal simplesmente não sabia o que fazer com ela. Dá para entender.

Na noite seguinte Raymond Wamsley ia de carro para o norte da reserva natural para visitar um amigo que morava em uma das casas construídas perto da propriedade. Com ele no carro, estavam sua esposa e outra amiga, Marcella Bennett. Chegaram à casa do amigo, estacionaram em um espaço escuro do outro lado da estrada, desceram do carro e caminharam em direção à varanda.

Infelizmente, o amigo não estava em casa, e eles voltaram para o carro. Foi quando viram algo que nenhum deles esqueceria. A poucos metros do veículo, na estrada escura, algo grande parecia decolar do chão. Aconteceu de repente, e a visão os encheu de pavor. Mais tarde, Bennett disse que era uma silhueta enorme, com a forma aproximada de um corpo humano, mas com olhos vermelhos e brilhantes. Os três ficaram ao lado do carro, paralisados pelo medo, enquanto duas asas se abriam a partir das costas da criatura. Então a coisa voou.

Eles não foram os últimos na cidade a ver algo que se encaixasse em uma descrição quase inacreditável. Na manhã de 25 de novembro, Tom Ury estava em seu carro a caminho do trabalho, poucos quilômetros ao norte, da reserva natural, quando viu algo ao lado da estrada. Talvez tenha pensado ser alguém pegando carona, ou um morador da região fazendo uma caminhada. Tudo que ele conseguia imaginar fazia cada vez menos sentido conforme se aproximava da silhueta.

Era uma enorme forma humana, e, ao passar por ela, a criatura abriu as asas e decolou. Tom acelerou, horrorizado com o que tinha visto, mas a coisa, o que quer que fosse, o seguiu. Tom chegou a

120 km/h, mas ela continuava lá, voando em círculos sobre o carro. Quando finalmente desapareceu, Tom foi para casa. Ele disse que, depois disso, ficou com muito medo de ir trabalhar.

Houve outros incidentes. No dia 27 do mesmo mês, Connie Jo Carpenter viu algo grande que voou na direção de seu carro. No dia 28, Richard West chamou a polícia em pânico. Havia alguma coisa no telhado do vizinho, disse ele. Era um homem. Com asas. Mais tarde, um idoso de Point Pleasant afirmou ter olhado pela janela e visto um homem alado com pele cinza e olhos vermelhos e brilhantes em seu quintal.

Os avistamentos continuaram por meses, às vezes na área de Point Pleasant, às vezes mais longe. O vale do rio Ohio parecia ser o ponto focal de muitos relatos de encontros com a criatura, mas as descrições variaram o suficiente para tornar essa suposição incerta. E, é claro, havia os sonhos.

Um ano depois dos avistamentos de 1966, várias pessoas afirmaram ter tido pesadelos relacionados à morte e culpavam a misteriosa criatura. Uma mulher disse que seus sonhos envolviam presentes de Natal e pessoas se afogando. Outra sonhava com pessoas morrendo no rio Ohio. Cada uma delas acreditava que a aparição da criatura homem-pássaro tinha algo a ver com isso. Mas, é claro, eram apenas sonhos, e, como todos sabemos, os sonhos não se tornam realidade.

Será? Na noite de 15 de dezembro de 1967, a ponte Silver, que ligava Point Pleasant com o oeste de Ohio, caiu no rio. O acidente matou 46 pessoas. Pessoas que voltavam de carro do trabalho para casa. Famílias que retornavam de atividades depois do horário escolar. Gente que tinha ido fazer compras de fim de ano. E flutuando na água, disseram, entre os destroços de carros e vigas de metal, havia pequenas erupções de cor.

Presentes de *Natal*.

PRECURSORES

Há muito a dizer sobre ver o que queremos ver. E quando uma comunidade inteira é envolvida por algo tão sensacional como uma coisa que se parece com um pássaro do tamanho de um homem... bem, é fácil ver como tudo pode escapar ao controle rapidamente. Nos anos seguintes, houve até histórias de OVNI's em Point Pleasant, de operações secretas do governo e alienígenas. E a criatura recebeu um nome sensacional, misterioso: Mothman, o Homem-Mariposa.

Outros, porém, adotaram uma abordagem mais lógica, alegando que o que as pessoas viram em todos os casos era só um grande pássaro. Nada mais do que sombras e histeria convencendo as pessoas de que estavam vendo algo de outro mundo. Os biólogos sugeriram que era um grou-canadense. Ou, como nos eventos de 1952, apenas uma coruja, cujo impacto do avistamento foi ampliado pela adrenalina dos espectadores e por uma imaginação hiperativa.

Vemos o que queremos, sejamos céticos ou crentes. Usamos nosso par de lentes coloridas que colore o mundo que vemos. Às vezes, isso nos faz descartar as coisas às quais devemos dar mais atenção. Outras vezes, nos convence de que o inexplicável é inegável.

Nada disso, é claro, abrange a estranha conexão entre os avistamentos dessas criaturas e as tragédias que se seguiram. A primeira aparição da criatura em Point Pleasant no início do século XX teria ocorrido antes de um “evento trágico”. E o colapso da ponte Silver, em 1967, certamente intensificou essa possível conexão. Diferentemente da própria criatura, porém, isso é difícil de explicar com simples biologia da vida selvagem.

Enquanto isso, grandes homens-pássaro ainda são algumas vezes avistados, e muitas vezes muito longe de Point Pleasant. Criaturas que combinam com a descrição do Mothman foram vistas em Cingapura, na Argentina, na Inglaterra, no México e no Brasil, entre outros lugares. A maioria das testemunhas descreve os mesmos olhos vermelhos e brilhantes, corpo humano e asas enormes.

Em abril de 1986, houve depoimentos semelhantes em uma pequena cidade russa localizada em um vale cortado por um rio, ao norte de uma reserva natural. As testemunhas disseram ter visto uma grande criatura que descreveram como um homem alto e sem cabeça, com enormes asas e olhos que brilhavam com uma luz vermelha brilhante. Todos esses detalhes, desde o local até a descrição física, soam estranhamente parecidos com o incidente em Point Pleasant.

Esses avistamentos na cidade russa duraram mais de duas semanas, e os habitantes começaram a se referir à coisa pelo nome. Eles a chamavam de “pássaro preto”. E tão estranhos quanto os próprios avistamentos são os relatos de testemunhas oculares que tiveram pesadelos mais tarde. O que esses sonhos acarretavam, ninguém sabe.

Nós não sabemos, porque não há ninguém na cidade para perguntar sobre esses sonhos, nem os avistamentos da criatura do “pássaro preto”. Acontece que todos os 14 mil moradores foram transferidos há mais de trinta anos, pouco depois de um reator em sua usina nuclear apresentar uma falha trágica.

A cidade era *Chernobyl*.





o mundo de

LORE



CRIATURAS
ESTRANHAS

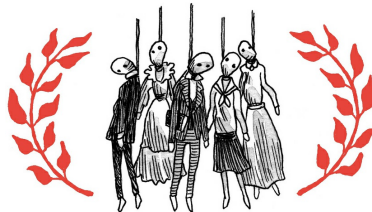


• CAPÍTULO 5 •

PORTAS
PARA O
DESCONHECIDO







NOTAS

Vivemos num mundo superpovoado. Atualmente, o U.S. Census Bureau estima que o número de vidas humanas em nosso planeta, nosso pálido pontinho azul, seja de cerca de 7,3 bilhões. Não sei bem se preciso explicar: simplesmente é muita gente.

E, por causa disso, há pouquíssimos lugares aos quais podemos ir para estar realmente sozinhos. Nossas cidades estão apinhadas. Nossas estradas e estacionamentos parecem estar lotados. É absurdo pensar em quantas pessoas estão ao nosso redor todos os dias. É por isso que nossa casa oferece um pouco de paz e tranquilidade. Em casa, temos a sensação de que estamos no controle. É um espaço pessoal onde estranhos não podem entrar sem ser convidados, onde podemos baixar nossa guarda e nos sentir seguros.

Nossos lares têm sido um refúgio desde que os seres humanos desistiram da vida nômade de caçadores-coletores e se estabeleceram em um lugar só. Ainda assim, várias religiões ao longo da história nos ensinaram a acreditar que, apesar de acharmos que estamos sozinhos, existe outro mundo atrás do fino véu da realidade.

Céu, o outro mundo, o pós-vida... Podemos chamar do que quiser, mas os seres humanos — na maior parte, pelo menos — sempre acreditaram que ele está ali, à nossa espera. Mas foi em meados do século XIX que algumas pessoas dos Estados Unidos e da Europa começaram a propor novas ideias a esse respeito.

Diziam que, em vez de ser passivo, esse outro mundo era ativo e se desenvolvia. E, se entendêssemos como, poderíamos interagir com ele. Quem sabe até mesmo nos *comunicar* com ele. Algumas pessoas tiveram esperança nisso. Algumas lutaram contra. De qualquer modo, essa nova crença se difundiu.

Mas poucas pessoas esperavam o lado mais sombrio dessa nova visão. Elas comemoraram a esperança que veio com a descoberta de uma nova porta e aproveitaram a chance para abri-la e entrar. Mas só porque *podemos* não quer dizer que *devemos*.

Algumas portas, veja bem, são fechadas por um motivo.

FORÇAS EXTERNAS

Em 1848, alguma coisa esquisita estava acontecendo na casa de John e Margaret Fox, que viviam em Hydesville, Nova York. Sua família era pobre, mas sua sorte mudou quando suas filhas mais novas, Kate e Margaret, começaram a se comunicar com uma entidade invisível em sua casa por meio de uma série de cliques e batidas.

Quando começaram a falar sobre o que elas faziam, as meninas — de 12 e 15 anos na época — foram convidadas a levar sua habilidade ao palco em Rochester, Nova York. E foi naquele momento que a carreira delas foi lançada. Kate e Margaret viajavam pelo país realizando sessões espíritas diante de multidões, com ingressos esgotados. Inspiraram muitos imitadores, e as meninas ganharam a vida assim por quase quarenta anos.

As irmãs Fox apareceram em uma época em que havia um interesse cada vez maior pelas forças externas à nossa experiência. Apesar de dizerem que o espiritualismo em si surgiu no norte de Nova York, algumas pessoas acham que podemos agradecer a Franz Mesmer pelo seu início.

Mesmer foi um físico alemão que começou a investigação do poder curativo dos ímãs, que mais tarde passou a acreditar que forças internas e externas influenciavam nossa experiência humana. Ele se concentrava nos poderes curativos de sua teoria, mas nunca teve sucesso na área médica. Mais tarde, os pesquisadores levaram seu trabalho para um campo que chamaram de “neuro-hipnose” ou “sono nervoso”, que mais para frente acabou se tornando conhecido apenas como “hipnose”.

Hoje, quando pensamos no mesmerismo ou em ser mesmerizado, pensamos na hipnose. Mas foi o movimento espiritualista que viu mais esperança nessa ideia. Pegou suas crenças em algo que parecia meio maluco — comunicar-se com os mortos e aprender com eles — e as alocou no campo da ciência. Ao menos era o que achavam.

Em 1888, quarenta anos após o início de sua carreira, as irmãs Fox confessaram seus truques. As duas, aparentemente, conseguiam girar os tornozelos e curvar os dedos dos pés de um modo a produzir cliques audíveis. Cada sessão que realizavam era pura encenação, nada mais. O mundo do espiritualismo que elas popularizaram, no entanto, não desapareceu simplesmente. Já tinha formado raiz, apesar da confissão das duas, e não parecia que acabaria.

O espiritualismo ganhou recepção mista. De certa forma, eram ensinamentos contraditórios à teologia aceita de uma parte muito grande do cristianismo, e algumas pessoas se pronunciavam a esse respeito. Por outro lado, o espiritualismo parecia confirmar o que a maioria das igrejas já ensinava: que, mesmo depois da morte, mantemos nossas personalidades e passamos a viver de outro modo. Para aqueles que tinham entes queridos ou profunda curiosidade sobre o pós-vida, as sessões espíritas ofereciam uma chance de se despedir, de dizer olá, ou só de aprender.

Figuras populares se reuniam dos dois lados da cerca. Nos anos 1920, o mágico e artista Harry Houdini era claramente contrário a essa doutrina e procurava provar que estava errada toda pessoa que dizia se comunicar com o mundo além da vida. Outro mágico, John Neil Maskelyne, inventor do banheiro pago, assistia às sessões e apontava os truques conforme aconteciam.

Mas nem todos viam isso como farsa. Sir Arthur Conan Doyle, criador e autor dos romances de Sherlock Holmes, era um grande defensor do espiritualismo. Ele até pertencia a uma organização londrina conhecida como Ghost Club, enraizada na profunda crença no sobrenatural e nas coisas do outro mundo. Entre os outros membros, estavam Charles Dickens, W.B. Yeats e Charles Babbage, um dos pais da computação.

Mas havia outros que levaram as coisas longe demais. Thomas Bradford era um desses. Em 1920, ele publicou um anúncio em um jornal de Detroit buscando pessoas tão curiosas no pós-vida quanto ele. Ele procurava um parceiro, alguém com quem conversar, para ajudar um ao outro e melhorar o conhecimento que cada um tinha da vida após a morte.

Uma mulher chamada Ruth Doran respondeu, e os dois começaram uma parceria e uma amizade. O objetivo deles era ter as mesmas ideias, diziam, estar em sintonia um com o outro de uma maneira que a morte não conseguisse desfazer. E então, em fevereiro de 1921, Bradford e Doran levaram a pesquisa a outro nível.

Bradford trancou a porta de seu apartamento, ligou o aquecedor, apagou a luz-piloto; e então esperou pacientemente para que a sala fosse tomada pelo gás. Ele morreu de asfixia logo depois, com o plano de entrar em contato com sua parceira do além-túmulo e confirmar suas crenças. Então, Ruth esperou.

E nunca mais teve notícias dele.

OS CONVIDADOS

Quando sua esposa faleceu, o ministro presbiteriano Eliakim Phelps se viu sozinho aos 59 anos. Seus filhos já tinham se tornado adultos e saído de casa, por isso ele procurou uma mudança na vida que lhe desse um pouco de felicidade. Encontrou essa mudança em uma mulher mais jovem, e em pouco tempo os dois se casaram.

Sua nova esposa tinha 40 e poucos anos e levava consigo três filhos com menos de 16 anos. Mas, logo depois do matrimônio, o sr. e a sra. Phelps tiveram outro filho, e então, em novembro de 1847, a família comprou uma casa em Stratford, Connecticut. Era uma mansão única e enorme construída apenas 22 anos antes por um capitão aposentado, mas que permanecera desocupada nos anos depois de sua morte, em 1845.

Era uma casa *grande* também. Quem a visitava dizia que o layout lembrava bastante o de um navio, o que era de se esperar de uma casa construída por um navegador. O corredor principal tinha incríveis 21 metros de comprimento, e havia cinco quartos no segundo andar, com mais dois no terceiro. Havia todo o espaço que uma família de seis pessoas podia precisar, e ainda sobrava.

Eles se mudaram para a mansão em fevereiro de 1848, e durante os dois primeiros anos a vida transcorreu sem acontecimentos marcantes. Porém, no dia 10 de março de 1850, tudo isso mudou. Eles tinham ido para a igreja naquela manhã, como é de se esperar de um ministro e sua família. Ao saírem, Eliakim Phelps trancou as portas, porque ninguém ficaria em casa. Nem mesmo a empregada voltaria naquele dia.

Quando finalmente voltaram, mais tarde, encontraram a porta da frente escancarada. Phelps entrou com cuidado e notou que mais portas tinham sido abertas dentro da casa. Móveis foram revirados, havia pratos quebrados no chão, e objetos do dia a dia, como livros e objetos de decoração, estavam espalhados por toda parte. Claramente haviam sido roubados.

O quarto do bebê também estava em meio ao caos, com móveis jogados em cima da cama. Em pânico, Phelps checkou o armário no térreo, onde mantinha a prata valiosa da família, e a encontrou ainda ali, intocada. Até mesmo seu relógio de bolso de ouro estava bem onde ele o havia deixado. E isso trouxe à tona a pergunta: se eles *tinham sido* roubados, quais objetos de valor foram levados?

Preocupado, Phelps sugeriu que a família toda fosse para o andar de cima para continuar inspecionando. Olharam dentro de cada cômodo, um por um, à procura de sinais do mesmo caos e vandalismo, mas todos os cômodos que checavam pareciam intocados. Se alguém *de fato* invadiu a casa, talvez tivesse se assustado e fugido antes de poder chegar ao andar de cima.

O último quarto checado foi o do casal Phelps. O espaço era claro e organizado, e a cama ainda estava muito bem-feita, mas, no meio dela, encontraram a camisola da sra. Phelps, que fora disposta na forma de uma pessoa, com as mangas cruzadas na parte da frente, como os braços de um cadáver eram cruzados sobre o peito. Até mesmo um par de meias tinha sido colocado, dando a aparência de pés. E ali, na parede próxima, havia uma série de rabiscos indecifráveis, algo que parecia e dava a sensação de ser algo muito ruim, em essência.

Por mais difícil de acreditar, no entanto, a família ignorou esses acontecimentos, considerando-os uma simples brincadeira, algum ato de vandalismo e nada mais. Mais difícil ainda de acreditar, quando chegou o momento de voltar para a igreja naquele dia, para a parte da tarde, a família toda retornou disposta. Ou melhor: todos, menos o sr. Phelps.

Ele foi por último, trancou de novo portas e janelas, e então se sentou em um dos quartos no andar de cima com a pistola na mão para esperar o retorno dos vândalos. Depois de mais de uma hora sem que nada de estranho acontecesse, no entanto, Phelps saiu da sala em silêncio para inspecionar o resto da casa.

No térreo, lentamente, ele abriu a porta da sala de jantar, e parou. Havia quase doze bonecos na sala. Alguns estavam de pé, segurando bíblias. Outros estavam abaixados. Mas todos pareciam focados na forma de uma criatura pequena e de outro mundo acima deles. Phelps olhou para ela por um momento até perceber se tratar de uma pequena estátua pendurada no teto por um barbante.

Acho que foi muito para ele. Isso pode explicar por que demorou tanto para perceber as outras coisas bizarras que encontrou na sala. As “mulheres” que estavam reunidas ao redor do boneco não estavam se mexendo. Não eram nem reais. Cada uma, na verdade, não passava de um monte de roupas retiradas do quarto do andar de cima.

Eram bonecos de pano em tamanho real. Alguém — ou *algo* — havia reunido as peças, disposto todas elas em formas humanas, e então enchido todas com trapos.

Tudo sem que Phelps tivesse ouvido nada.

VIDA DURA

Eliakim Phelps assumiu a culpa pelos bonecos. Não, ele não os havia criado. E, não, ele não dizia às pessoas que os havia criado. Ele admitia totalmente que eram peculiares — de outro mundo, até. Não sabia como explicar a aparência deles, mas acreditava ter, sem intenção, desempenhado um papel naquilo tudo.

Culpava os acontecimentos da semana anterior. No dia 4 de março, um amigo havia visitado a casa dos Phelps. Tinha sido uma visita comum. Depois do jantar com a família, os dois homens foram para o escritório tomar alguns drinques e conversar. E, como era 1850, o movimento espiritualista estava fresco na memória daquele visitante. É difícil imaginar sobre o que discutiram. Talvez tenham trocado impressões sobre as irmãs Fox. Talvez tenham contado histórias de assombrações registradas ou de atividade incomum detalhada em jornais. Mas o que sabemos é que a conversa acabou se voltando para as sessões espíritas, ou *séances*.

A palavra *séance* é francesa, e simplesmente significa “sessão” ou “sentar-se”. No movimento espiritualista, no entanto, uma *séance* era algo mais: era uma tentativa de se comunicar com o mundo espiritual, alcançá-lo através da fina cortina entre a vida e a morte, e buscar no escuro algo tangível, algo real. Uma *séance* era, e é, um ato de esperança.

Para Phelps e seu visitante, no entanto, era uma curiosidade, e eles decidiram, naquele momento, tentar fazer uma. Talvez tenha sido o destilado que compartilhavam, ou o fato de ser tarde. É difícil dizer com certeza o que motiva as pessoas a fazer coisas que lhe são incomuns, mas acontece mesmo assim.

Dizem que os dois homens realizaram a sessão espírita amadora ali mesmo dentro do escritório, e, de acordo com o que próprio Phelps admitiu, parece ter sido bem-sucedida, apesar de assustadora. Depois de pedirem uma resposta do mundo espiritual, os homens disseram ter ouvido uma batida distante. (Em inglês, eles usaram a palavra *rapping*, mas, por favor, não confunda isso com o trabalho de Jay-Z.)

É bem provável que os homens tenham se esquecido totalmente daquela noite. Mas, depois do incidente do dia 10 de março, com os bonecos em tamanho real, os acontecimentos na casa de Phelps se tornaram mais incomuns. As coisas foram crescendo, ao que parece, e ocorriam na presença de muitas testemunhas. O próprio Phelps era cético; por isso, para ajudá-lo a documentar aquelas experiências, ele costumava chamar colegas igualmente céticos.

Registros posteriores detalham que a atividade na casa se tornou cada vez mais estranha. Objetos apareciam do nada e se moviam lentamente pela sala. Alguns desses objetos chegavam a pousar lentamente, como se estivessem sendo abaixados por uma mão que os orientavam. A comida aparecia durante as refeições, às vezes caindo em cima da mesa.

Até mesmo objetos pesados, como as ferramentas da lareira, pareciam se mover pela sala sozinhos. Em determinado momento, Phelps chamou outro ministro, o reverendo John Mitchell, para ajudá-lo a investigar mais. Os dois homens se trancaram na sala e esperaram, sabendo que seria impossível que alguém — uma das crianças, eles acreditavam — entrasse e jogasse objetos por ali.

Enquanto estavam dentro da sala naquela noite, dizem que os homens testemunharam dezenas de itens aparecendo do nada e caindo no chão. A maioria desses itens eram roupas que estavam no andar de cima, como se tivessem caído por um buraco no teto. Eram roupas como aquelas usadas para criar bonecos em tamanho real que Phelps vira semanas antes.

As histórias chamaram atenção de outros membros da família Phelps. Certa vez, Eliakim recebeu uma visita de seu filho, Austin — professor de teologia — e do irmão de Phelps, Abner, um dos médicos mais importantes de Boston naquela época. Enquanto estavam ali, os dois homens ouviram batidas na porta da frente. Quando a abriram, não havia ninguém ali. Claro, pensaram ter sido um trote. Em uma casa cheia de crianças, era essa a explicação lógica.

Assim, inspecionaram cada cômodo sistematicamente, procurando a pessoa responsável pelo barulho. Checaram as portas, e as crianças foram isoladas e observadas. No fim, sua busca naquela noite chegou a uma conclusão frustrante, quando os dois homens ouviram a batida de novo, dessa vez enquanto estavam dos dois lados da porta.

Era verdade que saias voadoras e batidas invisíveis eram coisas que a maioria das famílias conseguiria contornar. Aparentemente, não havia nada de ruim ou perigoso em relação à atividade, por isso, ao longo disso tudo, Phelps agia sem pressa. Ele parecia ser mais um observador curioso do que dono da casa.

Mas aquilo estava prestes a mudar.

AVISO DE DESPEJO

Os ataques físicos começaram como beliscões e tapas em algum momento durante abril de 1850. Um jornalista, que fora à casa dos Phelps para falar sobre a experiência deles, testemunhara alguns daqueles ataques. Ninguém, pelo que eles sabiam, os havia dissimulado.

Ficou mais ameaçador quando a sra. Phelps acordou no meio da noite com um travesseiro sendo pressionado sobre seu rosto ou algo amarrado em seu pescoço. Ela sobreviveu, mas ficou claro naquele dia que o espírito, se realmente fosse isso, estava longe de ser do bem. A coisa então passou a perseguir o filho mais novo deles, Henry.

Henry tinha só 11 anos na época. Apesar de ninguém ter certeza do motivo, ele se tornou o principal foco dos ataques realizados pela força invisível na casa. Pedras foram jogadas nele em diversas ocasiões. Muitas vezes foi visto levitando em direção ao teto, e um jornalista, em certa ocasião, viu a criança sendo erguida e jogada do outro lado da sala. Tudo pela força invisível.

Henry acabou desaparecido também, para a preocupação de seus pais. Na primeira vez em que aconteceu, ele foi encontrado em uma árvore no quintal, amarrado com cordas e sem saber como havia chegado lá. Em outra ocasião, encontraram-no dentro de um dos armários da casa, descansando em uma prateleira alta demais para que tivesse subido sozinho. Havia uma corda ao redor de seu pescoço.

O menino foi o que mais sofreu na casa dos Phelps. Foi enfiado em uma caixa d'água, a roupa que ele vestia foi rasgada, e, certa vez, um incêndio foi iniciado sob sua cama, e quase o queimou vivo. Felizmente, ele conseguiu sair da maioria dos ataques sem qualquer ferimento, mas o perigo era muito real.

Conforme os ataques a Henry prosseguiram, Phelps foi ficando cada vez mais frustrado. Começou a gritar com todos os responsáveis, falando com quartos vazios e exigindo que a atividade parasse. Não parou, no entanto, e em mais de uma ocasião, bilhetes misteriosos apareceram — caligrafia estranha em pedaços de papel com mensagens para o dono da casa. Os bilhetes não existem mais, contudo Phelps disse que seu conteúdo era muito perturbador.

Como uma tentativa final de livrar sua casa das forças que a habitavam, Phelps reuniu as testemunhas para uma segunda sessão. Sua esperança era poder saber algo sobre o espírito, alguma coisa que o ajudasse a se livrar dele ou, pelo menos, acalmá-lo. Phelps tinha perdido a esperança, e agora sua mente adentrava um território desconhecido por desespero.

A sessão espírita trouxe muito pouca informação nova, mas, de acordo com os relatos de Phelps e de outras testemunhas, o espírito se identificou. Dizia ser um atendente morto, do sexo masculino, que já havia trabalhado com a sra. Phelps numa questão financeira. O nome foi investigado e certos detalhes combinavam com registros públicos, mas não ficou claro o que o espírito queria, nem como eles poderiam se livrar dele.

Os bilhetes continuaram aparecendo também. Uma vez, um jornal se ergueu acima da mesa durante uma tarde de chá realizada pela sra. Phelps. O próprio Phelps recebeu dezenas deles, muitos dos quais faziam referências a nomes comuns ao Diabo naquela época. Apelidos, incluindo Belzebu, Tinhoso, entre outros, foram encontrados naqueles bilhetes.

Por fim, em setembro daquele ano, um bilhete apareceu na mesa enquanto Phelps trabalhava. Decifrando a mensagem da melhor maneira que pôde, ele percebeu que se tratava de uma pergunta,

presumidamente do espírito que assombrava a casa.

“QUANDO VOCÊS PRETENDEM SAIR?”, estava escrito.

Era uma mensagem clara e forte. Phelps e sua família não eram mais bem-vindos ali. Talvez fosse uma ameaça. Talvez os ataques piorassem, ou mais acontecimentos drásticos acontecessem. Se uma pequena fogueira podia ser acesa embaixo da cama de Henry, não parecia difícil que a casa toda corresse o risco de ser incendiada.

Phelps demorou um pouco para entender a pergunta, e então apanhou o papel. Segurando o lápis, ele escreveu sua resposta embaixo da caligrafia ruim:

“1º DE OUTUBRO”.

Não recebeu resposta naquele dia, mas Phelps cumpriu o acordo. No dia 1º de outubro de 1850, a família voltou para a Pensilvânia, e ele foi logo depois. Semanas depois, no entanto, todos voltaram. Não sei bem o motivo, para ser sincero. Talvez quisessem tentar de novo. Afinal, era a casa deles.

Mas a atividade continuou. Apareceram mais batidas, mais palavras rabiscadas nas paredes, e mais objetos que se moviam pelo ar como se estivessem pendurados com cordões invisíveis.

Um último bilhete apareceu na casa em maio de 1851, e depois disso, a família se mudou de vez.

FIRME E FORTE HOJE

A maioria de nós conhece alguém que tem uma história para contar a respeito de coisas inexplicáveis: objetos que parecem se mover sem nosso envolvimento, sons que não conseguimos explicar, a sensação de estar sendo observados quando não há ninguém na sala, nem mesmo na casa. É fácil entender por que algumas pessoas têm vontade de procurar a verdade.

Mas e se o ato de procurar respostas tiver consequências reais? Certamente, os acontecimentos na casa dos Phelps confirmam algo desse tipo. Talvez esses acontecimentos fossem o resultado de uma família de mente muito aberta, fazendo o melhor que podiam para interpretar experiências realmente incomuns.

Ou talvez realmente *haja* algo além do outro lado, que nos busca de tempos em tempos para afetar a vida dos vivos. É uma resposta difícil de responder. Até impossível, talvez. E é por isso que não paramos de perguntar.

Resquícios do espiritualismo persistem, enraizados em nossa cultura popular. Romances de horror clássicos, como *A Assombração da Casa da Colina*, de Shirley Jackson, e *Hell House: a Casa Infernal*, de Richard Matheson, falavam muito desse mundo, apresentando sessões espíritas, psicografia e atividades de outro mundo.

Até mesmo hoje, com filmes como *O Exorcista* e *Revelação*, a ideia de buscar se comunicar com o mundo além daquele que conhecemos continua firme e forte. E talvez haja um bom motivo para isso.

Outra família comprou a mansão depois de os Phelps voltarem para a Pensilvânia. Ao longo dos anos, a casa mudou de dono muitas vezes. Nos anos 1940, foi transformada em uma casa para idosos. E quando o sr. e a sra. Caserta — ambos enfermeiros — se mudaram para lá, em 1947, já havia mais histórias enchendo os cômodos: portas que não ficavam fechadas, batidas, sussurros e barulhos aleatórios que pareciam não ter explicação.

Mas foi o bebê deles, Gary, quem teve mais problemas. Certa noite, o casal foi despertado pelo sino de um dos pacientes. O sr. Caserta saiu depressa de seu quarto e foi para o segundo andar para ver o que estava acontecendo. Foi então que sentiu cheiro de fumaça.

Rapidamente correu de um cômodo a outro, conferindo cada paciente, mas todos estavam adormecidos. Por fim, sem respostas, ele voltou ao terceiro andar e entrou no quarto de Gary. Lá dentro, viu fumaça na direção do berço. Correndo até ele, viu que os pés de Gary estavam pegando fogo, com chamas pequenas se espalhando lentamente pelos lençóis.

Outra noite de sono foi interrompida pelo sistema de alarme, e dessa vez, os pais de Gary saíram do quarto a tempo de encontrar o garoto engatinhando em direção à escada. Como o menino saiu do berço e foi para o corredor era um mistério.

Em cada exemplo, o sistema de alarme salvou a vida de Gary. Não é preciso dizer que os Caserta ficaram muito agradecidos à pessoa ou às pessoas responsáveis por dizer a eles que Gary precisava de ajuda. Era irônico, até; o sistema de alarme foi feito para que ajudassem os pacientes, mas duas vezes, aparentemente, os pacientes os haviam ajudado. Por isso, perguntaram a eles, um por um. Nenhum dos pacientes assumiu a responsabilidade, no entanto.

Os Caserta não conheciam os Phelps. E apesar de os moradores da região sempre terem falado sobre assombrações antigas, era provável que não conhecessem a extensão total das histórias. Certamente não conheciam o conteúdo daqueles bilhetes e o outro mundo que apareciam para os Phelps de vez em quando.

Mas tendo a chance de lê-los, teriam se surpreendido pelo que aquele último bilhete trazia um século antes, em maio de 1851: “O MAL SE FOI, E UM MELHOR VEIO”.





UM BURACO DE SANGUE

A maioria das pessoas tem medo do escuro. E apesar de isso ser algo que esperamos ver nas crianças, os adultos sentem esse mesmo medo com a mesma intensidade. Só não falamos mais sobre isso. Mas ele existe, escondido no fundo de nossa mente.

A ciência chama o medo do escuro de *nictofobia*. Desde sempre, nossos ancestrais analisaram o escuro de cavernas, túneis e porões com uma sensação de medo e pânico. H. P. Lovecraft, o pai do gênero do terror, publicou um texto em 1927 com o título “O Horror Sobrenatural na Literatura”, e começa com esta frase profundamente simples: “A mais antiga e poderosa emoção da humanidade é o medo, e o mais antigo e poderoso tipo de medo é o medo do desconhecido”.

As pessoas temem o desconhecido, o “e se”, e as coisas que não conseguem ver. Temos medo que nossa fragilidade e nossa fraqueza possam ficar expostas ante a presença do que se esconde nas sombras. Temos medo de abrir lugares que deveriam permanecer fechados.

E, às vezes, por um bom motivo.

ACIDENTES ACONTECEM

Os montes Berkshire, que se estendem do norte ao sul na região oeste de Massachusetts e Connecticut, não são as Montanhas Rochosas, mas, em 1851, esses montes atrapalharam o caminho de alguém.

A Troy and Greenfield Railroad Company quis abrir trilhos que passassem pelas montanhas no lado nordeste de Massachusetts, por isso começaram a escavar um túnel. No lado oeste, ficava a cidade de Florida, com North Adams no lado leste. Entre essas cidades, havia cerca de oito quilômetros de rochas.

O projeto de construção não foi uma tarefa pequena, por mais simples que as montanhas possam parecer. Por fim, a equipe de trabalho levou 24 anos para terminar tudo a um custo total de 21,2 milhões de dólares. Aliás, são 406,5 milhões de dólares hoje em dia. Como é possível ver, foi bem caro.

Deixando de lado os custos, no entanto, a construção do túnel teve um preço ainda mais alto: pelo menos duzentos homens perderam a vida ao abrir um buraco nas rochas.

Uma das maiores tragédias ocorreu no dia 20 de março de 1865. Uma equipe de “especialistas” em explosivos (uso o termo entre aspas porque a nitroglicerina era muito nova para qualquer pessoa nos

Estados Unidos na época) entrou no túnel para instalar bombas. Os três homens — Brinkman, Nash e Kelley (o primeiro nome de Kelley era Ringo, o que eu acho incrível) — fizeram seu trabalho e desceram correndo pelo túnel para se abrigar no bunker. Mas apenas Kelley alcançou a segurança. Parece que ele acionou os explosivos um pouco cedo demais, enterrando os outros dois homens vivos. Naturalmente, Kelley se sentiu péssimo com isso, mas ninguém pensou que ele desapareceria, o que aconteceu um pouco depois. Coitado do Ringo.

Mas os acidentes não pararam por aí.

O FOSSO

Construir um túnel dentro de uma montanha para abrir passagem para um trem é algo complexo, e uma das características que a maioria dos túneis tem é um fosso de ar. O tráfego intenso de trens movidos a carvão poderia resultar em muita fumaça. Por isso, os engenheiros acharam que seria uma boa ideia abrir um fosso de ar que se estendesse à superfície e permitisse que a fumaça e a água subterrânea fossem liberadas. Esse fosso teria cerca de dez metros de diâmetro e se estenderia por mais de trezentos metros, conectando-se com o túnel do trem abaixo. Mas, em outubro de 1867, ele tinha só 150 metros de profundidade. Essencialmente, era um buraco bem fundo no chão.

Para cavar esse buraco, eles ergueram uma pequena construção em cima, usada para abrigar um guincho que tiraria os escombros, além de um sistema de bombeamento para retirar a água do solo. Em seguida, levaram uma dezena ou mais de mineiros da Cornualha para trabalhar no local.

Você já viu no que isso vai dar, não? Por favor, diga que sim.

No dia 17 de outubro, uma lanterna iluminou a construção com nafta, um gás explosivo natural, e o lugar explodiu. Assim, as coisas começaram a cair pelo fosso.

Que coisas? Bem, para começar, trezentas brocas novas. Depois, o mecanismo da broca. Por fim, os destroços em chamas da construção. Tudo isso caiu cinco andares pelo túnel e nos treze homens que trabalhavam no fundo. E como a bomba de água foi destruída na explosão, o fosso também transbordou.

Os operários na superfície tentaram chegar aos homens no fundo, sem sucesso. Um dos homens foi enfiado no fosso em um cesto, mas foi puxado de volta, porque a fumaça era insuportável. Ele conseguiu dizer as palavras sem esperança aos trabalhadores ao seu redor antes de perder a consciência.

Por fim, eles desistiram, aceitaram a perda e cobriram o fosso. Mas nas semanas seguintes, os trabalhadores sempre diziam ouvir as vozes angustiadas de homens gritando de dor. Diziam ver os mineiros da Cornualha carregando pás e escavadeiras, para logo desaparecer. Até mesmo as pessoas do vilarejo próximo contavam ter visto formas esquisitas e choros abafados perto do buraco coberto. Pessoas altamente cultas, ao visitarem o local da construção, lembravam-se de experiências parecidas.

Glenn Drohan, um correspondente do jornal local, escreveu: “As aparições fantasmagóricas surgiam brevemente, depois desapareciam, sem deixar pegadas na neve, sem dar respostas aos chamados dos mineiros”. Vozes, lampejos, visões e formas estranhas nas trevas — todos os tipos de experiências que temos quando entramos em um quarto escuro ou um porão sem luz.

Um ano depois do acidente, eles reabriram o fosso e drenaram centenas de metros de água acumulada. Queriam voltar ao trabalho. Ao fazer isso, no entanto, descobriram algo terrível: corpos... e um barco. Aparentemente, alguns dos homens tinham sobrevivido ao desmoronamento por tempo suficiente para conseguir construir um barco. Ninguém sabe por quanto tempo permaneceram vivos,

mas ficou claro que morreram por ter sido abandonados em um buraco cheio de água no chão. Depois disso, os trabalhadores começaram a chamar o fosso por outro nome: Buraco de Sangue.

Bacana, não?

UM PASSADO DE HISTÓRIAS

Cerca de quatro anos depois da explosão de gás, dois homens visitaram o túnel. Um deles era James McKinstrey, o superintendente de operações de escavação, e o outro era o dr. Clifford Owens. Enquanto estavam no túnel, os dois homens — cultos e respeitados entre seus colegas — viveram um encontro muito além do comum. Owens escreveu.

Na noite de 25 de junho de 1872, James McKinstrey e eu entramos na grande escavação exatamente às onze e trinta. Tínhamos percorrido cerca de três quilômetros no fosso quando finalmente paramos para descansar. Exceto pela luz fraca lançada pelas luminárias, o local estava tão frio e escuro como um túmulo.

James e eu permanecemos ali conversando por um ou dois minutos e estávamos prestes a voltar quando, de repente, ouvi um som estranho e lamurioso. Era como se alguém ou algo estivesse passando por grande dor. O que vi em seguida foi uma luz fraca saindo pelo túnel, vindo da direção oeste. No começo, pensei que provavelmente era um trabalhador com uma lanterna. Porém, quando a luz se aproximou, ganhou um tom azul esquisito e pareceu mudar de forma, quase se assemelhando a um ser humano sem cabeça. A luz parecia flutuar cerca de trinta a sessenta centímetros acima do chão do túnel. No instante seguinte, era como se a temperatura de repente tivesse caído muito e senti um frio na espinha. A forma sem cabeça se aproximou tanto que eu poderia tocá-la, mas estava assustado demais para me mexer.

Pelo que pareceu ser uma eternidade, McKinstrey e eu ficamos ali olhando para aquela coisa sem cabeça como dois índios num totem. A luz azul permaneceu imóvel por alguns segundos, como se realmente estivesse nos analisando, e então partiu em direção ao lado leste do fosso e desapareceu do nada.

Acima de tudo, sou realista, e não costumo reproduzir fofocas e histórias malucas que desafiam uma boa explicação razoável. Mas, na verdade, não posso negar o que James McKinstrey e eu vimos com nossos próprios olhos.

O túnel Hoosac foi o palco de incontáveis outras histórias assustadoras nos anos seguintes. Em 1874, um caçador local chamado Frank Webster desapareceu. Três dias depois, uma equipe de busca o encontrou tropeçando à beira do rio Deerfield. Estava sem seu rifle e parecia ter sido espancado. Dizia que vozes e luzes o chamaram para dentro do túnel, e lá dentro viu figuras fantasmagóricas que flutuavam e vagavam no escuro. Sua experiência terminou quando algo invisível tirou seu rifle e bateu nele. Ele não se lembrava de sair do túnel.

Em 1936, um operário da ferrovia chamado Joe Impoco disse que foi alertado sobre o perigo no túnel por uma voz misteriosa. Não uma vez, mas duas; imagino que tenha sido Ringo, tentando se desculpar por ser um idiota.

Em 1973, por algum motivo desconhecido, um homem decidiu atravessar o túnel por inteiro. Esse homem brilhante, Bernard Hastaba, nunca mais foi visto. Outro homem que atravessou o túnel e

conseguiu sair afirma que, enquanto esteve lá dentro, viu um homem vestido com roupas antigas de mineiro do século XIX.

Ele saiu depressa, pelo que eu soube.

VOZES NO ESCURO

Histórias a respeito do túnel ainda existem até hoje. É normal que equipes de investigadores de fenômenos paranormais atravessem o túnel, apesar de ainda estar ativo, com dezenas ou mais de trens de carga passando por ali todo dia.

Há rumores de que existe uma sala secreta, ou muitas salas, dentro do túnel. Há uma estação antiga de monitoramento construída na rocha mais ou menos no meio do caminho, mas poucas pessoas tiveram coragem suficiente de atravessá-lo todo para ver. Aqueles que foram, contaram mais do mesmo: sons e luzes inexplicáveis.

Ah, e você se lembra de Ringo Kelley, o especialista em demolição que matou seus colegas de trabalho em 1865? Bem, ele apareceu de novo em março de 1866, um ano depois da explosão. Seu corpo foi encontrado a três quilômetros da entrada do túnel, do lado de dentro, *exatamente* no mesmo ponto onde Brinkman e Nash tinham morrido.

Ele foi estrangulado.





JANTAR AO ANOITECER

As ilhas San Juan são um aglomerado de pequenas ilhas na costa do estado de Washington, opostas à ilha de Vancouver. O lado mais a oeste desse pequeno pedaço de terra é a própria ilha de San Juan. Com uma população de menos de 7 mil habitantes, traz a forte sensação de uma cidade pequena e calma.

O local é silencioso. A coisa mais interessante que a maioria das pessoas consegue pensar de suas casas é que um dos moradores é Lisa Moretti, uma atleta de luta-livre aposentada. Mas no lado norte da ilha, um pouco depois de Roche Harbor e de um resort, fica uma estrada que leva à mata. O que está escondido naquelas árvores, longe dos olhos curiosos de turistas e moradores, é algo tão incomum — tão longe de ser normal —, que praticamente *exige* uma visita.

Percorrer a longa estrada de terra que corre para o centro da floresta como uma artéria serpenteante nos levará a uma passagem arqueada de ferro sobre pilares de pedra. As palavras “Afterglow Vista” estão marcadas no metal. Além disso, mais para dentro da mata, existe uma série de degraus de pedra que levam a um pequeno monte. É o que há no topo daquele monte que imediatamente chama a atenção de todos os visitantes, sem dúvida.

É uma rotunda ao ar livre, um círculo de pilares altos de pedra sobre uma base circular plana de calcário. Elas se conectam no topo por arcos malteses densos, mas nada cobre a rotunda; seu interior é totalmente exposto e visível.

O que tem dentro dele? Uma mesa redonda e grande de pedra, cercada por seis cadeiras de pedra. Estranhas, mas não assustadoras — até você perceber o propósito do monumento.

É um túmulo. Dentro de cada uma das cadeiras estão os restos cremados de um ser humano.

UMA HISTÓRIA EM CAL

No fim do século XIX, a ilha de San Juan se tornou conhecida por seus acúmulos de cal. E então, como agora, o lodo se tornou um ingrediente essencial em produtos importantes, como aço, fertilizante e cimento, e a indústria de cal da ilha de San Juan ofereceu grande parte dos empregos e dos lucros da comunidade.

Em 1886 um homem chamado John S. McMillin comprou ações majoritárias na fábrica de cal. Ele acabou desenvolvendo a indústria e a transformou na maior fornecedora de cal na Costa Oeste. No processo, construiu o Hotel de Haro, de vinte quartos, em Roche Harbor, e a cidade que a cercava. Além da fábrica de cal em si, ele construiu os barris, o depósito, as docas, os navios, os escritórios, a igreja, a loja geral e os celeiros. Chegou até a construir casas para os operários, com homens solteiros vivendo em casas amplas e famílias recebendo pequenas casas que tinham sido construídas em fileiras organizadas. Todas as estruturas pertenciam a McMillin, mas seu batalhão de empregados — mais de oitocentos deles no ápice dos negócios — davam vida a elas. A cidade era autossuficiente; tinha água, eletricidade e sistema telefônico. McMillin pagava os operários com vales da companhia, aceitos apenas na loja da companhia. Claro que os funcionários podiam sacar seus salários na moeda norte-americana sempre que quisessem, mas o vale foi a moeda usada na loja até 1956.

Contudo, não foi só isso que McMillin construiu. Ele estava longe de terminar.

John S. McMillin era um homem incomum. Nasceu em 1855 e frequentou a DePauw University, em Indiana, quando ainda se chamava Asbury University. Ele entrou para a fraternidade Sigma Chi e ajudou a guiar a jovem organização para firmar um Grande Conselho e um Comitê Executivo em nível nacional. Assim, ele foi eleito o primeiro cônsul da Sigma Chi. Além de suas conexões de fraternidade, McMillin era um maçom chegando ao trigésimo segundo grau (dos 33 existentes). Ele era importante nos negócios e na política, e até tinha como amigo Teddy Roosevelt, que frequentemente o visitava e se hospedava no hotel.

McMillin tinha quatro filhos, e quase a família toda os consideravam metodistas devotos. Segundo eles, só um filho abandonou a fé da família, e, ao fazer isso, pode ser que tenha se trancado para fora da história dos McMillin para sempre.

Veja, todos esses mundos de interesse, por mais diferentes que fossem entre si, coexistiram dentro da mente de John McMillin. Por isso, quando chegou a hora de planejar um local para seu descanso eterno, e também o de sua família, cada elemento teve influência no design. O resultado, como você deve ter imaginado, foi a assustadora construção dentro da floresta.

O MAUSOLÉU

A estrutura é realmente algo a ser admirado. Depois de ler sobre ela, você vai querer navegar em alguns sites para ver a verdadeira beleza do que McMillin construiu.

Quando foi construída, a floresta ao redor era bem menos cheia de vegetação, e os visitantes viam a praia Afterglow ao nordeste, talvez dando seu nome à estrutura. Foi planejada para ser um *tholos*, um templo circular micênico, e foi feita de calcário e cimento.

Mas o mais fascinante é o grande número de mensagens secretas e símbolos escondidos, alguns relacionados à Ordem dos Templários, outros refletindo os valores de McMillin como metodista e maçom. Por exemplo, para se aproximar do mausoléu, é preciso subir três lances separados de escadas, e cada lance tem seu significado. Há três degraus no primeiro lance de escada, e dizem que eles representam as três épocas do homem. O segundo tem cinco degraus, representando os cinco sentidos. E o terceiro lance tem sete degraus, que representam as sete artes liberais e as ciências.

Ao redor da mesa há sete pilares com arcos no topo. Estranhamente, um dos sete pilares está faltando — o que fica mais a oeste —, mas é intencional. Só uma pequena parte pode ser vista na base e

saindo do arco acima. Dizem que é um lembrete de que a morte nunca nos deixa terminar nosso trabalho.

Há espaço ao redor da mesa para sete cadeiras, mas no ponto onde deveria estar a sétima — o mais próximo do pilar quebrado, na verdade não há nada. Algumas pessoas dizem que a cadeira nunca esteve ali, e que sua ausência representa o filho que se afastou da fé metodista de McMillin.

Dependendo de quem você é, se a eternidade é uma reunião ao redor da mesa, não ter espaço à mesa de sua família seria realmente um castigo.

ASSOMBRAÇÕES

Esses são todos os detalhes arquitetônicos fantásticos, mas o que não pode ser documentado em nenhuma fotografia do mausoléu é a longa lista de pontos turísticos relacionados a ele, todos que começaram em algum momento em meados dos anos 1950.

O mausoléu foi construído sem domo em cima, apesar de o plano original envolver a construção de um. O domo teria sido caro, resultando em cerca de 40% do orçamento total, por isso foi deixado de lado para que pudessem economizar dinheiro. Ainda assim, visitantes em dias de chuva dizem que não sentem os pingos d'água quando estão dentro do círculo de pilares de pedra. Algumas pessoas já falaram sobre pontos frios perto da mesa, enquanto outras dizem ter ouvido vozes, mesmo quando não há ninguém por perto.



Aqueles ousados o bastante para se sentar em uma das cadeiras — lembrando que são pequenos túmulos com os restos da família McMillin — dizem que se sentiram muito intranquilos fazendo isso, e mais de uma pessoa afirmou ter sentido mãos empurrando-a.

Há um relato frequente de pessoas que dizem ter visto luzes estranhas à noite, incluindo luzes azuis que parecem pairar sobre as cadeiras. Alguns visitantes também disseram ter avistado membros da família McMillin em noites de Lua cheia, sentados ao redor da mesa, rindo e conversando.

Mas o mausoléu não é o único lugar com atividade incomum.

Originalmente, John McMillin construiu a casa da família bem ao lado do Hotel de Haro, e sua secretária de longa data, Ada Beane, tinha uma casa do outro lado do hotel. Mais tarde, o Roche Hotel foi construído perto do hotel antigo, e outros prédios foram combinados na estrutura. A casa de Beane, por exemplo, tornou-se a atual sala de jantar e a loja de presentes do hotel.

Aquele restaurante do hotel tem sido o foco de bastante atividade incomum. O gerente do local afirmou, em mais de uma ocasião, ter fechado a loja, apagado as luzes e ido para a porta, mas, ao olhar para trás, ter encontrado uma vela acesa em uma das mesas. Quando voltava para soprá-la, todos os ventiladores da cozinha se acionavam de uma vez.

Outros eletrodomésticos também se acionavam sozinhos. Os funcionários, ao longo dos anos, relataram que fogões, liquidificadores e torradeiras ligavam e desligavam por si só. A porta do estoque se abria e se fechava sozinha. A mobília na sala dos fundos foi reorganizada sem qualquer explicação. A loja de presentes, em outra parte da casinha antiga, também foi local de atividade assustadora. Certa vez, um antigo empregado viu várias estantes racharem e quebrarem uma a uma, tudo sem que ninguém as tocasse.

No hotel em si, há boatos de que existem fantasmas. Dizem que o segundo andar é assombrado pelo que foi descrita como uma mulher de meia-idade usando um vestido comprido. Os funcionários disseram aos donos que com frequência ouvem o som de roupas em movimento nos cômodos onde não deveria haver ninguém.

Seria o vestido da mulher-fantasma o que eles ouvem?

RESTOS

É engraçado como as pessoas que vivem perto de nós conseguem nos influenciar. Nós as sentimos quando estão próximas, como a força gravitacional de outro planeta, mas as vezes até as sentimos quando elas se vão. Depois que morrem, deixam para trás lembranças, presentes ou posses, ou talvez um ponto desgastado em uma peça de mobília preferida.

Os fantasmas são um conceito quase tão antigo quanto o tempo. As pessoas que amamos passam um tempo aqui, e depois se vão, e os seres humanos sempre tiveram dificuldade para entender o que acontece com elas depois da morte. Talvez as histórias de fantasmas sejam uma maneira de lidarmos com nossa solidão e com a perda. Talvez sejam nossa maneira de nos preparar para nossa morte iminente. Devemos ir *a algum lugar*, certo? Estamos prontos? Seremos perdoados?

John McMillin acreditava piamente que sua vida precisava ser lembrada, e que seu corpo e os de seus entes queridos mereciam um local de descanso igual ao da posição que tinham em vida. Afterglow Vista está aí como prova de que a fé de um homem em alguém está além da morte.

E aquela luz acima dos assentos de calcário que algumas pessoas afirmam ter visto desde os anos 1950? Bem, no fim, pode ser que tenha uma explicação, dependendo das coisas em que você está

disposto a acreditar.

Você se lembra que o prédio que abriga a loja de presentes e a sala de jantar do hotel costumavam ser a casa de Ada Beane, a secretária de longa data de McMillin? Além de ser uma pessoa essencial nos negócios diários da empresa, ela também ajudava como governanta dos filhos dos McMillin. Era praticamente parte da família.

Então, quando Beane morreu, antes de McMillin, obviamente foi uma perda emotiva. Dizem até hoje que sua morte foi suicídio, mas registros oficiais relatam nada além de causas naturais. Independentemente de qualquer coisa, a família perdeu alguém querido quando ela faleceu.

Depois de sua morte, seu corpo foi cremado e as cinzas colocadas em um jarro de pedra. Esse jarro, de alguma forma, acabou indo parar no mantel no escritório de Paul McMillin, o filho mais jovem de John. Só em meados dos anos 1950 o gerente do resort soube por Paul — ainda vivo e trabalhando para a companhia — que ela estava ali. E foi quando eles a mudaram de lugar.

Para onde levaram seus restos mortais? Bem, junto aos demais. As cinzas dela foram colocadas na urna de cobre em um dos assentos ao redor da mesa de pedra do mausoléu, de volta onde deveria ficar, entre amigos que para ela eram tão amados quanto seus familiares.

Mas Beane não deve ter gostado muito da decisão. Talvez, depois de observar a família e a propriedade por todos aqueles anos, ser levada a tumba fria e escura não foi muito de seu agrado. Só depois da mudança as pessoas começaram a ver luzes e a ouvir vozes ali. Ao mesmo tempo, os trotes e as atividades incomuns começaram dentro do hotel.

Coincidência? Ou atitudes de uma mulher irada que preferiria passar a eternidade longe dos turistas e da chuva fria de Afterglow Vista?

Podemos julgá-la por isso?





PROPRIEDADE

Lar, doce lar.

Para a maioria de nós, essas palavras são muito verdadeiras. O lugar que chamamos de lar pode facilmente se tornar o centro de nosso universo e costuma ser a fonte de nossa sensação de segurança e paz. A maioria das pessoas que contam histórias sobre a casa em que moravam na infância o faz com olhos arregalados e sorriso saudosos. O lar é, como dizem, onde está o coração.

Nossa casa é o lugar onde experimentamos a vida. Preenchemos todos os cômodos com risos, buscamos nossas paixões. Fazemos planos para o futuro. Você deve se lembrar dos feriados na sala de estar, ou das conversas no café da manhã, ou de quando ia explorar o sótão em um dia de inverno. Essas casas — de certo modo, nada além de construções em que residimos — de alguma forma se tornam parte de nós.

Mas a vida não é só rosas e riso. Às vezes, as situações pelas quais passamos são difíceis, ou dolorosas, ou as duas coisas. Às vezes, as pessoas fazem coisas que deixam uma marca duradoura, como um eco que segue pelos anos. E, às vezes, esses momentos sombrios são vividos até mesmo dentro de nossa casa.

De *Macbeth* a *American Horror Story*, do trabalho de Shirley Jackson ao de Stephen King, tem ficado muito claro quanto poder um lar pode ter em nossa vida. Talvez seja a tragédia, talvez sejam as lembranças. Talvez as atitudes sombrias cometidas às escondidas. Ou os segredos, tanto os metafóricos como os literais, enterrados sob a base. Independentemente do motivo, não é preciso ser um romancista popular nem mesmo um historiador para apontar a verdade simples: não existe lugar como o lar.

E considerando o que sabemos que acontece em um lar, isso pode ser algo *bom*.

EM CIMA E EMBAIXO

Christopher e Elizabeth Crawley construíram sua casa na cidade de Junee, New South Wales, no sudeste da Austrália, e planejavam um futuro normal e feliz para si mesmos. Christopher tomara conhecimento da futura construção da linha ferroviária Great Southern Railway Line atravessando Junee, e por isso ele ergueu o Railway Hotel bem diante da estação. E valeu a pena.

Em 1884, terminaram a construção da casa, que chamaram de Monte Cristo. Não era uma mansão, mas tinha nove quartos, um estábulo para seu valioso cavalo de corrida, um celeiro para gado leiteiro e um salão de festas à parte — apesar de, em dado momento, ter se tornado os aposentos dos empregados.

Mas a vida não era maravilhosa naquela família. Enquanto carregava no colo uma das filhinhas dos Crawley, a babá a derrubou escada abaixo, e a criança morreu pelos ferimentos sofridos. A babá afirmou que uma força invisível arrancara a criança de seus braços. De qualquer modo, os Crawley tiveram de passar pela dor de enterrar um filho — algo que nenhum pai deveria ter de passar.

Em 1910, as golas engomadas das camisas do sr. Crawley começaram a deixar a pele de seu pescoço em carne viva. O abscesso se tornou gangrenoso e, em dezembro daquele ano, ele morreu devido a um ataque do coração, causado pelo ferimento, dizem.

Depois da morte do marido, Elizabeth — já conhecida como uma mulher durona e disciplinadora — entrou em um estado de luto que durou o resto de sua vida. Transformou um dos quartos do andar de cima em uma capela e passava a maior parte do tempo lá. Segundo o folclore da região, ela saiu da casa apenas duas vezes antes de sua morte, em 1933.

Outras tragédias aconteceram no Monte Cristo. Uma empregada grávida cometeu suicídio pulando do último andar da casa. Ela sangrou até a morte nos degraus de entrada. Morris, o garoto que cuidava do estábulo, morreu queimado em um incêndio. Em 1961, o caseiro morreu baleado por um morador da região que tinha se inspirado em um filme recente de Alfred Hitchcock, *Psicose*.

Hoje, muitas crianças pequenas se sentem ansiosas perto daquela escada. Uma mancha escura foi vista nos degraus da frente da casa, mas parece sumir e voltar a aparecer com o tempo. Já viram a figura de uma mulher jovem de camisola branca passando diante das janelas da varanda, e algumas pessoas acreditam se tratar do espírito da empregada grávida, repetindo seus momentos finais sem parar. Outras pessoas afirmam ter visto um menino caminhando perto do estábulo.

Alguns visitantes da casa já viram a figura de um homem mais velho no corredor do andar de cima, e a maioria acredita se tratar do sr. Crawley. Mas é a esposa dele, Elizabeth, que costuma ser vista com mais frequência, quase como se ainda não tivesse aberto mão de sua propriedade. Dizem que ela já apareceu na sala de jantar, onde pediu para que as pessoas deixassem o local. Outras pessoas já viram sua figura fantasmagórica na capela do andar de cima, vestida de preto como se estivesse de luto pela perda de seu amado.

Do outro lado do mundo, no estado de Kentucky, outro lar se tornou cenário de tragédia e dor. Os nomes desapareceram da história, mas no condado de Allen, uma das famílias que lá viveram no início dos anos 1860 era dona de vários escravos. De acordo com as histórias da região, a maioria dos escravos vivia em seus próprios aposentos na propriedade, mas o marido mantinha correntes no porão da casa da família para quando queria disciplinar um ou dois.

Quando a Guerra Civil começou, entre os escravos do Sul começaram a correr os boatos de que seria melhor escapar e correr em direção ao norte, e assim os planos foram feitos nos aposentos dos escravos por muitas semanas. Finalmente, a noite veio, e o grupo todo saiu da propriedade e partiu em direção ao Norte. Todos eles, exceto os dois ainda acorrentados no porão da casa de seu dono.

Seja por ter ouvido o barulho da fuga, seja por estar em ronda à noite, como sempre, o homem logo descobriu que seus escravos tinham fugido. As histórias descrevem que ele passou horas naquela noite andando a cavalo com a arma em punho, seguindo em direção ao Norte e procurando os escravos fugidos. Porém, nunca os encontrou.

O homem voltou para casa de mãos vazias e enfurecido. Tomado pela ira, desceu até o porão, onde atirou e matou os dois homens cativos. Mais tarde, ele enterrou os corpos lá mesmo, na adega. Meses depois, o homem foi convocado pelo Exército Confederado, e morreu em batalha.

Sua viúva nunca mais abriu a porta da adega. Na verdade, apesar de ficar no meio da casa, ela havia coberto tudo com madeira. Há muito simbolismo naquela única ação, se você prestar atenção. Acho que só queria cuidar para que ninguém encontrasse os corpos que seu marido havia enterrado ali.

Anos depois, quando ela adoeceu e faleceu, a casa foi vendida a parentes distantes. Ao se mudar, a nova família resolveu abrir a adega. Perceberam haver ali um cheiro muito ruim. Deixaram o local ventilar e o limpavam da melhor maneira que puderam, mas o fedor nunca sumiu.

Não demorou muito para que os filhos comessem a dizer que ouviam sons que pareciam vindos da adega. Os pais os ignoraram, pensando ser fantasia de criança, mas as histórias continuaram.

Certa noite, muitos meses depois, o marido e a esposa foram acordados por sons esquisitos. Ela ficou na cama, e ele desceu para investigar. Do quarto do casal, ela ouviu um grito e uma batida. Saiu correndo da cama e correu até a porta da adega. Ao abri-la, encontrou o marido deitado no chão de terra, no fim da escada, com o pescoço quebrado e torcido.

Há muitas histórias como essa, mas todas ensinam a mesma lição amarga: às vezes, nossas casas atraem tragédia. Às vezes, nós mesmos as criamos.

LAÇOS DE FAMÍLIA

Quando Daniel Benton construiu sua pequena casa de telhado vermelho em Tolland, Connecticut, duvido que tenha pensado que ela existiria até hoje. Não é enorme como algumas das propriedades que podemos encontrar no sul, mas para uma casa construída em 1720 era confortável. E em total contraste com nossa vida moderna e móvel no século XXI, o imóvel ficou com a família Benton até 1932. São mais de 210 anos, para aqueles de vocês que estão contando, e isso é muito tempo.

A família cresceu, e nos anos 1770 Daniel Benton já tinha três netos grandes que viviam na casa com ele. Um deles, Elisha, tinha interesse em uma jovem da cidade chamada Jemima Barrows. Ela era filha de um marceneiro, de posição social inferior à dos Benton, e por isso a família de Elisha não via o romance com bons olhos. Fizeram de tudo para desestimulá-los, mas Elisha e Jemima eram teimosos.

Em 1775, um alarme tocou em Lexington, Massachusetts, que foi ouvido do outro lado da zona rural graças a cavaleiros como Paul Revere. Colonos de toda a Nova Inglaterra se uniram à luta, e entre eles estavam os três netos dos Benton. Apesar de Daniel Benton estar triste por ver os três netos irem para a guerra, também sentia certo alívio por saber que a separação podia ser exatamente o que Elisha precisava para esquecer a jovem. Historiadores acreditam que Daniel esperava que sua ausência pusesse fim ao relacionamento do neto para sempre. Ele estava certo apenas em parte.

Um ano depois, em 1776, os três irmãos Benton foram capturados por forças britânicas e levados para Long Island, onde foram presos em navios em Wallabout Bay, agora lar do Brooklyn Navy Yard [um estaleiro da Marinha desativado em 1966 cujo nome hoje batiza o bairro homônimo]. Aqueles navios de prisioneiros eram famosos por suas condições insalubres e pelas doenças que se espalhavam entre os ocupantes. Acreditava-se até que os soldados britânicos que trabalhavam nos navios davam comida e roupas de cama contaminadas com varíola.

Em pouco tempo, Daniel Benton soube que seus dois netos mais velhos tinham morrido a bordo do navio de prisioneiros, mas nada foi dito a respeito de Elisha. Ele pediu notícias e esperou

impacientemente, mas, antes que pudesse descobrir a verdade, Daniel Benton faleceu.

Semanas depois, a resposta finalmente chegou: Elisha fora libertado e voltava para casa, mas estava com varíola. Foi uma notícia ruim para a família Benton. Por um lado, Elisha iria para casa. Isso era algo bom para todos. Por outro lado, a varíola era mortal. Quase metade das pessoas que a contraíam acabava morrendo, e essas improbabilidades não davam esperança às pessoas.

Os colegas soldados de Elisha o levaram para casa, onde ele foi imediatamente confinado a uma sala perto da cozinha, conhecida como “sala dos que estão morrendo e dos que estão nascendo”: lá, quem estava parindo ou muito doente podia ser mantido longe do resto da casa, e sob cuidados. Era uma versão da América colonial de quarentena e tratamento intensivo.

Porém, as notícias do retorno de Elisha se espalharam. Nem todo soldado, nem todo marinheiro voltava da guerra, o que é algo que até os lares de hoje ainda enfrentam. E uma das pessoas que souberam da chegada do jovem Benton foi Jemima Barrows. Ela aguardara e permanecera fiel a seu amado, e ela não queria nada mais. Elisha havia voltado para casa.

Imagino que ela tenha corrido depressa demais até a escada da casa dos Benton. Imagino que deve ter batido — já que era de uma posição social inferior, afinal —, mas deve ter sido difícil para ela não derrubar aquela porta com um chute e correr para junto de seu amado. Jemima conhecia seu lugar, entretanto, e esperou que alguém atendesse a porta.

Ela soube que Elisha estava doente, e foi-lhe dito que precisava ir para casa, mas Jemima era uma jovem muito teimosa. Mesmo quando lhe contaram que ele estava morrendo, acometido por uma doença muito contagiosa e mortal, ela não teve sossego. E, no fim, venceu: Jemima pôde entrar na casa, onde passou a ser a única cuidadora e enfermeira de Elisha.

Depois de um tempo, os pais de Jemima ficaram preocupados. Sua filha havia passado o dia fora. Por isso, foram à casa dos Benton e perguntaram se alguém a vira. Descobriram que, na verdade, ela estava cuidando de um paciente acometido por varíola. Eles choraram, dizem. A mãe de Jemima avisou que voltariam para casa, para pegar roupas para a filha, e logo saíram da casa dos Benton.

Não voltaram mais.

A GRANDE SEPARAÇÃO

Elisha Benton morreu no dia 21 de janeiro de 1777, depois de passar semanas sofrendo com a varíola que destruiu seu corpo. Jemima permaneceu ao seu lado o tempo todo, cuidando dele até o fim. Mas seu sacrifício teve um preço. Nos últimos dias de vida de Elisha, ela também começou a desenvolver sintomas da doença. Ao fim de algumas poucas semanas, ela morreu.

O casal foi enterrado na propriedade da família Benton, ao longo dos muros de pedra que se estendem pela rua até a casa. Devido aos hábitos de sepultamento da época, no entanto, não puderam dividir o mesmo túmulo. Foram separados, assim, por cerca de doze metros, um de cada lado da estrada.

Parece ser o fim de uma história trágica — e, de certa maneira, foi. Elisha e Jemima não puderam se casar, e sua vida curta foi interrompida precocemente. Mas, de alguma forma, eles continuaram vivendo. De acordo com algumas pessoas, foi a separação do lado de fora que propiciou a atividade de seus espíritos incansáveis dentro da casa.

A casa dos Benton foi vendida em 1932, e depois de novo em 1969 à Sociedade Histórica de Tolland. Foi transformada em um museu logo depois, mas o fluxo de visitantes só serviu para causar mais registros de ocorrências misteriosas.

Um membro da equipe disse que seu cachorro não entrava na sala de jantar. Quando ela o pegou no colo e o levou até lá, o animal se recusou a ir a qualquer outro lugar depois. Outras pessoas costumam ter mau pressentimento, e sensação de hostilidade contra elas. Uma mulher, depois de pedir para visitar o segundo andar, subiu a escada estreita e voltou instantes depois dizendo aos funcionários: “Nunca mais quero ir lá”.

Barulhos difíceis de explicar têm sido ouvidos pela casa. Batidas, passos, e o que mais parece ser de galhos se partindo foram relatados pelos visitantes. Alguns até ouviram vozes distantes, e às vezes o arrastar de móveis. Outros ouviram o que descrevem como uma mulher chorando, alguém que está sofrendo muito com uma grande perda. Quem está familiarizado com o passado da propriedade acha que a mulher é Jemima, chorando por seu amor perdido. Alguns até viram a figura de uma jovem de vestido branco em diversos pontos da casa, procurando algo que ninguém mais consegue ver.

Algumas vezes, a casa foi usada por visitantes que passam a noite. Um casal chegou a morar ali por algumas semanas enquanto sua casa estava sendo reformada e, uma vez, receberam um hóspede. Dizem eles que na noite da visita do amigo, a conversa diante da lareira foi interrompida pelo som de passos ecoando pelo corredor, vindos do lado leste da casa. Os sons se aproximaram cada vez mais da sala de estar, e então pararam. O convidado do casal arrumou as malas e foi embora em quinze minutos.

Outro casal que passou a noite na propriedade dos Benton relatou uma experiência muito esquisita durante sua estada. Seus convidados tinham se retirado para dormir no andar de cima, e os dois tinham se acomodado na sala de estar no térreo, que estava servindo também como quarto de hóspedes. A esposa disse que foi despertada no meio da noite. O quarto estava quase totalmente escuro, mas ela teve a sensação de que alguém — ou *algo* — lhe fazia companhia. E então, como se aparecesse da escuridão, um par de pernas surgiu perto da cabeceira da cama. Um homem, ela acreditou, de pé ali, perto dela.

Sua primeira ideia foi de que seu anfitrião descera para lhe pregar uma peça. Talvez ele fosse assim, mas a madrugada provavelmente é o pior momento para piadas, independentemente de quem você seja. De qualquer modo, ela decidiu que era brincadeira e esperou para ver o que ele faria.

Ela nunca poderia ter imaginado o que veio em seguida. Uma mão saiu da escuridão e logo tapou sua boca. Ela se retraiu, mas se manteve firme. Se tentasse assustá-la, pensou, ele teria uma surpresa. Fingiu não se preocupar, porém, depois de alguns momentos, ficou difícil respirar, e, no fim, o pânico a dominou. Afastando a mão, ela se sentou e sussurrou para a figura: “O que você quer?”. Quase instantaneamente, tudo desapareceu: as pernas, a mão, tudo. Simplesmente... desapareceu.

Na manhã seguinte, ela contou sua experiência na hora do café da manhã e perguntou ao casal anfitrião por que tinham decidido fazer uma brincadeira como aquela. O marido e a esposa se entreolharam com expressões confusas.

Os dois afirmaram a mesma coisa: nenhum deles havia descido durante a noite.

PARTE DE NÓS

Os lugares onde moramos podem ganhar vida própria. Nós os enchemos com nossas personalidades, nossas celebrações e às vezes até com nossas tragédias. E apesar de podermos seguir em frente — seja fazendo as malas e nos mudando ou deixando a existência terrena —, costumamos deixar partes de nós por onde passamos.

Como uma caixa de papelão esquecida no canto do sótão, alguns dos ecos ficam para trás onde os outros possam descobri-los. Algumas pessoas os chamam de fantasmas. Outras os veem como vibrações

ruins. Não creio que haja definição errada, independentemente do idioma usado. No fim, algo sempre fica para trás, e nem sempre é fácil ver.

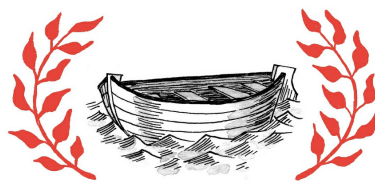
Mas às vezes é. Há alguns anos, um fotógrafo de arquitetura visitou a propriedade dos Benton com a irmã para poder tirar fotos para um projeto em que trabalhava. Eles caminharam pela propriedade à procura da melhor vista da casa. É linda mesmo, se você gostar de casas antigas, e a tinta vermelha na madeira do telhado é muito bonita e elegante.

No projeto, eles usavam câmeras Polaroid, daquele tipo que tira na hora um retrato pequeno, de moldura branca, que lentamente se revela na claridade. Ao encontrar o ponto perfeito para capturar uma imagem da casa — muito perto dos túmulos de Elisha e Jemima, incidentalmente —, o fotógrafo tirou uma foto.

Havia algo de errado com a foto, por isso ele tirou outra. Aquela também ficou esquisita. Ele a mostrou a sua irmã, e tentaram uma terceira. E uma quarta. Depois, uma quinta e uma sexta. Por fim, trocaram a câmera por outra com filme, que tinha acabado de ser consertada, mas as fotos eram todas iguais. Não era a câmera, perceberam, por fim. Era a casa.

Todas as fotos com defeitos tinham o mesmo erro, claro e fácil de detectar, como a própria casa. Ali, em cada imagem, a janela do segundo andar estava acesa, como se algo brilhante e chamativo estivesse atrás do vidro.





À DERIVA

Tenho uma confissão a fazer. Lembre-se, eu escrevo sobre coisas assustadoras para sobreviver. Ainda não li uma história de horror que tenha conseguido me assustar. Mas... morro de medo do mar.

Pronto, está dito. Apesar de morar na costa e já ter entrado na água, detesto andar de barco. Nem sei bem o motivo, para ser sincero. Mas detesto.

Talvez seja a ideia de que milhares de metros de fria escuridão esperam logo sob meus pés. Talvez seja o mistério de tudo, de que criaturas — conhecidas e desconhecidas — possam estar esperando por mim além do alcance da pouca luz de Sol que passa pela superfície das ondas. Mas tenho certeza de que o que me arreia mesmo é saber que, a qualquer momento, o barco pode afundar.

Talvez devamos colocar a culpa em filmes como *Titanic* e *O Destino de Poseidon*, por nos mostrar como pode ser terrível um naufrágio. Mas existe um número muito maior de histórias reais de tragédias no mar do que fictícias. E é nessas experiências de vida real — nesses desastres marítimos que pontuam o mapa da história como um mar cheio de boias macabras — que nos vemos face a face com perigos reais que nos esperam dentro d'água.

O mar tira muito de nós. Mas, em raros momentos, espalhados pelas páginas da história, já ouvimos histórias mais sombrias. Histórias de navios que retornam, de marinheiros voltando dos mortos, e de apaixonados que nunca deixaram de procurar terra.

Às vezes, nossos maiores medos se recusam a permanecer sob as ondas.

PROFUNDAS ASSOMBRAÇÕES

Os naufrágios não são uma ideia moderna. Desde sempre houve registros de navios perdidos no mar. Na *Odisseia*, de Homero, uma das histórias mais antigas e mais lidas, encontramos Odisseu logo depois de sua embarcação naufragar pelas mãos de Poseidon, o deus do mar. Ainda antes, temos o egípcio *Conto do Náufrago*, que data pelo menos do século XVIII a.C.

A verdade é que desde que os seres humanos constroem embarcações para navegar para longe e que abrem vela em águas desconhecidas, houve naufrágios. É um assunto universal na literatura do mundo, e

isso é mais provável devido ao risco básico que um naufrágio representa aos marinheiros nos navios.

Mas não é apenas o risco pessoal. Os naufrágios têm sido uma ameaça à cultura em si há milhares de anos. A perda de uma embarcação poderia significar o fim de uma expedição para descobrir novo território ou virar a maré para uma batalha naval. Imagine os resultados se o comandante Nelson tivesse fracassado em sua missão na costa da Espanha, em 1805. Ou como a história da Rússia teria sido diferente se a frota do czar Nicolau 11 tivesse derrotado os japoneses na Batalha de Tsushima. O avanço das culturas tem se articulado há milhares de anos, em parte, com base no fato de seus navios conseguirem ou não ancorar com segurança. Mas nos casos em que as culturas antigas ficaram no fundo da história, costuma ser pelos naufrágios que conseguimos informação sobre quem eles são.

Em 2014, um antigo naufrágio fenício, de pelo menos 2.700 anos, foi descoberto no Mediterrâneo, perto da ilha de Malta. Acredita-se que foram achados na embarcação alguns dos mais antigos artefatos fenícios de que já se tem notícia. Para arqueólogos e historiadores que estudam esse povo antigo, esse naufrágio ofereceu novas informações e ideias.

O mar tira muito de nós, e às vezes também devolve. Mas, às vezes, o que ele nos dá é algo menos inspirador. Às vezes, nos devolve, literalmente, nossos mortos.

Um exemplo assim data de 1775. A lenda fala de uma embarcação baleeira descoberta na costa oeste da Groenlândia em outubro daquele ano. Essa é uma história com procedência incerta, então os detalhes variam, dependendo de onde você a conhece. O nome do barco devia ser *Octavius*, ou possivelmente *Gloriana*. E, pelo que posso dizer, uma das primeiras vezes em que essa história apareceu foi em uma matéria de jornal de 1828.

A história narra como certo capitão Warren descobriu uma embarcação navegando por uma passagem estreita no gelo. Depois de chamar a baleeira e não receber resposta, Warren aproximou-se com seu barco, e sua tripulação subiu a bordo do navio misterioso. Lá dentro, encontraram algo terrível.

Por toda parte, a tripulação jazia congelada de frio, em seus postos. Depois de explorar mais, descobriram os aposentos do capitão, e a cena ficou ainda mais assustadora. Dentro da cabine, havia mais corpos. Uma mulher congelada, segurando um bebê morto. Um marinheiro segurando um isqueiro, como se tentasse encontrar uma fonte de calor. E ali, à mesa, estava o capitão do navio.

Um relato diz que seu rosto e seus olhos estavam cobertos por um bolor verde, molhado. Em uma das mãos, segurava uma caneta-tinteiro, e o livro de registros do navio estava aberto a sua frente. O capitão Warren se inclinou para a frente e leu o registro final, com data de 11 de novembro de 1762 — treze *anos* antes de Warren topar com a baleeira:

Estamos presos no gelo há setenta dias. O fogo se apagou ontem, e nosso mestre tem tentado, desde então, acendê-lo de novo, mas sem sucesso. A esposa dele morreu hoje cedo. Não há escapatória.

O capitão Warren e sua tripulação ficaram tão assustados com o encontro que pegaram os registros do navio e voltaram o mais depressa que puderam para seu próprio barco.

O *Octavius*, se realmente era esse o nome do navio, nunca mais voltou a ser visto.

ESTIMATIVA DE MORTOS

Em meados de 1800, ocorreu a ascensão da indústria do aço nos Estados Unidos. Era o início de um império que tomaria conta da economia por mais de um século, e, como todos os impérios, havia

capitais. St. Louis, Baltimore, Buffalo, Filadélfia — todas essas cidades foram anfitriãs de algumas das maiores obras com aço do país.

E, para aqueles que ficavam próximos ao mar, isso criava a oportunidade para a parceria perfeita: o estaleiro. O aço podia ser fabricado e entregue na região, e então usado para construir navios a vapor, essenciais na vida do fim do século XIX. A chegada da imigração pela ilha Ellis, por exemplo, não teria sido possível sem os navios a vapor. Minha própria família fez essa viagem.

Um desses navios a vapor que saíram da Filadélfia em 1882 foi o *ss Valencia*. Ele tinha quase 77 metros de comprimento e pesava aproximadamente 1.600 toneladas. O *Valencia* foi construído antes de anteparas e cascos complexos, e não era o navio mais rápido na água, mas era confiável.

Ele passou a primeira década e meia levando passageiros entre a cidade de Nova York e Caracas, na Venezuela. Em 1897, enquanto estava perto da baía de Guantánamo, em Cuba, o *Valencia* foi atacado por um cruzador espanhol. No ano seguinte, ele foi vendido e levado para a Costa Oeste, onde serviu na Guerra Hispano-Americana (1898) como navio de tropas, realizando a viagem entre os Estados Unidos e as Filipinas.

Depois da guerra, o *Valencia* foi vendido a uma empresa que usava o navio para navegar entre a Califórnia e o Alasca, mas, em 1906, ele substituiu outro navio que estava sendo consertado, e sua nova rota passou a ser de San Francisco a Seattle. O navio passou por uma vistoria em janeiro daquele ano, e parecia tudo certo. Para uma embarcação de 24 anos, o *Valencia* estava em perfeitas condições.

O *Valencia* zarpou no dia 20 de janeiro de 1906, deixando a ensolarada Califórnia e seguindo para o norte. O navio estava ocupado por nove oficiais e 56 tripulantes, além de levar 108 passageiros. Em algum ponto perto de cabo Mendocino, na costa ao norte da Califórnia, o tempo mudou. A visibilidade diminuiu, e os ventos aumentaram.

Quando se está em um navio à noite, mesmo que seja um navio lento, a falta de visibilidade é muito ruim. Na escuridão, a tripulação costuma depender das estrelas, assim como os marinheiros faziam séculos atrás. Mas até mesmo essa opção estava fora de cogitação para o capitão Oscar Johnson, e por isso ele usou a única ferramenta à disposição: o cálculo dos mortos.

Só pelo nome, já dá para imaginar a eficiência do método. Usando os últimos pontos de navegação conhecidos como referência, o capitão Johnson essencialmente tinha de adivinhar qual era a localização atual do *Valencia*. Mas adivinhar numa situação como essa pode ser mortal; então, em vez de direcionar o navio para o estreito de Juan de Fuca, entre a ilha de Vancouver e o continente, sem saber, ele mirou para a própria ilha.

Cegado pelo tempo e direcionado no curso errado por um palpite infeliz, o *Valencia* se chocou com um recife a 150 metros da costa perto de Pachena Point, no lado sudeste da ilha de Vancouver. Dizem que o som do metal batendo nas rochas foi como os gritos de dezenas de pessoas. Veio sem aviso, e a tripulação reagiu imediatamente virando os motores e se afastando das rochas.

O controle de danos registrou que o casco tinha sido avariado. A água estava entrando depressa, e não havia esperança de conserto para o navio. O *Valencia* não tinha os compartimentos de proteção que navios construídos posteriormente incluíam para evitar que afundasse em circunstâncias desse tipo, e o capitão sabia que toda a esperança se fora. Por isso, ele virou os motores de novo e voltou com o navio para as rochas. Estava tentando não destruir a embarcação de vez, mas estabilizá-la, torcendo para que aquilo a impedisse de afundar tão depressa.

Então veio o inferno. Antes que o capitão Johnson pudesse organizar uma evacuação, seis dos sete botes salva-vidas foram abaixados na lateral. Três deles emborcaram na descida, derrubando as pessoas. Outros dois viraram depois de bater na água, e o sexto simplesmente desapareceu. Por fim, só um bote conseguiu se afastar a salvo.

CORDAS DE SEGURANÇA

Frank Lehn foi um dos poucos sobreviventes do naufrágio. Mais tarde, ele descreveu a cena com todos os detalhes assustadores:

Gritos de mulheres e de crianças se misturavam em um coro terrível com os uivos do vento, o bater da chuva e o ronco dos freios. Conforme os passageiros corriam para o deque, eles eram levados aos montes pelas vigas que pareciam tão altas quanto os mastros do navio. A embarcação começou a se partir quase de uma vez, e as mulheres e as crianças foram lançadas nos cordames fora do alcance do mar. Foi uma cena de dar dó, ver mulheres frágeis, apenas de vestidos de festa, sem calçados, na água congelante, tentando proteger os filhos, no colo, do vento e da chuva gelados.

Naquele mesmo momento, o último bote salva-vidas se afastou em segurança sob o controle do contramestre do navio, Timothy McCarthy. De acordo com ele, a última coisa que viu depois de sair do navio foram “os rostos corajosos olhando para nós por cima dos destroços de um naufrágio, e do eco do grande hino entoado pelas mulheres em meio à neblina e à água que espirrava”.

A situação era desesperadora. A tripulação restante tentou acionar os equipamentos para pedir socorro, atirando em direção às árvores de um monte próximo. Se alguém conseguisse alcançar a corda e ancorar a embarcação, o restante dos passageiros seria salvo. O primeiro rojão lançado ficou preso e falhou, mas o segundo conseguiu chegar ao monte.

Um pequeno grupo de homens até conseguiu chegar à praia. Eram nove, liderados por um professor de colégio chamado Frank Bunker. Mas, quando chegaram ao topo do monte, descobriram que o caminho tinha uma bifurcação. Bunker tomou o caminho à esquerda dessa bifurcação.

Se tivesse escolhido o da direita, então os homens teriam encontrado a segunda corda de resgate dentro de poucos minutos, e possivelmente salvado os outros passageiros. Mas ele conduziu os homens por uma linha de telégrafo por mais de duas horas até finalmente conseguir mandar uma mensagem às autoridades informando sobre o acidente, fazendo um pedido desesperado de ajuda.

Socorro foi enviado, mas, apesar de três navios terem partido separadamente para o local do naufrágio para oferecer auxílio, o tempo ruim e o mar revoltoso os impediram de chegar perto o suficiente para ajudar. Ainda assim, ver os navios próximos deu a falsa esperança para aqueles que ainda estavam no barco afundando; por isso, quando os poucos sobreviventes da costa ofereceram ajuda, eles a recusaram.

Não havia mais botes salva-vidas. Não havia mais cordas para lançar. Nem navios corajosos o bastante para se aproximar. As mulheres e as crianças se seguraram nos cordames e nas grades do navio para se proteger das águas frias do Pacífico, mas quando uma onda grande cobriu a embarcação avariada pelas rochas e a mandou para as profundezas, todas as vidas foram perdidas.

Ao todo, 137 das 165 pessoas a bordo do navio morreram naquela manhã fria de janeiro. Se aquela área da costa ainda não tivesse recebido o apelido moderno de “Cemitério do Pacífico”, aquele seria o momento em que isso aconteceria.

O naufrágio do *Valencia* foi claramente o resultado de uma série de acidentes infelizes, mas os oficiais ainda procuraram alguém para culpar. Depois da tragédia, o governo canadense tomou medidas para garantir medidas de proteção à vida na costa que pudessem ajudar com naufrágios no futuro. Um farol foi construído perto de Pachena Point, e um caminho pela costa foi aberto e acabaria conhecido como a Trilha da Costa Oeste.

Mas a história do *ss Valencia* estava longe de acabar. Lembre-se que muitos naufrágios já ocorreram, tragédias que se espalham por séculos, na mesma região. E como a maioria das áreas com um número alto de mortes trágicas, atividades incomuns têm sido relatadas por aqueles que a visitam.

Apenas cinco meses depois de o *Valencia* afundar, um pescador da região relatou uma descoberta incrível. Enquanto explorava cavernas no mar na costa sudeste da ilha de Vancouver, ele afirmou ter encontrado um dos botes salva-vidas da embarcação dentro da caverna. No bote, disse ele, havia oito esqueletos humanos. Dizem que a caverna foi bloqueada por uma rocha grande, e o interior apresentava pelo menos sessenta metros de profundidade. Os especialistas tiveram dificuldade para explicar como o bote conseguira entrar ali, mas havia histórias que especulavam que uma maré atipicamente alta poderia tê-lo erguido. Uma equipe de busca foi enviada para investigar o que poderia haver ali, mas descobriu-se que o bote estava irreconhecível devido à profundidade da caverna e às pedras bloqueando a entrada.

Em 1910, o *Seattle Times* apresentou uma história com relatos de aparições incomuns na área do naufrágio. De acordo com vários navegadores, um navio parecido com o *Valencia* tinha sido avistado na costa. O barco misterioso poderia ter sido qualquer navio a vapor local, exceto por um pequeno detalhe: o navio que afirmaram ter visto estava entre as rochas, meio submerso.

Presos ao navio destruído, segundo dizem, estavam figuras humanas, segurando-se contra o vento e as ondas.

A ESPERANÇA BOIA

Os seres humanos têm um caso de amor com o mar há milhares de anos. Por aquelas águas escuras e misteriosas existem todos os tipos de possibilidades: novas terras, novas riquezas, novas pessoas para conhecer e com as quais negociavam. Içar velas sempre foi algo parecido com o começo de uma aventura, independentemente de o destino ser a Passagem do Noroeste ou só costa acima.

Mas uma aventura no mar sempre traz grandes riscos. Compreendemos isso na alma. Isso nos torna cuidadosos. Revira nosso estômago. E nos enche de medo e esperança em iguais proporções. Porque ali, nas ondas do mar, tudo pode sair de acordo com o planejado — ou pode fracassar tragicamente.

Talvez seja por isso que o mar costuma ser usado com tanta frequência como metáfora para a natureza fugaz e temporária da vida. O tempo, como as ondas, acaba por desgastar todos nós. Mas nossas vidas também podem ser levadas em um instante, por mais que as construamos altivas e fortalecidas. O tempo leva muito de nós, assim como o mar.

As águas da costa da Ilha de Vancouver são um exemplo perfeito dessa crueldade e desse risco. Podem ser fortes, até brutais, com as embarcações que as atravessem. Os invernos gelados e as rochas afiadas são uma ameaça à sobrevivência de um navio. E, com um histórico de mais de setenta naufrágios até hoje, o Cemitério do Pacífico certamente faz jus à fama.

Durante anos depois da tragédia de 1906, pescadores e moradores da ilha contaram histórias de um navio fantasmagórico que navegava as águas além da costa. Diziam que era tripulado por esqueletos dos

navegantes do *Valencia* que perderam a vida ali. Aparecia *flutuando* na água e depois desaparecia como um espírito, antes que alguém tentasse alcançá-lo.

Em 1933, nas águas ao norte, 27 anos após o naufrágio do *Valencia*, uma forma apareceu flutuando em meio à névoa. Quando um morador se aproximou, a forma se tornou reconhecível: um bote salva-vidas. Parecia ter sido lançado momentos antes. Ainda assim, ali, na lateral do bote, havia letras pálidas que formavam uma única palavra.

Valencia.





DÊ O DEPOIMENTO

No dia 24 de junho de 1408, um tribunal francês condenou uma assassina à morte por execução. Ela entrara na casa de um vizinho e encontrara uma criança de quatro meses, sozinha e sem cuidados. Apesar de não ter explicado o motivo para o que fez, matou a criança bem ali.

Depois de seu julgamento, foi levada à prisão, onde permaneceria até ser executada. Os demais prisioneiros zombaram dela. E a xingaram. Sim, eram todos criminosos durões, mas matar uma criança... Até mesmo *eles* se revoltaram. (Mas a prisão a tratava da mesma maneira com que tratava os outros, cobrando de sua família o mesmo valor por suas refeições diárias.) No dia 17 de julho, ela foi levada à plataforma e amarraram uma corda ao redor de seu pescoço. Uma multidão se reuniu para assistir ao espetáculo. Como os criminosos dentro da cadeia, também devem ter zombado dela e dito palavrões para ofendê-la. E então, quando o alçapão foi aberto e ela mergulhou para a morte, tudo terminou.

A história está cheia desses relatos. Um criminoso é julgado, e a justiça ganha o dia. O estranho em relação ao julgamento de 1408, entretanto, era a suspeita. Ela não era uma mulher da região, nem sequer parente da criança que matou. Não era nem mesmo humana.

Era uma porca. Isto é, um animal da fazenda, julgada em uma corte, condenada à morte, e então executada na forca três semanas depois.

Durante o longo histórico de julgamentos, que se estende por culturas e séculos, todos os tipos de esquisitices já entraram no tribunal. Por mais incomum que possa parecer julgar animais, os seres humanos já fizeram coisas piores.

E, às vezes, até mesmo os *mortos* conseguem dar depoimento.

O MENINO MENSAGEIRO

Edward Shue era um desconhecido quando chegou à pequena cidade de West Virginia, no outono de 1896. Ele dizia ser do condado de Pocahontas, ao norte. Verdade ou não, era um mistério, mas sua habilidade importava mais: Edward era um ferreiro. Ele logo encontrou trabalho em uma loja da região, de propriedade de James Crookshanks.

Depois de alguns dias de sua chegada, uma das mulheres chamou atenção dele, por isso Edward passou a se dedicar a conquistá-la. Elva era jovem e bela, e os moradores da região não julgavam o recém-chegado por ter se apaixonado perdidamente por ela. Mas, da parte dela, o sentimento era mútuo, apesar de Edward ser pelo menos uma década mais velho. Dentro de semanas, casaram-se.

Os primeiros meses de seu casamento transcorreram quase sem acontecimentos, apesar de mais tarde dizerem que a jovem engravidara logo depois do casamento. O médico local vinha realizando um tratamento nela devido a pequenas complicações na gestação desde o ano-novo, mas a maioria das pessoas na cidade não sabia disso. Aparentemente, Elva era boa em guardar segredos.

Na tarde de 23 de janeiro de 1897, com a neve e o vento frio, Andy Jones entrou na ferraria aquecida. Ele tinha apenas 11 anos, mas trabalhava para os recém-casados como mensageiro e caseiro quando precisavam dele. Era comum ver seu corpo pequeno correndo rua acima e rua abaixo, enviando mensagens do marido à esposa e da esposa ao marido.

Edward disse a Andy que pararia no mercado antes de ir para casa no fim do dia, e, assim, orientou o menino a perguntar a Elva se ela precisava que ele comprasse alguma coisa. Isso em uma época antes das mensagens de texto, antes do telefone, antes do e-mail. Por isso, Andy, a sua própria maneira, era um serviço de SMS de vanguarda.

O garoto saiu correndo, e, quando chegou à casa do casal, entrou sem permissão. Ao fazer isso, ficou horrorizado ao encontrar Elva deitada de bruços no chão, aos pés da escada. Uma das mãos estava presa junto ao peito, o outro braço esticado. A casa, mortalmente silenciosa.

Num primeiro momento, Andy achou que ela podia estar dormindo. Ele a chamou quando se aproximou, mas parou quando viu seu pescoço virado de um jeito esquisito. Até mesmo para aquele menino jovem e imaturo algo parecia errado. Em vez de se aproximar, ele se afastou lentamente, e então virou-se e correu para casa. Lá, contou à mãe tudo o que vira.

Parece que as mães sempre sabem o que fazer. Rapidamente, ela saiu pela porta para chamar seu médico, George Knapp, e levou Andy consigo. Demoraram quase uma hora para encontrá-lo e levá-lo à casa do ferreiro, mas, quando chegaram, não havia nenhum corpo no chão da sala.

Teria sido fácil desconsiderar aquilo tudo como uma peça pregada pelo menino. Certamente, nos dias de hoje, com histórias de meninos mentirosos, sempre existe uma pequena desconfiança de que histórias inacreditáveis podem ser apenas mentiras. Porém, felizmente, eles ouviram o som de soluços vindo do segundo andar da casa. Andy e sua mãe educadamente saíram, mas o dr. Knapp subiu a escada.

Ele entrou no quarto do casal e encontrou o corpo sem vida de Elva deitado na cama, com Edward sentado ao seu lado. Aparentemente, ele voltara para casa depois de Andy sair e encontrara o corpo da esposa morta no chão. Depois de levá-la para o quarto, ele trocara a roupa da mulher, escolheu um vestido escuro e formal, com gola alta e mangas compridas, e então a preparou para o enterro.

Ele estava em prantos, acariciando a cabeça dela e chorando. Quando o dr. Knapp entrou no quarto, Edward não olhou para ele. Tentando ter o máximo respeito possível pela perda do homem, o médico silenciosamente examinou o corpo de Elva à procura de algo que pudesse indicar a causa de sua morte. Por tê-la ajudado recentemente em relação a outros problemas médicos, conhecia seu estado de saúde. À primeira vista, sentiu que não havia nada de incomum, mas quis ser detalhista.

Só quando o dr. Knapp levou a mão à cabeça e ao pescoço de Elva, Edward se incomodou. Ele afastou as mãos do médico e continuou a correr os dedos pelos cabelos dela, soluçando alto o tempo todo. Ficou claro para o dr. Knapp que o homem precisava apenas viver o luto. Pegando suas coisas, ele saiu da casa.

Enquanto Edward chorava a perda de sua jovem esposa, o médico voltou ao consultório e registrou a pouca informação que tinha sido capaz de reunir. Relacionou a causa da morte dela à “fraqueza duradoura” antes de finalizar com “complicações da gravidez”.

A vida era difícil na cidade interiorana de West Virginia no fim do século XIX, isso era certo. Mas o que o dr. Knapp não sabia era como tinha sido difícil para Elva Shue.

COISAS ENTERRADAS

O enterro não saiu como o esperado. Começou com o surgimento não ortodoxo de Edward antes da chegada dos funcionários da casa funerária. Ele insistiu em ajudar o agente funerário a posicionar o corpo da esposa no caixão, e então colocou um dos cachecóis preferidos dela ao redor de seu pescoço. Acrescentou mais duas peças de roupa, pressionando-as dos dois lados da cabeça do cadáver. Disse que, assim, ela poderia descansar com mais facilidade.

No velório, continuou agindo de maneira esquisita. Caminhava ao lado do caixão o tempo todo. Abaixava-se de vez em quando para ajeitar as roupas dela, deixar tudo perfeito. E chorava sem parar ao fazer isso. Era o tipo de desconforto nervoso e tomado pelo pânico que se espera de um esposo arrasado.

Era claro que o homem sofria. Afinal, ele e Elva estavam casados havia muito pouco tempo. Aquela perda, tão próxima da alegria do casamento... Bem, deve ter sido muito ruim. E todo mundo parecia entender isso. Todo mundo, menos Mary Heaster, a mãe de Elva.

Mary não confiava em Edward. E talvez a desconfiança fosse simplesmente alimentada pelo fato de ela não gostar daquele homem. Afinal, ele chegara à cidade — um total estranho, mais velho, com um passado misterioso — e tirara sua filha. Talvez ela simplesmente tivesse questões pessoais com as quais lidar. Ou talvez a intuição de mãe esteja *sempre* certa. Ninguém sabia ao certo: só se sabia ao certo que ela detestava o sujeito.

Mary Heaster lutou contra a sensação de inquietude por semanas. Tinha dificuldade para dormir, e compreensivelmente; achava difícil retomar o ritmo, respirar fundo como precisava fazer e seguir em frente com a vida. E, de acordo com seus relatos, também rezava. Era uma fonte de paz, e provavelmente uma das maneiras com as quais vivia o luto pela filha. Todos os dias e todas as noites, ela orava pela verdade. Mas, acima de tudo, orava por algo específico: queria que a filha voltasse e contasse a ela seu lado da história. Claro, todos nós desejamos o retorno dos que perdemos. Adorariamos poder tomar mais uma xícara de café com eles, dar mais um abraço, conversar mais uma vez. Sei, por experiência própria, como é difícil seguir em frente. Mas Mary queria que a filha voltasse *de fato*, e rezava por isso todos os dias. E então, aconteceu.

Mary contou às pessoas que aconteceu ao longo de quatro noites, e que a cada dia mais verdades eram reveladas, a experiência se tornava mais visual e real. Ela disse que a filha, a quem sempre chamara de Zona, entrou em seu quarto e conversou com ela, primeiro como bola de luz, depois como um corpo totalmente formado.

De acordo com Mary, não era sonho, mas visão. A filha revelou que Edward a havia matado depois de meses de agressões físicas. Ocorreria uma discussão naquele último dia, e Edward a estrangulou bem ali, aos pés da escada, quebrando seu pescoço logo abaixo do crânio. Assim que a história foi contada, segundo Mary, sua filha desapareceu de novo.

Independentemente da suspeita de que pudesse ter antes daquela visão, Mary Heaster se tornou uma mulher com uma missão. Procurou o advogado da região, um homem chamado John Preston, e

contou-lhe a história. A princípio, ele não pôde fazer muita coisa. O caso estava encerrado, e visão fantasmagórica estava longe de ser um motivo válido para voltar a abri-lo.

Mas ele queria ajudar. Talvez, disse, se surgisse algo novo, alguma informação que pudesse colocar em discussão a causa da morte, haveria a justificativa para investigar mais. Mary concordou, e John Preston começou a trabalhar.

Por não ser amigo nem parente de Elva, Preston não fora ao enterro. Quando começou a fazer perguntas, no entanto, as pessoas presentes deram informações interessantes: o comportamento esquisito de Edward perto do caixão, o posicionamento das peças de roupa ao redor da área do pescoço e da cabeça, sua insistência em não sair de perto dela. Tudo isso cheirava meio mal para quem via de fora.

Preston levou suas suspeitas ao dr. Knapp e perguntou se o médico tinha visto coisas incomuns ao examinar o corpo de Elva na tarde em que foi encontrado. A princípio, Knapp assumiu uma atitude defensiva, para proteger seu trabalho, sua opinião como médico. Todos nós já passamos por isso, acredito — aqueles momentos em que sabemos que podemos ter cometido um erro, mas que nos recusamos a admitir. O dr. Knapp tentou defender sua honra.

Mas Preston se recusou a deixar o assunto de lado e, por fim, o médico decidiu contar a verdade. Sim, ele *tinha* examinado Elva, mas Edward impossibilitara um exame completo. Fora protetor demais, territorial demais. Knapp admitiu que não conseguira examinar o pescoço dela totalmente, e que aquela omissão o assombrava desde então.

No fim, aquela era a chave que procuravam. Tais detalhes bastaram para reabrir o caso, e, com isso, o túmulo de Elva Heaster Shue. O dr. Knapp foi acompanhado por outros dois médicos, que estavam na cidade para ajudar na exumação. Depois que o caixão foi levado à escola da cidade, eles abriram a tampa.

O que encontraram lá dentro mudou tudo.

MARCAS PERSISTENTES

O pescoço de Elva estava muito marcado. Mas não foi algo que o dr. Knapp não tinha visto por negligência. Às vezes, os hematomas acontecem bem fundo na pele, e só depois da morte as marcas aparecem na superfície. Elas estavam ali, marcas claras de dedos que pressionaram os dois lados do pescoço.

Em seguida, os médicos realizaram a necropsia do corpo de Elva e descobriram o que as marcas indicavam. Sua traqueia fora amassada, ligamentos tinham se rompido, e as vértebras na base de seu crânio, totalmente deslocadas. A morte de Elva não fora acidente: alguém a estrangulara, agarrando seu pescoço até o trauma físico pôr fim a sua vida.

Num primeiro momento, todo mundo pensou que Edward a havia matado, mas essa suspeita logo foi cercada por ideias mais racionais. Não havia provas que ligassem Edward ao assassinato de sua esposa, nenhuma evidência que apontasse decisivamente para ele. Sim, havia marcas de dedos, mas aqueles dedos poderiam ser de qualquer pessoa, certo?

Por outro lado, Mary Heaster sabia tudo sobre a causa da morte *antes* da exumação. Ela dizia que havia tomado ciência dos acontecimentos por meio de uma visão do outro mundo, que sua filha falecida atravessara o limiar entre vida e morte e revelado a verdade. Mas ninguém *acreditava* naquilo de fato, certo?

Mary, aparentemente, era mais suspeita do que Edward, e isso não tranquilizou John Preston. Ele esperava que a visão fosse considerada uma insanidade, o que de fato era, uma loucura, o suficiente para

que ela não fosse tida como suspeita. Mas, para ajudar nisso, ele precisava saber mais sobre o outro suspeito. Por isso, começou a investigar o passado de Edward Shue. O que descobriu foi chocante.

Edward Shue, na verdade, era um nome novo. Seu nome verdadeiro era Erasmus Stribbling Shue, apesar de muitas pessoas que o conheceram antes de sua chegada a West Virginia o chamassem de Truta. E Truta, aparentemente, teve um passado interessante. O mais importante era que Elva não tinha sido sua primeira esposa, nem a segunda. Tinha sido a terceira.

O primeiro casamento foi em 1885, com Ellie Cutlip. Chegaram a ter uma filha juntos, mas se divorciaram em 1889, quando Edward foi enviado à prisão por roubar um cavalo. John Preston conseguiu encontrá-la e lhe fez algumas perguntas. A mulher logo contou que Edward sempre fora muito abusivo e violento com ela.

Quando saiu da prisão, Edward se casou uma segunda vez, em 1894. O nome da nova esposa era Lucy Tritt, mas ela morreu menos de um ano depois do casamento. Preston não conseguiu saber a causa da morte, mas havia histórias a respeito disso. *Sempre* havia histórias. E tais histórias contavam que Lucy tinha sido morta por Edward, que sumiu da cidade pouco depois.

Na época, os boatos foram ignorados. A morte, mesmo entre os jovens, não era incomum. Algo trágico, de fato, mas acontecia. Agora, no entanto, com uma terceira esposa enterrada, a questão levantava muitas dúvidas.

Foi o bastante para prender Edward. Seu julgamento começou no dia 22 de junho de 1897. Apesar de a acusação não ter evidências físicas que o ligassem à morte de Elva, o caso se pautou nos casamentos anteriores, e principalmente na morte de Lucy Tritt Shue. Havia um padrão, disseram ao júri, e aquele padrão deveria ser prova suficiente. Edward Shue, diziam, era um assassino frio.

O júri o considerou culpado. Porém, em vez de receber a pena de morte, o que todo mundo esperava, Edward foi condenado à prisão perpétua. Isso não foi bem-visto por algumas pessoas. No dia 11 de julho, enquanto Shue esperava na cadeia do condado para ser transportado ao cárcere, um grupo de quase trinta homens irados se reuniu na cidade. Estavam armados e levavam uma força consigo.

Graças a uma dica de um agricultor da região, que viu os homens reunidos, o delegado conseguiu manter Edward seguro. Ele o tirou da cadeia e o escondeu até o caos passar. E então, conforme o prometido, Shue foi levado a sua nova casa, na Penitenciária Estadual de West Virginia.

Ele morreu três anos depois, durante uma onda de pneumonia e sarampo na prisão. Mary Heaster morreu treze anos depois disso, em paz com seu papel no julgamento.

DEPOIMENTO DE OUTRO MUNDO

Duvido que poderíamos saber com certeza se o visitante fantasmagórico de Mary Heaster era mesmo sua filha retornada do túmulo. Pode muito bem ter sido apenas uma personificação de sua suspeita e de sua intuição. Ou talvez uma projeção de seu pesar, da perda e da dor. Nunca saberemos com certeza, mas o efeito foi bem real.

Quando Mary Heaster deu seu depoimento no tribunal naquele mês de junho de 1897, John Preston tomou o cuidado de evitar qualquer referência à visão. Em parte, porque não queria fazer parecer que ela já tinha conhecimento da causa da morte da filha, mas principalmente porque a história fazia a mulher parecer maluca. Ela acreditava que o fantasma da filha havia aparecido em seu quarto para lhe contar a verdade. Isso provavelmente bastava para descartá-la como testemunha contra Edward Shue, e Preston queria evitar isso a qualquer custo.

O advogado de defesa notou a omissão, no entanto, e decidiu usá-la contra eles. Enquanto Mary ainda estava no banco das testemunhas, perguntou a ela sobre a tal visão que afirmara ter lhe visitado. Li as transcrições do tribunal. Li a insistência dele em dizer que não tinha passado de um sonho. Que ela estava exausta, obcecada e triste com sua perda.

Mas Mary se manteve firme. Tinha sido uma visão, não um sonho. Estava totalmente acordada no momento em que aconteceu, e havia acontecido *mesmo*, segundo ela. E o juiz permitiu que o depoimento prevalecesse. Então, quando o júri se retirou para tomar a decisão, isso aconteceu com uma história de fantasma como parte da prova. Demoraram menos de uma hora para chegar ao veredicto.

Às vezes, o folclore entra em nossa vida e nos empurra numa direção na qual nunca pensamos que tomaríamos. Ao longo dos séculos, tem levado as pessoas a assassinar, roubar, abusar e construir regras sociais que oprimem outros tipos de pessoas. Desse modo, o folclore costuma ser uma desculpa para um péssimo comportamento.

Mas o folclore também é como uma pedra preciosa: podemos erguê-la, virá-la e observar a luz refletir nas suas dezenas de facetas. A história de Mary Heaster e de Edward Shue revela o lado esperançoso do folclore, e nos dá uma ideia de seu poder e influência.

Por mais raro que tenha sido, aquele foi um momento em que o folclore tomou um lugar no tribunal. No qual a crença teve peso, e o mundo sobrenatural — pelo menos por alguns momentos — entrou na opinião pública e significou alguma coisa. Sim, o folclore pode transformar as pessoas em monstros; mas, em alguns momentos, nos dá força para cavar mais fundo em busca da verdade.

O túmulo, ao que parece, nem sempre impede a justiça.





A BATIDA DO DEMÔNIO

No início de 2012, uma equipe de arqueólogos descobriu algo novo dentro de uma caverna no sul da Alemanha. Eles vinham trabalhando na região havia anos, com a teoria de que os primeiros seres humanos tinham seguido o rio Danúbio ao norte até a Europa central, cerca de 45 mil anos antes.

As cavernas forneceram muitas provas, incluindo peças antigas de joias feitas por mãos humanas, e arte rupestre representando seres humanos e sua coleção cada vez maior de heróis místicos. Mas aquela caverna acrescentou um novo elemento a nossa imagem de uma cultura antiga. Ali, na poeira e no sedimento da caverna escura, os pesquisadores encontraram flautas.

Eram feitas de ossos — algumas de mamute, outras de pássaros. Mas todas tinham sido feitas de forma a ser totalmente reconhecível para nós atualmente. Havia buracos feitos em um dos lados, espaçados em intervalos regulares. São, até hoje, os instrumentos mais antigos descobertos no mundo.

A música tem feito parte da cultura humana por milhares de anos. E se você perguntasse a um arqueólogo, ele provavelmente diria que há instrumentos ainda *mais antigos* que flautas. Simplesmente são impossíveis de encontrar. Nossas vozes, afinal, são os instrumentos musicais originais. Os cientistas acreditam que a percussão foi inventada em seguida.

A música está em nosso sangue. Está em nossa *alma*. A experiência humana, independentemente de ser a de um caçador paleolítico nômade ou de um universitário moderno, seria incompleta sem a música. Ela toca nossas emoções. Ela nos inspira. Ela nos ajuda a lembrar lições importantes, e é a principal forma de adoração para muitas pessoas pelo mundo. A música é... Bem, a música é *vida*.

Mas parte da vida é a morte. Além da dor, do pesar e do medo. E, apesar de não ser tão comum, a música tem estado presente nesses momentos também.

Às vezes, ela até os proporciona.

OS BATIMENTOS CARDÍACOS DA HUMANIDADE

Um dos primeiros instrumentos físicos, de acordo com a maioria dos arqueólogos, foi o tambor. Era provavelmente uma pedra simples no começo, e o “músico” batia outra pedra nela, ou um graveto. Isso

torna difícil descobrir uma época para a história mais antiga da bateria, porque todo local de escavação que já foi ocupado por um humano do passado está cheio de gravetos e pedras.

Só cerca de 6000 a.C. começamos a ver tambores feitos à mão, peles esticadas sobre cerâmicas ou conchas. Mas esses primeiros tambores não eram de um único lugar. Nós o descobrimos no Egito, na China, e em quase todas as civilizações antigas que conhecemos. Os tambores são, e sempre foram, instrumentos do mundo.

E seus usos são tão variados quanto as culturas que os criaram. Eles têm servido como instrumentos de adoração, como ferramentas de comunicação, como a força motriz de tradições cerimoniais que se estendem por centenas, até milhares de anos. É como a batida do coração: onde há atividade humana, há percussão.

Um uso importante dos tambores ao longo da história tem sido feito no exército. Os antigos chineses usavam os tambores para passar ordens por distâncias grandes e sincronizar o passo de marcha dos soldados. O tambor de guerra aparece na história militar dos astecas, de muitos povos da África Ocidental, da Índia, da maioria dos reinos do Oriente Próximo, e de tantos outros. Mas só se tornou uma ferramenta de destaque na Europa no início das Cruzadas.

Um momento único na história militar, até onde sei, aconteceu depois da Guerra Civil Inglesa. Durante a guerra de nove anos entre os monarquistas e os parlamentaristas, soldados de ambos os lados do conflito lutaram pelo futuro de seu país. E mesmo quando terminou, em 1651, grande parte do Exército se manteve viva, conhecida na época como New Model Army [Exército Novo]. Mas quando Carlos 11 recuperou a coroa de seu pai, em 1660, todos foram mandados para casa. Muitos daqueles soldados serviam havia anos e não tinham um lar aonde retornar. Não tinham um ofício, nem casa, nem dinheiro. Por isso, um procedimento comum era dar aos soldados a permissão de se tornar mendigos. E era pra valer: recebiam títulos e documentos que tornava legal que vagassem por certas áreas à procura de caridade ou algum trabalho. E os tocadores de tambor do Exército não eram exceção.

Então, é isso... Muita da história em apenas alguns parágrafos. Pode não ser sombrio nem assustador, mas todo momento histórico precisa de contexto. Agora, troquemos de marcha!

No ano seguinte à restauração da monarquia na Inglaterra, na Irlanda e na Escócia, em uma pequena cidade a cerca de 130 quilômetros a oeste de Londres, um homem encontrou um mendigo com licença para mendigar. John Mompesson estava em visita à casa de um amigo na cidade de Ludgershall. Foi quando ouviu o som de um tambor vindo do lado de fora, no vilarejo.

Na época, John era um ex-oficial do Exército. Como muitos homens de sua idade, havia participado da Guerra Civil. Conhecía as tradições e as regras, mas também sabia como poderiam ser exploradas. Além disso, por ser um oficial de imposto, tinha interesse profissional em garantir que todo mundo com licença para ser mendigo fizesse isso dentro da lei.

Então, quando ouviu o tambor, perguntou ao amigo, um meirinho da região com um pouco de autoridade, de quem se tratava. Esse amigo disse-lhe que o mendigo era um homem chamado William Drury, e que Drury exibira sua permissão pela cidade, pedindo dinheiro e batendo o tambor em busca de atenção. Mas John queria ter certeza de que o mendigo de fato tinha a licença, por isso pediu para conhecer o homem.

Ao se aproximar de Drury, John pediu para ver a licença do homem para ser pedinte, sua papelada, que teria a assinatura dos oficiais do Exército que a tivessem emitido. Drury, com alegria, mostrou tudo. Mas havia um problema.

Vejam só: John reconheceu os nomes na tal papelada. Tanto sir William Cawly como o coronel Ayliffe eram homens com quem ele servira. Por isso, John estava familiarizado o suficiente com as assinaturas para reconhecer uma falsificação. Drury foi pego em flagrante e John o levou preso.

Drury imediatamente confessou ao oficial da região, e, num esforço de impedir sua atividade ilegal como pedinte, o tambor foi tirado dele. Drury implorou para que o devolvessem, mas o tambor acabou sendo levado para a casa do meirinho, onde John estava hospedado. Então, quando finalmente foi levado para a prisão, o mendigo foi sem seu precioso tambor.

Isso aconteceu em março de 1661. No mês seguinte, John viajou para Londres a negócios e passou vários dias fora. Duvido que tenha pensado muito nos acontecimentos em Ludgershall ou no mendigo do tambor que havia tentado enganar um vilarejo.

Ao voltar para casa, John provavelmente abraçou cada um de seus três filhos, deu um beijo em sua esposa e então seguiu em direção a sua cadeira preferida para descansar o corpo depois de um dia longo de viagem. E ali, à sua espera, ele encontrou um pacote misterioso.

Sua esposa explicou que aquilo chegara na ausência dele, e ela não o abrira. Afinal, era assunto de John. Mas talvez estivesse dentro de um saco ou envolvido em tecido como presente. Independentemente de como tivesse chegado, John começou a abrir o pacote. E então, de repente, parou.

O objeto ali dentro era um... tambor.

TOC, TOC, TOC

E não era *qualquer* tambor, claro. Era *o* tambor. O tambor do mendigo. Mas, de acordo com a esposa de John, o tambor não era a única coisa incomum que tinha chegado enquanto ele estava fora.

Ela contou que uma noite depois de seu amigo, o meirinho, ter deixado o pacote, um grupo de ladrões fora até lá, batendo em todas as portas da casa por um tempo. E então, desapareceram.

Na noite seguinte, os homens voltaram. Ladrões ou arruaceiros, eles não forçaram a entrada. Mas bateram à porta. A esposa de John soube disso porque ouviu um forte barulho dentro da casa. Não é preciso dizer que ficou feliz com o retorno de John.

Três noites depois de John voltar de Londres, aconteceu de novo. No meio da noite, marido e mulher se assustaram com o som de alguém batendo na porta da frente. John saiu da cama e pegou duas pistolas, uma em cada mão, e cuidadosamente se aproximou da porta. E então, com cuidado, a abriu.

Não havia ninguém. Do lado de fora, a escuridão seguia silenciosa. Antes que pudesse fechar a porta, no entanto, a batida começou de novo, em uma parte diferente da casa. Talvez a pessoa do lado de fora estivesse confusa, sem saber em qual porta bater. Talvez precisasse de ajuda. Ou talvez só estivesse pregando uma peça. Tomado por uma estranha mistura de medo e frustração, John trancou a porta da frente e correu o mais depressa que pôde até a outra porta.

Mas a porta estava como a primeira. Nenhum visitante o esperava do lado de fora. Não havia nem um bandido ali, empunhando uma arma. Não havia nada. E então, antes que conseguisse pensar no que podia estar acontecendo, ouviu a batida pela terceira vez — agora vinda do segundo andar da casa. John correu até a escada o mais rápido que pôde.

Ele provavelmente poderia ter adivinhado que encontraria o que encontrou: nada. Era possível que soubesse antes de abrir a porta que levava ao forro do segundo andar. Mas ainda assim ele foi conferir. E, como esperado, do lado de fora não havia nada. Nem visita, nem bandido, nem arruaceiro. Só escuridão.

Mas não silêncio. Não dessa vez, pelo menos. Enquanto John esteve ali, olhando para a noite, ele disse ter ouvido algo. Era como o som do vento em uma noite de tempestade, mas diferente, mais sinistro. Ele o descreveu como “oco”. Parecia maligno e vazio. Quase *faminto*.

John fechou e trancou a porta, e rezou para que o som parasse, e por um tempo parou. Voltou para a cama, e ele e a esposa tentaram dormir. Mas os ruídos retornaram mais tarde. Dessa vez, a batida parecia ser obra do próprio vento ao redor da casa, como se alguém estivesse batendo no ar.

Por mais que John quisesse que fosse um evento isolado, não foi. Durante o mês seguinte, a batida continuou acontecendo todas as noites. Era um som alto e constante. Quase rítmico. Quase como... um *tambor*.

E então, os sons passaram para dentro da casa. Estavam quase tão altos quanto antes, mas agora vinham do quarto onde John mantinha o tambor confiscado, aquele que William Drury implorara para que devolvessem a ele. E John não conseguia parar de se perguntar: E se Drury tivesse morrido? E se o tocador de tambor estivesse morto devido ao que John tinha feito, e agora estivesse de volta para assombrá-lo?

Os acontecimentos que se seguiram foram totalmente assustadores para John e sua família. A mobília chacoalhava com as batidas do tambor. Mas só à noite. Só quando eles tentavam descansar um pouco. O barulho começava, acordava todos da casa e então passava depois de uma ou duas horas.

Para piorar as coisas, aquele som oco — o som que John havia escutado do lado de fora depois de voltar de Londres — voltara, mas, assim como o som do tambor, agora também vinha de dentro da casa. Semana após semana, mês após mês, o tormento continuava. Parecia que nunca teria fim.

E então, os piores medos de John ganharam vida. Veja, se os acontecimentos até ali tinham sido mesmo causados pelo espírito irado do mendigo William Drury, então os sons não poderiam ser vistos como prova definitiva. Mas, com o tempo, a atividade se desenvolveu. Objetos começaram a se mover. A mãe idosa de John, que vivia com a família, chegou a encontrar sua Bíblia dentro da lareira, totalmente queimada.

E então, as coisas se tornaram pessoais. Sua família começou a ser atacada.

LEVANDO PARA O LADO PESSOAL

Parecia que o alvo dos ataques eram os filhos. Em algumas noites, as camas deles chacoalhavam com força, como se algo invisível batesse nelas. Outras vezes, barulhos fortes de arranhões podiam ser ouvidos embaixo das camas. Em alguns momentos, as próprias crianças eram afetadas. Mãos misteriosas e invisíveis as erguiam até ficarem suspensas no ar acima de suas camas.

Temendo pela segurança de seus filhos, John e a esposa foram para outro quarto da casa onde nada incomum havia acontecido até então. Mas, quando se acomodaram, as forças invisíveis os seguiram, e tudo continuou. E não só as crianças enfrentaram o inexplicável.

Um dos empregados que viviam e trabalhavam na casa de John Mompesson também se chamava John. De acordo com seu relato, no início do dia 5 de novembro de 1662, o empregado chamado John correu ao quarto onde as crianças dormiam, porque os barulhos tinham começado de novo. Do outro lado do cômodo, o empregado viu duas placas de madeira que tinham sido colocadas ali, encostadas na parede. E uma delas estava se mexendo.

Não sei bem o que inspirou o empregado a fazer isso, mas ele falou e pediu que a placa fosse levada a ele. Fez-se silêncio por um momento, e então uma das placas flutuou do chão e se moveu em sua direção,

parando a cerca de um metro de onde ele estava. Ele estendeu a mão e pediu de novo, e dessa vez, a tábua foi parar direitinho em sua mão.

John, o dono da casa, entrou no quarto um instante depois e encontrou o empregado dando e recebendo a placa de madeira a uma força invisível. Assustado com o que aquilo podia significar, disse ao empregado para parar com aquilo, no que foi obedecido. Aquele, no entanto, foi um ponto de transformação para John Mompesson. Havia algo dentro de sua casa — algo que não conseguia ver nem controlar —, e estava interagindo com sua família.

No começo de dezembro de 1662, John escreveu uma carta desesperada a um parente chamado William Creed, que por acaso era teólogo em Oxford. Se havia alguém com sabedoria e conhecimento para ajudá-lo, John acreditava que essa pessoa era Creed. Infelizmente, ele estava tão perplexo como todo mundo.

Havia mais e mais novas experiências a cada dia. John percebeu que um fedor esquisito tomava a casa de tempos em tempos. Eles ouviam o barulho de correntes pesadas sendo arrastadas pelo chão. Vozes altas vinham de partes vazias da casa. Ouviam até mesmo uma respiração pesada, como se alguém grande e invisível estivesse na sala com eles.

Enquanto isso, as batidas continuavam, às vezes tão altas que os vizinhos conseguiam ouvir. E todo aquele barulho chamou atenção das pessoas, que saíam de lugares distantes só para ouvir as batidas e para testemunhar as assombrações com os próprios olhos. Mas com olhos e ouvidos novos também vinham novidades.

Até aquele momento, John Mompesson pensou que o batedor de tambor tinha morrido ou sido morto, e que seu espírito era a causa de todos os problemas. Contudo, no verão de 1663, ele soube que isso não tinha ocorrido. William Drury estava vivo, e bem. Depois de um período curto em uma cadeia de Gloucester, por ter roubado alguns porcos, o homem tinha escapado. Em seguida, comprou um novo tambor e voltou a zanzar pela região de novo.

Mas havia outros boatos. Algumas pessoas diziam que Drury havia se gabado para várias pessoas de ter assombrado a casa de John. E, de acordo com os antigos amigos do mendigo no Exército, Drury tinha fama de feiticeiro.

Claro que os boatos não provavam que ele realmente era um feiticeiro. Podia se tratar apenas de superstição. Para um homem tão desesperado quanto John, no entanto, aquelas ideias representavam esperança. Ele estava à procura de uma explicação lógica para sua situação, e aquelas histórias de bruxaria pareciam servir.

Assim, Drury foi levado a Salisbury, onde foi posto em julgamento pelo equivalente espiritual de cumplicidade com um criminoso. Acusado de bruxaria, apresentaram as provas contra ele: o tambor, as forças invisíveis na casa, os boatos, tudo. Em uma época em que a bruxaria era considerada real, possível e punível, a liberdade de Drury de repente ficou ameaçada.

O juiz Isaac Burgess ouviu tudo. Analisou as provas. E, aparentemente, levou um pouco de bom senso à mesa. Porque, no dia 3 de agosto de 1663, Drury foi absolvido. Não com facilidade, dizem. Foi uma decisão difícil, mas no fim não houve acusação de bruxaria. Mas isso não significava que estava livre. Ainda havia a acusação de roubo. Por isso, no dia seguinte, ele foi levado de volta à cadeia de Gloucester.

Os resultados daquele julgamento são importantes para a nossa história. Finalmente condenado por *aquele* crime, Drury, a bordo de um navio-prisão, foi levado para viver em uma colônia penal. E então, como se um botão tivesse sido girado, o controle do mendigo do tambor sobre a casa dos Mompesson — as batidas, os barulhos, as mãos invisíveis, tudo — simplesmente parou, do nada.

O pesadelo da família por fim terminara.

ESFERA DE INFLUÊNCIA

Aparentemente, essa é só mais uma em uma longa série de histórias de casas assombradas. Eu entendo isso, acredito. Mas o tocador de tambor de Tedworth é muito mais do que apenas um conto assustador sobrenatural.

É a história da luta de uma família para entender suas experiências incomuns em um mundo que rapidamente buscava explicações sobrenaturais. É uma história com elementos que faltam a muitas outras — pé no chão, documentos da época, que ainda existem hoje em dia, e vários testemunhos de pessoas de fora a respeito do que viveram na casa.

Ainda assim, é *de fato* uma história de casa assombrada. É uma história que brinca com nossa capacidade de afastar o ceticismo. Ela nos dá algo que, à primeira pincelada, parece trivial, quase risível: uma família, de pessoas normais e racionais, refém de um tocador de tambor.

É fácil se perguntar: foi assombração ou bruxaria? Porque essas duas coisas são diferentes no folclore. Faz lembrar muitos tipos diferentes de atividade sobrenatural, cujas histórias são difíceis de entender. Mas talvez, no fim, fosse algo muito mais mundano.

Existe uma boa chance de essa história ter sido baseada em algo menos supersticioso, mas não menos sombrio e mau: a política. Como eu disse antes, William Drury tinha sido batedor de tambor na Guerra Civil Inglesa. E havia servido com os parlamentaristas.

John Mompesson, por outro lado, servira como oficial monarquista, o que quer dizer que ele e o batedor de tambor eram inimigos políticos. Seria como ver um oficial da União e um soldado confederado encontrando-se um ano depois do fim da Guerra Civil Americana. Dá para pôr fim a uma guerra, claro, mas é muito mais difícil pôr fim ao ressentimento.

Depois de nove semanas de silêncio e paz na casa dos Mompesson, tudo começou a acontecer novamente: os barulhos, a respiração, os objetos em movimento... e as batidas.

Também não precisamos acreditar no que diz John. Havia testemunhas. Duas, um advogado chamado Anthony Ettrick e seu amigo, sir Ralph Banks, que passaram a noite lá e disseram ter ouvido as batidas. Eles afirmaram ter pedido ao espírito que batesse um número específico de vezes, e ele o fez sem problemas.

Naturalmente, isso deixou John Mompesson perplexo. E frustrado também. Talvez até assustado. Então, começou a fazer perguntas. Tinha ligações, afinal de contas. E, em pouco tempo, ele recebeu as notícias que já devia temer.

William Drury escapara e retornara para solo inglês. De volta e de novo na área. Se a explicação para os sons misteriosos exigisse que o batedor de tambor estivesse perto da casa, seu retorno e a retomada dos sons certamente parecem apoiar isso.

Isso é prova de que um argumento político raramente encontra uma solução tranquila? Ou mais um indício que aponta uma explicação sobrenatural? De qualquer modo, é uma prova da natureza mágica da música.

Se você consegue ouvi-la, ela tem poder.





MARY, MARY

s aviões não devem colidir uns com os outros. Levando as estatísticas em conta, você terá muito mais chances de ouvir sobre batidas de carro do que acidentes envolvendo aviões, devido ao simples fato de haver muito mais carros nas ruas hoje do que aviões no céu. Ainda assim, por mais incomum que pareça, acontece.

No fim dos anos 1950, dois aviões militares sobrevoavam a costa da Georgia por Tybee Roads, o ponto em que o estuário do rio Savannah encontra as águas do Atlântico. Aquelas águas são um local de tráfego intenso, mas, no dia 5 de fevereiro de 1958, o céu também estava “congestionado”.

Às duas da manhã, um bombardeiro B-47 estava em missão simulada pela costa, saindo da Flórida. Ao mesmo tempo, um avião de guerra F-86 saiu do norte. Quando as aeronaves se chocaram, não foi um desastre como poderíamos ver em um filme — nenhuma explodiu —, mas ambas ficaram seriamente avariadas. O piloto do avião de guerra teve que se ejetar e deixá-lo cair no mar. O bombardeiro, no entanto, conseguiu permanecer no ar. A aeronave perdeu muita altitude, e ficou claro que a tripulação precisaria fazer um pouso de emergência, e depressa. Para ajudar nisso, pediram e receberam permissão de dispensar um pouco de peso extra.

Mas só descartaram uma coisa. A bordo, havia apenas uma bomba que pesava quase quatro toneladas. Uma bomba *nuclear*. E eles a soltaram na costa da ilha Tybee, onde caiu no mar. O Exército tentou recuperá-la mais tarde naquele mesmo ano, mas a missão foi um fracasso. A bomba ainda está lá até hoje.

É este o problema com um mundo tão grande quanto o nosso: as coisas — mesmo as coisas grandes — são fáceis de esconder. Acrescenta uma camada de mistério à nossa experiência, um elemento de risco desconhecido. Mas as coisas escondidas em nosso mundo não se limitam a objetos. Até mesmo *as pessoas* — aquelas que vivem, respiram e se movimentam ao nosso redor o tempo todo — podem ser muito parecidas com as águas frias e sombrias do mar. No fim das contas, nunca sabemos o que está escondido sob a superfície.

MARY...

Mary nasceu em 1847, e sua primeira convulsão ocorreu quando tinha só seis meses de vida. Seus músculos tremeram incontrolavelmente, e as pupilas dilataram. Seus pais, Asa e Anna Roff, ficaram muito preocupados, claro. A convulsão, que parecia ser epilética, deixou Mary inconsciente por muitos dias, e, por um tempo, esperaram o pior. Ainda assim, o bebê se recuperou e a vida seguiu, apesar de continuar a sofrer com as convulsões.

Em um esforço a fim de procurar alívio para a filha, a família saiu de Indiana e se mudou para o Texas quando Mary tinha cerca de 10 anos. Um ano depois, eles viajaram pela recém-construída Peoria Railroad, de volta ao norte, e se estabeleceram na cidade de South Middleport, em Illinois. Construíram uma das primeiras casas ali, deram início a uma vida nova, e torceram pelo melhor. Mas as convulsões de Mary não paravam.

Quando se mudaram para Illinois, os episódios convulsivos ocorriam pelo menos uma vez por dia. Isso foi antes das drogas antiepiléticas, como o brometo de potássio, e a falta de opções deixou Mary e seus pais sentindo-se deprimidos e sem esperança. Além disso, havia o esgotamento intenso de sua saúde física, então fica fácil ver como aqueles dias devem ter sido difíceis para ela.

Por um tempo, um dos métodos para combater as convulsões foi a flebotomia. É uma prática que tem milhares de anos, e tem sido realizada com diversos tipos de implementos, de facas a agulhas, passando por instrumentos de corte com molas. No passado, um dos profissionais a realizar serviços de flebotomia era, acreditem se quiser, o barbeiro. Até mesmo hoje é possível encontrar barbearias que ainda usam postes listrados de vermelho e branco do lado de fora. É uma sinalização antiga que representa sangue e curativos.

Mas o método preferido de Mary eram as sanguessugas. E, como reclamava constantemente de dores de cabeça, ela as colocava em suas têmporas, acreditando que ajudariam. A menina as usava com tanta frequência que passou até a vê-las como animais de estimação. Como uma criança com um gatinho, o tempo que passava com as sanguessugas deixava Mary feliz.

(Um parêntese: se seu filho pedir um cachorro de Natal, sinto que ele está perdendo a chance de ter um animal muito divertido. As sanguessugas são muito baratas de alimentar, e não é preciso levá-las para passear. Achei que precisava comentar.)

Mary continuou assim por cerca de três anos, com a utilização das sanguessugas aumentando paulatinamente. Ela era uma jovem triste, e isso é compreensível. Mas também inteligente, ótima nos estudos, até se tornou uma pianista habilidosa. Suas escolhas musicais refletiam seu humor, mas se direcionavam mais para o mistério e para a melancolia.

Em 1864, aos 18 anos, ela levou a flebotomia a outro nível quando se cortou no braço com uma faca. A perda de sangue foi tão intensa que desmaiou. Ao recobrar a consciência, algo estava errado. Mary passou dias gritando e se debatendo na cama. Havia períodos de várias horas seguidas em que diversos adultos tinham de segurá-la para impedir que se ferisse.

E então, como uma tempestade de verão que passa por uma cidade, tudo se acalmou. Em vez de árvores arrancadas e construções destruídas, ela permanecia acordada, mas não respondia. Era como se algo dentro dela tivesse sido quebrado. As pessoas entravam no quarto e falavam com ela, porém Mary não parecia notá-las. Não fazia contato visual. Não respondia. Se podia vê-los e ouvi-los, com certeza não os reconhecia.

Mary ainda conseguia realizar muitas tarefas rotineiras, como se vestir ou prender os cabelos com grampos. Mas seus pais começaram a notar algo estranho nisso. Quando Mary fazia essas coisas, seus olhos permaneciam abertos, mas ela não parecia usá-los. Ela completava tarefas que exigiam sua visão,

mas seus olhos nunca se mexiam, nunca se focavam na tarefa em realização. Era como se não estivesse vendo nada de verdade.

Então decidiram fazer um teste. Colocaram uma venda em seus olhos e pediram que repetisse as mesmas tarefas. Mary concordou, e as realizou com sucesso: mesmo com a venda nos olhos, conseguiu se vestir sozinha, por inteiro, pegar os grampos sobre a penteadeira e usá-los para prender os cabelos. Claro, tudo aquilo podia ser atribuído à memória muscular, mas havia outras coisas menos explicáveis que ela conseguia fazer. Por exemplo, ainda de olhos vedados, colocaram uma enciclopédia diante dela. Apesar de não ver as páginas, ela abriu o livro na palavra “sangue” — e então começou a ler o verbete, palavra após palavra.

Isso deixou muita gente da cidade curiosa. Ela estava fazendo algo que ninguém deveria ser capaz de fazer, e as pessoas queriam respostas. Por isso, começaram a ir até a casa de Mary para testá-la. Alguém sugeriu que ela podia ter decorado o verbete da enciclopédia — andava obcecada com sangue havia anos, claro —, por isso lhe pediram um teste mais difícil. Pegaram algumas das correspondências pessoais de Mary, escritas com sua caligrafia, e então as colocaram em meio a outros papéis em uma pilha. Ainda de olhos vendados, Mary foi capaz de pegar suas cartas e lê-las em voz alta para as pessoas na sala.

Um editor de um jornal da região propôs fazer um experimento, o mais surpreendente de todos. Ele foi até a casa dos Roff com um envelope no bolso do casaco. Ainda estava selado, e, dentro dele, disse a todos, havia uma carta de um amigo que morava muito longe dali.

O editor entregou o envelope a Mary, de olhos vendados, que o virou e revirou, mas não o abriu. E então, sem hesitar, disse o nome da pessoa cuja assinatura estava na carta. O editor abriu o envelope e conferiu: Mary estava certa.

Mas nem tudo eram demonstrações de magia e surpresa. Não, Mary continuava tendo convulsões diariamente e, por isso, sua depressão piorava. E isso fez com que ela se cortasse mais. É trágico que, em meados do século XIX, os cuidados com a saúde mental ainda fossem quase medievais, e isso significava que Mary sofreu muito sem ajuda de outras pessoas além de sua família.

No dia 5 de julho de 1865, os pais de Mary a deixaram em casa sozinha para uma viagem curta. Mary se levantou naquele dia, preparou o café da manhã e então voltou para seu quarto. Foi onde teve uma convulsão violenta, vindo conseqüentemente a morrer.

Ela tinha só 19 anos.

...MARY...

Um ano antes da morte trágica de Mary Roff, Thomas e Lucinda Vennum tiveram uma filha. Mary Vennum nasceu em Illinois, em abril de 1864, e quase imediatamente a família passou a chamá-la por seu segundo nome, Lurancy.

Em 1871, quando Lurancy tinha só 7 anos, sua família saiu de Milford e foi para South Middleport, mas, nos anos entre a morte de Mary Roff e a mudança dos Vennum, a cidade havia se tornado o local do recém-formado condado de Iroquois. Em homenagem à conhecida índia norte-americana que nascera na região, a cidade mudou seu nome para Watseka.

Durante um tempo, a infância de Lurancy foi saudável, feliz e comum. Mas, no começo de julho de 1877, aos 13 anos, ela começou a reclamar que vinha ouvindo vozes em seu quarto. Dizia que a chamavam e falavam seu nome sem parar. Seus pais acharam que era apenas a imaginação fértil de uma criança, e a ignoraram.

Então, na noite de 5 de julho, Lurancy sofreu uma pequena convulsão que a deixou em uma estranha situação. Ainda consciente, permaneceu rígida, misteriosamente, por quase cinco horas. Quando, por fim, saiu do “transe”, contou a seus pais que não se sentia bem. Disseram-lhe que era normal, já que ela tivera uma convulsão.

No dia seguinte, Lurancy sofreu uma segunda convulsão e voltou a ficar naquele estado: acordada, mas rígida. No entanto, dessa vez ela falou. Seus pais se sentaram ao seu lado na cama e ouviram enquanto ela contava o que conseguia ver. Mas, apesar de seus olhos estarem abertos, ela não descreveu o quarto para eles. Descreveu o paraíso.

Especificamente, descreveu ter visto os dois irmãos, a irmã Laura e o irmão Bertie, falecidos ainda pequenos. Na verdade, Lurancy tinha apenas 3 anos quando seu irmão morreu, e a família raramente falava dessas lembranças dolorosas, o que tornava sua descrição ainda mais incomum.

Ao longo de todo o verão e durante o mês de novembro, Lurancy continuou a ter esses transe. Todas as vezes, descrevia outro mundo, o mundo além do véu da realidade. Além daquela cortina que separa a vida e a morte, havia anjos, espíritos, o paraíso e todos os detalhes ligados a isso. Parecia surreal. E então, no dia 27 de novembro, as coisas... bem, tudo tomou o rumo do Bizarro e desceu pela Rua da Loucura, se entendem o que quero dizer.

A convulsão que Lurancy sofreu naquela noite foi extremamente violenta. Ela se esticava na cama e arqueava as costas com força a cada espasmo. Há relatos de que ela se curvou tanto, na altura da cintura, que seus pés tocaram sua cabeça, apesar de eu não saber como isso seria possível. Se aconteceu, não consigo imaginar uma cena mais assustadora do que ver uma jovem se curvar para trás enquanto grita de dor.

Também não foi algo que aconteceu só uma vez. As novas convulsões duraram semanas, deixando a família preocupada, e Lurancy exausta e com dor. Esse padrão — primeiro as convulsões, depois as visões — repetiu-se regularmente por quase três meses. O médico não sabia como ajudar. E, apesar de as convulsões serem algo que pelo menos podia explicar por meio da medicina, as tais visões do pós-vida — cheias de espíritos, anjos e coisas assim — desafiavam seu conhecimento. Membros da família dela estavam começando a achar que a jovem tinha enlouquecido. Eles imploraram aos Vennum que a levassem a Peoria, onde havia uma casa bem-equipada para ajudá-la a tratar sua doença, mas os Vennum se recusavam.

O dr. E. Winchester Stevens lhes ofereceu algumas respostas. Ele era um homem simpático, de 50 e poucos anos, de Janesville, Wisconsin, e trabalhava como médico espiritualista, oferecendo uma mistura de curas medicinais e soluções de outro mundo a pessoas como os Vennum.

Tomara conhecimento da história de Lurancy pelos vizinhos dos Vennum, um casal mais velho com interesse no espiritualismo e no pós-vida. No entanto, quando o dr. Stevens entrou no quarto dela pela primeira vez, no dia 31 de janeiro, não conheceu Lurancy. Na verdade, a voz que saiu da jovem afirmava ser a voz de uma senhora alemã chamada Katrina Hogan.

A mulher tinha 63 anos quando falecera anos antes, e agora estava possuindo o corpo de Lurancy. E ela não era boa, aparentemente. Essa senhora, falando pela boca da jovem, insultou e ofendeu Thomas e Lucinda Vennum. Isso continuou por alguns momentos até outro espírito assumir o comando.

O novo ocupante do corpo de Lurancy afirmava ser um rapaz chamado Willie Canning, que havia morrido depois de fugir de sua família. Mas ele também desapareceu depois de alguns minutos. O dr. Stevens, até então apenas um observador, resolveu intervir. De acordo com o relato histórico dos

acontecimentos daquele dia, Stevens usou o mesmerismo — o que chamaríamos de hipnose hoje — em uma tentativa de ajudar Lurancy a se acalmar.

E as convulsões pararam. A jovem conseguiu contar a todos os adultos na sala — seus pais, o dr. Stevens, e o vizinho que havia levado o espiritualista à casa dos Vennum — que espíritos do mal queriam controlá-la. Ela sentiu medo, e queria ajuda. O dr. Stevens sugeriu que talvez ela devesse encontrar um *bom* espírito. Lurancy assentiu e fechou os olhos.

Quando voltou a abri-los, ela sorriu. Era como se toda a dor e todo o trauma tivessem passado e Lurancy estivesse inteira de novo. Mas não era verdade. Então olhou para o vizinho, de pé perto do canto da sala, um olhar de forte reconhecimento.

“Pai?”, disse ela, e então acrescentou. “Sou eu, Mary Roff”.

...MUITO PELO CONTRÁRIO

O sr. e a sra. Roff estavam tomados por uma mistura de sentimentos, algo bem compreensível. Tinham passado os últimos doze anos superando a perda de sua filha. O sr. Roff até fora se consultar com um médium mais de uma vez, esperando encontrar respostas ou, pelo menos, uma conclusão. Em um instante, o médium entregou a ele um bilhete, dizendo ter sido enviado a ele pela filha falecida.

Havia muita culpa ali, claro; eles deixaram a filha sozinha durante três dias inteiros, afinal; e, quando voltaram de sua pequena viagem, ela estava morta. Eles tinham passado anos superando tudo aquilo. Mary fora uma alegria, um desafio e uma bênção, tudo ao mesmo tempo, mas havia mais de uma década que ela deixara suas vidas.

Até aquele momento.

O sr. Roff foi para casa naquela tarde e contou a sua esposa o que acontecera. O dr. Stevens, enquanto isso, continuava a fazer a Lurancy perguntas para chegar ao cerne daquela interpretação mórbida. Mas as respostas só deixavam o espiritualista mais confuso. Aquela jovem não era mais Lurancy Vennum. Ela era Mary Roff.

E Mary, aparentemente, queria ir para casa. Não reconhecia ninguém na casa dos Vennum. Para ela, eram desconhecidos. Queria voltar para a casa que conhecia e amava. Por isso, perguntou aos Vennum se podia ir morar com seus pais na casa *deles*, e passou dias fazendo esse pedido. Por fim, depois de quase uma semana, os Vennum concordaram e levaram a filha para fora da casa, pela rua, até a porta da casa dos Roff.

Lá ela imediatamente se ajustou a uma rotina confortável. Usava apelidos para seus pais e para seus irmãos que ninguém além de Mary Roff saberia. Reconhecia amigos da família e mencionava outros de fora da cidade que os Roff conheciam, pessoas que nunca tinham ido a Watseka em todos os anos que os Vennum tinham vivido lá. Simplesmente não havia como outra pessoa além de Mary Roff saber daquelas coisas.

Quando viu os Vennum, ela os tratou como se eles fossem apenas uma família gentil que conhecera recentemente. Era educada com eles, sim, mas nunca passou disso. Mas Mary sabia de Lurancy. Na verdade, dizia compreender melhor do que qualquer pessoa o que estava acontecendo com ela. Só era uma história difícil de acreditar.

Mary disse que Lurancy estava doente. Suas convulsões eram um sintoma da doença. Mas Mary passara por tudo aquilo em sua vida, e sabia como ajudar. Lurancy, pelo menos de acordo com Mary,

estava no paraíso, “melhorando”. E, quando se recuperasse, Mary partiria e deixaria que a jovem voltasse a seu próprio corpo.

Olha, entendo o ceticismo. Eu também sou assim. Tudo isso é bem bizarro, sem dúvida. E aquelas pessoas obviamente estavam preparadas para essa história. O espiritismo estava em alta em 1878. As incríveis irmãs Fox já tinham três décadas de experiência na carreira de médiuns mundialmente famosas, viajando e realizando sessões espíritas para plateias com ingresso esgotados. Demoraria mais dez anos para que fossem acusadas de fraude. Para os Vennum e os Roff, e principalmente para o dr. Stevens, as questões espirituais eram reais, possíveis e inegáveis.

Para nossa mente moderna, contudo, há muito que questionar. Lurancy precisava ter conhecido seus vizinhos antes daquele dia. Era provável que tivesse ouvido a história trágica de Mary Roff, se não deles próprios, mas de outras pessoas da cidade. Certamente em algum momento de sua infância alguém havia olhado para ela e dito: “Ah, você é vizinha dos Roff”. Não é o tipo de história de que nos esquecemos.

Mas há coisas mais difíceis de ignorar. Ser capaz de dizer o nome de amigos de fora da cidade era uma delas, mas a mulher que afirmava ser Mary Roff poderia fazer muito mais do que isso. Tinha muitas conversas com velhos amigos — pessoas que conheceram Mary muito antes de sua morte —, e, em cada uma dessas conversas, ela dava detalhes ou apresentava fatos que ninguém além dela teria como saber.

Um dia, Mary entrou na sala de estar dos Roff e apontou um enfeite de veludo para cabeça que estava em cima de uma mesa. A sra. Roff havia tirado o objeto das coisas de Mary e o deixou ali para que a jovem o descobrisse. Quando o viu, Mary se animou e contou que o havia usado quando seu cabelo era curto. A sra. Roff ficou muito surpresa.

Em outra ocasião, Mary se aproximou do sr. Roff e disse que lhe enviara um bilhete, certa vez, por meio de um médium que ele havia procurado. Disse também a data, e ele confirmou com outras pessoas. Como podia saber disso era um mistério — a menos, claro, que ela fosse mesmo Mary, ressuscitada dos mortos.

Tudo isso continuou por mais de quinze semanas. Houve períodos em que Mary parecia desaparecer e Lurancy voltava a seu corpo. Mas eram apenas momentos, e Lurancy nunca parecia estar totalmente presente. Ela estava confusa, principalmente com o ambiente na casa dos Roff, e pediu para que a levassem para sua casa. Porém, antes que alguma coisa pudesse ser feita, Mary voltou.

No dia 7 de maio, Mary anunciou aos Roff que Lurancy estava pronta para voltar, para sempre. Houve mais trocas breves entre os dois espíritos por mais duas semanas, e então terminou. No dia 21 de maio, Mary se despediu dos Roff na sala da casa deles, chorando. Em seguida, uma das filhas dos Roff a levou pelo braço, rua abaixo, até a casa dos Vennum. Conversaram enquanto caminhavam, com Mary tratando de assuntos de família e dando conselhos de vida à outra mulher. E então, elas chegaram.

Mary subiu os degraus sozinha e bateu na porta da frente. Quando Vennum a abriu, Mary havia desaparecido. Lurancy controlava totalmente seu corpo de novo, desperta e alerta. Disse que tinha a sensação de ter sonhado, e então abraçou os pais. Eles choraram de alegria e a receberam em casa.

Pelo resto da vida, nunca mais teve uma convulsão sequer.

VISITAS

Esse é um daqueles acontecimentos difíceis de aceitar. Admito totalmente isso. Muitas pessoas acham que Lurancy Vennum inventou tudo. Era um grito por atenção, ou uma brincadeira, ou talvez até uma

encenação combinada pelas duas famílias.

Outras pessoas, no entanto, acham possível que ela sofresse de alguma forma de psicose, que acabou se manifestando como esquizofrenia. Acreditavam que, se os Roff não a tivessem aceitado e dado a ela tempo para se recuperar, os Vennum acabariam se vendo obrigados a mandá-la para um manicômio, que — nos anos 1870 — era um caminho sem volta para o sofrimento e uma possível morte. De acordo com os que defendem essa teoria, a generosidade e a cabeça aberta de seus vizinhos a salvaram.

Mas muitas perguntas ainda restaram sem resposta. De que forma sintomas tão drásticos e sérios, como convulsões fortes, simplesmente desaparecem depois de apenas quinze semanas? Como ela sabia coisas sobre os Roff que ninguém mais sabia? Houve até um momento durante o sofrimento todo em que Lurancy, afirmando ser Mary, disse ao dr. Stevens que ter visto sua filha falecida no céu, e descreveu sua cicatriz em forma de cruz no rosto. O dr. Stevens, impressionado, confirmou que a cicatriz tinha sido de uma cirurgia à qual ela havia se submetido para conter uma infecção.

Independentemente do que decidirmos ter como certo hoje, no passado, os pais de Lurancy estavam convencidos. Diziam que a filha voltara para a casa deles “mais inteligente, mais centrada, mais crescida e mais educada do que antes”. Ela havia amadurecido, de alguma forma. E estava fisicamente recuperada. Sem convulsões, sem transe aleatórios. Tudo resolvido.

Por alguns anos, entretanto, Lurancy tentou ser médium. Talvez os Roff desejassem convencê-la, ou talvez ela quisesse ver se ainda podia fazer aquilo pelo que havia se tornado famosa.

Quatro anos depois, ela se casou com um fazendeiro chamado George Binning. George, aparentemente, não tinha interesse no espiritualismo, e, logo após o matrimônio, seus esforços para trabalhar como médium foram interrompidos. Dois anos depois, eles deixaram a cidade e se mudaram para uma fazenda no Kansas. Criaram treze filhos e, naturalmente, a vida se tornou corrida. Mas ela manteve contato com as pessoas de casa da melhor maneira que conseguiu.

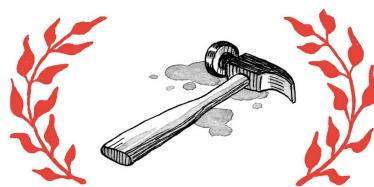
Uma das pessoas que sempre escreviam para ela era o sr. Roff. É compreensível, na verdade. Por um curto período, a filha dele, Mary, tinha retornado, e ele se apegou a Lurancy. Nas raras ocasiões em que ela voltava a Watseka para visitar os pais, sempre ia à casa ao lado para ver os Roff.

Ela batia à porta, claro. Afinal, não era de fato sua casa. Mas eles sempre a recebiam bem. Imagino que eles preparavam um chá e se juntavam a ela na sala de estar. Fiquei tentando imaginar se o enfeite de veludo de Mary ainda jazia sobre a mesa, e se Lurancy voltou a dizer que ele lhe era familiar.

O que sabemos é que, sempre que visitava os Roff, fazia um favor a eles. Depois de um pouco de conversa educada, ela se recostava na cadeira e fechava os olhos. O relógio no mantel tiquetaqueava alto, quase como passos se aproximando. E então, ela abria os olhos de novo. Mas não era Lurancy.

“Oi, mãe, oi, pai”, dizia-lhes. “Como vão? É muito bom estar em casa”.





A ELEVAÇÃO

Há muitas diferenças entre os estados do Norte e do Sul nos Estados Unidos. As culturas são diferentes. Os cidadãos se comportam de modo diferente. O clima é muito diferente. A aparência e a sensação das coisas... Podem acreditar em mim, são grandes as diferenças. Se você passar um tempo nas duas regiões, vai sentir as diferenças também.

Por isso, provavelmente não foi a ideia mais inteligente quando Salathiel Stoner se casou com uma mulher do Sul. Não havia nada de errado com a atitude, saiba. E o jovem casal parecia se amar. Só que aparentemente os dois não pesaram essas diferenças com cuidado. Entraram sem planejar em uma vida de frustração e de expectativas frustradas, e nada de bom poderia sair disso.

Sal — é assim que os amigos dele o chamavam, e é bem mais fácil de dizer do que Salathiel, não é? — fora para o Sul, dizia a lenda, para cuidar da propriedade de seu tio. Não sei quando nem por que seu tio tinha se mudado para Falls Church, Virgínia. Só sei que os Stoner tinham vivido no Maine por gerações. Bem na costa, na verdade, perto de Brunswick. Imagino que o tio de Sal compreendia essas diferenças também, e considerava o Sul um lar melhor para suas sensibilidade.

Mas com apenas 29 anos, Sal se viu resolvendo questões legais de seu tio falecido muito longe de casa. Foi quando conheceu uma bela jovem chamada Amanda Carter. Imagino que os dois tenham se apaixonado perdidamente um pelo outro, porque as coisas evoluíram depressa e logo se casaram antes de Sal voltar para casa.

Talvez, analisando o passado, ele tivesse alguns arrependimentos a esse respeito. Não sei o que Sal Stoner estava pensando. Não sei quais eram suas dúvidas, nem seus arrependimentos, ou o que o mantinha acordado à noite. Só posso imaginar. Isso acontece muito com a história: recebemos fatos sem graça e precisamos encontrar um pouco de humanidade entre eles.

Quando Sal levou Amanda para casa, foi para a casa fria, severa e austera que dava vista para as águas do porto Dark. Até mesmo o nome do lugar deveria ter sido um sinal, mas Amanda aparentemente chegou à conclusão sozinha: a Nova Inglaterra, principalmente a metade norte do Maine, *não* era o Sul.

O inverno no Maine era rigoroso. A maior parte dos meses era escura e tempestuosa. A paisagem, tomada por rochas e terra, tinha a capacidade de tirar a alegria de tudo. A vida moderna podia ter

melhorado nisso ao longo dos anos, mas, nos anos 1880, Maine era o oposto de Falls Church, Virginia. E Amanda detestava o lugar.

No começo, como dizem as histórias, ela ficou infeliz. E aquela infelicidade fez o novo casal discutir. Com o tempo, as discussões passaram a ganhar peso e volume. Eles gritavam e brigavam, e depois se evitavam por dias ou semanas. Sabe aquele clichê sobre a tensão que sufoca? Seria ideal para eles, sem dúvida.

Vinte anos. Foi esse o tempo que durou a briga entre Sal e Amanda. Nem consigo imaginar como um magoou o outro, nem as coisas que eram ditas. Não consigo imaginar o arrependimento que Sal deve ter sentido, nem a raiva que fervia dentro de Amanda. Na cabeça de Sal, ele havia oferecido uma casa boa para uma mulher ingrata. Para Amanda, era como se ela tivesse sido vítima de uma mentira: prometeram felicidade, mas deram o inferno.

A história diz que uma dessas discussões era sobre o chão da sala. Era, como em tantas casas na Nova Inglaterra, um espaço amplo, com um bonito piso de madeira. E é claro que Amanda o odiava. Ela queria carpete. Então, com a chegada de seu aniversário, ela perguntou ao marido, pela milésima vez, se ele podia comprar um tapete para a sala.

Dessa vez, Sal concordou. Ela viajou para Bangor e voltou para casa com um enorme tapete vermelho Axminster, importado da Inglaterra. Era caro, e tinha sido difícil levá-lo na volta para a casa. Então, quando ele finalmente entrou e o desenrolou, já estava bem frustrado.

Sal pegou o martelo e uma caixa de pregos, e então tirou a mobília do caminho para posicioná-la corretamente. Estava pronto para fixar o tapete quando a esposa entrou na sala. Ela ficou em cima do tapete em silêncio por um instante. Ele provavelmente se sentou em uma cadeira e a observou, torcendo para que, pelo menos uma vez, a mulher ficasse satisfeita, que pudesse até sorrir.

Mas Amanda só disse, com frieza: “Detestei. Detestei tanto quanto detesto você”. Para Sal, isso foi a gota d’água. Levantou-se da cadeira e correu em direção a Amanda, com o martelo erguido acima da cabeça. E então a espancou. De acordo com a história, em seguida, puxou o tapete debaixo dos pés dela, colocou-o em cima de seu corpo ainda vivo, e então começou a fixar o tapete por cima da mulher.

Dizem que Amanda morreu lentamente sob aquele tapete ao longo dos dias seguintes. Se sangrou até morrer ou se morreu sufocada, não se sabe, pois os detalhes são tão nebulosos como a costa do Maine. Mas em pouco tempo ela morreu.

Depois disso, a vida pareceu voltar ao normal para Sal. Ficou silenciosa, sem mais brigas, e ele até andava pela cidade sorrindo. Porém, como em todas as histórias de corpos ocultados, por fim, a verdade foi descoberta, assim como o corpo de Amanda.

Ele foi internado em um manicômio em Portland e morreu alguns anos depois. Mas a marca deixada por seu terrível ato nunca sumiu de verdade. Correm boatos de que a casa dos Stoner foi vendida depois que ele morreu e que uma nova família se mudou para lá. E, logo no começo, as coisas pareciam longe do normal.

A família encontrava toda a mobília da sala retirada de cima do tapete, todos os dias de manhã. No começo, achavam que alguém invadira a casa durante a noite, então passaram a trancar portas e janelas, só que a atividade não parava. Se as histórias sobre o lugar são verdadeiras, os novos donos também encontraram uma grande mancha de sangue no meio do tapete ali na sala. Eles a limparam da melhor maneira possível, mas a mancha reaparecia depois, tão fresca quanto antes. E então, um dia, ao chegar em casa, encontraram uma elevação no meio do tapete.

Dizem que a elevação se mexia. Que emitia *ruídos*. O tipo de ruídos que se espera ouvir de alguém que está vivo e preso sob o tapete. Então, naturalmente, eles ergueram a tapeçaria.

Mas não havia nada.





ESCREVA-ME UMA CARTA

Quando Daniel Home nasceu, em 1833, sua família já estava numa confusão. Seus pais viviam em Edimburgo, na Escócia, e tinham outros três filhos. Mais quatro viriam depois de Daniel, mas ele não os conheceria. Com 1 ano de idade, foi adotado por uma tia e retirado do que todo mundo considerava um lar abusivo.

Daniel foi uma criança com problemas de saúde. Transtornos mentais o atrasavam mais do que a maioria das outras crianças. Mas ele fazia o melhor que podia para ser corajoso. Aos 9 anos, sua tia e seu tio se mudaram para Connecticut, nos Estados Unidos, e levaram Daniel.

Lá ele criou uma amizade forte com outro garoto na escola — ninguém se lembra do nome, infelizmente —, mas os dois passavam muito tempo juntos. Compartilhavam o gosto pelo sobrenatural, e fizeram um pacto de que, por mais que demorasse, quando um deles morresse voltaria para contar ao outro como era.

Daniel não cresceu na casa de sua mãe, mas sempre ouvira falar que a mulher tinha um dom. A família dizia que tinha “a visão”, que ela era vidente e adivinha. Parecia conseguir saber quando um amigo ou familiar havia falecido, mesmo que essa pessoa vivesse a centenas e até a milhares de quilômetros.

Então, quando Daniel teve uma visão, aos 13 anos, de que seu amigo tinha morrido, sua tristeza misturou-se com outra emoção: orgulho. Ele acreditava ter herdado o dom da mãe. Dias depois, ele teve a confirmação de que precisava — seu amigo realmente havia morrido. A mãe de Daniel morreu em 1849, e quando isso aconteceu, ele teve a mesma sensação, o mesmo tipo de consciência. Mas, daquela vez, outras coisas ocorreram. Batidas podiam ser ouvidas de partes distantes da casa. A tia de Daniel aparentemente não se importava com isso. Ela acreditava que tudo — as visões, as premonições, as batidas — eram obra do demônio. Apesar de ter tolerado isso por um tempo, acabou se cansando, e, quando Daniel fez 18 anos, o expulsou de casa.

Foi logo depois disso, aos 20 anos, que Daniel fez sua primeira sessão espírita, tentando se comunicar com os mortos sentado a uma mesa com outros participantes. Os resultados foram tão impressionantes, dizem, que a notícia sobre suas habilidades se espalhou depressa. Afinal, viviam a era do

espiritualismo. As incríveis irmãs Fox tinham alavancado o sobrenatural para se tornar grandes estrelas, viajando o país e realizando sessões espíritas para plateias enormes.

Daniel logo se viu cheio de trabalho. As pessoas apareciam aos montes para se consultar com ele, que fez previsões e sessões espíritas por anos. Algumas pessoas diziam que ele conseguia até curar, ainda que, no fim, tenha sido ele a precisar de cura. A fragilidade de sua juventude, que o perturbou até mesmo na fase adulta, impediu-o de seguir carreira na medicina.

Então, em 1852, ele foi convidado para ir à casa de um rico fabricante de seda chamado Ward Cheney. Cheney nutria grande paixão pelo sobrenatural, e viu potencial em Daniel. Outros foram convidados, como Franklin Burr, irmão do editor-chefe do *Hartford Daily Times*. Diferentemente de Cheney, no entanto, Burr não estava ali como crente; seu objetivo era desmascarar o que ele acreditava ser uma farsa.

Daniel teve os olhos vendados e a sessão foi realizada em uma sala bem-iluminada. Não haveria truques, nem cordas, nem polias nem alavancas escondidas. Burr queria que o evento fosse transparente e aberto. Ele sabia que muitos outros médiuns que se tornaram celebridades já tinham sido desmascarados, e Daniel Home representava uma chance de acrescentar mais um nome à lista.

No começo, Daniel afirmava estar em contato com vários espíritos. Embora de olhos vendados, conseguiu escrever as mensagens deles usando um quadro com palavras impressas previamente. Porém, sem se deixar convencer, Burr pediu que ele se concentrasse em um espírito em particular, e fosse mais fundo. *Conte-nos a história. Conte-nos o que eles querem. Prove que isso é real.*

Daniel então começou a falar sobre um marinheiro cujo espírito pairava na sala. As testemunhas dizem que o lugar foi tomado pelo som de um vento uivante enquanto ele contava a história. Era como se estivessem em alto-mar, em meio a uma tempestade. Conforme o som foi aumentando a mesa começou a tombar e a chacoalhar.

Burr procurou sinais de farsa. Afinal, era para isso que estava ali. Mais tarde, contudo diria que apesar de ter uma visão clara do espaço embaixo e ao redor da mesa, não havia nada de suspeito. A mesa estava apenas... se movimentando.

Um pouco depois, a mesa parou de se inclinar e simplesmente se ergueu quase trinta centímetros do chão. E ali ficou, flutuando, sem explicação. Burr se jogou em cima da mesa, assim como alguns outros, mas a mesa não descia.

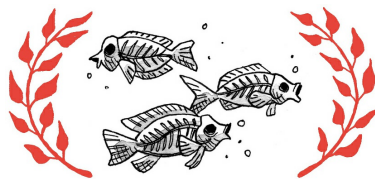
Depois de passar alguns momentos de frustração lutando com o móvel flutuante, Burr gritou uma ordem para ter uma prova irrefutável, um sinal que não pudesse ser explicado com truques ou artimanhas. Em resposta, ele escreveu posteriormente, o corpo de Daniel foi erguido da cadeira e subiu alto — tão alto, segundo Burr, que sua cabeça e suas mãos tocaram o teto da sala. E aquele foi o momento de transformação para Franklin Burr. Ele entrou na casa de Ward Cheney como cético, mas naquele dia saiu acreditando, e muito. Dois dias depois, publicou sua experiência no jornal e contou sua história ao mundo.

Daniel não se deu tão bem. Seus acessos de mal-estar aumentaram, e por fim ele foi diagnosticado com o que hoje em dia chamamos de tuberculose. Em um esforço de encontrar alívio dos sintomas, ele embarcou em um navio e voltou para o Reino Unido. Parece ter dado certo, pois um ano depois estava saudável de novo e atravessando a Europa como celebridade mediúnica. A realeza e a elite o chamavam para realizar sessões espíritas em suas casas. Ele até passou a fazer mais da levitação que Franklin Burr vira naquele dia em Connecticut. E fez tudo isso por décadas.

Mais um detalhe: Daniel teve outra visão na primavera de 1876. Nela, seu velho amigo Ward Cheney havia falecido. Naquela tarde, ele se sentou para escrever uma carta à nora de Cheney para expressar sua tristeza pela perda.

Quando a carta chegou semanas mais tarde, depois de ter cruzado o Atlântico em um cruzeiro, a nora de Cheney ficou chocada ao ver a data escrita por Daniel no topo da página: *22 de março*, exatamente o dia em que Ward Cheney havia morrido.





O TRABALHO À PARTE

Quando os europeus descobriram a América do Norte, no fim do século XV, logo subiram para a Costa Leste, onde atualmente fica a Nova Inglaterra e Newfoundland, no Canadá. Provavelmente foi sem querer, mas uma das primeiras descobertas feitas naquelas águas escuras e frias do Atlântico foi uma fartura de peixes. Muitos e muitos peixes.

E faz sentido. É uma área única ali em cima, onde o planalto do leito do mar fica a apenas cerca de sessenta metros para baixo. Mais à frente, claro, o leito desce para as profundezas, como o esperado. Mas naquele ponto, onde a fria corrente do Labrador se mistura com a cálida corrente do Golfo, os peixes se reuniam aos bilhões.

Um registro feito em 1497 mostra que havia tantos peixes na água que os navegantes podiam abaixar um cesto no mar e capturar dezenas deles. Com redes de pesca adequadas, era ainda mais fácil. E, sempre que encontramos uma combinação de fartura e facilidade, com certeza encontraremos seres humanos prontos e dispostos a tirar vantagem disso.

Hoje, os Grandes Bancos já foram drasticamente explorados, levando a uma queda de 99% da população de peixes ali. Porém, em meados do século XIX, ainda havia peixes em quantidades suficientes para atrair centenas de embarcações pesqueiras de uma vez. O problema era que quando cem ou mais barcos eram colocados em uma pequena área, as tempestades podiam avariá-los muito.

Nos sessenta anos entre 1830 e 1890, quase seiscentas embarcações e 3 mil vidas se perderam em tempestades naquela região. E isso significava que sempre havia novos barcos em construção em algum lugar ali perto. O *Charles Haskell*, uma escuna construída em Boston, em 1869, foi um deles. Mas, mesmo depois de terminada, demorou um ano até que alguém corajoso o suficiente para conduzi-la fosse encontrado.

Aconteceu durante a inspeção final. O barco estava pronto para partir, mas precisava ser vistoriado por um oficial que emitisse uma aprovação. Durante a inspeção, um operário escorregou e quebrou o pescoço, morrendo na hora. Isso foi ruim. Claro, nunca é bom quando alguém morre de modo tão trágico. Em um barco pesqueiro do século XIX, contudo, a única coisa mais abundante do que peixes eram as superstições. Uma escuna nova em folha partir para sua primeira viagem depois de testemunhar uma morte e tragédia... Bem, não era um bom presságio.

Só em 1870 o capitão Curtis aceitou assumir o controle da embarcação. Naquele inverno, o *Charles Haskell* saiu de Gloucester e seguiu em direção ao leste, tendo como destino o lado sul dos Grandes Bancos, conhecido como Georges Bank. Lá se reuniram com uma dezena de outros barcos que atravessavam as mesmas águas. E foi quando a tempestade começou.

As ondas balançaram as embarcações e as jogaram umas contra as outras. Quando a única coisa que o mantém vivo é o barco sob seus pés, nada pode ser mais perigoso do que o risco de afundar, seja por uma tempestade, seja pela colisão com outro barco. E foi exatamente o que aconteceu: uma escuna chamada *Andrew Johnson* se chocou com a do capitão Curtis, e as duas foram avariadas.

O *Andrew Johnson* afundou em questão de minutos, levando consigo toda a tripulação. A embarcação do capitão Curtis se saiu melhor, mas foi preciso levar a escuna de volta a Gloucester para conserto. A viagem demoraria quase dois dias, no entanto, e ele tinha de fazer outra viagem com a tripulação que estava ainda mais desconfiada do *Haskell* do que antes.

Sim, o barco tinha começado a vida com uma morte trágica. E apesar de ter acabado de escapar de outra tragédia, enquanto tantos outros barcos tinham sido perdidos, os marinheiros não se consolaram com isso. Para eles, só aumentava a maldição. Apesar disso, ou talvez *por causa* disso, Curtis levou a escuna para casa o mais depressa que pôde.

Foi durante a primeira noite no mar que as coisas começaram a ficar estranhas. À meia-noite, dois vigias ouviram barulhos na lateral do casco que faziam lembrar o som de marinheiros saindo da água. Mas era claro que não podia ser isso. A escuna avançava numa boa velocidade, e não havia outras embarcações à vista. Ainda assim, os sons continuavam.

E então, iluminadas pelo luar, as formas começaram a subir pelas grades. Formas humanas. Estavam em absoluto silêncio, e se moviam em câmera lenta. Os vigias perceberam que seus olhos pareciam escuros e ociosos. Quase aparentavam estar... mortos.

Era difícil de acreditar. Parecia impossível, na verdade. Por isso, chamaram o capitão Curtis para ver com seus próprios olhos. Ao todo, 26 homens subiram ao deque do *Haskell*, e todos se sentaram nos bancos de pesca perto das grades. Em total silêncio, cada uma das formas começou a colocar iscas em linhas de pesca invisíveis e a jogá-las para fora do barco. Quando terminaram, ficaram de pé, subiram na grade mais uma vez e desapareceram na água.

Curtis não sabia o que fazer. Por isso, disse aos vigias que eles deveriam guardar o que tinham visto para si mesmos, e direcionou o *Haskell* para Gloucester. Seria preciso mais uma noite para chegar ao porto, e ele estava disposto a terminar aquela viagem tão amaldiçoada.

No entanto, na segunda noite, a poucos quilômetros da costa, coisas estranhas voltaram a acontecer. À meia-noite, as formas fantasmagóricas apareceram de novo, subindo pelas grades e realizando movimentos que qualquer pescador teria reconhecido. Para os vigias, ficou claro que eram marinheiros mortos de um barco pesqueiro que desaparecera no mar, fadados a trabalhar mesmo depois da morte.

A lenda diz que essa segunda performance durou horas. Mas, quando já estava no fim, o *Charles Haskell* entrou no porto de Gloucester — o Sol estava nascendo no horizonte. E, quando isso aconteceu, os pescadores fantasmas se levantaram e saíram da escuna novamente. Porém, dessa vez eles não submergiram nas ondas frias do mar.

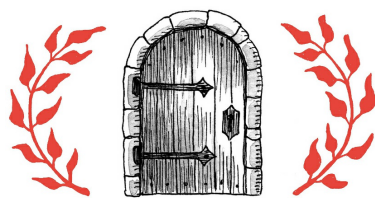
Segundo a lenda, eles ficaram na superfície da água, e então começaram a andar em fila indiana para longe do barco. Viram os fantasmas seguindo na direção de Salem, ou talvez estivessem voltando para

Georges Bank. Independentemente disso, esse desfile silencioso dos mortos deixou sua marca no capitão Curtis e em sua tripulação.

O *Charles Haskell* nunca mais voltou a sair do porto. Nenhum outro tripulante teve coragem de colocar os pés na escuna depois daquilo. Não que se preocupassem com o retorno dos marinheiros fantasmas, ou que um dia aqueles marinheiros mortos pudessem fazer mais do que só jogar a linha e voltar ao mar. Não, eles temiam algo pior, porque cada viagem em uma embarcação pesqueira era um risco, um período em que a morte poderia vencer quando quisesse.

Eles temiam os fantasmas, claro. Contudo, mais do que isso, temiam se tornar fantasmas.





TOC, TOC, TOC

Como muitos proprietários de casas ao longo dos tempos, o sr. e a sra. Farrar tinham um problema com seu lar. Mas primeiro vamos para o início dessa história, ok?

William Farrar se formou na Dartmouth College, em New Hampshire, em 1801. Era advogado e, depois de se casar, ele e a esposa se mudaram para uma cidade próxima de Lancaster. A vida foi boa por muito tempo. Seu trabalho era bem-sucedido, e ele trabalhava como diácono na igreja congregacional da região.

Em 1818, o casal percebeu que precisava de ajuda em casa, por isso contratou uma jovem chamada Hannah Fish para morar com eles e lidar com as muitas tarefas do dia a dia. Ela limpava, cozinhava e cuidava dos filhos. Como pagamento por seu trabalho, recebia um pequeno salário e um quarto no primeiro andar da casa. Os Farrar, juntamente de seus filhos, dormiam no andar de cima.

No dia em que Hannah se mudou, algo peculiar aconteceu. Ela havia passado o dia se acostumando com a casa, se acomodando e conhecendo todo mundo. E, quando o jantar foi servido, estava exausta. Por isso, foi para o quarto.

Um pouco depois, voltou correndo, aos berros. A sra. Farrar desceu do andar superior e a repreendeu por ser barulhenta. Mas Hannah insistiu que tinha ouvido algo em seu quarto: uma batida. Três batidas, na verdade.

Porém, a sra. Farrar não acreditou. Estava claro que Hannah era uma garota imatura e com muita imaginação. Então, ela a levou de volta ao quarto. E foi então que as duas ouviram as batidas.

Toc, toc, toc.

As duas gritaram dessa vez, e isso, claro, chamou atenção do sr. Farrar, que desceu as escadas correndo e repreendeu as duas. Antes que a esposa pudesse explicar o que tinha acontecido, no entanto, os três ouviram as batidas.

Toc, toc, toc.

Depois de um momento de medo e de resmungos das mulheres, o sr. Farrar encheu o peito e pegou um dos atizadores da lareira. Não havia nada com que se preocupar, disse ele; cuidaria do problema. E assim desceu em direção ao porão.

Imagino que ele tenha pensando se tratar de algum animal que entrara na casa. Eu moro na Nova Inglaterra, e sei que essas casas podem ter pequenos buracos nas bases. Animais pequenos adoram entrar e fazer ninhos. O sr. Farrar certamente achou ser essa a explicação para as batidas que ele, a mulher e a empregada ouviram.

Mas não eram animais. Na verdade, ele não conseguiu encontrar a fonte do barulho. Nenhuma evidência de animais. Nenhuma explicação. E isso, como dá para imaginar, foi muito frustrante para todos. Assim, o diácono Farrar chamou seu ministro para ajudar.

Ao chegar, o reverendo Joseph Willard foi levado para o quarto de Hannah, escoltado pelos donos da casa e sua serviçal. Os quatro permaneceram no quarto, em silêncio, por muito tempo, só ouvindo. E então aconteceu de novo.

Toc, toc, toc.

Eles procuraram, observaram. Willard deu conselhos, mas de nada adiantou. Sem encontrar a fonte do barulho, o ministro saiu. No dia seguinte, voltou com três cidadãos cultos para ajudá-lo a investigar. Ainda assim, foram incapazes de encontrar a resposta para o enigma. Quem estava dando as batidas?

Eles começaram a criar teorias. Uma assombração, talvez. Quem sabe um mau agouro, vaticinando um desastre iminente. A única coisa com a qual todo mundo concordava era que as batidas só aconteciam quando Hannah estava no quarto. Então fizeram a única coisa lógica na qual conseguiram pensar: amarraram a jovem.

Amarraram as mãos e os pés de Hannah, e a mantiveram deitada na cama, com um relógio na cabeça, por 24 horas. Se ela fosse a fonte real das batidas, ou eles a veriam fazendo aquilo, ou nada aconteceria, já que ela estava imobilizada. Parece lógico, na minha opinião, apesar de ter sido algo meio drástico e mais do que cruel.

Para surpresa deles, as batidas *aconteceram* de novo. E como isso ocorreu enquanto Hannah estava amarrada e presa na própria cama, tecnicamente ela era inocente. Mas a situação a deixou desconfortável, e ela avisou os Farrar que não queria mais trabalhar para eles. Pediu demissão.

De acordo com um relato em primeira mão, contado por um historiador décadas depois, enquanto Hannah organizava suas coisas, as batidas aumentaram e se tornaram mais frequentes. Depois, enquanto carregava suas coisas pelo corredor em direção à porta da frente, *exatamente ao cruzar o batente*, as batidas se transformaram em murros, que pareciam segui-la, batendo cada vez mais forte enquanto ela se afastava.

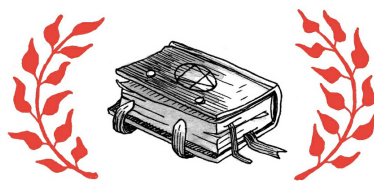
Hannah Fish foi embora. Alguns anos depois, ela se casou com um homem chamado Israel Nute e deu à luz o primeiro de seus seis filhos, em 1821. Mais tarde, depois da morte de seu marido, em 1835, ela se mudou para o Oeste, para Michigan, onde morreu em Saginaw, em 1876.

E a casa? Bem, os Farrar viveram lá por muitas outras décadas. O imóvel foi vendido no começo dos anos 1850 à outra família, e todo mundo esperava que as histórias de assombrações terminassem ali. Mas não terminaram. A nova família com frequência ouvia batidas em várias partes da casa. Certa vez, descreveram o barulho de um tronco batendo sem parar na porta da frente. Nunca encontraram a fonte.

Em 1859, desistiram e venderam o imóvel. E foram os novos donos, uma paróquia local da Igreja católica, que finalmente deram um jeito no problema, de uma vez por todas.

A casa foi demolida.





POSSUÍDAS

Em 1671, a Massachusetts Bay Colony teve de resolver um problemão. Foi o ano em que o vilarejo de Groton passou por algo... bem, *esquisito*.

Groton, como muitos dos primeiros estabelecimentos na Nova Inglaterra, era uma cidade puritana. Rígida e opressora, para quem não era branco nem religioso. As mulheres trabalhavam muito. Faziam de tudo: desde a comida, passando pelos cuidados com os filhos e os cuidados com a casa. Normalmente, elas eram analfabetas, e tratadas mais como objeto do que como uma parceira ou algo semelhante.

Em contraste, o pastor da região era um homem chamado Samuel Willard. Jovem, estudava em Harvard, era bem-sucedido e livre para viver a vida. Mas, por ser puritano, era conhecido por seus sermões incisivos e por ser linha dura no que dizia respeito à bruxaria e à adoração ao Diabo. De fato, quando Salem entrou em histeria, duas décadas depois, Willard viajou para lá, para ajudar a comunidade com os sermões.

Em outubro de 1671 — um dia antes do Halloween, na verdade —, a empregada da casa dos Willard, uma jovem chamada Elizabeth Knapp, começou a reclamar de dores e desconfortos. Ela sentia pressão ao redor do pescoço, como se estivesse sendo estrangulada. Sofreu convulsões, dava gritos e tinha acessos de profunda tristeza. E também *via* coisas.

Ela afirmou ter visto pessoas andando pela sala. Mas não havia ninguém. Em outra ocasião, disse que havia um homem flutuando acima de sua cama. Essas coisas podem parecer esquisitas, mas uma das crenças comuns da época era a de que os bruxos — homens e mulheres que praticavam as artes misteriosas — podiam estar em dois lugares ao mesmo tempo, literalmente. Então, a acusação *real* de Elizabeth era de que alguém em Groton era bruxo.

No primeiro sabá de sua doença, os sintomas de Elizabeth pioraram, e durante todo o tempo Samuel Willard fez anotações, observou-a atentamente e a inquireu quando pôde. Certa vez, ela caiu no chão com tanta força que quase rolou para dentro da lareira. Ou talvez o espírito dentro dela tenha tentado jogá-la ali dentro; foi difícil determinar naquele momento.

Ela também berrava palavras que às vezes eram ininteligíveis e desarticuladas. Willard dizia que era quase como a voz de outra pessoa projetada pela boca da jovem. E, às vezes, podiam ser ouvidas quando

ela estava de boca fechada. Quando podiam ser compreendidas, segundo Willard, ela gritava a frase “dinheiro, pecado e tristeza” sem parar.

No dia 2 de novembro, apenas três dias depois de esses acontecimentos assolarem Elizabeth, Willard começou a tirar respostas dela. Ao ministro ela revelou que vinha se encontrando com o Diabo havia mais de três anos, e que ele havia lhe pedido para assinar um livro. Estava cheio do que ela chamava de “cláusulas de sangue”, e fora assinado por dezenas — talvez centenas — de outras pessoas. E a missão dela era destruir homens como Samuel Willard.

Suas confissões chegaram aos poucos ao longo dos dias seguintes, porém, conforme chegavam, suas convulsões e acessos iam aumentando. Ela falava de um homem de roupão preto, e de selar seu pacto com o Diabo em sua própria cama. Ela se contorcia e às vezes precisava ser controlada por três, quatro ou até cinco homens adultos. E Willard observava, anotando e analisando a condição da jovem.

No dia 28 de novembro, cerca de um mês depois de as coisas começarem, Elizabeth teve a maior convulsão de todas — que durou mais de 48 horas — e então entrou em um estado catatônico. Durante dez dias, permaneceu deitada em silêncio, sem se mexer. Sem acessos. Sem gritos. Sem confissões assustadoras. E então, no dia 8 de dezembro, ela despertou.

Willard fez mais registros por mais um mês. Até onde os registros mostraram, Elizabeth não melhorava. Mas, no dia 15 de janeiro de 1672, Willard fez algumas indicações de que tudo enfim terminara. Concluiu que a situação dela não era cena, nem truque, nem fingimento para enganá-lo. Era real, e forte. Também atestou que os sintomas apresentados por Elizabeth eram diabólicos, originados de forças sombrias. Até mesmo as vozes tinham origem na influência do Demônio.

Porém, no fim das contas, Willard se recusou a admitir que Elizabeth causara tudo aquilo, por si só, com um pacto. Havia muitos furos naquela história, disse ele. Muitas inconsistências. O que significava, na linguagem do século XVII, que ela era vítima, não criminosa.

Elizabeth aparece em registros públicos mais uma vez. Dois anos mais tarde, aos 19 anos, casou-se com um homem chamado (não estou inventando) Samuel Scripture [Escrituras]. E então, ela desapareceu.

Mas não vejo possessão. A maioria dos historiadores também não. Porque, quando analisamos o clima social das épocas, a história real pode ser vista logo abaixo da superfície, como a sombra de um colchão por baixo de um lençol grosso. Deixe-me mostrar a você.

Na Nova Inglaterra puritana, você só se destacava se estragasse o sistema. Sabemos sobre Elizabeth Knapp hoje só porque ela derrubou as barreiras ao seu redor e deixou uma marca em sua comunidade. Elizabeth Knapp, uma jovem analfabeta que trabalhava na casa de um homem rico, educado, socialmente poderoso, assumiu o controle.

Ela assumiu a própria voz. Tornou-se o assunto do momento numa época em que as mulheres eram ignoradas e socialmente oprimidas. Ela foi *notada*. Mesmo tendo durado menos de três meses, Elizabeth Knapp tornou-se alguém. Ela se tornou *poderosa*.

E então, desapareceu, e essa é a parte triste nisso tudo, certo? Porque indica submissão. Sim, ela tentou se expressar brevemente, mas no fim desistiu e fechou a boca. Casou-se com o empregado da família vizinha e assumiu seu papel na sociedade de novo.

Se vamos nos lembrar de Elizabeth, que seja tomada por uma nova voz e por um novo espírito. Ela foi uma mulher forte, indecente e poderosa — por um tempo, pelo menos, com autenticidade.

Algo que espero que todos possamos almejar.



fm



BIBLIOGRAFIA

O TÔNICO ETERNO

“Ramanga,” Vampire Underworld, n.d., vampireunderworld.com/african-vampires/ramanga.

Rossella Lorenzi, “‘Vampire’ Skeletons Found in Bulgaria,” *Seeker*, June 6, 2012, seeker.com/vampire-skeletons-found-in-bulgaria-1765817778.html.

Lindsey Fitzharris, “Buried Alive: 19th-Century Safety Coffins,” *The Chirurgeon’s Apprentice*, June 26, 2013, thechirurgeonsapprentice.com/2013/06/26/buried-alive-19th-century-safety-coffins.

Paul Snow, “Hunting for Thoreau’s Vampire in Vermont,” *The Uncertainist*, October 24, 2013, uncertainist.wordpress.com/2013/10/24/hunting-for-thoreaus-vampire-in-vermont.

RAÍZES PROFUNDAS

Abigail Tucker, “The Great New England Vampire Panic,” *Smithsonian*, October 2012, smithsonianmag.com/history/the-great-newengland-vampire-panic-36482878.

Thomas D’Agostino, *A History of Vampires in New England* (Charleston, SC: Haunted America/History Press, 2010), 49–50.

Denise Hinckley Goodwin, “Vampires: New England and the World,” *Vermont Dead Line*, October 13, 2014, vermontdeadline.blogspot.com/2014/10/vampires-of-newengland.html.

Eric Michael Johnson, “A Natural History of Vampires,” *Scientific American*, October 31, 2011, blogs.scientificamerican.com/primate-diaries/a-natural-historyof-vampires.

Rosemary Guiley, *The Encyclopedia of Vampires, Werewolves, and Other Monsters* (New York: Infobase, 2004), 107.

David Ono, “Vampires Are Real: David Ono Journeys to Serbia to Find Real Story,” KABC-TV, Los Angeles, October 31, 2013, abc7.com/archive/9308452.

Timothy Taylor, "The Real Vampire Slayers," *Independent*, October 27, 2007, independent.co.uk/news/world/europe/thereal-vampire-slayers-397874.html.

Daniel McLaughlin, "A Village Still in Thrall to Dracula," *Guardian*, June 18, 2005, theguardian.com/world/2005/jun/19/theobserver.

CONCLUSÕES SOMBRIAS

Bruce McClelland, *Slayers and Their Vampires: A Cultural History of Killing the Dead* (Ann Arbor: University of Michigan Press, 2006), 97–102.

Asbjorn Dyrendal, James R. Lewis, and Jesper Petersen, *The Invention of Satanism* (New York: Oxford University Press, 2015).

"The Highgate Vampire—How It All Began," *Mysterious Britain & Ireland*, n.d., mysteriousbritain.co.uk/england/greater-london/hauntings/the-highgate-vampire-how-it-all-began-by-david-farrant.html.

Stephen Emms, "Highgate Cemetery—And the Tale of the Highgate Vampire," *Kentishtowner*, October 31, 2016, kentishtowner.co.uk/2012/10/31/wednesday-picture-highgate-cemetery-and-the-tale-of-the-highgate-vampire.

Jennifer Westwood and Sophia Kingshill, *The Lore of Scotland: A Guide to Scottish Legends* (New York: Random House, 2012), 186–87.

Sandy Hobbs, "The Gorbals Vampire Hunt," *Herald Scotland*, June 23, 1989, heraldscotland.com/news/11919192.The_Gorbals_Vampire_hunt.

REVIVIDOS

Mike Mariani, "The Tragic, Forgotten History of Zombies," *Atlantic*, October 28, 2015, theatlantic.com/entertainment/archive/2015/10/how-america-erased-the-tragic-history-of-the-zombie/412264.

William of Newburgh, *Historia Rerum Anglicarum* (1567), Book 5, Ch. 24.

Paula R. Stiles, "Historical Zombies: Mummies, *The Odyssey*, and Beyond," *Tor.com*, September 13, 2010, tor.com/2010/09/13/historical-zombies-mummies-the-odyssey-and-beyond.

Lakshmi Gandhi, "Zoinks! Tracing the History of 'Zombie' from Haiti to the CDC," *Code Switch*, National Public Radio, December 15, 2013, npr.org/sections/codeswitch/2013/12/13/250844800/zoinks-tracing-the-history-of-zombie-from-haiti-to-the-cdc.

Patrick D. Hahn, "Dead Man Walking: Wade Davis and the Secret of the Zombie Poison," *Biology Online*, September 4, 2007, biology-online.org/articles/dead_man_walking.html.

Kelly Faircloth, "Zora Neale Hurston, Zombie Hunter," *io9*, July 23, 2011, io9.gizmodo.com/5823671/zora-neale-hurston-zombie-hunter.

Zora Neale Hurston, *Tell My Horse* (New York: Harper Perennial, 2008), 182, 195.

"The Curious Case of Clairvius Narcisse and Other Instances of Haitian Zombies," *Kreyolicious*, n.d., kreyolicious.com/the-curious-case-of-clairvius-narcisse-and-other-instances-of-haitian-zombies/4005.

Garth Haslam, "1979, April: Francina Illeus, aka Ti-Femme," *Anomalies*, n.d., anomalyinfo.com/Stories/1979-april-francina-illeus.

Wade Davis, *The Serpent and the Rainbow* (New York: Simon and Schuster, 2010), 27.

AS ÁRVORES

Michael E. Bell, *Food for the Dead: On the Trail of New England's Vampires* (Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2011).

Michael E. Bell, "The Vampires," *Food for the Dead* (blog), n.d., foodforthedead.com/vampires.html.

John Castellucci, "New England Vampires? Folklore Battled a Genuine Specter," *Providence Journal*, October 25, 1994, available at thevampireproject.blogspot.com/2009/03/newengland-vampires-folklore-battled.html.

OS OUTROS

"The Pygmies," Mythology Guide, n.d., online-mythology.com/pygmies.

"The Legend of Maya Aluxes," Mexico News Network, February 2014, mexiconewsnetwork.com/tv-series/maya-alux/.

"The Trows of Orkney and Shetland," *The Faery Folklorist*, October 15, 2015, faeryfolklorist.blogspot.com/2015/10/the-trows-of-orkney-and-shetland.html.

"The Pooka," Ireland's Eye, n.d., irelandseye.com/paddy3/preview2.htm.

Kathy Weiser, "The Little People of Wyoming and the Pedro Mountains Mummy," *Legends of America*, last updated March 2017, legendsofamerica.com/wy-littlepeople.html.

EM CONSTRUÇÃO

Emma Jane Kirby, "Why Icelanders Are Wary of Elves Living Beneath the Rocks," BBC, June 20, 2014, bbc.com/news/magazine-27907358.

Ellyn Santiago, "Mohegan Tribe's Cultural Boundary Reduced but Still Could Block Affordable Housing," Patch.com, September 24, 2012, patch.com/connecticut/montvillect/mohegan-tribes-cultural-boundary-reduced-but-still-cf43f7b1f78.

"Legendary Native American Figures: Squannit (Squant)," Native-American.org, n.d., native-languages.org/squannit.htm.

ADULTERADO

Brett Swancer, "The Real Gremlins of WWII," *Mysterious Universe*, July 23, 2015, mysteriousuniverse.org/2015/07/thereal-gremlins-of-wwii.

"Wee Folk and Their Friends," *Encyclopedia of the Unusual and Unexplained*, 2008, unexplainedstuff.com/Mysterious-Creatures/Wee-Folk-and-Their-Friends-Gremlins.html.

"WWII Pilot Speaks Out," *Cryptozoology News*, February 11, 2014, cryptozoologynews.com/wwii-pilot-speaks-out-gremlins-are-real.

"Charles Lindbergh and the Third Man Factor," *Theresa's Haunted History of the Tri-State*, August 4, 2014, theresashauntedhistoryofthetri-state.blogspot.com/2014/08/charles-lindbergh-and-third-man-factor.html.

TRUQUES

"Second Chalk Figure Discovered Near Uffington White Horse," National Trust, March 31, 2017, nationaltrust.org.uk/news/second-chalk-figure-discovered-near-uffington-white-horse.

"Here's All of Google's April Fools' Day Pranks So Far," *Verge*, April 2017, theverge.com/2017/3/31/15140206/google-best-april-fools-jokes-roundup-2017.

"List of Fictional Tricksters," *World Heritage Encyclopedia*, n.d. (accessed July 2017), worldheritage.org/article/WHEBN0012058193/List%20of%20fictional%20tricksters.

Marie Caroline Watson Hamlin, *Legends of Le Détroit* (Detroit: Thorndike Nourse, 1883).

Christopher R. Fee and Jeffrey B. Webb, *American Myths, Legends, and Tall Tales: An Encyclopedia of American Folklore* (Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2016), 695–96.

"Great Fire of 1805," Detroit Historical Society, n.d., detroithistorical.org/learn/encyclopedia-of-detroit/great-fire-1805.

Lee DeVito, "The Legend of the Legend of Detroit's Nain Rouge," *Detroit Metro Times*, March 16, 2016, metrotimes.com/detroit/the-legend-of-the-legend-of-detroits-nain-rouge/Content?oid=2404384.

Alan Naldrett, *Forgotten Tales of Michigan's Lower Peninsula* (Charleston, SC: History Press, 2014).

ÁRVORES E SOMBRAS

"The History of Human-Animal Interaction: Ancient Cultures and Religions," Library Index, n.d., libraryindex.com/pages/2148/History-Human-Animal-Interaction-ancient-cultures-religions.html.

Linda S. Godfrey, *Real Wolfmen: True Encounters in Modern America* (New York: Penguin, 2012).

Shawn Fields, "13 Questions for 'Beast of Bray Road' Author & Paranormal Investigator Linda Godfrey," *Unexplained Research*, March 15, 2011, unexplainedresearch.com/media/13_questions.html.

Mark Moran and Mark Scurman, *Weird U.S.: Your Travel Guide to America's Local Legends and Best Kept Secrets* (New York: Sterling, 2009), 122.

DESVIO

Edward Clodd, *Tom Tit Tot: An Essay on Savage Philosophy in Folk Tale* (London, 1898), 200.

Edward Westermarck, "L'Ar, or the Transference of Traditional Curses in Morocco," in H. Balfour et al., *Anthropological Essays Presented to Edward Burnett Tylor in Honour of His 75th Birthday, Oct. 2, 1907* (Oxford: Clarendon Press, 1907), 361ff.

Cora Linn Morrison Daniels and Charles McClellan Stevens, *Encyclopaedia of Superstitions, Folklore, and the Occult Sciences of the World* (Chicago: J. H. Yewdale & Sons, 1903), 1261.

Leslie A. Sconduto, *Metamorphoses of the Werewolf* (Jefferson, NC: McFarland, 2008), 32.

Laurence Marcellus Larson, ed., *The King's Mirror* (New York: Twayne, 1917), 115–16.

A BESTA INTERIOR

Virgil, "Moeris," Eclogue IX, *Eclogues*, trans. J. W. McKail, 1934, available at sacred-texts.com/cla/virgil/ecl/ecl09.htm.

Moonlight, "Ancient Norse Werewolves," Werewolves.com, n.d., werewolves.com/ancient-norse-werewolves.

George Bores, "The Damnable Life and Death of Stubbe Peeter" (London, 1590), in Montague Summers, *The Werewolf* (New York: Dutton, 1934), 253–59, available at pitt.edu/~dash/werewolf.html#stubbe.

Andrew Amelinckx, "Old Time Farm Crime: The Werewolf Farmer of Bedburg," *Modern Farmer*, August 5, 2013, modernfarmer.com/2013/08/peter-stubbethe-werewolf-of-bedburg.

Nathan Robert Brown, *The Mythology of Grimm* (New York: Penguin, 2014), 77.

Dirk C. Gibson, *Legends, Monsters, or Serial Murderers?* (Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2012), 54–55.

Colin Wilson and Damon Wilson, *Strange: True Stories of the Mysterious and Bizarre* (New York: Skyhorse, 2014).

Samantha Lyon and Daphne Tan, *Supernatural Serial Killers: Chilling Cases of Paranormal Bloodlust and Deranged Fantasy* (London: Arcturus, 2015).

DORES DA FOME

"Witiko," Native-Languages.org, n.d., native-languages.org/witiko.htm.

"Chenoo," Native-Languages.org, n.d., native-languages.org/chenoo.htm.

Andrew Hanon, "Evil Spirit Made Man Eat Family," *Canoe.com*, August 12, 2008, cnews.canoe.com/CNEWS/WeirdNews/2008/07/20/6213011-sun.html.

Thomas Fiddler and James R. Stevens, *Killing the Shamen* (Moonbeam, ON: Penumbra Press, 1985).

James R. Stevens, "ZHAUWUNO-GEEZHIGO-GAUBOW," in *Dictionary of Canadian Biography*, vol. 13, University of Toronto/Université Laval, 2003– (accessed May 22, 2017), biographi.ca/en/bio/zhauwuno_geezhigo_gaubow_13E.html.

Ontario Legislative Assembly, "The Killing of Wa-Sak-Apee-Quay by Pe-Se-Quan, and Others," *Sessional Papers: Legislature of the Province of Ontario*, vol. XL, part 4 (1908), 91–120.

UM MEDO PROFUNDO

Ian Steadman, "The Bloop Mystery Has Been Solved," *Wired*, November 29, 2012, wired.co.uk/article/bloop-mystery-not-solved-sort-of.

Grace Costantino, "Five 'Real' Sea Monsters Brought to Life by Early Naturalists," *Smithsonian*, October 27, 2014, smithsonianmag.com/science-nature/five-real-sea-monsters-brought-life-early-naturalists-180953155.

David Leveille, "Why There Are Sea Monsters Lurking in Early World Maps," *The World*, Public Radio International, April 11, 2016, pri.org/stories/2016-04-08/why-there-are-so-many-sea-monsters-early-world-maps.

"Sea Monsters," American Museum of Natural History, n.d., amnh.org/exhibitions/mythic-creatures/water-creatures-of-the-deep/sea-monsters.

"The Great New England Sea Serpents," New England Historical Society, n.d., newenglandhistoricalsociety.com/great-new-england-sea-serpents.

Loren Coleman, *Monsters of Massachusetts: Mysterious Creatures in the Bay State* (Mechanicsburg, PA: Stackpole Books, 2013), 39–43.

Jon Nicholls, "The Monster of Massachusetts," *Library, Art, and Archives* (blog), Kew Royal Botanic Gardens, August 4, 2014, kew.org/discover/blogs/library-art-and-archives/monster-massachusetts.

J. P. O'Neill, *The Great New England Sea Serpent: An Account of Unknown Creatures Sighted by Many Respectable Persons Between 1638 and the Present Day* (New York: Cosimo, 2003), 209.

Alisha Morrissey, "Newfoundland Fishermen Snag Sea Monster in Nets," *Telegram*, March 2, 2010.

OVELHA PERDIDA

Mark A. Hall, *Thunderbirds: America's Living Legends of Giant Birds* (New York: Cosimo, 2008), 82–84.

Patty A. Wilson, *Haunted West Virginia: Ghosts and Strange Phenomena of the Mountain State* (Mechanicsburg, PA: Stackpole Books, 2007), 64–68.

UMA PALAVRA

Linda S. Godfrey, *Real Wolfmen: True Encounters in Modern America* (New York: Penguin, 2012).

DESENCAIXOTADO

David L. Sloan, *Ghosts of Key West* (Key West, FL: Phantom Press, 1998), 5–15.

Christopher Bolzano and Tim Weisberg, *Haunted Objects: Stories of Ghosts on Your Shelf* (Iola, Wi: Krause, 2012), 100–109.

NÃO ABRA

Gerald Brittle, *The Demonologist: The Extraordinary Career of Ed and Lorraine Warren* (iUniverse, 2002), 39–53.

John Harker, *Demonic Dolls: True Tales of Terrible Toys* (n.p.: Black Cat Books, 2015).

UM DIABO NO TELHADO

James McCloy and Ray Miller Jr., *The Jersey Devil* (Moorestown, NJ: Middle Atlantic Press, 1976), 24–25.

Charles X. Skinner, *American Myths and Legends*, vol. 1 (New York: Lippincott, 1903), 243.

James McCloy and Ray Miller Jr., *Phantom of the Pines* (Moorestown, NJ: Middle Atlantic Press, 1998), 74.

PURO MEDO

Jan Bondeson, *The London Monster: A Sanguinary Tale* (New York: Da Capo Press, 2009).

John Matthews, *The Mystery of Spring-Heeled Jack: From Victorian Legend to Steampunk Hero* (New York: Simon and Schuster, 2016).

NÃO ENTENDEU

Juanita Rose Violini, *Almanac of the Infamous, the Incredible, and the Ignored* (San Francisco: Weiser Books, 2009), 136.

Ken Gerhard, “The Texas-Sized ‘Monster’ Bird That Created a Huge Flap Back in 1975,” *San Antonio Current*, January 20, 2012, sacurrent.com/the-daily/archives/2012/01/20/the-texas-sized-monster-bird-that-created-a-huge-flap-back-in-1975.

Mark A. Hall, *Thunderbirds: America’s Living Legends of Giant Birds* (New York: Cosimo, 2008), 89–91.

Pete Brook, "Inside the Eerie TNT Storage Bunkers of West Virginia," *Wired*, March 31, 2014, wired.com/2014/03/joshua-dudley-greer-tnt-storage.

Loren Coleman, *Mothman* (New York: Paraview Press, 2002), 38–44.

Troy Taylor, "Gallipolis's Mothman," *Weird US*, n.d., weirdus.com/states/ohio/bizarre_beasts/mothman/index.php.

"The Black Bird of Chernobyl," *North Atlantic Blog*, October 31, 2014, northatlanticblog.wordpress.com/2014/10/31/the-black-bird-of-chernobyl.

NOTAS

Sean Alfano, "The Afterlife: Real or Imagined," *Sunday Morning*, CBS News, October 30, 2005, cbsnews.com/news/the-afterlife-real-or-imagined/3.

"Dead Spiritualist Silent," *New York Times*, February 8, 1921.

John J. Kucich, *Ghostly Communion: Cross-Cultural Spiritualism in Nineteenth-Century American Literature* (Hanover, NH: Dartmouth College Press, 2004), 70–77.

E. H. Britten, *Nineteenth Century Miracles* (New York: William Britten, 1884), 459.

E. W. Capron, *Modern Spiritualism* (Boston: Marsh, 1855), 132–71.

Joseph A. Citro, *Passing Strange* (Boston: Houghton Mifflin, 1996), 18–32.

Elisabeth Tilstra, "The Eerie Mystery of the Phelps Mansion Knockings," *The Line-Up*, January 22, 2016, the-line-up.com/phelps-mansion.

Bela Black, "The Mystery of Phelps Mansion," *American Ghost Stories*, February 3, 2015, americanghoststories.com/newengland-ghoststories/the-mystery-of-phelps-mansion-stratford-connecticut.

UM BURACO DE SANGUE

Cheri Reval, *Haunted Massachusetts: Ghosts and Strange Phenomena of the Bay State* (Mechanicsburg, PA: Stackpole Books, 2005), 5–7.

Michael Norman and Beth Scott, *Historic Haunted America* (New York: Macmillan, 2007), 157–60.

JANTAR AO ANOITECER

Adam Woog, *Haunted Washington: Uncanny Tales and Spooky Spots from the Upper Left-Hand Corner of the United States* (Guilford, CT: Globe Pequot, 2013), 112–16.

Richard Walker, *Roche Harbor* (Charleston, SC: Arcadia, 2009), 91–100.

PROPRIEDADE

William Montell, *Haunted Houses and Family Ghosts of Kentucky* (Lexington: University Press of Kentucky, 2001), 104–6.

David E. Philips, *Legendary Connecticut* (Willimantic, CT: Curbstone Press, 1984), 250.

À DERIVA

Sir Arthur Thomas Quiller-Couch, *The Blue Adventure Book* (London: Cassell, 1905), 320.

Philip Ross, “Oldest Shipwreck In Mediterranean Found? Ancient Phoenician Vessel Contains 2,700-Year-Old Artifacts,” *International Business Times*, August 25, 2014, ibtimes.com/oldest-shipwreck-mediterranean-found-ancient-phoenician-vessel-contains-2700-year-old-1668798.

Elwood Walter, “The Dangers of Sailing in High Latitudes,” *The Ariel: A Literary Gazette*, nos. 1–2 (1827): 130.

DÊ O DEPOIMENTO

E. P. Evans, *The Criminal Prosecution and Capital Punishment of Animals* (London: Heinemann, 1906), 143.

Katie Letcher Lyle, *The Man Who Wanted Seven Wives* (Chapel Hill, NC: Algonquin Books, 1986), 63.

Garry Rodgers, “How a Ghost’s Evidence Convicted a Murderer,” *Huffington Post*, February 2015, huffingtonpost.com/garry-rodgers/how-a-ghosts-evidence-con_b_9252062.html.

Troy Taylor, *No Rest for the Wicked: History and Hauntings of American Crime and Unsolved Mysteries* (Alton, IL: Whitechapel Productions, 2001).

A BATIDA DO DEMÔNIO

“Earliest Music Instruments Found,” BBC News, May 25, 2012, bbc.com/news/science-environment-18196349.

Joseph Glanvil, *Saducismus Triumphatus, or Full and Plain Evidence Concerning Witches and Apparitions: In Two Parts; The First Treating of Their Possibility; The Second of Their Real Existence* (London: J. Collins and S. Lownds, 1681).

Michael Hunter, “New Light on the ‘Drummer of Tedworth’: Conflicting Narratives of Witchcraft in Restoration England,” *Historical Research* 78, no. 201 (2005): 311–53.

Michael Kernan, “The Talking Drums,” *Smithsonian*, June 2000, smithsonianmag.com/arts-culture/the-talking-drums-29197334.

Harlan McKosato, “Drums: Heartbeat of Mother Earth,” *Native Peoples Magazine*, July/August 2009, nativepeoples.com/NativePeoples/July-August-2009/Drums-Heartbeat-of-Mother-Earth.

MARY, MARY

“For 50 Years, Nuclear Bomb Lost in Watery Grave,” *Weekend Edition Sunday*, National Public Radio, February 3, 2008, npr.org/templates/story/story.php?storyId=18587608.

E. W. Stevens, *The Watseka Wonder* (Chicago: Religio-Philosophical Publishing House, 1887).

Brian Haughton, “Lurancy Vennum,” *Mysterious People*, 2003/2005, mysteriouspeople.com/Lurancy_Vennum.htm.

William James, *The Principles of Psychology* (New York: Holt, 1890), 397–99.

“Mary L. Binning,” *MooseRoots*, n.d., death-records.mooseroots.com/l/208166293/Mary-L-Binning.

A ELEVAÇÃO

“The Bump in the Carpet,” *Fairweather Lewis*, April 25, 2010, fairweatherlewis.wordpress.com/2010/04/25/the-bump-in-the-carpet.

Dennis William Hauck, *Haunted Places: The National Directory: Ghostly Abodes, Sacred Sites, UFO Landings and Other Supernatural Locations* (New York: Penguin Books, 2002), 200.

Joseph Citro, *Passing Strange* (Boston: Houghton Mifflin, 1996), 278.

ESCREVA-ME UMA CARTA

Diana Ross McCain, *Mysteries and Legends of New England* (Guilford, CT: Globe Pequot, 2009), 98–107.

“A Few Words on an Unpopular Subject,” *Hartford Daily Times*, August 10, 1852.

O TRABALHO À PARTE

Mary Bolté, *Haunted New England: A Devilish View of the Yankee Past* (Riverside, CT: Chatham Press, 1972), 43–46.

TOC, TOC, TOC

Charles J. Jordan, *Tales Told in the Shadows of the White Mountains* (Hanover, NH: University Press of New England, 2003), 18–22.

History of Penobscot County, Maine: With Illustrations and Biographical Sketches (Cleveland: Williams, Chase and Co., 1882), 413.

POSSUÍDAS

Elaine G. Breslaw, *Witches of the Atlantic World: A Historical Reader and Primary Sourcebook* (New York: New York University Press, 2000), 230–45.

Sam Behling, "The Possession of Elizabeth Knapp," Ancestry.com, n.d., homepages.rootsweb.ancestry.com/~sam/knapp/elizabeth.html.

"Samuel Scripture," Rjohara.net, n.d., rjohara.net/gen/scripture.



AGRADECIMENTOS

Sem um pequeno número de pessoas muito importantes na minha vida, este livro não existiria.

No topo dessa lista está minha esposa, Jennifer, que não só me apoiou e me incentivou a construir e sonhar, mas também adora essa coisa louca que eu faço para ganhar a vida. E minhas filhas me deram uma razão para contar histórias e ensinar lições. Leiam e cresçam, meninas... leiam e cresçam.

Minha sincera gratidão também para as mentes brilhantes por trás da publicação deste volume: minha editora, Tricia Narwani, e o pessoal da Del Rey; minha agente, Susan Zanger; e o brilhante artista M.S. Corley.

Agradeço ao Seth por me dizer que minha ideia original para Lore era ruim, e ao Chade por fornecer a trilha sonora da minha carreira. E, por último, mas certamente não menos importante, agradeço a cada uma das pessoas que ouviram e compartilharam lendas e folclore com seus amigos e familiares ao longo dos anos.

AARON MAHNKE é o escritor, apresentador e produtor de Lore, bem como o autor de uma série de suspense sobrenatural. Ele tem um amor profundo pelo misterioso e pelo assustador, que começou com *Unsolved Mysteries* e *Arquivo X* — um amor que se mantém até hoje. Basicamente, ele é um nerd para qualquer coisa inexplicável ou sobrenatural. Mahnke vive com a família na região histórica de North Shore, em Boston, o coração do território de H.P. Lovecraft e o epicentro dos julgamentos das bruxas de Salem. Saiba mais em theworldoflore.com.

M.S. CORLEY é ilustrador e capista de livros, fascinado por folclore, pelo sobrenatural e por todas as coisas estranhas. Já ilustrou dezenas de obras, entre elas *Darkness There: Selected Tales by Edgar Allan Poe* e *Never Bet the Devil & Other Warnings*, de Orrin Grey. Ele assombra a região central do estado de Oregon (EUA) com a esposa, a filha, o filho e uma gata chamada Dinah. Saiba mais em mscorley.com.

LORE

Copyright © 2017 by Aaron Mahnke Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © Débora Isidoro, 2019

Arte de Capa e Miolo

© M.S. Corley

Diretor Editorial

Christiano Menezes

Diretor Comercial

Chico de Assis

Gerente de Novos Negócios

Frederico Nicolay

Gerente de Marketing Digital

Mike Ribera

Editores

Bruno Dorigatti

Raquel Moritz

Editores Assistentes

Lielson Zeni

Nilsen Silva

Direção de arte e design

Retina 78

Designer Assistente

Arthur Moraes

Revisão

Isadora Torres

Marlon Magno

Impressão e acabamento

Gráfica Geográfica

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) Andreia de Almeida CRB-8/7889
Mahnke, Aaron O mundo de Lore : criaturas estranhas / Aaron Mahnke ; ilustrações de M.S. Corley ; tradução
de Débora Isidoro. — Rio de Janeiro : DarkSide Books, 2019.
256 p. : il.

ISBN: 978-85-9454-152-9

Título original: *The World of Lore: Monstrous Creatures*

1. Monstros 2. Lendas 3. Mitologia 4. Terror I. Título II. Corley, M.S. III. Isidoro, Débora 18-2200 | CDD 001.944

Índices para catálogo sistemático:

1. Monstros : Lendas



[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à **DarkSide® Entretenimento LTDA.**

Rua Alcântara Machado, 36, sala 601, Centro 20081-010 — Rio de Janeiro — RJ — Brasil

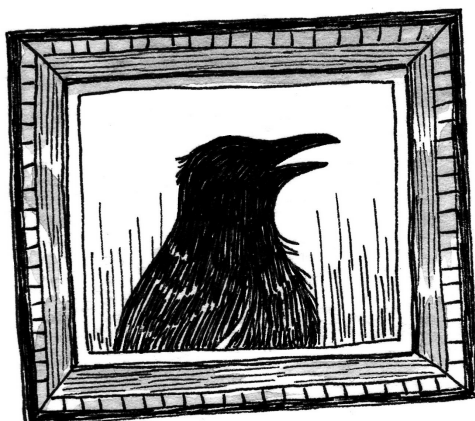
www.darksidebooks.com

Scan: Alan

eBook: Hyperion

Revisão: Yuna

Versão 1.0.1



“Nem todas as verdades são para todos os ouvidos.”

— UMBERTO ECO —

DARKSIDEBOOKS.COM

